**ISABELA BRACALENTE INFANGER**

# ANNA AMELIA DE QUEIROZ CARNEIRO DE MENDONÇA: atuação em prol das mulheres nas décadas de 1930 e 1940

**ASSIS**

**2023**

**ISABELA BRACALENTE INFANGER**

# ANNA AMELIA DE QUEIROZ CARNEIRO DE MENDONÇA: atuação em prol das mulheres nas décadas de 1930 e 1940

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, como requisito final para a obtenção do título de Mestra em História (Área de Conhecimento: História e Sociedade)

Orientadora: Profª. Drª. Tania Regina de Luca

**ASSIS**

**2023**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ana Cláudia Inocente Garcia - CRB 8/6887

I43a

Infanger, Isabela Bracalente
Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça: atuação em prol das mulheres nas décadas de 1930 e 1940 / Isabela Bracalente Infanger. — Assis, 2023
177 p. : il.

Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientadora: Profa. Dra. Tania Regina de Luca

1. Mendonça, Anna Amélia de Queiroz Carneiro de, 1896-1971. 2. Mulheres - Sufrágio. 3. Feminismo - Brasil - História - Séc. XX. 4. Feministas - Brasil - Séc. XX. 5. Mulheres intelectuais. I. Título.

CDD 305.42

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

**Câmpus de Assis**

**ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE ISABELA BRACALENTE INFANGER, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS - CÂMPUS DE ASSIS.**

Aos 11 dias do mês de setembro do ano de 2023, às 13:30 horas, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de ISABELA BRACALENTE INFANGER, intitulada **ANNA AMELIA DE QUEIROZ CARNEIRO DE MENDONÇA: atuação em prol das mulheres nas décadas de 1930 e 1940**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Profa. Dra. TANIA REGINA DE LUCA (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) Departamento de História / UNESP/FCL-Assis/SP, Profa. Dra. ZÉLIA LOPES DA SILVA (Participação Virtual) do(a) UNESP/FCL-Assis/SP, Profa. Dra. JANINE GOMES DA SILVA (Participação Virtual) do(a) UFSC - Florianópolis/SC. Após a exposição pela mestranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final: APROVADA. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Profa. Dra. TANIA REGINA DE LUCA

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, primeiramente, ao coletivo de pessoas e instituições que tornaram minha trajetória de pesquisa possível. Agradeço à educação pública, na qual realizei minha formação acadêmica, e deixo registrado toda minha defesa ao ensino público de qualidade. Educação e ciência são as bases de uma sociedade sã, humana e autônoma.

Agradeço também à Unesp, tanto de Assis quanto de Marília, e ao Programa de Pós-Graduação em História, professores e servidores que, dentro de suas mais diversas funções, contribuíram para minha formação. De modo especial, aos docentes e discentes que me auxiliaram a ingressar no mestrado, pela orientação e suporte.

Ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), da Fundação Getúlio Vargas – RJ pela disponibilização do arquivo privado de Anna Amelia que, mesmo em tempos de confinamento, possibilitou a pesquisa.

À orientação da Professora Tania Regina de Luca, por ter aceitado e acompanhado este trabalho. Devo meus mais sinceros agradecimentos pela orientação e incentivos, por ter me guiado com generosidade e sabedoria até aqui.

À Professora Zélia Lopes da Silva e à Professora Janine Gomes da Silva, membros da banca examinadora, por aceitarem fazer parte dessa trajetória desde a qualificação. As sugestões e críticas contribuíram para os caminhos trilhados na execução da dissertação.

Aos meus colegas da pós-graduação e de orientação que, mesmo em tempos pandêmicos e por meio remoto, partilharam gentiliza e parceria, troca de ideias, leituras e discussões. Também agradeço pelas companhias e espaços compartilhados na Unesp de Marília.

Embora o processo de escrita seja solitário, esta pesquisa foi possível pelo afeto que recebi antes e durante a jornada. Às minhas amigas e amigos que a Unesp de Franca me deu, sou grata pelas conversas e risadas que, mesmo distantes, permitiram aliviar os momentos de cansaço. Em especial, ao meu companheiro João Gelmi, por estar sempre presente e por cuidar de mim nesse processo. Às milhares de horas preenchidas com conversas que contribuíram para o desenvolvimento da argumentação. E por tanto mais, obrigada.

Não poderia deixar de agradecer à minha família, que sempre apoiou todas as minhas decisões. Aos meus pais, agradeço a confiança, dedicação e por acreditarem na minha capacidade intelectual. Com carinho, à Giovanna, minha irmã e amiga, por tudo que trocamos nesses anos todos.

Por fim, agradeço a todas as figuras femininas que incomodam, transgridem e desafiam o poder masculino. A todas que deixaram suas marcas na história e possibilitaram que compreendêssemos as opressões e injustiças da sociedade. A luta move, inspira e transforma.

INFANGER, Isabela Bracalente. *Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça:* atuação em prol das mulheres nas décadas 1930 e 1940. 2023. 177 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Assis, 2023.

## RESUMO

A atuação feminina na vida literária, educacional e política brasileira, com início no final do século XVIII, foi significativa e efetiva. Nomes esquecidos e excluídos voltaram à cena graças às pesquisas recentes, que trouxeram à tona a legitimidade e visibilidade das atividades sociais e políticas de mulheres que fizeram parte, efetivamente, da História do Brasil. A pesquisa em questão aborda um dos movimentos que enfatizaram a luta das mulheres em defesa da sua presença no espaço público: a conquista de direitos de cidadania política (votar e ser votada). Tendo como recorte o período da chamada Era Vargas (1930-1945), objetiva-se analisar a trajetória de Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça (1896-1971), intelectual que atuou como ativista em diversos campos, culturais e políticos, dessa maneira, em movimentos feministas, tanto na esfera nacional quanto internacional. Para tanto, serão utilizadas fontes que informem sobre a trajetória e as ações de Anna Amelia, depositadas no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), da Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro, instituição que abriga o seu arquivo (AACM), que inclui, no total, seis séries:[1] literatura; militância estudantil; militância feminista; participação e colaboração em associações, órgãos e institutos; documentos póstumos e vida privada. A pesquisa pretende contribuir para a compreensão das propostas de integrantes da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), entendidas como agentes históricas, que atuaram na primeira metade do século XX.

**Palavras-chave:** Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça; Mulheres Sufrágio; Feminismo História Séc. XX; Intelectuais; Era Vargas.

[1] Definição de acervo: totalidade dos documentos conservados num arquivo. CAMARGO, Ana Maria de Almeida. *Dicionário de terminologia arquivística*. São Paulo: Associação dos Arquivistas Brasileiros, 1996. p. 8. Termo utilizado pelo CPDOC ao organizar o arquivo de Anna Amelia.

INFANGER, Isabela Bracalente. *Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça: action in favor of women in the 1930 and 1940 decades.* 2023. 177 f. Thesis (Masters in History). School of Sciences, Humanities and Languages, São Paulo State University, Assis, 2023.

## ABSTRACT

The female actions in brazilian literary, educational and political life, in the mid-eighteenth centuries, was significant and effective. Forgotten and excluded names have returned to the scene thanks to recents researchs, which has brought to light the legitimacy and visibility of women's social and political activities, that have effectively been part of the History of Brazil. The research addresses one of the movements that emphasized the fight of women in defense of their presence in the public space: the conquest of rights of political citizenship (to vote and to be voted). With the timing framing of the period, so-called Vargas Era (1930 -1945), the objective is to analyze Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça (1896-1971), an intellectual who acted as an activist in various cultural and political fields in feminist movements, both in the national and international sphere. To this end, sources will be used to inform about the trajectory and actions of Anna Amelia, deposited in the Center for Research and Documentation of Contemporary History of Brazil (CPDOC), Fundação Getúlio Vargas in Rio de Janeiro, institution in which her archive is deposited (AACM), which includes, in total, six series: literature; student militancy; feminist militancy; participation and collaboration in associations, bodies and institutes; posthumous documents and private life. The research aims to contribute to the understanding of the proposals of Brazilian feminists, understood as historical agents, who acted in the first half of the twentieth century.

**Keywords:** Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça; Women Suffrage; Feminism History Twentieth Century XX; Intellectuals; Vargas Era.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: José Joaquim de Queiroz Jr., Laura Palhares Machado de Queiroz e as filhas Laura Margarida e Anna Amelia em frente à casa da Usina Esperança, em 1909.....29

Figura 2: Capa do livro *Esperanças, recordações de infância*, de Anna Amelia de Queiroz, publicado em 1911.....30

Figura 3: Anna Amelia, irmã e primas maternas na cidade do Rio de Janeiro, em 1913 .....32

Figura 4: Capa do livro *Alma*, de Anna Amelia Carneiro de Mendonça, publicada em 1922..34

Figura 5: Coroação de Anna Amelia como Rainha dos Estudantes no Teatro Municipal, em 1928.....36

Figura 6: Foto de Anna Amelia tirada no ano de 1928.....39

Figura 7: Encontro, na década de 1930, da FBPF.....50

Figura 8: Fotografia da Inauguração do II Congresso Internacional Feminista de 1931.....51

Figura 9: Homenagem da União Universitária Feminina à Anna Amelia.....57

Figura 10: Representação do evento intelectual "Legação da Bolívia", em 1931.....58

Figura 11: Membros da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino em almoço com integrantes da Associação Brasileira de Imprensa no Automóvel Clube do Brasil, em 1934..63

Figura 12: Notícia sobre apuração dos resultados eleitorais em 1933.....67

Figura 13: Notícia sobre almoço das integrantes da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino a favor da candidatura de Lutz ao Congresso.....71

Figura 14: Notícia sobre conferência realizada no Departamento de Imprensa e Propaganda por Anna Amelia, em 1940, com o tema "A boa linguagem como fundamento na reconstrução nacional" .....78

Figura 15: Evento beneficente "Festa dos Balões", em prol da construção da Casa do Estudante do Brasil, em 1929.....108

Figura 16: Homenagem à Maria Luiza Bittencourt.....108

Figura 17: Documento comunicando a publicação no *Diário Oficial* da nomeação de Anna Amelia para representar o Brasil na Comissão Interamericana de Mulheres, em 1942.....111

Figura 18: Capa do livro *Quatro Pedaços do Planeta no Tempo do Zeppelin* de Anna Amelia Carneiro de Mendonça, redigido em 1935 e publicado postumamente em 1976.....126

Figura 19: Evento *Confraternização Americana* realizado em Buenos Aires, Argentina, no ano de 1936.....135

Figura 20: Reportagem sobre *Concurso Elgin* promovido pelos Diários Associados em 1940.....137
Figura 21: Entrevista de Anna Amelia concedida ao jornal *A Noite*, que relata sobre sua viagem ao XII Congresso da Aliança Internacional pelo Sufrágio Feminino, realizado em Istambul, Turquia, no ano de 1935.....140
Figura 22: A Comissão Interamericana de Mulheres na sede da União Panamericana, na cidade de Washington, em novembro de 1942.....149

## LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1: Dados sobre a organização do fundo Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça.....25

Tabela 1: Resultado de busca por *Anna Amelia Carneiro de Mendonça* nos periódicos do Rio de Janeiro.....60

Tabela 2: Recorte das ocorrências selecionadas para a dissertação.....60

Tabela 3: Tipologia das missivas remetidas à Anna Amelia (1930-1945) .....91

Tabela 4: Correspondentes de Anna Amelia por inserção profissional-social (1930-1945) .....98

Tabela 5: Classificação de assuntos da correspondência recebida e enviada por Anna Amelia relacionadas à militância feminista (1930-1945) .....104

Tabela 6: Tipologia dos documentos contidos no acervo *Militância Feminista*, dossiê AACM mf 1935.04.18 .....125

Tabela 7: Anna Amelia e o Pan-americanismo .....133

Tabela 8: Tipologia dos recortes relativos a eventos internacionais com presença de Anna Amelia .....138

Tabela 9: Documentos do dossiê 1942.07.15, *Militância Feminista* .....144

**SUMÁRIO**

**INTRODUÇÃO**.....10

**CAPÍTULO 1 – ANNA AMELIA: vida e atuação no movimento feminista brasileiro**..... 23

**1.1** Entrada no mundo intelectual: *Esperanças* (1911), *Alma* (1922) e *Ansiedade* (1926) ..... 25

**1.2** Caminhos dos feminismos nacionais e suas conexões.....43

**1.3** A atuação de Anna Amelia no movimento feminista na década de 1930: análise por meio dos periódicos..... 52

**1.3.1** O Código Eleitoral e o voto das mulheres.....67

**1.3.2** Revolução permanente *versus* luta pela democracia: a ditadura do Estado Novo (1937-1945) .....76

**CAPÍTULO 2 – ARQUIVO PRIVADO E CORRESPONDÊNCIAS: mediações intelectuais e feministas**.....87

**2.1** Arquivo pessoal e autobiografia .....88

**2.2** Correspondência e reconhecimento intelectual..... 95

**2.3** Anna Amelia e a mediação intelectual: movimento feminista nas correspondências..... 106

**2.3.1** A guerra chega ao continente: organizações feministas em prol da paz.....114

**CAPÍTULO 3 – EM PROL DA EMANCIPAÇÃO FEMININA: a luta pacifista em escala continental**.....123

**3.1** Articulações de Anna Amelia em âmbito transnacional.....125

**3.2** Pan-americanismo e mediação cultural por meio dos periódicos.....135

**3.3** Anna Amelia na Comissão Interamericana de Mulheres (1942 a 1944) .....145

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**.....158

**REFERÊNCIAS**.....163

**ANEXOS**.....174

# INTRODUÇÃO

> À medida que chegamos ao fim de um século no qual as mulheres tiveram enormes ganhos, ainda carecemos de um sentido do passado feminista. Outros grupos celebram suas figuras heroicas, mas as mulheres não têm feriados nacionais, dias de celebração de nascimentos e mortes de grandes heroínas. [...] necessitamos conhecer melhor os padrões de nossa própria tradição intelectual, comprometer-se e debater com as escolhas feitas por mulheres cujas vidas icônicas, incansáveis, aventureiras, fazem delas nossas heroínas, nossas irmãs, nossas contemporâneas.[2]

Sempre tive interesse por mudanças sociais relativas aos embates contemporâneos. Ao focar nas relações de gênero, é de amplo conhecimento que, por muito tempo, as mulheres foram afastadas das narrativas históricas, literárias e do espaço público, isso em âmbito mundial. Felizmente, esse cenário vem mudando, com as abordagens em torno do feminismo enquanto campo de destaque no meio acadêmico atual, como indicam as muitas pesquisas e obras publicadas sobre a questão. Entretanto, ainda há muito o que refletir acerca de suas práticas e representações. Em relação à historiografia sobre o que foi denominada história das mulheres, somente a partir do que se considera feminismo contemporâneo, surgido no fim da década de 1960, as mulheres passaram a ser entendidas como objeto e sujeitos da História. Junto a isso, as abordagens provenientes da história social e, posteriormente, da história cultural, atuaram no sentido de desmitificar concepções até então dominantes acerca da submissão e passividade femininas.[3] Assim, desde o século XVIII há a perspectiva feminista, considerada fundamental para compreender a realidade da sociedade em que vivemos.

Ao estudar a transição do século XIX para o XX, percebe-se que foi um período de profundas transformações, com mudanças em todas as esferas das sociedades ocidentais. Seja no âmbito cultural, social, político, econômico ou em qualquer outro, os impactos da Revolução Francesa se fizeram presentes, tanto no que tange à concretização do mundo moderno quanto à expansão dos anseios por modernização e progresso. Junto a isso, os processos de emergência da figura do indivíduo enquanto cidadão moderno, dotado de direitos civis (a partir do século

---

[2] RAGO, Margareth. *A aventura de contar-se:* feminismo, escrita de si e invenção da subjetividade. Campinas: Editora Unicamp, 2013, p. 42.

[3] Michelle Perrot com PERROT, Michelle. *Escrever uma história das mulheres*: relato de uma experiência. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 4, n. 3, p. 9-28, out./nov. 1995; *Os excluídos da história*: operários, mulheres e prisioneiros. São Paulo: Paz e Terra, 2005; Práticas da Memória Feminina. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 9, n. 18, p. 9-18, ago./set. 1989. Arlette Farge com FARGE, Arlette. Relações de gênero nos lugares para a história. *Revista de História Regional*, Paraná, v. 21, n. 2, p. 735-739, out. 2016. E Angela Davis com DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe.* São Paulo: Editora Boitempo, 2016. Essas autoras foram pioneiras nesse tipo de abordagem no plano internacional. No Brasil, destacam-se nesta vertente Lélia Gonzalez com GONZALEZ, Lélia. *O papel da mulher negra na sociedade brasileira*. Los Angeles: Spring Symposium the Political Economy of the Black World, 1979; *Por um Feminismo Afro-Latino-Americano*: Ensaios, Intervenções e Diálogos. Rio Janeiro: Zahar, 1979. Rachel Soihet com SOIHET, Rachel. *O Feminismo tático de Bertha Lutz.* Florianópolis: Mulheres, 2006; História das mulheres e história de gênero: um depoimento. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 11, p. 77-87, 1998. E Maria Odila da Silva Dias com DIAS, Maria Odila da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo, Brasiliense, 1984.

XVIII) e políticos (século XIX), corroboraram para os processos de "privatização do eu", surgindo, assim, a noção de indivíduo dentro da modernidade. No Brasil, a sociedade, que não ficou imune à nova ordem internacional, conheceu mudanças importantes com a Abolição e a República, que alteraram premissas políticas e práticas das classes dirigentes. Essas transformações estiveram associadas aos fenômenos de modernização dos aparelhos de Estado e de democratização, ou melhor, da política, tornando crescente a participação dos "homens comuns", transformados por tais mecanismos em cidadãos.[4]

O movimento antiescravagista, ocorrido no século XIX no continente americano, atraiu as mulheres brancas de um modo que nenhum outro movimento reformista havia conseguido. Na defesa do abolicionismo, as mulheres trabalhadoras e as que pertenciam às famílias prósperas se postaram ativamente, atraídas pela causa, o que permitiu estabelecer vínculos entre os dois grupos oprimidos.[5] Como argumenta Angela Davis, "toda a polêmica simbolizou a possibilidade de firmar uma poderosa aliança entre a já estabelecida luta pela libertação negra e a embrionária batalha pelos direitos das mulheres".[6]

No caso nacional, diversos movimentos de contestação à ordem vigente eclodiram por volta do início do século XX. Nesse contexto de participação do indivíduo como sujeito político que reivindica participação nos mecanismos políticos, manifestações em prol dos direitos civis das mulheres começaram a ganhar força, e visavam alterar a posição que lhes era reservada na sociedade e defender direitos que precisavam ser reconhecidos e sacramentados em leis. Dentre as lutas sociais pioneiras, pode-se citar o reconhecimento de sua condição de cidadãs, isto é, a possibilidade de votarem e serem votadas, consagrada como a luta sufragista. O nome que acompanha o título desta pesquisa participou do movimento a favor do voto feminino e de reformas políticas e sociais para a maior participação de figuras femininas em diversos âmbitos. Seu ativismo pode ser considerado como "bem comportado", já que não confrontou diretamente a ordem vigente.

Junto a isso, o termo feminista passava a acompanhar essas sufragistas que buscavam a igualdade de gênero e os direitos das mulheres em relação aos homens. Esse movimento propõe eliminar a discriminação e a opressão baseadas no gênero e promover a equidade em todas as áreas da sociedade, incluindo questões como igualde salarial, acesso igualitário à educação,

[4] GOMES, Angela de Castro. *Op. cit.*, p. 19
[5] DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016. p. 47.
[6] DAVIS, Angela. *Op. cit*, 2016, p. 53.

representação política, liberdade reprodutiva e combate à violência de gênero.[7] Assim, o feminismo desafia as normas de gênero e as estruturas de poder [8] que perpetuam a desigualdade entre homens e mulheres, ao buscar criar uma sociedade mais justa e igualitária.

O movimento feminista avança na historiografia e, segundo Michelle Perrot e com base na história das mulheres, questiona os processos de análise e crítica das fontes e dos métodos usados para categorizar a estrutura de dominação dos sexos. A história das mentalidades, muito tida em alta no século passado na etnografia para moldar os preceitos das mulheres na história, abarcava o quotidiano, o privado e o individual, as raízes da dominação masculina. O grande problema apontado pela historiadora consiste em ser levada em conta, na historiografia, a dinâmica das relações sociais dentro do estudo sobre as mulheres, o que é imprescindível uma vez que elas não vivem isoladas. Perrot e Maria O. Silva Dias foram pioneiras na história cultural no quesito de desmitificar as concepções (dominantes até então) da submissão e passividade feminina.

A historiadora social Joan Scott, em seu trabalho intitulado *Gênero: uma categoria útil de análise histórica* complementa as ideias de Perrot sobre a necessidade de uma perspectiva que leve em conta a posição teórica e política das mulheres na história, o movimento de luta das mulheres e a disciplina da história, baseando-se no pós-estruturalismo de Michel Foucault. Ou seja, precisa da compreensão da história de gênero como um estudo dinâmico na política da produção do conhecimento[9]. É nesse sentido que Scott dialoga com Foucault a respeito da análise do discurso. Através dela é possível interpretar e compreender as fontes sob outra visão, propondo-se a pensar o exercício do poder nos variados discursos. Assim, por meio de tal análise foucaultiana, podemos chegar ao centro da questão, pois, nas palavras do autor, o discurso "não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar"[10] e é nesta perspectiva que será analisado o discurso das fontes escolhidas.

---

[7]O feminismo não é um movimento monolítico, e existem diferentes vertentes e abordagens na contemporaneidade. As diferentes abordagens têm perspectivas variadas sobre como alcançar a igualdade de gênero e podem se concentrar em questões específicas que afetam as mulheres de maneira desigual.

[8] Joan Scott vê a necessidade de usar uma "epistemologia mais radical" nos estudos de gênero, para fornecer uma perspectiva analítica mais poderosa. Nessas palavras, enxerga a obrigação de rejeitar a oposição binária "masculina x feminino", havendo assim uma desconstrução e uma ideia de construção hierárquica e não como um "modo de natureza". Isso fará com que mudemos a exclusão tão recorrente que a história política fez de materiais e questões sobre as mulheres e gênero, fazendo emergir uma nova história que oferecerá novas perspectivas as velhas questões. Segundo Scott "[...] o gênero é um modo primordial de significar relações de poder". SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação & Realidade.* Porto Alegre, vol. 20, nº 2, p.71-99.

[9]SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). *A Escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 1992, p. 63-97.

[10] FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. São Paulo: Editora Loyola, 1996, p. 10.

Este trabalho não buscou entender apenas a história da conquista do voto feminino no Brasil, suas características e impasses para obter esse direito político que, segundo a historiografia vigente, foi logo perdido com a imposição do regime autoritário denominado Estado Novo (1937-1945). Para além do sufragismo, trata-se de compreender a construção de uma cultura política dos feminismos entre essas mulheres que chegaram à arena pública, pontuando os ideais defendidos. O termo "feminista" era atrelado às mulheres por militantes que integravam movimentos mais à esquerda política, como as comunistas e anarquistas do período. Apesar de serem entendidas como condescendentes do poder vigente e de classes abastadas, não deixaram de se denominarem como ativistas. Dessa maneira, objetivou-se avaliar as estratégias e caminhos percorridos pelas ativistas brasileiras em prol de reformas que assegurassem os direitos das mulheres, tanto em políticas sociais quanto no âmbito da diplomacia.

A pesquisa tem como ponto central a trajetória, rede de relações e ações políticas de Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça (1896-1971)[11] e o recorte temporal compreende o período Era Vargas (1930-1945). Anna Amelia foi uma intelectual[12] que atuou como ativista da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF),[13] organização que tinha como meta conquistar o acesso à cidadania para as mulheres no país, ao lado das líder Bertha Lutz.[14] No que diz respeito ao núcleo documental selecionado, privilegia-se o arquivo pessoal de Anna Amelia, composto por extensa documentação, sob a guarda do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), da Fundação

[11] Anna Amelia insere-se na genealogia de mulheres que se dispuseram a visibilizar o lugar reservado ao feminino. Publicou poemas, críticas literárias, atuou como tradutora, peças de teatro, colaborou na grande imprensa e como ativista pela Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, sendo uma das três vice-presidentes da organização, a partir de 1931, ao lado de sua prima, Maria Eugenio Celso, e da líder do movimento feminista organizado brasileiro, Bertha Lutz.

[12] Utilizo do conceito "intelectual" já que, segundo Noberto Bobbio, este abarca a acepção de que é uma classe de escritores "engajados" que, "em geral, a quem tenha adquirido, com o exercício da cultura, uma autoridade e uma influência nos debates públicos. Ainda hoje, de fato, indicar uma pessoa como Intelectual não designa somente uma condição social ou profissional, mas subentende a opção polêmica de uma posição ou alinhamento ideológico, a insatisfação por uma cultura que não sabe se tornar política ou por uma política que não quer entender as razões da cultura". Acerca da noção, ver: MARLETTI, Carlos. Intelectuais. *In*: BOBBIO, Noberto; MATTEUCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco (org.). *Dicionário de Política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. p. 637.

[13] A Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF) surgiu em 1922, com o objetivo de defender os direitos da mulher brasileira e tendo como principal líder Bertha Lutz.

[14] Bertha Maria Júlia Lutz (1884- 1976), filha de Amy Fowler e Adolfo Lutz, teve uma atuação relevante no cenário científico e político nacional, sendo considerada atualmente o nome mais expressivo do início do feminismo que marca a primeiras décadas do século XX no Brasil. Zoóloga, segunda mulher a ingressar no serviço público federal por concurso (Museu Nacional), ainda jovem morou e estudou na Europa, durante o período em que as mulheres europeias lutavam por seus direitos na sociedade. Ao regressar ao Brasil, sua formação, combinada com o ambiente profissional, levou-a a atuar com grande habilidade em diferentes frentes simultaneamente, e que contribuíram para o campo da história das ciências, da museologia, da política nacional e, no caso, da Federação, para o processo feminino de conquista de direitos civis. MARQUES, Teresa C. de Novaes. *O voto feminino no Brasil*. Brasília: Edições Câmara, 2018.

Getúlio Vargas, composto por 7.326 documentos textuais – organizados em seis acervos:[15] literatura; militância estudantil; militância feminista; participação e colaboração em associações, órgãos e institutos; documentos póstumos e vida privada.[16] Nas descrições contidas no Guia de Acervo, nota-se a relevância do fundo da titular, que reúne dados sobre a sua participação na questão estudantil e atuação na política e militância feminista durante o governo Vargas. Devido à escassez de arquivos que registram a atuação política feminina no Brasil e a predominância de um discurso sexista, que excluiu mulheres da vida pública, esse fundo destaca-se por guardar a intensa atuação da titular em prol da independência feminina em âmbitos políticos e sociais. O material foi aberto a consulta em 2019 e parte dele é acessível no portal da instituição.[17] Segundo o Guia de Arquivos do CPDOC:

> O conjunto de documentos reunidos é importante para pesquisadores interessados nas lutas femininas ocorridas no Brasil no início do século XX e nas tentativas dos movimentos femininas de promover debates sobre o direito e a saúde da mulher. O arquivo também é relevante para pesquisas sobre a questão estudantil no Brasil, sobretudo no que diz respeito à atuação da titular na Casa do Estudante do Brasil, criada em 1929, e na Casa do Estudante, inaugurada na Cidade Universitária de Paris em 1959. No campo da Literatura, o arquivo apresenta documentos sobre a atuação da titular como poetisa e tradutora.[18]

O arquivo é composto por cartas, informes, boletins e relatórios que evidenciam a participação de Anna Amelia Carneiro de Mendonça em eventos nacionais e internacionais, bem como a correspondência que manteve com brasileiros e estrangeiros. Enquanto escritora, poetisa e tradutora, Anna Amelia teve mais de dez obras publicadas, que contribuíram para que ela adentrasse em um espaço predominantemente masculino, para o que contribuiu pelo fato de ser branca e da elite. As correspondências indicam o diálogo com outras feministas e o estabelecimento de vínculos sociais, intelectuais, filantrópicos e humanos, a indicar o seu grau de articulação com grupos feministas para além das fronteiras nacionais. A valorização de arquivos pessoais articula-se à atenção dada aos indivíduos e à subjetividade na história, que acabou por trazer renovações importantes na abordagem acerca das pessoas comuns, mas também dos intelectuais. A análise da atuação da ativista, objeto de estudo desta dissertação,

---

[15] Definição de acervo: totalidade dos documentos conservados num arquivo. CAMARGO, Ana Maria de Almeida. *Dicionário de terminologia arquivística*. São Paulo: Associação dos Arquivistas Brasileiros, 1996. p. 8. Termo utilizado pelo CPDOC ao organizar o arquivo de Anna Amelia.

[16] A partir da descrição presente no *Guia dos Arquivos* do CPDOC, conclui-se que mais da metade das seis séries do arquivo dizem respeito à atuação de Anna Amelia em prol da instrução da mulher, sua independência em relação aos homens, estímulo à profissionalização, luta por políticas públicas específicas, bem como a defesa da participação de mulheres em organizações femininas (ligas, federações e congressos), que se propunham a defender causas inerentes ao gênero.

[17] CPDOC. Acervo Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça. *Fundação Getúlio Vargas*. Disponível em: https://docvirt.com/docreader.net/docmulti.aspx?bib=fgv_aacm. Acesso em: 29 jul. 2023.

[18] CPDOC. Acervo Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça. *Fundação Getúlio Vargas*. Disponível em: http://www.fgv.br/cpdoc/guia/detalhesfundo.aspx?sigla=AACM. Acesso em: 29 jul. 2023.

remete para o estabelecimento de conexões e sociabilidade com intelectuais e políticos do período, mas, principalmente, as suas relações com feministas então atuantes, tanto em escala nacional quanto internacional. A pesquisa pretendeu, assim, evidenciar que os feminismos, tão plurais, são produtos culturais que se transformam e ganham características específicas em diferentes momentos históricos. E, além disso, ter em conta qual ideal de feminino essas ativistas buscavam e representavam.

Outra fonte privilegiada foram as colaborações em jornais e revistas, entendidos como espaço de fermentação intelectual e de relações afetivas, ao mesmo tempo, viveiro e espaço de sociabilidade. Elemento importante para avaliar o papel de Anna Amelia Carneiro de Mendonça como participante e colaboradora na imprensa e, ainda, as posições assumidas em âmbito público. Para tanto, foram realizadas buscas no sítio eletrônico da Hemeroteca Digital da Fundação da Biblioteca Nacional,[19] para localizar suas colaborações em órgãos da imprensa e textos nos quais ela foi citada. Foram consultados seis periódicos, a saber: *Diário da Noite* (RJ, 1929-1964), *O Jornal* (RJ, 1919-1968), *A Noite* (RJ, 1911-1964), *Diário de Notícias* (RJ, 1930-1974), e as revistas *O Cruzeiro* (RJ, 1928-1975) e *Walkyrias* (RJ, 1934-1960). Ainda que tenha escrito para outros periódicos, foi nesses que ela colaborou de maneira mais perene.

Se a trajetória intelectual e profissional foi ampla no campo da literatura, sua atuação enquanto ativista em prol dos direitos civis e políticos das mulheres e dos estudantes também foi das mais destacadas. Nas causas estudantis, fundou a Casa do Estudante do Brasil, "uma das primeiras entidade estudantil de âmbito nacional visando a assistência social aos estudantes e a promoção, difusão, e intercâmbio de obras e atividades culturais".[20] Já sua atuação na causa feminista foi recuperada a partir dos documentos relativos a sua condição de vice-presidente da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), o que lhe possibilitou ser a primeira mulher a integrar o Tribunal Eleitoral, compondo a mesa da eleição de 1934. Foi delegada do Brasil no XII Congresso da Aliança Internacional pelo Sufrágio Feminino, realizado em Istambul, Turquia, em 1935, pela Aliança Internacional de Mulheres, além de ser nomeada delegada do Brasil na Comissão Interamericana de Mulheres pelo então presidente Getúlio Vargas (1942-1944). Sua atuação em diversas áreas e períodos continuou extensa, entretanto, o foco da discussão percorreu as décadas mencionadas. Assim, o arquivo foi especialmente

[19] O sistema de busca digital oferecido pela Fundação da Biblioteca Nacional no acervo de sua hemeroteca utiliza a tecnologia Reconhecimento Ótico de Caracteres (Optical Character Recognition, OCR) que identifica textualmente no acervo a palavra-chave solicitada.

[20] CPDOC. Verbete Temático do Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro. União Nacional dos Estudantes. Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: https://www18.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/uniao-nacional-dos-estudantes-une. Acesso em: 30 jul. 2023.

importante para pesquisas relacionadas ao campo da literatura, das instituições culturais, da educação e das lutas pelos direitos das mulheres no Brasil.

Entretanto, cabe questionar, qual feminismo Anna Amelia e a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, organização que representava, defendiam? Apesar dos grandes pronunciamentos em prol da igualdade de direitos civis para todas as mulheres, a organização era dominada por pessoas de origem burguesa, brancas e cristãs. Dessa forma, o espaço público e político que passou a ser conquistado por essas mulheres, mesmo que de forma lenta, refletiam os padrões liberais e desiguais em relação às normas do gênero, ainda restritas e voltadas para a figura materna e sensível, cujo atributo central era a feminilidade.

É importante notar que a produção historiográfica acerca dos feminismos no Brasil, principalmente a relativa às décadas de 1930 e 1940, é lacunar, com poucos estudos acerca dessas redes de relações entre integrantes do movimento feminista no Brasil. Rachel Soihet, autora de importante contribuição acerca das alianças e estratégias de uma das mais destacadas sufragistas brasileiras, Bertha Lutz, pontua que as militantes partilhavam das ideias reformistas e modernizantes da época e eram favoráveis à implantação de um Estado de bem-estar social, ou seja, não se tratava de buscar apenas a redenção feminina, mas também o progresso da sociedade. Sem pretensões biográficas, a obra indica um conjunto de sugestões úteis às revisões de conhecimentos sobre o feminismo denominado primeira onda. Tendo em vista as discussões sobre ações de sufragistas brasileiras, é essencial evidenciar o terreno movediço em que esses atos políticos eram conduzidos. Daí a noção, mobilizada na pesquisa, de "feminismo tático", ou seja, que cria ocasião para a conquista de metas e objetivos: "Não são atos domesticados, ainda que bem comportados".[21] Assim, o livro de Soihet polemiza noções usuais e largamente incorporadas na historiografia dos feminismos que criticam a maneira "tradicionalista" de Lutz e das integrantes da FBPF conduzirem suas lutas.

Já Sussan Besse chama a atenção para a constância, no que se refere ao gênero feminino, das estruturas de poder nos primeiros anos da República, e considera que o engajamento das mulheres militantes no período foi pouco efetivo.[22] Na sua perspectiva, a família burguesa brasileira pouco contribuiu para encurtar o distanciamento entre os espaços público e privado, tanto que o campo de atuação da mulher ficou restrito ao bem comum, ou seja, na área educacional e do cuidado com a saúde. Mesmo diante dos limites, houve uma extensão da ação das mulheres fora do ambiente doméstico.

---

[21] SOIHET, Rachel. *O Feminismo tático de Bertha Lutz.* Florianópolis: Mulheres, 2006. p. 65.
[22] BESSE, Susan K. *Modernizando a desigualdade:* reconstrução da ideologia de gênero no Brasil, 1914-1940. São Paulo: Edusp, 1999.

Assim, a historiografia que analisa o movimento feminista, principalmente no início do século XX, o compreende como branco e liberal, apesar de estudos emergentes que trazem à tona personagens que fogem a essa classificação. De toda forma, o feminismo estudado tinha suas prioridades, objetivos e estratégias específicas para conquistar a igualdade de gênero: voto feminino, autonomia, bem-estar individual, sem deixar de lado a feminilidade. O perfil dessas ativistas tem sido apontado pela historiografia como uma das limitações das entidades que construíram. Susan Besse declarou que "as mulheres profissionais que compunham as associações falavam em nome das mulheres da classe operária, ao invés de mobilizá-las para que falassem por si próprias[…]"[23] e Branca Moreira Alves também pontuou que Bertha Lutz foi uma "líder autoritária fechando o movimento ao acesso de outras classes sociais".[24] Lúcia Avelar foi mais longe e questionou duramente o movimento ao argumentar que o início efetivo da "prática eleitoral das mulheres brasileiras teve início em 1946, com a redemocratização do país,"[25] ou seja, ela desconsiderou a participação feminina nas duas eleições anteriores. Trata-se de uma crítica feita no final do século XX e que demanda dos movimentos uma postura em sintonia com o contemporâneo. A análise parte do que se gostaria que o movimento tivesse feito segundo padrões atuais, e não se detém no que o movimento efetivamente fez.

Independentemente das críticas atuais, Alves problematizou o seu pouco reconhecimento na História do Brasil.[26] Na historiografia do final do século XX e início do século XXI, perdura a leitura que não dá o devido reconhecimento ao peso político dessas manifestações, por considerá-las atadas ao tradicionalismo das elites brasileiras. A organização que Anna Amelia participou e tantas outras que serão analisadas não tinham em vista alterar em profundidade o papel da mulher na sociedade, mas ampliar as possibilidades da figura feminina, de forma mais justa e igualitária, na sociedade brasileira e, por meio da educação, dar oportunidades para as mulheres integrarem a vida pública. Isso posto, cabe ressaltar que a produção historiográfica sobre o feminismo nas primeiras décadas da República recebeu menos atenção do que a relativa a períodos posteriores.

Angela Davis argumentou acerca do significado que a luta abolicionista teve para mulheres brancas, que acumularam experiências políticas, sem o que não teriam conseguido

---

[23] *Ibidem*, p. 194.
[24] ALVES, Branca Moreira. *Ideologia e feminismo*: a luta da mulher pelo voto no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1980. p. 112.
[25] AVELAR, Lúcia. *O Segundo Eleitorado*: tendências do voto feminino no Brasil. Campinas: Editora Unicamp, 1989. p. 20, 41.
[26] Branca Moreira Alves já apontava que "a historiografia brasileira, se e quando se refere ao decreto de 1932 ou à Constituição de 1934 concedendo o sufrágio feminino, geralmente silencia sobre o movimento, deixando a crer que as mulheres se tornaram eleitoras por uma dádiva espontânea, sem que tivessem lutado ou demonstrado qualquer interesse por este assunto". ALVES, *Op. cit.*, p. 13.

organizar de modo efetivo a campanha por seus direitos civis alguns anos depois. Segundo a autora:

> As mulheres desenvolveram habilidades de captação de recursos e aprenderam a distribuir publicações e a organizar encontros – algumas delas se tornaram poderosas oradoras. Mais importante de tudo, elas se tornaram eficientes no uso da petição, que se revelaria uma arma tática central na campanha pelos direitos das mulheres.[27]

Ao discutir as ações das sufragistas brasileiras, é essencial evidenciar o terreno movediço em que atuaram, razão pela qual a pesquisa tentou compreender a pluralidade assumida pela luta feminista, encarada como produtos culturais que devem ser analisados no seu tempo e espaço para que se possa fazer jus à luta travada em cada momento histórico, com suas possibilidades e constrangimentos.

Não se pode deixar de referir à utilização da metáfora de "ondas feministas", que retratam as grandes mobilizações das mulheres. Por muito tempo, a ideia de onda foi usada para dar visibilidade a certos momentos históricos, que representariam a culminância ou a maior força de cada manifestação. No entanto, essa metáfora retrata o movimento como algo que desponta de forma repentina na realidade social e, certo tempo depois, desaparece, além de privilegiar os movimentos do Norte global. Segundo Nancy Hewitt,[28] há perigos em narrar as lutas feministas nessa perspectiva, por se produzirem "zonas livres de feministas", ao enfatizar apenas determinadas décadas. Outra questão levantada pela autora diz respeito à compreensão de progresso nas pautas feministas, o acaba por desqualificar a ação de feministas em outros momentos, além dos riscos considerar as suas pautas como superadas. Assim, em vez de ondas, a sugestão é refletir sobre um contínuo, gerado pela ação de milhares de mulheres, de diferentes locais, gerações e visões de mundo.

A pesquisa ancora-se, por conseguinte, em epistemologia centrada no indivíduo, com uma análise a partir de seu arquivo pessoal e de suas subjetividades. O foco concentra-se nas análises do político e suas mediações a partir do que considerava um "bom feminismo", em articulação com a cultura política dominante, seja em termos mais amplos, seja em relação à prática adotada por feministas brasileiras da primeira metade do século XX. A partir disso, foi necessário problematizar as linhas da continuidade histórica, questionar identidades únicas e colocar em cena sujeitos múltiplos. Essa abordagem parece fundamental para pesquisadores que estudam as relações de gênero, já que o anonimato das mulheres era quase regra até algumas

[27] DAVIS, Angela. *Op. cit,* 2016, p. 61.
[28] HEWITT, Nancy A. *No Permanent Waves: Recasting Histories of U.S. Feminism*. New Jersey: Rutgers University Press, 2010.

décadas atrás. Trata-se, portanto, de perceber a dimensão feminista na própria construção discursiva da subjetividade e na subversão dos padrões literários socialmente instituídos.

A dissertação organiza-se em três capítulos. O objetivo do primeiro é a análise da vida e trajetória de Anna Amelia Carneiro de Mendonça simultaneamente à exposição dos conceitos e contextos históricos pelos quais ela transitou, com base na historiografia sobre o período. Trata-se, ainda, do início e da consolidação do movimento feminista brasileiro no início do século XX, tendo como objeto a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. As colaborações de Anna Amelia em periódicos, relativas ao movimento feminista, foram mobilizadas. O intuito é entender as posições assumidas publicamente, tanto em eventos feministas quanto sua presença na imprensa, seja como colaboradora ou como personagem citada em órgãos cotidianos. A finalidade do primeiro capítulo é apresentar apanhado geral sobre a trajetória do feminismo brasileiro, suas ações e relações, com a intenção de compreender as características, estratégias e impasses dos feminismos existentes no período.

A imprensa é, reconhecidamente, espaço precioso para a análise do movimento das ideias, identificação de projetos ideológicos e difusão de uma dada cultura política. Essa discussão está presente nas abordagens historiográficas que propõem um estudo crítico de periódicos. Jean-François Sirinelli compreende a imprensa como um ponto de encontro de trajetórias individuais unidas por um credo comum. Escolhendo o jornal como fonte de estudos, entende-se que esse é um instrumento de ideias e de interesses e, consequentemente, de intervenção no imaginário social. A partir da abordagem proposta pela história dos intelectuais,[29] identifica-se os sujeitos sociais como pertencentes a um "meio intelectual" que se conforma por "redes e lugares" nos quais se constroem práticas relacionais específicas que dão abrigo a ideias e valores. Assim, os intelectuais, como atores político-sociais, tornam-se categoria central, se organizam em torno de redes de sociabilidade intelectual. Nessa perspectiva, é fundamental levar em conta a trajetória individual, a formação, origens familiares, percurso profissional, atuação, com particular atenção aos vínculos que se estabelecem com matrizes, tradições e genealogias, sempre na dupla chave cultural e política. Compreende-se, assim, a necessidade de conhecimento das redes e lugares, cuja construção e ação devem ser analisadas para entendimento das intenções e ações desses sujeitos sociais.

Já no segundo capítulo, a atenção volta-se para as relações estabelecidas com outras integrantes de movimentos em prol da emancipação feminina. Para isso, analisa-se, sistematicamente, as correspondências de Anna Amelia, a fim de compreender tanto as alianças

[29] SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. *In*: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1996. p. 231-262.

que ela estabeleceu com instâncias governamentais brasileiras quanto as que construiu com ativistas brasileiras e internacionais. Assim, busca-se identificar os principais interlocutores, tendo em vista que se conta, sobretudo, com cartas recebidas (correspondência passiva) e apenas algumas por ela remetidas (correspondência ativa). O núcleo documental deste capítulo refere-se ao arquivo privado da titular, com uma gama de intelectuais que se correspondeu e, em principal, outras mulheres que compactuavam com sua vertente de feminismo.

O trabalho com fontes que abarcam a escrita epistolar exigiu tomar contato com as propostas metodológicas clássicas sobre o tema, além da análise das décadas selecionadas (1930 e 1940), aliás, um período-chave para a compreensão da trajetória da República no Brasil. Para tanto, um dos estudos importantes é de autoria de Angela de Castro Gomes, que analisou as correspondências recebidas e enviadas pelo então Ministro da Educação e Saúde do regime estadonovista, Gustavo Capanema. Por intermédio das missivas, a autora retraçou as relações tecidas entre o ministro e importantes intelectuais do período, e não por acaso, esse tipo de fonte valoriza diários, biografias e autobiografias, que exigem metodologia própria de análise.[30] Apesar de ser uma fonte rica, a autora mostra que há um vasto caminho para elaborações teóricas e metodológicas a fim de responder aos múltiplos questionamentos colocados pelos arquivos pessoais. Outra obra de Gomes, acerca da escrita epistolar como fonte e/ou objeto para a pesquisa histórica,[31] também foi fundamental para os conceitos mobilizados na dissertação. Foi primordial levar em conta que as missivas se constituem numa escrita nômade, ou seja, há múltiplos assuntos (familiares, políticos, culturais etc.) em uma mesma carta. Além do mais, muitas vezes, trata-se de uma série, mais ou menos longa, que registra troca de ideias e construção de diálogos, havendo a dimensão de oralidade. Trata-se, portanto, de um tipo de comunicação poderosa, que cria e sustenta laços. Conjuntos de cartas podem ensejar a reconstituição de redes, tecidas no vai e vem de envelopes trocados com diferentes indivíduos.

Ao compreender o fundo pessoal enquanto fonte de pesquisa para o historiador, é necessário entender, metodologicamente, a origem do arquivo e a sua intenção autobiográfica. Ao discutir a segunda indagação – intenção autobiográfica – nas práticas de arquivamento do eu, segundo Philippe Artières, deve-se destacar um movimento de subjetivação: "Escrever um diário, guardar papéis, assim como escrever uma autobiografia, são práticas que participam mais daquilo que Foucault chamava a preocupação com o eu. […] nesse sentido o arquivamento

[30] GOMES, Angela de Castro. O ministro e sua correspondência: projeto político e sociabilidade intelectual. *In*: GOMES, Angela de Castro (org.) *Capanema:* o ministro e seu ministério. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2000. p. 16.
[31] GOMES, Angela de Castro. *Op. cit.*, 2004.

do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência".[32] Margareth Rago retrata que a "escrita de si" impõe-se como necessidade de ressignificação do passado pessoal, mas também coletivo, de outra perspectiva, já que é possível inscrever-se em momentos históricos dramáticos. Junto à perspectiva feminista, a autora concorda com a noção de arquivamento pessoal e de autobiografia como prática de liberdade em que o indivíduo se autoconstitui ativamente a partir de uma orientação ética. Essa compreensão pode ser analisada também em documentos relacionados ao "[…] ativismo cotidiano e pouco valorizado, muitas vezes até pouco percebido, que se traduz pela habilidade de criar espaços coletivos nos quais se ultrapassam as fronteiras entre o público e o privado, razão e emoção e se produzem a 'arte de viver'".[33] A análise da semiótica compreende um campo vasto de análise, entretanto, não será abarcada nesta discussão.

O terceiro capítulo, por sua vez, analisa a atuação do movimento feminista em escala internacional e, em grande parte, ocorrido no contexto de vigência do pan-americanismo. Utilizou-se os documentos contidos no arquivo privado de Anna Amelia referentes à sua participação como representante do Brasil em dois momentos: no XII Congresso da Aliança Internacional pelo Sufrágio Feminino, realizado em 1935 na cidade de Istambul, organizado pela Aliança Internacional da Mulher (AIM); e nas Assembleias Anuais da Comissão Interamericana de Mulheres (CIM) em Washington, de 1942 a 1944, promovidas pela União Pan-americana. Dessa forma, o foco é compreender de que modo o movimento estudado se posicionou e de que forma difundiu essas concepções no Brasil.

Evidencia-se que o trabalho privilegia as contribuições da Nova História Política e Cultural, em que as fontes documentais provenientes de arquivos pessoais e de colaborações na imprensa são mobilizadas para recuperar representações de determinados fenômenos. As categorias de trajetórias de relações e de redes de sociabilidade fornecem perspectivas interessantes para acompanhar a trajetória complexa de um indivíduo e discernir suas conexões com outros intelectuais, o que compreende uma dimensão de subjetividade. O presente estudo, ancorado em um arquivo pessoal, não pode perder de vista que o sujeito estudado foi um ser social singular e atuante, que fez escolhas e que nem sempre seguiu uma trajetória retilínea. Assim, o estudo de registros relativos a indivíduos a partir da modernidade remete a práticas culturais, ou seja, à "emergência histórica desse indivíduo nas sociedades ocidentais".[34]

---

[32] ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 11, 1998.
[33] RAGO, Margareth. *A aventura de contar-se:* feminismo, escrita de si e invenção da subjetividade. Campinas: Editora Unicamp, 2013. p. 194.
[34] *Ibidem*, p. 11.

# CAPÍTULO 1

## ANNA AMELIA: vida e atuação no movimento feminista brasileiro

O primeiro capítulo trata da formação e construção sociocultural de Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça (1896-1971). O intuito é compreender a intelectual, poeta, tradutora e feminista enquanto sujeito social em articulação às novas pesquisas que propõem rever as relações de gênero, em específico, o feminismo no Brasil. Utilizou-se, como núcleo documental, parte de seu arquivo privado que se encontra no Centro de Pesquisa e Documentação de História do Brasil, Fundação Getúlio Vargas, e recortes de colaborações em periódicos, selecionados a partir da Hemeroteca Digital, da Biblioteca Nacional brasileira.

Para compreender as particularidades desse período, avaliam-se as circunstâncias que auxiliaram a trajetória de vida de Anna Amelia no campo intelectual, político e cultural. O foco repousa em sua atuação no movimento feminista brasileiro – principalmente a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF). Esse movimento feminista lutava pela democratização e conquista de direitos políticos para as mulheres brasileiras e buscou, para além da campanha do voto, a integração das mulheres como elementos atuantes no contexto histórico social, tais como aquelas ligadas ao trabalho feminino, à educação e aos direitos civis.

A discussão aborda o período das décadas de 1930 e 1940, que compreende os anos de maior atuação de Anna Amelia na luta pelos direitos femininos e, consequentemente, na Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. O fim da Primeira República (1889-1930) representou um momento em que os preceitos liberais foram questionados pelo movimento liderado por Getúlio Vargas. De fato, a década anterior foi marcada por vários movimentos de contestação ao poder então vigente, resultante das transformações sociais em curso. No Brasil, o surgimento da luta das mulheres remonta ao século XIX e costuma ser referenciado pela metáfora de *ondas* na bibliografia que trata do tema.[35] Será exposto neste capítulo, em certos períodos, o avanço dessa luta pelo tecido social e, em determinados momentos, quando recuou ou teve sua força diminuída.

O período aqui abordado também coincide com a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) que, contraditoriamente, acabou por facilitar os contatos das feministas brasileiras com outras militantes, sobretudo norte-americanas, quando as comunicações com a Europa foram interrompidas em função do conflito. Internamente, estava instaurado o Estado Novo (1937-

[35] Pesquisas recentes passaram a analisar criticamente o uso dessa metáfora como forma de homogeneizar o movimento e retratar os finais das "ondas" como fim da indignação, da esperança e do engajamento pela luta feminina. Pode-se compreender o uso do termo como uma conexão entre o passado e o futuro em meio à luta de várias gerações de feministas. Assim, ao utilizar a metáfora de *ondas* nos tempos entendidos como de calmaria que, na verdade, pode-se compreender como de perseguição e silenciamento, e não o fim do desejo de melhorar as condições das mulheres. Devem implicar que seguiram em atividade, possivelmente reorganizando-se e ganhando suficiente força para um novo e significativo avanço. ZIRBEL, Ilze. Ondas do Feminismo. *Revista Mulheres na Filosofia*, Campinas, v. 7, n. 2, p. 10-31, 2021.

1945), regime de força que suspendeu as eleições e a participação democrática, o que, contudo, não impediu completamente a mobilização das ativistas. Assim, este capítulo visa discutir as origens, a formação e as táticas que as ativistas da FBPF mobilizaram em âmbito do campo nacional, com o foco na biografia de Anna Amelia de uma forma expositiva.

## 1.1 Entrada no mundo intelectual: *Esperanças* (1911), *Alma* (1922) e *Ansiedade* (1926)

*Esta é Anna Amelia, rainha sem diadema.*
*Reina em doçura entre estudantes e anjos barrocos.*
*Calmos decassílabos fluem de suas mãos e vão voando para onde a poesia se concentra em bondade e beleza: sinônimo de alma.*[36]

Os versos de Carlos Drummond de Andrade tratam de Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça, objeto de análise desta dissertação. O poema, "Reunião em dezembro: 11/12/1971", que integrou a última obra publicada em vida pelo autor, valoriza o papel dos sentidos e emoções como catalisadores da memória. Embora traga conotação de sentimentos puros e harmoniosos, a poesia se define a partir de ares fúnebres, uma vez que foi produzida como tributo ao falecimento da intelectual.

Carlos Lacerda também integrou o *hall* de escritores que a homenagearam quando de seu falecimento. Os poemas e a militância de Anna Amelia a favor da juventude universitária comprovam a intensidade com que se dedicava à ideia de assistência e ao apoio aos estudantes. Nas palavras do autor:

> Nem de longe Anna Amelia concordava com tudo. Mas, numa coisa ela se antecipou ao que os estudantes de Paris, em maio de 68, escreveram na parede da Sorbonne. Para ela, já em 1933, no auge da ascensão do fascismo no mundo, "é proibido proibir". Liberal era ela, como uma inglesa que fosse. Ou uma autêntica mineira. Era liberal – mas militante. Não queria a liberdade só para si, mas para todos.37

Ambos os trechos auxiliam para moldar nesta narrativa histórica uma imagem inicial de Anna Amelia, retratada como uma grande defensora da educação e dos estudantes no início do século XX. Colaboram também para perceber que o sujeito histórico estudado influenciou e mediou certos aspectos culturais e movimentos sociais. Neste aspecto de introdução, seu arquivo privado também é uma rica fonte para compreender sua trajetória de vida política.

Até o final do século XX, era comum supor que havia escassez de documentos acumulados por mulheres preservados em instituições arquivísticas, porque vivia-se num

[36] ANDRADE, Carlos Drummond de. Reunião em dezembro: 11/12/1971. *Amar se aprende amando*. Rio de Janeiro: Record, 1987. p. 58.
[37] LACERDA, Carlos de. *Em vez*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975. p. 43-47.

contexto de silenciamento acerca de ações e de narrativas femininas. Conforme sinaliza Perrot, os arquivos públicos registravam o olhar de homens sobre homens. Neles não havia espaço, ou ele era diminuto, quando se trava de memórias femininas. Contudo, historicamente, coube às mulheres organizar as memórias privadas e familiares.[38] Nesse aspecto, é necessário que as instituições com guarda de arquivos desenvolvam estratégias de visibilidade que permitam retirar os documentos femininos das margens da historiografia.[39] O primeiro passo é observar e identificar que existem relações de poder dentro do arquivo, no qual se hierarquizam saberes.[40] Reflexões influenciadas por Foucault e Derrida apontam para "o poder que arquivos e arquivistas exercem sobre os campos da memória, do conhecimento e das identidades".[41] Esses três domínios são amplamente afetados quando os arquivos refletem apenas a perspectiva dos poderosos.

Quando se aplica essa discussão no acervo utilizado para a dissertação, nota-se que dos 209 arquivos que estão sob a guarda da Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas, apenas 11 são de titulares mulheres.[42] Diferentemente de outros arquivos femininos do CPDOC, o de Anna Amelia não se apresenta como anexo do arquivo de seu esposo, Marcos Carneiro de Mendonça. Sua trajetória não é classificada como de filha, esposa ou mãe de alguém, constituindo um acervo em que a titular é a protagonista. O acervo aqui discutido foi doado no ano de 2010 por sua neta, Priscilla Scott Bueno. Pode-se entender que esse arquivo fora constituído de acordo com os interesses, relevância e sentidos do conjunto, primeiro na perspectiva da titular e, posteriormente, de seus familiares, que podem ter reordenado, expurgado e/ou juntado novos materiais. O fundo, que reúne cerca de sete mil documentos textuais, além de audiovisuais, está organizado e dividido em seis séries. Foi aberto à consulta

---

[38] PERROT, Michelle. Práticas da Memória Feminina. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 9, n. 18, p. 9-18, ago./set. 1989. p. 15.

[39] No caso do acervo aqui utilizado, nota-se a presença de arquivos de mulheres desde a década de 1970. Entretanto, "faz-se importante observar que os arquivos de mulheres doados nos anos 70 chegaram, em sua maioria, anexados aos arquivos de titulares homens. Quatro dos 11 arquivos de mulheres foram depositados na FGV CPDOC como anexo dos arquivos de homens, de quem essas mulheres eram esposas ou mães. Diante dessa ausência e muito estimulada pelos recentes debates sobre a atuação da mulher na cena pública brasileira, a equipe da Escola publicou em 2015, a POLÍTICA DE ACERVO DA ESCOLA DE CIÊNCIA SOCIAIS DA FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS (FGV CPDOC), utilizando o marcador de gênero na definição de sua linha de acervo". MONTEIRO, Alessandra Nóbrega; COSTA, Ana Beatriz O. M.; ALVES, Carolina Gonçalves; MENDES, Juliana Maia. Arquivos Pessoais de Mulheres: a experiência da Escola de Ciências Sociais (FGV CPDOC). *In:* IX SEMINÁRIO DE SABERES ARQUIVÍSTICOS. *Anais…* São Paulo, 2019. p. 73-87. p. 79.

[40] FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. p. 36.

[41] DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. p. 11.

[42] A saber: Almerinda Farias Gama, Alzira Vargas do Amaral Peixoto, Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça, Celina Vargas do Amaral Peixoto, Delminda Aranha, Hermínia Collor, Hilda Machado, Luiza Aranha, Niomar Moniz Sodré, Rosalina Coelho Lisboa e Yvonne Maggie. MONTEIRO, Alessandra Nóbrega; COSTA, Ana Beatriz O. M.; ALVES, Carolina Gonçalves; MENDES, Juliana Maia. *Op. cit*., 2019, p. 73-87.

em 2018 e parte total dele é acessível no portal da instituição.[43] Segundo o Guia de Arquivos do CPDOC:

> O conjunto de documentos reunidos é importante para pesquisadores interessados nas lutas femininas ocorridas no Brasil no início do século XX e nas tentativas dos movimentos feministas de promover debates sobre o direito e a saúde da mulher. O arquivo também é relevante para pesquisas sobre a questão estudantil no Brasil, sobretudo no que diz respeito à atuação da titular na Casa do Estudante do Brasil, criada em 1929, e na Casa do Estudante, inaugurada na Cidade Universitária de Paris em 1959. No campo da Literatura, o arquivo apresenta documentos sobre a atuação da titular como poetisa e tradutora.[44]

Quadro 1: Dados sobre a organização do fundo Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça

| Acervo | Total de documentos | Conteúdo |
|---|---|---|
| **Literatura** | 2456 | A série Literatura agrupa documentos sobre a relação de Anna Amelia com o campo literário, com destaque para poesias, textos, traduções e impressos de "Dois meses entre os americanos" e "Castro Alves", de autoria da titular. |
| **Militância Estudantil** | 601 | No conjunto de documentos reunidos da série Militância Estudantil encontram-se documentos sobre a Casa do Estudante do Brasil (CEB), criada em 1929 e Casa do Estudante do Brasil na Cidade Universitária de Paris, inaugurada em 1959, além de documentos sobre a atuação de Anna Amelia no campo da educação. |
| **Militância Feminista** | 590 | Na série Militância Feminista podem ser encontrados documentos sobre a atuação de Anna Amelia na luta pelos direitos da mulher, com destaque para debates sobre a questão sufragista, saúde feminina e importância da atuação política da mulher em tempos de guerra. Inclui documentos sobre a participação da titular como delegada no Congresso Feminino em Istambul, em 1935, e na Comissão Interamericana de Mulheres (CIM), organismo intergovernamental criado em 1928 para tratar especificamente dos direitos da mulher. |
| **Participação e colaboração em associações, órgãos e institutos** | 505 | A série Participação e Colaboração em Associações, Órgãos e Institutos reúne documentos sobre a participação e colaboração de Anna Amelia em diversas instituições, como os Institutos Históricos de Minas Gerais e Ouro Preto, o Museu Imperial de Petrópolis, com destaque para a atuação da titular na Associação Brasileira de Educação (ABE) e no Instituto Brasileiro de Educação Ciência e Cultura (IBECC). São, em sua maioria, documentos administrativos que registram a atuação de Anna Amelia em atividades regulares dessas instituições. A série também reúne documentos sobre |

[43] CPDOC. Acervo Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça. *Fundação Getúlio Vargas*. Disponível em: https://docvirt.com/docreader.net/docmulti.aspx?bib=fgv_aacm. Acesso em: 12 jul. 2023.
[44] CPDOC. Acervo Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça. *Fundação Getúlio Vargas*. Disponível em: http://www.fgv.br/cpdoc/guia/detalhesfundo.aspx?sigla=AACM. Acesso em: 12 jul. 2023.

| | | |
|---|---|---|
| | | a Usina Boa Esperança, adquirida por José Joaquim Queiroz Junior, pai de Anna Amelia, por volta de 1900. |
| **Documentos Póstumos** | 374 | A série Documentos Póstumos abriga cartas de pesar enviadas aos familiares de Anna Amelia pelo seu falecimento, em 1971. |
| **Vida privada** | 2569 | Na série foi agrupada a documentação de caráter pessoal de Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça, como passaportes, título de eleitor, certidão de casamento, identidade, correspondência, documentos de viagens da família, pedidos, agradecimentos, felicitações, convites e homenagens feitos à Anna Amelia e a seu marido, Marcos Carneiro de Mendonça; além de documentos sobre as Bodas de Ouro do casal. Essa série também reúne documentos sobre joias, leilões e coleções que registram o interesse da titular por obras de arte. |

Fonte: Acervo Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça, CPDOC. Quadro organizado pela autora.

Como exposto, o arquivo privado de Anna Amelia a retrata a partir de diversos campos e momentos históricos, percorrendo o total de sete décadas. Sem dúvida, não se trata de abordar todos os aspectos da atuação da intelectual, mas concentrar-se nos que dizem respeito às relações de gênero e ao gênero feminino. A seleção feita para montar o núcleo documental deu-se a partir do recorte de duas categorias: período histórico analisado, que corresponde às décadas de 1930 e 1940; e meios de propagação de suas ideias e mediações. Assim, ao longo da dissertação, serão analisados, método e historicamente, três tipos de documentos: correspondências trocadas no âmbito privado; atas de congressos; e colaborações em periódicos. Os dois primeiros estão presentes em seu arquivo privado, nos acervos Militância feminista, Participação e colaboração em associações, órgãos e institutos e Vida privada. Apenas o terceiro encontra-se na Hemeroteca Digital brasileira.

Na perspectiva de construção de uma narrativa histórica, outros documentos encontrados em seu arquivo foram mobilizados com o intuito de auxiliar o entendimento da persona aqui estudada, a saber: homenagens à Anna Amelia, agradecimentos, notas póstumas e notas em periódicos descrevendo a intelectual. Para além do arquivo, foi utilizada outra homenagem relacionada a sua vida e obras. A publicação, acompanhada de catálogo e em formato de livro, é referente a uma exposição realizada no centenário de nascimento de Anna Amelia, em 1996. De autoria da jornalista e escritora Clara Arreguy, foi realizada pelo governo de Minas Gerais, juntamente com o Instituto Cultural Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais (BDMG).[45] O questionamento que, inicialmente, surgiu foi o porquê de outro estado

[45] ARREGUY, Clara. *Anna Amelia, alma de cristal*. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 1996. O livro foi fruto da exposição, realizada com projeto gráfico e materiais imagéticos. Segundo Clara Arreguy, não havia a intenção do

homenagear uma pessoa que nasceu no bairro da Tijuca, no Rio de Janeiro, e lá passou grande parte de sua existência. Para responder a essa indagação, é necessário compreender a primeira década de vida de Anna Amelia.

Pelo menos parte da resposta está no título de seu primeiro livro de sonetos, *Esperanças, recordações de infância*.[46] A Usina Esperança, localizada na atual cidade de Itabirito, interior de Minas Gerais, foi onde ela cresceu e viveu durante a infância. A siderúrgica pertencia, desde 1902, ao seu pai, o engenheiro José Joaquim de Queiroz Júnior (1870-1916).[47] A partir da mudança da família para a usina, a antiga fábrica de aço transformou-se na primeira indústria siderúrgica comercial a funcionar regularmente no Brasil.[48] É provável que as constantes referências à infância em terras mineiras, associadas à sua atuação em diferentes campos culturais e ao destaque alcançado pelo seu pai, considerado um pioneiro da siderurgia, ajudem a compreender a decisão de instituições de Minas Gerais em comemorar o seu centenário.

Chama atenção a sua estreia literária, que ocorreu quando tinha apenas quatorze anos e, ainda, o fato de ter sido recebida com entusiasmo pela crítica. A título de ilustração, o intelectual, jornalista e escritor João do Rio – pseudônimo de Paulo Barreto – chegou a comentar: "Ou esses versos não são desta criança ou essa criança é um Shelley tropical".[49] Outra curiosidade é que a obra foi impressa pelo famoso selo da editora Garnier, em Paris.[50] Desde já fica nítido que a personagem e sua família pertenciam às classes abastadas e que a educação era um aspecto desde cedo valorizado na formação da jovem. O prefácio redigido por Mário de Lima relata que, "enquanto, em tão verdes anos, outros choramingam no subjetivismo

---

BDMG Cultural em lançar tal publicação, mas devido à riqueza do evento, imprimiram uma tiragem de 200 exemplares.

[46] MENDONÇA, Anna Amelia de Queiroz. *Esperanças, recordações de infância*. Paris: Garnier, 1911.

[47] Fundada em 1884 pela Companhia Nacional de Forjas e Estaleiros e localizada à época na freguesia de Itabira do Campo (atual Itabirito/MG), então província de Ouro Preto, a siderúrgica entrou em falência devido às dívidas para com seus credores hipotecários no ano de 1899, entre eles o Banco da Lavoura e o Comércio do Brasil, dirigido pelo Comendador José Joaquim de Queiroz, avô de Anna Amelia. A respeito, ver: ALFONSO-GOLDFARB, Ana Maria. Um estudo sobre a implantação da moderna siderurgia no Brasil: o caso da usina Queiroz Junior. *Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência*, v. 10, p. 3-12, jul./dez. 1993.

[48] No terceiro tomo da obra *História Geral da Civilização Brasileira*, a usina é citada como a única bem-sucedida no ramo da metalurgia no período da Primeira República. Ver: CARDOSO, Fernando Henrique. A industrialização durante a República Velha. *In*: FAUSTO, Boris (org.). *O Brasil republicano:* estrutura de poder e economia (1889-1930). 8a. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. v. 8. p. 277-313. Anna Amelia referiu-se ao pai em crônicas como "O bandeirante de ferro" e "O grande lutador". A atuação do empresário estava em sintonia com a nova ordem social e econômica então em ascensão. As crônicas estão disponíveis no acervo de Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça, no CPDOC.

[49] Relato contido na obra de: SANDRONI, Cícero. *Austregésilo de Athayde*: o século de um liberal. Rio de Janeiro: Agir, 1998. p. 232.

[50] Alberto de Queiroz, tio paterno, viajou à Europa e supervisionou a impressão e publicação da obra. O apoio dos pais, principalmente de sua mãe, Laura Palhares Machado de Queiroz (1874-1941), foi decisivo, pois dela partiu a ideia de publicar o livro no exterior. Em carta ao marido, afirmou: "convém aproveitar esta oportunidade não só porque fica muito mais barato, como porque ficará o serviço mais perfeito". Carta manuscrita de Laura Palhares Machado de Queiroz a José Joaquim de Queiroz Júnior, 17/05/1911.

gasto de produções enfezadas e sem originalidade, a poetisa de *Esperanças* entoa hinos à indústria e filosofa sobre a insaciabilidade da aspiração humana em versos inspirados".[51]

Durante mais de dez anos, Anna Amelia – como gostava de ser chamada e como assinou a maioria de seus escritos – residiu com seus pais e irmã[52] no interior do estado, nos arredores da Usina (Figura 1). Sua vivência foi isolada das cidades e dos grandes centros urbanos e, dessa forma, toda a instrução das irmãs deu-se em casa, com preceptoras, uma delas brasileira, duas inglesas e duas alemãs. Devido à aptidão para o aprendizado de línguas, aprendeu ampla variedade ao longo do processo de ensino, o que proporcionou com que viesse a se dedicar no campo da tradução, em que foi amplamente reconhecida. Pode-se concluir que as reflexões contidas em seu livro abarcavam as vivências e pensamentos com os quais a personagem entrou em contato nesse ambiente, que deve ser completada pela noção de *generatividade*, que diz respeito à relação entre as gerações. Nesse sentido, quando discutido sobre a prática histórica, Koselleck afirma que toda história trata de experiências adquiridas das mais variadas maneiras. Um desses modos pode ser considerado geracional, ou seja, quando se repetem e são reunidas a partir de um processo de acumulação de unidades geracionais políticas e sociais. Segundo o autor, é necessário, em toda narrativa histórica, recorrer às fontes primárias a fim de desvelar não apenas o caráter inconfundível das experiências singulares, mas das experiências adquiridas por gerações específicas.[53] Para Koselleck, "as mudanças e choques de gerações são constitutivos por antonomásia do horizonte temporal finito, por cujo respectivo deslocamento e solapamento generativo acontecem histórias".[54]

[51] Mendonça, Anna Amelia de Queiroz. *Op. cit.*, 1911, p. 4.
[52] Anna Amelia teve duas irmãs: Laura Margarida de Queiroz Costa (1898-1995), casada com o comandante da armada portuguesa Joaquim Costa, e Maria José de Queiroz Austregésilo de Athayde (1911-1982), que esposou o intelectual Belarmino Maria Austregésilo Augusto de Athayde (1898-1993). Durante sua infância e juventude, foi mais próxima de Laura do que de Maria José.
[53] KOSELLECK, Reinhart. *Estratos do tempo*: estudos sobre história. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.
[54] *Ibidem*, p. 82.

Figura 1: José Joaquim de Queiroz Jr., Laura Palhares Machado de Queiroz e as filhas Laura Margarida e Anna Amelia em frente à casa da Usina Esperança, em 1909

Fonte: Arquivo Anna Amelia, CPDOC. Fundação Getúlio Vargas.

Ao analisar mais a fundo os poemas contidos em seu livro de estreia, nota-se que a política não se ausentou. Em um dos sonetos, o tema abordado foi a eleição presidencial do ano de 1910, que opôs Rui Barbosa ao Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca. A Campanha Civilista é considerada pela historiografia brasileira marco fundamental da nossa história política, sendo a primeira disputa eleitoral moderna. A contenda travada entre militar e senador tomou conta do país com comícios, divulgação de panfletos e marchinhas carnavalescas no intuito de apresentar à população os candidatos. O nome de civilista derivou da defesa de um civil, Rui Barbosa, em oposição ao militar Hermes da Fonseca, e colocou no centro do debate a questão do voto de cabresto e a defesa das tradições liberais, como se vê no excerto de Anna Amelia:

> Estudando, ao correr de uma vida gloriosa, / alcançaste da ciência os picos altaneiros, /e brilhas como um sol de talento e saber.
> Salve ó anjo da paz, ó grande Rui Barbosa. / Aqui tens a teus pés todos os brasileiros/ que amam a liberdade, a justiça e o dever.[55]

"A Rui Barbosa" traz como tema os princípios democráticos, juntamente com um patriotismo que expressa a gratidão dos brasileiros. Nas estrofes acima, fica evidente o valor que Anna Amelia atribuiu à educação, já que a difusão da instrução seria a chave para a solução de todos os problemas sociais, econômicos e políticos do país. Anos mais tarde, Barbosa

[55] Mendonça, Anna Amelia de Queiroz. A Rui Barbosa. *Op. cit*, 1911, p. 55.

manifestou-se favorável à inserção feminina entre os eleitores no Brasil e advogou sua constitucionalidade durante uma das conferências proferidas quando de segunda candidatura à presidência, em 1919.[56]

Figura 2: Capa do livro *Esperanças, recordações de infância*, de Anna Amelia de Queiroz, publicado em 1911

Fonte: Anna Amelia, livros, versos, poemas e prosa. *Memória de família*. Disponível em: https://memoriadefamilia.com.br/index.php?apg=album_view&ida=30&idpa=5768&ori=arv. Acesso em: 17 jul. 2023.

Em suma, a política era um elemento que interessava a família da jovem poeta. Nas crônicas sobre seu pai, já citadas, ela referiu-se às conversas literárias e filosóficas em torno da mesa de jantar: "Meu pai recitava o famoso monólogo de Hamlet e monologava também sobre a filosofia da vida." Citações sobre a filosofia de Augusto Comte[57] e a influência positivista, que pregava a educação universal, eram valores que formaram sua leitura de mundo, compartilhada por setores políticos e intelectuais da sociedade do período. A aptidão e habilidade em áreas como a poesia e a tradução são características que marcaram e acompanharam Anna Amelia por toda sua trajetória.

Os ideais das classes médias traziam consigo valores do positivismo difundidos pelos militares e industriais no Brasil pré-republicano. A filosofia de Comte referia-se às mulheres, tal como Rousseau, como menos capazes de compreender os assuntos políticos, que somente

[56] Na ocasião, Barbosa pedia a intervenção do Estado em favor dos trabalhadores e incorporava em seu programa ideias em voga nas principais nações desenvolvidas, dentre elas, a do sufrágio feminino. BARBOSA, Rui. *A questão social e política no Brasil.* Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1983.

[57] Durante a campanha abolicionista e republicana dos anos 1870, o pensamento de Comte foi difundido por seus seguidores e contribuiu para espalhar o positivismo no Brasil. Ivan Lins utiliza, em seu livro, um relato de João do Rio para expor a importância da figura feminina no culto do Apostolado positivista. "As mulheres devem amar o positivismo. Comte dignificou-se. A mulher é a força moderadora, o sentimento puro do amor que faz a sociabilidade, é a sacerdotisa espontânea da Humanidade que modifica pela afeição o orgulho vão e o reino da força: a mulher é a humildade, o foco do culto no lar, é Beatriz, Clotilde […]". LINS, Ivan. *História do positivismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Brasiliana, 1967. p. 432.

os homens seriam capazes de dominar.[58] Entretanto, isso não impedia que o filósofo francês pregasse a educação universal, o que tornava seu pensamento um dos primeiros a defender a educação, antes negada às mulheres. A ideologia positivista trazia um posicionamento negativo em relação ao exercício do voto feminino, entrave para a organização de movimento de emancipação civil das mulheres. Para os seguidores do positivismo, a educação feminina deveria ser mínima, uma vez que objetivava a elevação cultural da mulher para, apenas, garantir a moral dos filhos e permanecerem circunscritas ao lar.[59]

A despeito das esperanças colocadas no nascente regime republicano, não se cumpriu a promessa de ampliar a participação popular, porque continuou em vigor o voto restrito, que excluía mulheres e analfabetos. Já no âmbito econômico, a implantação de um vigoroso setor industrial tampouco se efetivou, pois o país continuou dependente sobretudo da produção agrícola e da importação. A trajetória do patriarca da família de Anna Amelia, que estudou engenharia civil e atuou no ramo siderúrgico, garantia-lhe certo grau de excepcionalidade no contexto da época. A jovem poetisa presenciou todo o processo de diversificação social, via imigração, urbanização, burocratização do Estado e industrialização, que permitiu o crescimento das camadas médias. Nelas, a figura feminina passou a exercer novos papéis dentro da estrutura social e, junto das questões de participação política das mulheres ocupando a agenda do dia, a busca por ascensão social também passou a estar presente, fruto das oportunidades garantidas pela estrutura escolar e pelo acesso à cultura etilizada. Ao relacionar com a escrita da história, na experiência especificamente moderna os eventos são sempre ultrapassados por outros, que também mudam seus pressupostos, assim, retrata-se que o grande tema desse período passou a ser a própria mudança.[60]

Nesse contexto, a engajada e militante Anna Amelia, com mais de 30 anos e, portanto, não mais em sua juventude, emergiu no cenário social. Entretanto, sua entrada para o mundo intelectual ocorreu, de fato, com a publicação de seu segundo livro, *Alma*,[61] em 1922. Cabe analisar o período anterior, compreendido entre os primeiros poemas da ainda adolescente e a obra da mulher, que se casara em 1917 e que circulava no mundo cultural e político.

Em 1912, em função da enfermidade de seu pai, Anna Amelia e a família mudaram-se para a cidade do Rio de Janeiro. A jovem passou a residir na capital do país, recém-modernizada no seu traçado urbano pelas intervenções levadas a efeito pelo prefeito Pereira Passos, entre

---

[58] Para Comte, o exercício do voto exporia as mulheres – entendidas como o tesouro moral da Nação – ao mundo "sujo" da política. COMTE, Auguste. *Discurso sobre o espírito positivo*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
[59] *Ibidem*.
[60] KOSELLECK, Reinhart. *Op. cit*, 2014, p. 72.
[61] MENDONÇA, Anna Amelia de Queiroz Carneiro de. *Alma*. Rio de Janeiro: Empresa Brasil, 1922.

1902 e 1906. A cidade concentrava a vida cultural e intelectual, e para ela se dirigiam os que sonhavam em triunfar no mundo letrado.

Figura 3: Anna Amelia, irmã e primas maternas na cidade do Rio de Janeiro, em 1913

Sentadas, da esquerda para a direita, estão sua irmã Laura Margarida, sua prima Beatriz Machado, Anna Amelia e sua prima Olga Machado. Em pé, ao fundo, sua mãe Laura. Fonte: Arquivo Anna Amelia, CPDOC.

A jovem, com pendor literário, frequentava a Livraria Garnier, onde conheceu Hermes Fontes[62] e o poeta Alberto de Oliveira (1857-1937).[63] Nas cartas endereçadas à sua mãe, Hermes Fontes tornou-se amigo próximo e frequentador de sua casa.[64] Coelho Neto (1864-1934) também integrou o rol de personalidades que a jovem conheceu e de quem se aproximou. Considerado o "Príncipe dos Prosadores Brasileiros" e grande defensor do futebol, o escritor, que frequentou a casa da família,[65] incentivou-a a tomar o jogo, ainda recente no país, como tema de sua poesia.

[62] Hermes Floro Bartolomeu Martins de Araújo Fontes (1888-1930) foi jornalista e poeta brasileiro. Trabalhou em periódicos importantes do período e publicou, no total, seis obras literárias. Sempre lembrado pelo seu trágico fim, ou seja, seu suicídio com um tiro na cabeça em sua casa, dias depois de confessar aos amigos que estava amargurado com as situações em que se envolvera quando apoiou a Revolução de 1930. MENDONÇA, Anna Amelia Carneiro de. Página de Lembrança. *O Jornal*, Rio de Janeiro, n. 3739, 18 jan. 1931, p. 12.; AUXILIAR, Garcia. O trágico fim do poeta Hermes Fontes. *O Jornal*, Rio de Janeiro, ano 12, n. 3720, 27 dez. 1930, p. 1.

[63] Relato contido em carta manuscrita de Laura Palhares Machado de Queiroz a José Joaquim de Queiroz Júnior, 28/08/1913. Fundação Getúlio Vargas. CPDOC. Guia de Arquivos, AACM.

[64] "Saiu [Hermes Fontes] daqui à meia noite, desculpando-se de se ter esquecido da hora e dizendo que tinha encontrado a alma eleita! Impagável aquela figurinha feia, quase disforme, que parece iluminar-se ao falar!" Carta manuscrita de Laura Palhares Machado de Queiroz a José Joaquim de Queiroz Júnior, 05/09/1913.

[65] "Entre uma poesia e outra, os mais velhos, entre eles a figura miúda, mas respeitadíssima, de Coelho Neto, sentavam-se nas poltronas de vime de uma ampla e floral varanda que dava para o jardim dos fundos, a discutir todos os assuntos, mas principalmente literatura, que andava efervescente com as ameaças dos modernistas por todos os lados". BENEVISTE, Walter. *Visitas de médico*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1978. p. 37.

O interesse pelo esporte levou-a a frequentar os estádios, onde conheceu seu futuro esposo, Marcos Cláudio Phelippe Carneiro de Mendonça (1894-1988).[66] Tal hábito, ainda pouco difundido entre as mulheres, fez de Anna Amelia pioneira na abordagem literária do tema.[67] Seu interesse ficou evidente em seu aniversário de 13 anos, quando, ao ganhar uma bola e um manual das regras do futebol em inglês, traduziu-o para poder ensinar e jogar com os filhos dos funcionários da siderúrgica de seu pai. Assim, seu segundo livro (Figura 4) continha poemas relativos ao futebol, também em homenagem ao marido, razão pela qual é referida como a primeira "Maria Chuteira",[68] estereótipo que acompanha as esposas de jogadores. A persistência da terminologia indica a força da caracterização, ainda frequente na contemporaneidade. Segundo Dulcília Buitoni, compreende-se a força da ideologia transmitida e difundida por mais de um século pela imprensa[69] e outros veículos de comunicação, que acabaram por adentrar no imaginário social e dar origem a chavões como "mundo da mulher", "eterno feminino" e "Maria Chuteira". De toda forma, as ideias do modernismo estavam em alta nesse momento, permitindo que muitos grupos e, dentre eles, muitas artistas aproveitassem o momento para divulgar trabalhos que contestassem os costumes.

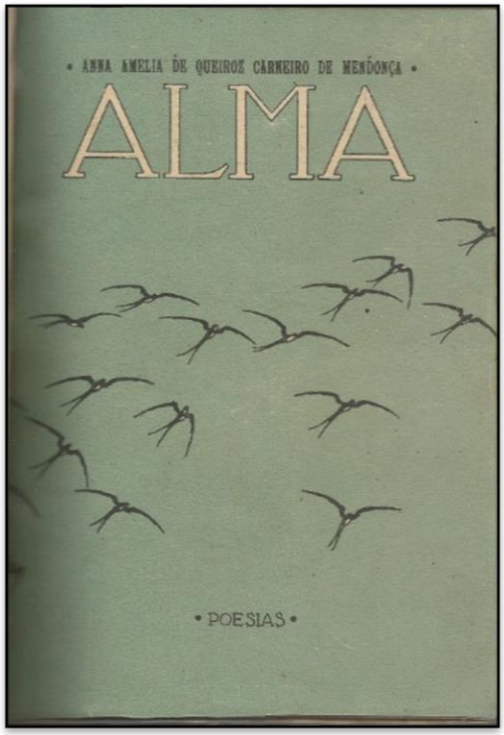
[66] Foi desportista, empresário da Usina Queiroz Júnior (antiga Usina Esperança) e alguns anos depois tornara-se historiador. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e criador do Centro de Estudos e Pesquisas Históricas (CEPH). Dedicou seus estudos à pesquisa sobre o século XVII no Brasil e especializou-se no período de Marquês de Pombal. Dessa forma, o casamento auxiliou na ascensão de ambos para o mundo intelectual. Ambos eram tidos pela sociedade por grandes intelectuais, corroborando para transformar as residências que moraram em lugares de encontros, debates e eventos culturais.

[67] WOOD, David. A história do futebol e da literatura no Brasil (1908-1938). *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 32, n. 68, p. 744-764, set./dez. 2019.

[68] WILKSON, Adriano. 1ª Maria-Chuteira do Brasil fez poesia para conquistar o goleiro da seleção. *UOL*, 10 fev. 2014.

[69] Segundo Buitoni, a imprensa feminina "é a mais 'ideologizada' que a imprensa dedica ao público em geral. Sob a aparência da neutralidade, a imprensa feminina veicula conteúdos muito fortes. E complementa que no século XIX, encontramos duas direções bem definidas na imprensa feminina: a tradicional, que não permite liberdade de ação fora do lar e que engrandece as virtudes domésticas e as qualidades 'femininas'; e a progressista, que defende os direitos das mulheres, dando grande ênfase à educação". BUITONI, Dulcília H. Schroeder. *Op. Cit.*, 2009, p. 55.

Figura 4: Capa do livro *Alma*, de Anna Amelia Carneiro de Mendonça, publicada em 1922




Fonte: Anna Amelia, livros, versos, poemas e prosa. *Livraria Memorial*. Disponível em: https://www.livrariamemorial.com.br/peca.asp?ID=5272104. Acesso em: 30 jul. 2023.

Já sua terceira obra, *Ansiedade*,[70] foi publicada em 1926 e era composta por poemas de tom melancólico, como, aliás, já indica o título. Cinco deles foram dedicados a indivíduos de sua convivência e, na ocasião, falecidos, como seu pai e a filha, cuja morte foi prematura. Outros tratam dos dilemas que envolvem a produção científica e cultural de modo mais amplo e, pela primeira vez, ela abordou sentimentos relativos à condição feminina – amor, casamento e maternidade. Apesar das inúmeras analogias com os sentimentos humanos como as ânsias eternas, o temor à morte e o dever de "secar todas as lágrimas do mundo", os poemas também retratam os sonhos dos homens e das mulheres com a vida, ideias para a harmonia da natureza; o que pode ser considerado um "romantismo tardio". Vê-se a mudança de perspectiva de sua obra publicada no auge do discurso e movimento modernista, dado que *Ansiedade* abarca compreensões mais pessimistas da vida. Posto que Anna Amelia passava a participar do mundo letrado, integrara também os meios intelectuais e, como sujeito de seu tempo, questionava, pensava e repensava o presente – e a si mesma enquanto parte do coletivo humano.

Aos poucos, a jovem poeta transformou a casa da família em um centro de reuniões de escritores, jornalistas, intelectuais, poetas e declamadores. Os relatos contidos no livro

[70] MENDONÇA, Anna Amelia de Queiroz Carneiro de. *Ansiedade.* Rio de Janeiro: Empresa Brasil, 1926.

biográfico sobre Austregésilo de Athayde,[71] intelectual que se casou com a irmã mais nova de Anna Amelia, no ano de 1933, comprovam o grande círculo cultural que organizou e integrou.[72]

Pode-se relacionar a intensa atuação de Anna Amelia às atividades intelectuais, tal como propõe a história política renovada, na perspectiva defendida por René Remond.[73] Essa obra pode ser considerada uma espécie de manifesto que reabilita o político, já que trata sobre uma "afirmação coletiva" da história política enquanto instrumento para a explicação do social. Conforme o autor, é necessário admitir que, em função de maior demanda por parte da sociedade em relação ao Estado, houve um despertar crescente em torno das demandas de associações de classe, sindicatos, categorias profissionais, opinião pública e imprensa, que "suscitaram o interesse pela política e voltaram suas ações práticas, como greves, reivindicações e manifestações públicas, para o Estado, exigindo do mesmo uma tomada de posição acerca de suas demandas".[74] Observa-se, portanto, o retorno do político enquanto objeto de interesse investigativo, cuja abordagem é coerente com a complexidade do processo histórico. Nessa perspectiva e relacionada com a narrativa histórica, o historiador tem uma visão privilegiada do acontecimento, do seu objeto, por saber a trajetória da experiência e dos acontecimentos.

O engajamento em associações assistencialistas marcou a imagem pública de Anna Amelia, condição não diversa da natureza intelectual. A primeira organização de peso que integrou foi a Instituição Pró-Matre,[75] onde conheceu e tornou-se amiga íntima de Maria Eugenia Celso[76] e de Pascoal Carlos Magno, vindo a aprofundar-se na causa estudantil (Figura 5).[77] Logo após o ingresso na Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), liderada

---

[71] SANDRONI, Cícero. *Op. cit.*, 1998

[72] Em um dos relatos, um admirador de Marcos Mendonça, expôs: "Os convites para os saraus que ali se realizavam eram cobiçados pela rapaziada porque tudo era excelente. […] Mas as grandes estrelas eram as três irmãs: Anna Amelia, Laura Margarida e Maria José. Foi na Rua Marquês de Abrantes que conheci Austregésilo de Athayde". Em outro relato um amigo da família contou: "Em Botafogo, os literatos reuniam-se na casa de D. Laura Machado de Queiroz, convidados por suas filhas Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça e Laura Margarida. Era lá, no número 189 da Rua Marquês de Abrantes, que íamos aplaudir a declamadora Berta Singermann, a meio de suas temporadas coroadas e tanto êxito numa cidade empolgada pela poesia". SANDRONI, Cícero. *Op. cit.*, 1998, p. 232, 235.

[73] REMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

[74] CORREA, Rubens Arantes. Os intelectuais e a escrita da História: as contribuições metodológicas de Jean-François Sirinelli. *Revista Escritas*, Tocantins, v. 8, n. 2, p. 265-278, 2016.

[75] O Hospital Pró-Matre, maternidade que auxiliava mães desamparadas e crianças órfãs, nasceu a partir do engajamento de Stella Guerra Duval e de assistencialistas. Maria Eugenia Celso e Anna Amelia criaram uma peça de teatro que estreou Pascoal Carlos Magno no mundo público, *Amores de Abat-jour*, apresentada no ano de 1926 em um evento beneficente para a instituição.

[76] Maria Eugênia Celso Carneiro de Mendonça (1886-1963), filha do Conde de Affonso Celso, foi uma das fundadoras e vice-presidentes da FBPF. Trabalhou por anos como colaboradora de impressos periódicos como *Jornal do Brasil* e as *Revista da Semana*, escrevendo sobre arte, cultura e feminismo.

[77] No ano de 1928, Anna Amelia foi eleita Rainha dos Estudantes e fundou, com Paschoal Carlos Magno, Paulo Celso Moutinho e outros moços idealistas, a Casa do Estudante do Brasil (CEB), com o objetivo de apoiar os jovens pobres que vinham de outras regiões estudar no Rio de Janeiro. Organizou o primeiro restaurante

por Bertha Lutz,[78] filiou-se à Federação Internacional das Mulheres, cujo objetivo era desenvolver novos currículos de ensino e proporcionar cuidados de saúde e educação sanitária a mulheres e crianças pobres.

Figura 5: Coroação de Anna Amelia como Rainha dos Estudantes no Teatro Municipal, em 1928

Ao centro, e sentada no trono, Anna Amelia, ao lado de Pascoal Carlos Magno, à sua direita, e Maria Luiza Bittencourt Frota Aguiar, filiada a FBPF, à sua esquerda, vestida de branco. Fonte: Arquivo Anna Amelia, CPDOC. Fundação Getúlio Vargas.

As mulheres que se envolveram em trabalhos voluntários em favor de causas caritativas, vindas de classes média e alta, não sofreram o preconceito e discriminação que acontecia com a enorme maioria das que ingressavam na força de trabalho remunerada. O trabalho feminino de caridade era visto positivamente pelos profissionais e intelectuais, sendo compreendido como um meio importante de promover paz social e moralizar os costumes. Nessa perspectiva, o assistencialismo das líderes feministas das organizações de caridade no Brasil é tido como uma forma de reforço à hierarquia de gênero, já que contribuía para a perpetuação de estereótipos da natureza feminina, que definiam estritamente os papéis públicos adequados.[79] Estudos sobre o assunto retratam as organizações femininas de caridade como um mecanismo

universitário da cidade e, com sua influência, conseguiu bolsas de estudo para muitos jovens. Mais tarde, Anna Amelia teve o apoio de outros moços, como Carlos de Lacerda – que dirigiu a revista literária da Casa, *Rumo* – e Fernando Segismundo. Com Paschoal Carlos Magno fundou o Teatro do Estudante.

[78] Bertha Maria Júlia Lutz nasceu na cidade de São Paulo, em 1894. Diplomou-se em Biologia pela Universidade de Paris e em Direito, pela Universidade do Rio de Janeiro. No ano de 1919, concorreu a uma colaboração de secretária no Museu Nacional no Rio de Janeiro, tornando-se a segunda mulher a ocupar um posto no serviço público brasileiro. Foi a principal fundadora da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. Para mais informações sobre Bertha Lutz, ver: SOIHET, Rachel. *Bertha Lutz e a Ascensão social da Mulher (1919-1937).* Dissertação (Mestrado em História) Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 1974.; SOIHET, Rachel. *O Feminismo tático de Bertha Lutz.* Florianópolis: Mulheres, 2006.; HAHNER, June. *Emancipação do Sexo Feminino.* A luta pelos direitos da mulher no Brasil, 1850-1940. Florianópolis: Mulheres, 2003.

[79] BESSE, Susan K. *Modernizando a desigualdade:* Reconstrução da ideologia de gênero no Brasil, 1914-1940. São Paulo: Edusp, 1999. p. 168.

de controle social, tanto dos benfeitores quanto dos beneficiários. Entretanto, há de se considerar que as mulheres devotadas à programas de assistência social encontravam um meio de participação na vida pública, ou seja, uma válvula de escape do mundo doméstico, ao que se somava os elogios pelo altruísmo, dedicação e virtude moral, sem que se reconhecessem sua capacidade de atuação.[80]

Essas organizações de caridade eram dirigidas por mulheres brancas com alto poder aquisitivo. Dessa forma, essas figuras femininas passaram a serem consideradas como pessoas influentes na sociedade burguesa e generosamente financiadas pelo governo e pela indústria, elas serviam aos interesses da classe alta em suas tentativas de mitigar, e não solucionar, o sofrimento dos oprimidos. Em 1927, por ocasião de evento realizado no salão do Automóvel Club do Brasil,[81] o tenente coronel e adido militar do Chile, Augustin Benedicto, proferiu a conferência "A mulher e sua influência no futuro de um país", com intuito de homenagear Jeronyma Mesquita[82] e Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça. O discurso iniciou-se com evocação dos nomes de Maria Eugenia Celso e Stella Guerra Duval e, no campo político, Rosalina Coelho Lisboa e Bertha Lutz, caracterizadas como as "mais destacadas de seu mundo social nas obras de assistência e expansão da cultura". Em relação às duas homenageadas, sobre Anna Amelia destacou seus eventos realizados no clube, aumentando "a cultura espiritual da mulher", os quais difundiam o acesso à cultura e à arte para ambos os gêneros. É interessante que a palestra fora concluída com delongas sobre "o trabalho das mulheres desta época, que é imunizar a população do contágio desse câncer da humanidade que se chama comunismo." Muito além de apenas homenagear as ações e contribuições de mulheres de ambos os países, o intuito da conferência centrou-se na reafirmação de concepções ideológicas nacionalistas, patrióticas e anticomunistas.

Em 1928, Anna Amelia recebeu convite do presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), o Conde de Affonso Celso, para participar do primeiro ciclo de palestras proferidas exclusivamente por mulheres. O evento, "Tardes do Instituto", promoveu cinco dias de conferências, contando com as seguintes conferencistas: Maria Eugenia Celso, que abriu o ciclo com a temática "O espírito e heroísmo da mulher brasileira", Maria Junqueira

[80] SAFFIOTI, Heleieth I. B. *A Mulher na sociedade de classes*: mito e realidade. Petrópolis: Vozes, 1976. p. 76.
[81] Pertencente aos clubes de sociabilidade da elite do país, como a Academia Brasileira de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. O Automóvel Clube do Brasil (1903), localizado na cidade do Rio de Janeiro, comungava os ideais de passeio, lazer, viagem e abertura de estradas automotivas. Anna Amelia era sócia e diretora artística do clube desde a década de 1920, onde promoveu inúmeros eventos culturais.
[82] Trabalhou junto à Stella Guerra Duval no Pró-Matre e foi uma das mulheres que compunham o grupo de Bertha Lutz como fundadoras da LEIM e da FBPF.

Shmidt, Maroquinha Jacobina Rabello e Anna Amelia Carneiro de Mendonça encerrou com a palestra "Prosadoras e poetisas brasileiras".[83]

Anna Amelia tratou da produção feminina em diferentes regiões do país desde o século XVIII, destacando nomes, comentando obras, sem deixar de observar as condições desfavoráveis das mulheres no campo literário. Sua intenção foi apontar o apagamento de escritoras pouco reconhecias, simplesmente por serem mulheres. Concluiu, de forma bastante crítica:

> Não só o tempo me foi escasso para estudar profundamente o assunto, como o próprio silêncio que pesa por vezes sobre as mais elevadas figuras de uma época apaga definitivamente o brilho de espíritos e temperamentos que pareciam fadados a glórias imortais. Quanta injustiça não teremos assim cometido. Quantas lindas almas de artistas não ficaram para sempre desconhecidas, sepultadas no recolhimento em que as guardavam os preconceitos da época e a timidez natural, cultivada pela educação.[84]

Ela valeu-se do momento para denunciar a invisibilidade das mulheres brasileiras que se consagravam à atividade intelectual e realizou um "feminismo possível",[85] ou seja, agiu no quadro histórico-social específico de sua época. Mesmo que sua posição possa parecer, aos olhos contemporâneos, ultrapassada e conformista, efetivamente não era assim na conjuntura imperante do início do século XX. Logo de saída, a autora desculpou-se pela ausência de certas características tradicionalmente atribuídas às mulheres – voz aveludada, fala compassada e beleza física. Tal posicionamento pode ser interpretado como uma estratégia para questionar o modelo de feminilidade aceito e consagrado pela sociedade. Obviamente, nenhum palestrante homem iniciava sua fala referindo-se à sua aparência ou masculinidade.

A última conferência foi bastante crítica a respeito da ausência das mulheres tanto no próprio Instituto quanto na Academia Brasileira de Letras (ABL), o que aponta para a exclusão de duas das principais instituições culturais do país. Na conferência, ela denunciou o "preconceito com as mulheres escritoras", tanto que citou os nomes das que não obtiveram reconhecimento em seu tempo e não deixou de fustigar os convidados ao lembrar que Beatriz Francisca de Assis Brandão não fora aceita nos quadros do IHGB em 1868, nem Júlia Lopes de

---

[83] Todas as palestras estão registradas na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, de 1930, tomo 107, volume 161.

[84] MENDONÇA, Anna Amelia de Queiroz Carneiro de. Prosadoras e poetisas brasileiras. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, tomo 107, v. 161, 1930. p. 90.

[85] O termo retrata as produções e ações concretas de mulheres que integravam os meios conservadores da sociedade da virada do século XIX para o XX, que ultrapassavam os limites dos padrões de conduta esperados para uma mulher, porém, a partir de uma confrontação cuidadosa. Acerca da noção, ver: DE LUCA, Leonora. Feminismo e Iluminismo em Júlia Lopes de Almeida (1862-1934). *Caderno Ciência Trópico*, Recife, v. 25, n. 2, p. 213-236, jul./dez. 1997.; e COSTRUBA, Deivid Aparecido. *Para além do sufragismo:* A contribuição de Júlia Lopes de Almeida à história do feminismo no Brasil (1892-1934). Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Assis, 2017.

Almeida fora aceita em 1897 pela ABL. Ainda complementou: "A situação não mudou, o assunto tem hoje a mesma oportunidade. Apenas, depois que ela existe ninguém se lembrou de tentar abrir-lhe as portas para nenhum dos nossos grandes poetas e prosadores que tiveram a sina de nascer mulher".[86]

As conferências foram publicadas na *Revista do Instituto* e, no caso desse ciclo, é importante observar que cada palestra transcrita vem acompanhada de uma foto da palestrante. No entanto, nas publicações de homens, não há fotos acompanhando suas reflexões. É possível afirmar, dessa forma, a forte marcação do gênero presente tanto no nome do evento quanto na edição publicada. No caso de Anna Amelia, sobressaem o traje elegante e a postura firme, forme que encontrou de se impor dentro da instituição completamente masculinizada.

Figura 6: Foto de Anna Amelia tirada no ano de 1928

Fonte: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, tomo 107, v. 161, 1930.

A partir dos eventos nos quais Anna Amelia participou e foram aqui expostos – o primeiro como homenageada e o segundo como conferencista –, percebem-se as mudanças ocorridas no início do século. Vários acontecimentos apontavam para alterações no contexto nacional e internacional, a exemplo da eclosão da Primeira Guerra Mundial, em 1914, seguida da Revolução Soviética, em 1917, até a quebra da Bolsa de Nova York, em 1929. É importante atentar que o Brasil conheceu significativas transformações políticas e culturais, com movimentos de contestação à ordem vigente que ganharam forma e visibilidade: o Modernismo, o Tenentismo, a fundação do Partido Comunista, como também o crescimento do feminismo. Evidenciava-se a insatisfação com o regime republicano, marcada pelo descontentamento com

[86] MENDONÇA, Anna Amelia de Queiroz Carneiro de. *Op. cit*., 1930, p. 67.

a corrupção característica do sistema eleitoral e os anseios por um governo efetivamente representativo e democrático. Frente à efervescência desses movimentos e a busca de soluções para os problemas do país, os intelectuais assumiram a missão de propagar um nacionalismo militante, aspecto tido como ponto consensual entre as pesquisas do período.[87] A criação de diversas ligas e organizações voltadas para a assistência das camadas minoritárias da sociedade, juntamente com os inúmeros congressos e viagens realizados pela vanguarda cultural do país, mostraram uma campanha em prol da expansão da consciência nacional.[88] O intuito era dar, ao Brasil, uma face nacional e moderna por meio da valorização de uma cultura que integrasse a diversidade do país, agora tida como positiva. E o movimento feminista, não se pode esquecer, ganhou relevo nesse contexto.

O movimento sufragista internacional já vinha desenvolvendo-se antes da Primeira Guerra Mundial. Entretanto, com o cenário de mudanças socioculturais e a grande mobilização dos soldados na frente de batalha, as mulheres tiveram de ocupar postos no mercado de trabalho, conclamadas a participarem mais ativamente das atividades econômicas, das atividades nas fábrica e no campo, postos até então exclusivamente masculinos.[89] Por conseguinte, as relações de gênero e os papéis de homens e mulheres na sociedade foram profundamente afetados, contribuindo para a construção da ideia de uma "nova mulher". A compreensão sobre "trabalho das mulheres" passou por uma profunda redefinição, pois, enquanto no século XIX as assalariadas eram tidas por necessitadas e pobres, na década de 1920 as trabalhadoras – particularmente as profissionais – passaram a desfrutar de certo prestígio, ao que se somava ao desejo de maior autossuficiência econômica e realização profissional.[90] Contudo, profissionais brasileiras bem-sucedidas foram exceções, já que, em sua enorme maioria, as mulheres obtinham funções "femininas" aborrecidas, rotineiras e não prestigiadas, que raramente pagavam um salário compensador, mesmo com nível educacional superior, tornando uma ilusão a meta de real independência econômica.[91]

De modo geral, essas transformações marcaram o início da abertura para as mulheres nos espaços públicos no Brasil e no mundo, como sugere a adoção da divisão por gênero no

---

[87] HOBSBAWM, Eric. *A era dos extremos*: o breve século XX. 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
[88] GOMES, Angela de Castro. *História e historiadores*: a política cultural do Estado Novo. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.
[89] SAFFIOTI, Heleieth I. B. *Op. cit*., 1976, p. 89.
[90] Segundo Soihet (2006) e Hahner (2003), os intelectuais do período – de ambos os sexos – começaram a encarar a dependência econômica das mulheres em relação ao marido como um "vergonhoso parasitismo, degradante, desestabilizador da família, inimigo do progresso e contrário às leis da natureza". Ver LUTZ, Bertha. Cartas de mulher. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, ano XIX, n. 47, 28 dez. 1918, p. 19.
[91] SAFFIOTI, Heleieth I. B. *Op. cit*., 1976, p. 79.

ensino escolar; possibilidade de cursarem o ensino superior, gerando um aumento gradual da presença feminina no âmbito universitário; trabalhos para além daqueles considerados atividades domésticas e, notoriamente, as reivindicações sufragistas.[92] Nos estudos teóricos, se a disciplina histórica ganha corpo a partir de um contexto, de um processo, é comum que se depare com uma tradição que recorre aos grandes acontecimentos políticos e fontes oficiais para delinear a conjuntura em que o objeto de pesquisa se encontra. No caso desta pesquisa não será diferente. Os acontecimentos políticos e sociais mais relevantes da ativista analisada estarão presentes na contextualização do período, ou melhor, do movimento estudado. Mas, mais do que isso, serão analisadas as trajetórias do movimento feminista organizado brasileiro – em específico a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino – como caminho introdutório que dará as circunstâncias do feminismo da época estudada.

## 1.2 Os caminhos dos feminismos nacionais e suas conexões

As primeiras décadas do século XX foram marcadas pela participação das figuras femininas para além do ambiente doméstico, como visto. Da mesma forma que essas mulheres passaram a ocupar de forma lenta os espaços públicos, colocou-se na agenda do dia não apenas questões da participação política, mas também a busca por ascensão social feminina, projeto que passava pelas oportunidades conferidas pelo aparelho escolar e pelo acesso à "cultura".[93] Assim, desde o surgimento dos feminismos, em específico o feminismo moderno, iniciado pelas sufragistas no século XIX, que ocorreu na Europa, posteriormente no Brasil no século XX – quando o conceito ganhou espaço na mídia nacional – deve-se entendê-los como movimentos plurais, no processo de que cada vertente ou linha teórica vai atentar para perspectivas e pautas que considera prioritárias. Para compreender os grupos feministas nacionais que serão retratados a seguir, é necessário considerar que eles reivindicavam um conceito que se referenciava a partir das feministas do Norte global. Não à toa, nesse momento, foram registrados diversos contatos com mulheres e instituições feministas da luta pelo sufrágio na Europa e nos Estados Unidos da América. Uma característica primordial desse movimento era a emancipação civil da figura feminina por meio do processo educacional. Anna Amelia insere-se nessa conjuntura que começava a colocar no centro do debate a educação feminina e mesmo

[92] TELES, Maria Amélia de Almeida. *Breve história do feminismo no Brasil e outros ensaios*. São Paulo: Alameda, 2018.
[93] FAUSTO, Boris. Classes médias e urbanas: formação, natureza, intervenção na vida política. FAUSTO, Boris (org.). *O Brasil republicano*: sociedade e instituições (1889-1930). 8a. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. v. 9. p. 42.

o discurso feminista. É fato que, desde o século XIX, registraram-se manifestações contra a exclusão das mulheres do âmbito público, como exemplifica a atuação de Nísia Floresta,[94] que recebeu o epíteto de "precursora do feminismo" no Brasil.[95] Tal como apontam Joan Scott e Michelle Perrot esse é o início do sexismo como argumento para negar cidadania política às mulheres, uma vez que tal segregação estava atrelada à diferenciação sexual e baseava-se, exclusivamente, em preceitos biológicos de suposta inferioridade.[96]

Como comentado anteriormente, a filosofia de Augusto Comte e a influência positivista, apesar de referenciar-se às mulheres como menos capazes de administrarem assuntos políticos, ambas teorias pregavam uma educação universal, o que tornava seu pensamento um dos primeiros a defender a educação, antes negada às mulheres. Segundo Teresa Novaes Marques, para a geração republicana, "os signos da modernidade desejada passaram a ser a educação feminina, o embranquecimento da população e a industrialização".[97]

A despeito da ausência da mulher no mundo público, foi com os jornais que as mulheres começaram a ocupar esses espaços a partir do surgimento de periódicos por elas editados.[98] A professora Josefina Álvares de Azevedo foi uma das pioneiras a levantar a bandeira da educação, com o seu jornal *A Família* (RJ, 1888-1897),[99] que tratava da educação feminina e defendeu o sufrágio feminino. Assim, como essa não foi uma época fácil para o acesso ao estudo ou formação profissional de mulheres, também não era bem-visto que pessoas se manifestassem

---

[94] As reivindicações que enfatizavam os direitos civis da mulher no Brasil ganharam força a partir do protesto de Nísia Floresta Brasileira Augusta, pseudônimo de Dionísia de Faria Rocha (1810-1885), com a obra *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, publicada em 1830. Segundo Maria Lúcia Pallares-Burke, Floresta teria traduzido o tratado feminista *Woman Not Inferior to Man*, escrito em 1739 pelo pseudônimo de "Sophia, a Person of Quality", e não o clássico de Mary Wollstonecraft, *A Vindication of the Rights of Woman*, publicado em 1792. PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. A Mary Wollstonecraft que o Brasil conheceu, ou a Travessura Literária de Nísia Floresta. PALLARES-BURKE, Maria Lúcia (org.). *Nísia Floresta, o Carapuceiro e outros ensaios de tradução cultural.* São Paulo: Hucitec, 1995. p. 173-192.

[95] DUARTE, Constância. *Nísia Floresta:* a primeira feminista do Brasil. Florianópolis: Mulheres, 2005.

[96] SCOTT, Joan W. *A cidadã paradoxal*: as feministas francesas e os direitos do homem. Florianópolis: Mulheres, 2002.; PERROT, Michelle. *Os excluídos da história*: operários, mulheres e prisioneiros. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

[97] MARQUES, Teresa N. Elas também desejam participar da vida pública: várias formas de participação política feminina entre 1850 e 1932. *Revista Gênero*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 64, jan./jun. 2004.

[98] Em 1852, a argentina Joana Paulo Manso de Noronha fundava o *Jornal das Senhoras* (RJ, 1852-1855), com o subtítulo Modas, Literatura, Bellas-Artes, Theatros e Crítica. Dez anos depois, em 1862, apareceu o *Bello Sexo: Periódico Religioso, de Instrução e Recreio, Noticioso e Crítico Moderado* (RJ, 1862-1866), redigido por D. Julia de Albuquerque Sandy Aguiar. Apenas em 1873 surge *O Sexo Feminino* (MG, 1873-1874), editado pela educadora Francisca Senhorinha e que defendia a educação da mulher. MARQUES, Teresa Cristina de Novaes. *O voto feminino no Brasil*. Brasília: Câmara dos Deputados, 2019, p. 112.

[99] O jornal recebeu colaborações de conhecidas escritoras, como Júlia Lopes de Almeida e Inês Sabino. Foi nele que Josefina de Azevedo publicou a peça *O voto feminino*, encenada inúmeras vezes em 1891, ano em que trouxeram pela 1ª vez o assunto do voto feminino na Assembleia Constituinte. Diferentemente da prática vigente em grande parte da elite brasileira, que buscava educar suas filhas "para que elas pudessem demonstrar, no espaço apropriado do salão, o domínio da etiqueta do convívio social". *A Família* insistia na necessidade de se elevar a formação cultural da mulher e atuava em prol do reconhecimento de seus direitos políticos. *Ibidem*, p. 134.

enquanto feministas. Essa posição acarretou campanhas contra as pretensões femininas na imprensa, atacando e ridicularizando a promoção de uma "inversão de papéis" e a alegada perda da doçura, fragilidade e resignação tidas como exclusivas da mulher, e que seriam a temida consequência natural da sua saída do espaço doméstico.[100] Entre as pioneiras da luta a favor do sufrágio feminino, a professora Leolinda Daltro[101] foi duramente atacada pela grande imprensa. Coube-lhe fundar o Partido Republicano Feminino (PRF), em 1910, que objetivava pautar a questão do voto no âmbito do Congresso Nacional. Os jornais retratavam a professora como representante de um "mau feminismo", que não deveria ser seguido pelas brasileiras, pois desejava "masculinizar" o belo sexo. A forma de mobilização adotada por Leolinda e suas colaboradoras dialogava com as ações das *suffragettes* inglesas,[102] que organizaram manifestações e protestos nas ruas da Inglaterra. Pouco se sabe sobre as táticas de pressão utilizadas pelas integrantes da PRF, mas é certo que os periódicos brasileiros não cessavam de condenar o movimento e de associá-lo ao caso inglês.[103]

Diferentemente da professora Daltro, a ativista mais reconhecida pelo envolvimento na conquista do sufrágio ou na luta pelos direitos políticos das mulheres no país, Bertha Lutz, afastou-se desse tipo de atuação, o que pode ser interpretado como uma estratégia para diferenciar-se de práticas que tomavam o espaço público. Nessa perspectiva, tudo leva a crer que foi pela busca de uma não vinculação com o "mau feminismo" que Lutz aproximou-se de Maria Lacerda de Moura.[104] Vê-se que os feminismos das mulheres brasileiras, em seus primórdios, tentaram desvincularem-se da imagem do feminismo britânico, tido como mais

---

[100] SOUZA, Cássia Regina da Silva Rodrigues de. Periódicos Feministas do Século XIX: uma chamada à resistência feminina. *In*: ANAIS DO XV ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-RIO. *Anais*... Rio de Janeiro, 23 a 27 de julho 2012. p. 1-23.

[101] Sobre a trajetória de Leolinda de Figueiredo Daltro ver: KARAWEJCZY, Mônica. Os primórdios do movimento sufragista no Brasil: o feminismo 'pátrio' de Leolinda Figueiredo Daltro. *Revista Estudos Ibero-Americanos*, v. 40, n. 1, p. 64-84, jan./jun. 2014. O primeiro ato conhecido de Leolinda Daltro data de 1909, com a fundação da Junta Feminil pró-Hermes, cuja finalizada era apoiar a candidatura de Hermes da Fonseca à presidência do Brasil. O grupo foi considerado como uma "associação política de cuja descrição se conecta com o ponto de partida para a ação do feminismo no Brasil, pois foi a primeira fundada com intuitos de trabalhar pela emancipação do sexo feminino".

[102] *Suffragette* foi um termo cunhado pela imprensa do Reino Unido no início do século XX para diferenciar o grupo liderado por Emmeline Pankhurst – o Women's Social and Political Union (WSPU), visto como radical – do grupo National Society for Women's Suffrage (NSWS). MARQUES, Teresa Cristina Novaes. *Op. cit*, 2019, p. 162.

[103] Segundo Marques, o partido tentou desvincular sua imagem das feministas inglesas, porém, esse objetivo não foi alcançado, uma vez que, de 1914 a 1919, ainda se encontrava, na imprensa, a denominação *Mrs. Pankhurst brasileira* para fazer referência à Daltro. Ibidem, 2019, p. 171.

[104] Para os estudiosos do tema, essa aproximação de Lutz com a educadora Maria Lacerda é, no mínimo, inusitada. Céli Pinto também compactua com a ideia e salienta a importância da aproximação de ambas as ativistas para moldar as diretrizes tomadas à frente da Liga para Emancipação Intelectual da Mulher. Ver: PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003. Para mais informações sobre Maria Lacerda, consultar: LEITE, Míriam Moreira. *Maria Lacerda de Moura*: uma feminista utópica. Florianópolis: Mulheres, 2005.

radical. Tal aproximação deu origem, em 1919, à Liga para Emancipação Intelectual da Mulher (LEIM), cujos objetivos centravam-se na educação integral da mulher "para a sua perfeita emancipação intelectual",[105] ponto que unia as ativistas, tão distante em outros aspectos. Outra característica importante diz respeito ao cuidado na escolha do que elas chamaram de "núcleo central" da associação, já que deveria restringir-se a mulheres com alta escolaridade e/ou das camadas mais elevadas da sociedade, estratégia para conseguir chegar às altas esferas do poder.[106] O perfil das integrantes das associações lideradas por Lutz – tanto a LEIM quanto a organização fundada três anos depois, a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF) – tornou-se ampla, porém ainda entre as classes altas, em seus primeiros anos de organização, reunindo sob o mesmo teto um conjunto diversificado de grupos feministas, como sufragistas, profissionais, cívicas e de caridade de todos os estados do Brasil. Cabe destacar que a imprensa tendeu a mostrar-se menos crítica em relação a Bertha Lutz, tanto que passou a denomina-la "a líder mais autorizada do feminismo no Brasil."[107]

A FBPF foi designada como uma organização abrangente, com a intenção de reunir as mulheres de todos os estados do Brasil interessadas na conquista de seus direitos, envolvidas na ação social ou em organizações de caridade. Classificada pela historiografia vigente como representante de um feminismo liberal, os objetivos da entidade passaram a ser: a emancipação feminina em todos os níveis, desde a promoção da educação até a proteção às mães e à infância; a proteção ao trabalho feminino; a orientação para profissões; a conquista de direitos civis e políticos e a solidariedade internacional com as mulheres do mundo inteiro. Durante a década de 1920, a FBPF cresceu e conseguiu projeção nacional ao organizar o Primeiro Congresso Internacional Feminista,[108] no Rio de Janeiro, o qual contou com a colaboração dos governos federal e estaduais e recebeu elogios da imprensa. A convenção focou na prioridade da

[105] LEITE, Míriam Moreira. *Op. cit*., 2005, p. 29.
[106] A justificativa de Lutz e Maria Lacerda para isso era a não organização e disparidade de mulheres que lutavam pela emancipação feminina. Em uma carta de Lacerda para Lutz, relata que "estamos todas trabalhando dispersivamente e as mulheres não sabem bem o que querem. Ensinar-lhes o objetivo, a ação, o modo de vencer – eis o que devemos tentar". KARAWEJCZY, Mônica. Bertha Lutz e Maria Lacerda de Moura: uma parceria inusitada. *Revista Gênero*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 115-134, jan./jun. 2014. p. 115.
[107] Segundo Branca Alves, "a FBPF seguiu as pegadas da NAWSA, afastando-se cuidadosamente da má reputação das *suffragettes*. […] a NAWSA não cansava de reiterar o pacifismo de sua estratégia, também como a FBPF, preocupada em manter ilesa a sua reputação. Havia uma constante preocupação em dar ao movimento uma aura de respeito através da posição social das associadas." *In*: ALVES, Branca Moreira. *Ideologia e feminismo*: a luta da mulher pelo voto no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1980. p. 132.
[108] Em 1922, Bertha Lutz realizou, conjuntamente a outras mulheres, a Conferência pelo Progresso Feminino, uma comemoração ao centenário da Independência. Evento realizado em dezembro de 1922, em que se consolidou a criação da Federação. Segundo Karawejczyk, foi a partir dessa Conferência que o feminismo pregado por Lutz passou a ser identificado como "bem-comportado", termo cunhado por Céli Regina Jardim Pinto, e "tático", cunhado por Rachel Soihet. KARAWEJCZY, Mônica. O Feminismo em Boa Marcha no Brasil: Bertha Lutz e a Conferência pelo Progresso Feminino. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 26, n. 2, p. 1-17, 2018.

Federação nesse primeiro momento, ou seja, assegurar a proteção legal do trabalho feminino. Já no que respeita às discussões sobre a educação da mulher, as integrantes assinaram solicitação em prol do ingresso de alunas no Colégio Pedro II, o que foi atendida quatro anos mais tarde. A entidade foi importante para o surgimento de novas organizações femininas, como exemplo, a União Universitária Feminina, que tinha Anna Amelia como diretora. Filiais da Federação surgiram em diversos estados, assim como outras associações assistenciais e profissionais que se uniram à entidade.[109] Nessa década, Lutz e outras líderes representaram o movimento nas convenções de 1923 e 1929 da Aliança Internacional de Mulheres (AIM), em Roma, bem como, em 1933, na Conferência Interamericana de Mulheres (CIM), em Washington.[110]

Entretanto, as narrativas discursivas utilizadas pelas ativistas da FBPF, as táticas e os modos de organização têm sido apontados pela historiografia como uma das limitações da entidade, ao invés de serem analisadas como uma forma de tática ou estratégia, a partir de suas confrontações cautelosas contra os limites dos padrões de conduta esperados para uma mulher do período. Susan Besse declarou que "as mulheres profissionais que compunham as associações falavam em nome das mulheres da classe operária, ao invés de mobilizá-las para que falassem por si próprias[…]"[111] e Branca Moreira Alves também pontuou que Bertha Lutz foi uma "líder autoritária fechando o movimento ao acesso de outras classes sociais".[112] Lúcia Avelar foi mais longe e questionou duramente o movimento ao argumentar que o início efetivo da "prática eleitoral das mulheres brasileiras teve início em 1946, com a redemocratização do país,"[113] ou seja, ela desconsiderou a participação feminina nas duas eleições anteriores. Trata-se de uma crítica feita no final do século XX e que demanda dos movimentos uma postura em sintonia com o contemporâneo. A análise parte do que se gostaria que o movimento tivesse feito segundo padrões atuais e não se detém no que o movimento efetivamente fez.

---

[109] As atividades e os êxitos da organização foram registrados em livros publicados por Diva Nolf Nazaro, secretária da Aliança Paulista pelo Sufrágio Feminino, e por Mariana Coelho, que fazia parte da seção da PBPF de Pernambuco. NAZARIO, Diva N. *Voto Feminino e Feminismo*. São Paulo: Imprensa Oficial, 1934.; COELHO, Mariana. *A evolução do feminismo*: subsídios para a sua história. Curitiba: Imprensa Oficial, 1933.

[110] No Congresso, Bertha Lutz sugeriu a substituição das expressões "igualdade dos sexos" e "direitos das mulheres", respectivamente, por "equivalência dos sexos" e "novas responsabilidades da mulher". A partir da compreensão de tática elaborada por Soihet, essas feministas teriam evitado assumir posições radicais de contestação em relação aos homens, mantendo-se numa atitude contemporizadora, em nada alterando os padrões de dominação sexual.

[111] BESSE, Susan K. *Op. cit*, 1999, p. 194.

[112] ALVES, Branca Moreira. *Op. cit.*, 1980, p. 112.

[113] AVELAR, Lúcia. *O Segundo Eleitorado*: tendências do voto feminino no Brasil. Campinas: Editora Unicamp, 1989. p. 20, 41.

Nessa direção, cabe destacar os estudos de Rachel Soihet, que interpreta o posicionamento adotado como uma estratégia: defende que as ações desses grupos não se constituíram numa forma adequada de expressão feminina, mas por razões táticas e estratégicas, já que o que se pretendia, por meio de seus discursos, era movimentar a opinião pública e fazer pressão direta sobre os membros do Congresso, usufruindo dos contatos sociais das integrantes da liga.[114] Afinal, naquela época, qualquer mudança no comportamento feminino era "considerada não apenas uma ameaça à permanência dos padrões rigidamente atribuídos aos gêneros, mas, de modo geral, ao próprio 'bom funcionamento' da sociedade".[115] O próprio significado do termo "feminista" nas décadas discutidas era amplo e controverso. Mesmo dentro da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino coexistiam desde mulheres religiosas e assistencialistas até aquelas rotuladas como "anarquistas e libertárias" que, impacientes com a timidez do movimento organizado em atacar todas as opressões sofridas pelas mulheres, rejeitavam totalmente o rótulo de "feministas" por considerá-lo "burguês".[116] Natércia da Silveira, outra importante ativista desse período, também desligou-se da FBPF e fundou a Aliança Nacional de Mulheres (ANM), em 1931.[117] Parece evidente que as integrantes da FBPF não queriam transparecer seu envolvimento com assuntos políticos considerados "extremistas" ou "revolucionários", uma estratégia para não comprometer a imagem de reformadoras,

[114] SOIHET, Rachel. *Op. cit.*, 2006.
[115] RAGO, Elisabeth Juliska. *Outras falas*: feminismo e medicina no Brasil (1836-1931). São Paulo: Annablume: Fapesp, 2007. p. 82.
[116] OFFEN, Karen. Defining Feminism: a comparative historical approach. *Signs*, Chicago, v. 14, n. 1, p. 119-157, 1988. p. 136. Maria Lacerda de Moura, citada anteriormente, passou a atacar explícita e publicamente o movimento feminista que ajudou a organizar depois de entrar em contato com as condições de vida do proletariado urbano e com ideologias políticas de esquerda. LEITE, Miriam Moreira. *Outra face do feminismo*: Maria Lacerda de Moura. São Paulo: Ática, 1984. Patrícia Galvão, conhecida como Pagu, também criticava os planos políticos e morais do feminismo considerado burguês. Ambas se distanciavam da ação em prol das mulheres então em curso, ainda que não tenham atuado conjuntamente. De fato, não se ajustavam nem aos projetos dos partidos políticos de esquerda das décadas de 1920 e 1930, nem aos programas das feministas brasileiras. Segundo Saffioti, os movimentos femininos na esquerda política do período se articulavam em torno de questões de interesse de classe, e deixavam de lado os direitos das mulheres. SAFFIOTI, Heleieth. *Op. cit.*, 1976, p. 290.
[117] Natércia da Cunha Silveira (1905-1993) foi a primeira advogada do Rio Grande do Sul e iniciou sua jornada política pela emancipação da mulher no Brasil dentro da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, como representante da região sul do país. Após sair da Federação e criar a Aliança Nacional de Mulheres, sua organização teve um crescimento bastante rápido, chegando a contar, por volta de 1932, com cerca de três mil sócias. O motivo da cisão deu-se por divergências com Bertha Lutz em relação a seu engajamento político e por achar que a Federação não dava a devida atenção às mulheres proletárias. A nova organização realizava atividades de fiscalização das condições de trabalho da mulher, o que lhe garantia certa penetração nos círculos operários. Manteve também um serviço de assistência jurídica à mulher trabalhadora, tendo constituído uma caixa de auxílio para mulheres desamparadas. Em 1935, foi criado o movimento político chamado União Feminina do Brasil, filiado à ANM, cujo objetivo consistia na defesa dos interesses da mulher no Brasil, especialmente daquelas que estavam "submetidas às mais precárias condições de existência e de trabalho". O movimento pregava a luta contra as guerras e contra os regimes que restringiam os direitos femininos. Assim, a maioria das filiadas, intelectuais e operárias, inspiravam-se em ideais comunistas e objetivavam derrubar o chefe de Estado e implantar um governo popular, o que levou ao fechamento e à clandestinidade da entidade no mesmo ano. ALIANÇA NACIONAL DE MULHERES. Verbete. *CPDOC Fundação Getúlio Vargas*.

extremamente qualificadas, pacíficas e razoáveis que cuidadosamente haviam cultivado. Da mesma forma, para a tática política escolhida por Lutz e, assim, seguida por Anna Amelia, não cabiam posicionamentos radicais, pelo contrário. Segundo Soihet, pautava-se em "movimentar a opinião pública e exercer pressão direta sobre os membros do congresso".[118]

A virada da década de 1930 foi um momento determinante para as integrantes da FBPF e para os feminismos brasileiros ainda em formação que, portanto, tateavam na busca por caminhos numa sociedade conservadora e preconceituosa, em síntese: "Logo, era passível de ambiguidades, contradições, naturais em tudo aquilo que nasce."[119] Esse movimento e as organizações até aqui expostas eram compostas por uma parcela expressiva de mulheres, pertencentes às classes média e alta. Entretanto, não se pode perder de vista as outras mulheres brasileiras que, longe de serem minorias, enfrentavam dupla jornada, no caso das que trabalhavam fora e em serviços mal remunerados, ou o preconceito que atingia as que carregavam o estigma da escravidão. Muitos grupos de operárias, juntamente com editoras de jornais, destacaram-se na luta pela regulamentação do trabalho feminino e denunciavam a exploração patronal.[120] Nesse ponto, é mais uma vez importante assinalar o lugar social ocupado pelas integrantes da Federação para que, assim, se compreenda não somente as táticas políticas desenvolvidas por elas, mas também o tipo de influência com que contavam. Em sua maioria filhas de profissionais liberais, intelectuais ou grupos latifundiários, possuíam vínculos de amizade e parentesco com muitas das famílias que ocupavam cargos de poder no país. O que ajuda a compreender o tipo de pressão a que Soihet se referiu. Era assumindo esse lugar, e não o renegando, que as disputas políticas ocorriam. [121]

O momento político, altamente marcado por expectativas sociais de mudanças e pelo apelo conciliador do governo em relação aos diferentes movimentos e organizações sociais – principalmente com Getúlio Vargas, na década de 1930 –, também refletiu nas posturas adotadas pelos grupos feministas. As ativistas aliadas de Bertha Lutz são classificadas na historiografia como "bem-comportadas",[122] por exercerem um tipo de crítica social ao papel da mulher que não confrontava as relações de gênero. O que Soihet salienta, no entanto, é que, ao invés de reforçar nomenclaturas que possam suscitar comparação ou graus de evolução dentro do pensamento feminista, é mais proveitoso que se entenda as táticas utilizadas por elas dentro

---

[118] SOIHET, Rachel. *Op. cit*, 2013, p. 62.
[119] TELES, Maria de Amélia Almeida. *Op. cit*., 2018, p. 98.
[120] GREGORI, Juciane de. Feminismo e resistência: trajetória histórica da luta política para conquista de direitos. *Caderno Espaço Feminino*, v. 30, n. 2, p. 47-68, jul./dez. 2017.
[121] Segundo Joan Scott em *Gênero: uma categoria útil de análise histórica* "[...] o gênero é um modo primordial de significar relações de poder", p. 117.
[122] PINTO, Céli Regina Jardim. *Op. cit*, 2003, p. 112.

de cada contexto estudado. Nesse sentido, Karen Offen retrata os discursos feministas existentes na época como distintos entre dois tipos de posturas marcantes no período.[123] Outro estudo sobre grupos feministas do período representa a vertente mais conservadora dentro do movimento com um "feminismo racional", que se caracterizava pela manutenção estratégica dos papéis femininos dentro da estrutura familiar heteronormativa e branca do Brasil, enquanto reclamava pelos direitos civis e por mais reconhecimento na vida pública.[124]

Assim, desde o início da FBPF, Bertha Lutz, cuja liderança era reconhecida, pregava o espírito de iniciativa das mulheres, exercício do trabalho e da educação. De fato, a educação contribuiria para assegurar o ingresso no mundo profissional, daí a importância da criação de associações para alcançar tais objetivos, garantindo "o êxito no rompimento dos tabus e preconceitos relativos à libertação da mulher."[125] Não se pode perder de vista a redefinição da ideia de "trabalho das mulheres" ocorrida entre as décadas de 1920 e 1930. A moral e os valores burgueses e as considerações políticas, sociais, culturais das próprias associadas da Federação exigiam que o emprego não implicasse que as mulheres deixassem de lado seu papel no seio da família e tampouco que destruísse a imagem que vinculava feminilidade à delicadeza, à virtude e ao altruísmo. Para além da compreensão de que o emprego das mulheres promoveria o bem social e o progresso da nação, havia o empenho em conciliar essas visões com as ideias consagradas sobre a natureza feminina.[126] Em suma, a nova "lei biológica do trabalho" não destinava a emancipar as mulheres da antiga lei biológica da condição de esposa e da maternidade. Outra característica da FBPF era tomar o papel de mãe como um ideal feminista.[127] Ao dar centralidade para o papel maternal, elas também acabaram evocando imagens quase sempre associadas "à da mulher redentora ou, de modo mais específico, à da mãe redentora que salvaria a República e moralizaria a política."[128] Assim, o feminismo pelo

[123] Segundo Karen Offen, "O feminismo relacional enfatizou os direitos das mulheres como mulheres (definidas principalmente por suas capacidades de procriação ou criação) em relação aos homens. Insistia nas contribuições distintivas das mulheres nesses papéis para a sociedade mais ampla e reivindicava a comunidade com base nessas contribuições. Em contraste, a tradição feminista individualista de argumentação enfatizou conceitos mais abstratos de direitos humanos individuais e celebrou a busca pela independência pessoal (ou autonomia) em todos os aspectos da vida, enquanto minimizava, depreciava ou descartava como insignificantes todos os socialmente definidos papéis e minimizar a discussão de qualidades ou contribuições ligadas ao sexo, incluindo a gravidez e suas responsabilidades associadas". OFFEN, Karen. *Op. cit.*, 1988, p. 122.
[124] PALACIO, Linaia de Vargas. *Brasil Feminino*: disputas discursivas, alianças políticas e escrita de mulheres na imprensa entre 1932 e 1937. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.
[125] Carta de Bertha Lutz enviada para o periódico *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, ano XIX, n. 47, 28 dez. 1918, p. 19.
[126] SAFFIOTI, Helen. *Op. cit.*, 1976, p. 31.
[127] Uma das vitórias políticas da FBPF, em 1932, foi a instituição do Dia das Mães. Segundo Soihet, essa manobra pode ser compreendida como o intuito de agregar mais mulheres, como donas de casa, à luta feminista. SOIHET, Rachel. *Op. cit*., 2006, p. 102.
[128] PERROT, Michel. *Op. cit,* 2005, p. 124.

qual lutava Anna Amelia não questionava o fato de se atribuir às mulheres a total responsabilidade pelas atividades domésticas e pela socialização dos filhos. Entretanto, a mitificação da maternidade na argumentação das feministas em prol da aquisição de direitos é, nas interpretações de Soihet:

> A utilização deste recurso revela uma das táticas próprias a sujeitos submetidos a relações desiguais de poder, que percebem sua incapacidade, num dado momento, de questionarem as prerrogativas da vontade dominante. Pelo contrário, reverenciam as regras estabelecidas, embora busquem perseguir objetivos próprios. […] Numa outra linguagem, as feministas com Bertha Lutz à frente, valeram-se de uma tática que mobilizou para os seus próprios fins uma representação imposta – aceita, mas desviada contra a ordem que a produziu. Portanto, longe de estarem se vergando a uma submissão alienante, construíram recursos com vistas a subverter a relação de dominação. […] As referidas feministas ao utilizarem-se da imagem canonizada da maternidade, embora, de um lado, demonstrem aceitar certas diretivas estabelecidas para as mulheres pela ordem vigente, de outro, buscam sua instrumentalização com vistas a ampliar seu espaço de atuação, o que acreditavam inviável de outra forma.[129]

Em síntese, na historiografia, a imagem que se fixou de um "bom feminismo" proveio, majoritariamente, do movimento emancipatório feminino estadunidense,[130] contrapondo-se ao "mau feminismo" relacionado às sufragistas britânicas. Assim, o feminismo da FBPF, liderada por Bertha Lutz, era considerado aceitável para o projeto de nação que estava sendo organizado, já que compactuava com ideais femininos relacionados à maternidade e à condição de esposa no núcleo patriarcal. Anna Amelia participou ativamente da Federação, grupo considerado representativo do movimento sufragista brasileiro (Figura 7).

[129] SOIHET, Rachel. *Op. cit*, 2006, p. 97.

[130] Segundo William O'Neill, as *suffragettes*, que utilizavam de táticas violentas para lutar pela emancipação civil feminina, obtiveram o sufrágio de forma lenta e atrasada, como resultado, outras organizações buscaram dissociar-se de tais métodos, a exemplo do caso brasileiro. O'NEILL, William. *The woman movement*: feminism in the United States and England. London: New York: Routledge, 1969.

Figura 7: Encontro, na década de 1930, da FBPF

No registro fotográfico vê-se Anna Amelia (3ª esquerda/direita, na primeira fila) e Bertha Lutz (1ª direita/esquerda, na segunda fila). Fonte: Acervo do Arquivo Nacional, fundo Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. Disponível em: http://dibrarq.arquivonacional.gov.br/index.php/federacao-brasileira-pelo-progresso-feminino. Acesso em: 19 jul. 2023.

A prova da força e da popularidade da FBPF foi a realização do II Congresso Internacional Feminista, em 1931, depois de nove anos da fundação da entidade (Figura 8). A convenção durou 11 dias e a ela compareceram representantes de todos os estados do país, com 28 organizações femininas cívicas, de assistência social, profissionais e sufragistas, além de 18 organizações estrangeiras. Estruturada em comissões, os principais debates giraram em torno da proteção às mães e à infância, do mercado de trabalho feminino e da educação – com foco de tempo integral – e da instrução para as mulheres. Dentre as resoluções aprovadas, estava a que declarava que a emancipação econômica das mulheres era o problema central do movimento feminino e, para acelerar essa emancipação, recomendou-se que a educação pública moderna fosse orientada no sentido de preparar as mulheres para exercer uma profissão.[131] Vê-se que a resolução dos problemas para essas ativistas tinha como limite os valores do mundo liberal.

[131] BONATO, Nailda Marinho da Costa; COELHO, Lígia Martha Coimbra da Costa. Concepções de Educação Integral na década de 30: as teses do II Congresso Internacional Feminista. *Revista Ciências Humanas, Linguística, Letras e Arte*, v. 15, n. 2, p. 17-23, 2007.

Figura 8: Fotografia da Inauguração do II Congresso Internacional Feminista de 1931

Vê-se Bertha Lutz, ao centro, abrindo o evento, e Anna Amelia ao fundo (à esquerda de Lutz). Fonte: Acervo do Arquivo Nacional, fundo Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. Disponível em: Arquivo Nacional. Fundo Federação Brasileiro pelo Progresso Feminino.

Ao tratar do período de luta e organização política pelo sufrágio feminino no Brasil, é primordial apontar a dimensão e relevância do papel da imprensa no imaginário social, já que possuir um meio de comunicação era a única possibilidade de disputar narrativas, mediante opinião pública da época. Viu-se, até aqui, que as primeiras manifestações sobre o lugar do gênero feminino na sociedade ocorreram por meio da imprensa, em periódicos editado por e para mulheres. Em termos gerais, a imprensa editada para o mundo feminino era compreendida e organizada a partir de um formato bastante tradicional. Segundo a definição elaborada por Tania de Luca:

> Trata-se de um tipo de produção jornalística que não é movida pela necessidade de registrar o fato novidadeiro do dia anterior, matéria-prima por excelência do jornalismo. Pelo contrário, a imprensa feminina orbita em torno de temas mais perenes, não submetidos à premência do tempo curto do acontecimento. Moda, beleza, casa, culinária ou o cuidado com os filhos comportam uma abordagem circular […][132]

Assim, a maior parte dos conteúdos redigidos por mulheres e para elas realmente reiterava a perspectiva menos preocupada com o "fato novidadeiro", ou mesmo não atenta, em grande medida, para assuntos públicos concernentes à política institucional. Mas essas questões

[132] LUCA, Tania Regina de. *Leituras, projetos e (re)vista (s) do Brasil (1916-1944*). São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 448.

não ocultam outros direcionamentos que permitem que se classifique as colaborações e publicações dessas mulheres na imprensa como publicações feministas. Na mesma obra citada, Tania de Luca igualmente dá uma definição para o que compreende por imprensa feminista, que estaria atrelada a assuntos diferentes, como a luta pelo direito à educação, ao exercício profissional e ao voto. É primordial negar perspectivas que tomem os jornais como um simples veículo de informações e que suponham imparcialidade no trato dos acontecimentos. Há a necessidade de se levar em conta os conceitos de lugares e redes de sociabilidade, geração e cultura política.[133]

Não se pode perder de vista a importância da atividade jornalística durante o período examinado. Os jornais e as revistas constituíam os "novos salões aristocráticos", espaço para defender ideias e valores, além do fato de ser o principal veículo de comunicação, capaz de legitimar e tornar conhecidos os que ali colaboravam. Os que tinham visibilidade na imprensa posicionavam-se no espaço público, e as integrantes da FBPF não deixaram de direcionar suas táticas políticas para reivindicar pautas feministas, mobilizando sempre, em primeiro lugar, mas não unicamente, a questão do sufrágio pela imprensa.

## 1.3 A atuação de Anna Amelia no movimento feminista na década de 1930: análise por meio dos periódicos

Segundo a fundamentação teórica exposta, o feminismo enquanto movimento social surgiu no contexto das ideias transformadoras das Revoluções Francesa e Americana e se ampliou em torno das demandas por direitos sociais e políticos. No Brasil e em outros países do ocidente, as primeiras manifestações surgiram já no século XIX, em especial, por meio da imprensa feminina, veículo utilizado para a divulgação do feminismo do período. Apesar de as mulheres terem conquistado sua presença, mesmo que de forma lenta, nos meios midiáticos do período, surgiu um conjunto de estereótipos que continuam a acompanhar as mulheres que adentram a arena de poder. A compreensão de que o espaço público, no qual se estabelecem

[133] A imprensa feminista e a feminina têm abordagens e objetivos diferentes. A primeira é voltada à promoção dos direitos das mulheres, à igualdade de gênero e à desconstrução de estereótipos de gênero. Ela se concentra em questões relacionadas aos direitos das mulheres, como violência de gênero, disparidades salariais, representação política e social, entre outros. Ou seja, busca trazer visibilidade e amplificar as vozes das mulheres. Por outro lado, a imprensa feminina geralmente se refere a publicações voltadas para o público feminino em geral, com ênfase em temas como moda, beleza, estilo de vida, relacionamentos e saúde. Essas publicações têm uma abordagem superficial e comercial, concentrando-se em estereótipos de gênero e promovendo padrões de beleza e comportamento tradicionais. Em resumo, a imprensa feminista busca empoderar e promover os direitos das mulheres, enquanto a imprensa feminina pode ter uma abordagem mais voltada ao entretenimento e aos interesses tradicionalmente associados às mulheres.

questões relevantes para a coletividade, é domínio do ser masculino, enquanto a arena privada, socialmente inferiorizado, é de âmbito do ser feminino. Segundo Tania de Luca:

> Se o primeiro é o lugar da argumentação, do confronto de ideias e da disputa do poder, o outro é lugar da afetividade, onde a razão pode ceder ao sentimentalismo e à insensatez do coração. Essas referências começam a ser perturbadas a partir do momento em que as mulheres conquistam o direito de participar no campo da política.[134]

Assim, a imprensa auxiliou a integrar a mulher nesse espaço público, porém o fez de maneira a reforçar as concepções tradicionais, nas quais as figuras femininas deveriam debater apenas sobre temas domésticos e relacionados às emoções. Caso não correspondessem ao papel a elas subordinado, eram acusadas de perderem a própria feminilidade. As mulheres que integraram os meios jornalísticos no início do século XX corresponderam a esse modelo ao publicarem temas como cuidado com a infância, família, educação dos filhos e afins. Ao mesmo tempo, com atributos de sensibilidade, emoção e compreensão.

No que concerne à personagem aqui estudada, esses atributos não passaram despercebidos. Anna Amelia publicou uma gama de crônicas, colunas, poemas e afins que se relacionavam aos temas domésticos. Entretanto, o foco desta seção será a análise da trajetória intelectual de Anna Amelia, a partir do entendimento de que, sendo entendida como uma intelectual, envolve-se na produção cultural de bens simbólicos e é reconhecida por sua comunidade de pares, sendo aquela que se volta para práticas culturais de difusão e transmissão, ou seja, "que faz circular os produtos culturais em grupos sociais mais amplos e não especializados, como vulgarizador ou divulgador".[135] Angela de Castro Gomes tece contribuições para analisar a trajetória intelectual e suas mediações. Segundo a autora, é necessário compreender o percurso profissional do intelectual, considerando os vínculos que estabelece com matrizes, tradições e grupos sociais, sempre atentando-se para sua dupla face cultural e política.[136] O emprego da noção de itinerário permite não só a reconstituição como a interpretação de trajetórias de grupos de intelectuais, mapeando seus territórios de ação, seus engajamentos e filiações de naturezas estéticas, políticas e partidárias. Nesse sentido, um estudo

---

[134] LUCA, Tania Regina de. Mulher em revista. PINSKY, Carla B., PEDRO, Joana Maria (orgs.). *Nova História das mulheres*. São Paulo, Editora Contexto, 2012, p. 465

[135] GOMES, Angela de Castro; KODAMA, Kaori; FONSECA, Maria Rachel da. Imprensa e mediadores culturais: ciência, história e literatura. *Revista Vária História*, Belo Horizonte, v. 34, n. 66, p. 593-600, 2018.

[136] Segundo a autora, esses mediadores "estão integrados em redes que se constituem em espaços propícios ao surgimento de novas maneiras de pensar e sentir. Assim, se a categoria de vanguarda tem um forte vínculo com a inovação, na lógica da interpretação que aqui defendemos, a categoria de mediação, ao "inventar" um produto híbrido, resultado dos processos de trocas culturais, também produz algo novo, que igualmente trás impactos políticos sociais". GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. *Intelectuais mediadores*: práticas culturais e ação política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. p. 33.

que valorize os itinerários dá ao pesquisador a possibilidade de penetrar no mundo dos "grandes intelectuais" e daqueles vistos como de menor expressão na historiografia.

A reconstrução desses conceitos pode ser feita por meio da análise de biografias, publicações do sujeito histórico e de arquivos privados. No caso de Anna Amelia, devido à escassez de estudos sobre sua atuação, as colaborações em periódicos são importantes para o estudo de seus "itinerários", segundo os termos de Sirinelli.[137] O objetivo é tratar a personagem enquanto mediadora cultural que ocupava espaço na imprensa, evidenciar as dimensões políticas e socioculturais de sua atuação, que lhe permitiram integrar redes de sociabilidade diversas, fundamentais para a conformação de seu perfil de intelectual. Assim, de início, compreende-se esse mediador a partir do meio que o cerca.

O final da década de 1920 e o início da seguinte foram marcadas por conflitos de diferentes ordens. Desde o começo do século XX, registrou-se crescimento urbano significativo em muitas cidades do país, com destaque para o Rio de Janeiro e São Paulo, o que intensificou os conflitos e contradições sociais, numa conjuntura marcada pelo enfrentamento de ideologias de esquerda e direita, inclusive no cenário internacional, que desaguariam na Segunda Guerra Mundial. No Brasil, a legitimidade do governo republicano foi cada vez mais colocada em questão até que, com o movimento de 1930, desmoronou o monopólio de parte da oligarquia rural tradicional. Assim, depois da depressão mundial de 1929 destruir o mercado internacional do café, a oligarquia cafeeira perdeu o poder político para grupos diversificados, que tinham em comum o fato de haverem sido marginalizados durante a Primeira República (1889-1930). Essa coalização, que uniu setores da burguesia e da aristocracia rural, ascendeu ao poder com o golpe de 1930, liderado por Getúlio Vargas,[138] que fortaleceu significativamente o governo central, fomentou o desenvolvimento econômico e instaurou reformas sociais e políticas.[139] O período anterior foi decisivo para a apropriação de aspectos do liberalismo, do cientificismo e

---

[137] SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. *In*: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política.* Rio de Janeiro: Editora Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1996. p. 231-262.

[138] Getúlio Dornelles Vargas (1882-1954) chegou ao poder por meio de um golpe militar e governou como presidente provisório (1930-1934), constitucional, eleito pelo Congresso (1934-1937), e como ditador do Estado Novo (1937-1945).

[139] Anna Amelia escreveu uma crônica para *O Jornal* (RJ) sobre o Golpe de 1930, na qual usa de metáforas para transcrever o pessimismo da população em relação às mudanças governamentais. "Vejo com mágoa que a mulher brasileira, tão valente e tão nobre durante toda a campanha, depois de se ter mostrado capaz de tanto sacrifício e de tanta dedicação, esmorece agora um pouco diante das circunstâncias do momento, diante dos sacrifícios que ainda é preciso fazer, diante das dificuldades que ainda é preciso atravessar. E eu desejaria que vocês todas, esposas e mães, que são ao mesmo tempo escritoras e intelectuais, iniciassem uma campanha paciente e serena, não de entusiasmo inúteis, mas de otimismo sadio. É esse o auxílio que o Brasil de hoje requer das suas mulheres. Façamos por propagá-lo, por espalhar vantagens de ação feminina nessa cruzada do otimismo". MENDONÇA, Anna Amelia Carneiro de Queiroz. Um pouco de otimismo. *O Jornal*, Rio de Janeiro, n. 3703, p. 13, 7 Dezembro 1930.

do positivismo.[140] Já na década de 1930, entrou na ordem do dia um ordenamento centralizado, apoiado na racionalidade administrativa e na valorização do profissionalismo e do tecnicismo. O intuito era promover a modernização econômica e política no Brasil, colocar o país no compasso das nações tidas como desenvolvidas. Daí a valorização dos diplomas e do saber objetivo, em contraposição às tradições do passado oligárquico e agrário brasileiros, vistas como arcaicas, numa leitura que legitimava a autoridade exercida sobre grande parte da população.[141]

Outra importante mudança que marcou os anos 1920 e 1930 foi a presença da mulher no espaço público, com significativas modificações nos papéis femininos, tanto que as integrantes dos movimentos emancipatórios avistaram novas oportunidades, numa sociedade em contínua transformação, para ampliar sua própria participação social. À medida que entravam na esfera pública como consumidoras, que ingressaram em escolas e profissões que antes lhes eram interditadas e que exerciam pressão em favor de direitos jurídicos e civis, as mulheres, tanto de organizações feministas quanto as que atuaram de maneira isolada, alcançavam maior visibilidade em suas realizações educacionais e profissionais.

Sendo impossível descrever todas as agitações sociais de uma época, crê-se que esses movimentos são capazes de elucidar um pouco dos discursos em disputa no período. O voto aberto, e amplamente restrito e fraudado, evidenciava que os núcleos de poder não permitiam possibilidade de alternação na administração política. As demandas populares por mais representatividade cresciam. E Anna Amelia – a personagem que, embora distante nos últimos parágrafos, guia esta narrativa – não deixou de direcionar suas táticas para reivindicar pautas educacionais e feministas, mobilizando sempre, mas não unicamente, a questão do sufrágio. Na área da educação, Anna Amelia não frequentou a escola e não obteve diploma de curso superior, entretanto, integrou o meio intelectual e sobressaiu-se na causa estudantil, sendo uma das pioneiras na criação da Casa do Estudante no Brasil (CEB) e da União Universitária Feminina do Rio de Janeiro (Figura 9), compondo também o Conselho Diretor da Associação Brasileira de Educação (ABE). Em 1931, participou da IV Conferência Nacional de Educação, sediada no Rio de Janeiro, na qual, pela primeira vez, foram discutidas diretrizes educacionais para uma educação popular.[142] Tais exemplos de atuação, num meio dominado por homens, permite

[140] FERNANDES, Florestan. *A revolução burguesa no Brasil:* ensaio de interpretação sociológica. São Paulo: Globo, 2006.
[141] SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*: tensões sociais e criação cultural na 1ª República. São Paulo: Brasiliense, 1999. p. 79.
[142] A semana da A.B.E.: deliberações do conselho diretor. *A Noite*, Rio de Janeiro, n. 6525, 14 janeiro 1931, p. 6.

colocá-la ao lado do que se convencionou denominar "nacionalismo intelectual."[143] Tratava-se de reformistas, em sintonia com ideais científicos, culturais e políticos em voga no exterior, mobilizados para conhecer a fundo a realidade brasileira e poder indicar caminhos para atingir o que julgavam ser os anseios e os objetivos da nação. Pode-se incluir a luta pela emancipação civil feminina como um dos componentes que integravam as mudanças.

A convenção realizada pela FBPF no mesmo ano de 1931 também teve Anna Amelia como destaque, ao defender o ensino superior das mulheres e os necessários auxílios para essas estudantes. Foi a partir desse evento – o II Congresso Internacional Feminista – que se pode confirmar a entrada efetiva de Anna Amelia no movimento,[144] no qual representou a CEB e tratou do ensino superior para as mulheres. A tese que ela propôs no Congresso foi intitulada *O problema da habitação para moças-estudantes e o projeto de uma casa para a estudante brasileira na organização da Casa do Estudante do Brasil*. A questão levantada considerava o significativo aumento de mulheres já cursando o ensino superior. Segundo Anna Amelia:

> A instituição da Casa do Estudante do Brasil é uma justa reivindicação da mocidade acadêmica de nossa terra, e virá corrigir uma enorme falta, suprimindo uma necessidade cujas consequências se fazem sentir cada vez com maior premência no meio dos estudantes de ambos os sexos, em todas as escolas superiores. Se até há alguns anos, faltava já a um número enorme de rapazes, sem grandes recursos, afastados da família, cuja situação não permitia enviar-lhes uma mesada, ou mesmo suficiente para a vida sem sacrifícios na capital, hoje essa deficiência de amparo atinge igualmente as moças estudantes, que começam a frequentar, em maior número as escolas superiores, e que procurarão, cada vez mais, alcançar pelo estudo e pelo trabalho, a sua definitiva emancipação social.[145]

Em consequência do período e da convenção, a participação das mulheres na formulação de políticas públicas cresceu rapidamente. Pela própria cronologia das incursões de Anna Amelia nas políticas assistencialistas, feministas e educacionais, sua popularidade cresceu a ponto de ser considerada uma das líderes da Federação.

---

[143] Segundo Sevcenko, "o nacionalismo intelectual não foi apenas a aplicação de ideias da Europa ou da América do Norte, mas sim um empenho sério e consequente de criar um saber próprio sobre o Brasil, nas linhas próprias do cientificismo." SEVCENKO, *Op. cit*., 1999, p. 85.

[144] Como não foi encontrada a data oficial da entrada de Anna Amelia na Federação, sua primeira aparição como integrante encontrada em impressos foi na fundação do "Centro Nysia Floresta", a sede de sócias da FBPF, tendo a intelectual como vice-presidente. Na Federação pelo Progresso Feminino: foi inaugurado, ontem, depois de aprovados os Estatutos, do Centro de Sócios. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, nº 10963, 17 setembro 1930, p. 7. Entretanto, vemos sua efetiva participação após a participação do II Congresso Internacional Feminista, como membra da Comissão Central do Congresso.

[145] Discurso retirado em: REGIS, Caren Victorino. *A Presença Feminina na Casa do Estudante do Brasil (1931-1951):* a atuação da União Universitária Feminina. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. p. 110.

Figura 9: Homenagem da União Universitária Feminina à Anna Amelia

Anna Amelia (4ª esquerda/direita, primeira fila sentada), em 1931. À sua esquerda está Maria Luiza Bittencourt Frota Aguiar e, a sua direita, a engenheira e urbanista Carmen Portinho. Fonte: ARREGUY, Clara. *Anna Amelia, alma de cristal*. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 1996, p. 12.

Nesse momento, Anna Amelia é reconhecida por participar de organizações que representavam meios sociais, culturais e políticos, sendo assim compreendida como uma intelectual. A categoria intelectual abarca, junto a outras compreensões, práticas singulares que, quando estudadas, inscrevem-se como formas específicas de mediação cultural. A ideia acerca da "mediação" para o estudo das sociedades vem ganhando destaque e, o que poderia ser chamado de intelectual mediador, abarca variáveis definições e entendimentos. A concepção aqui considerada retrata o intelectual mediador como sujeito da produção de conhecimentos e comunicação de ideias, direta ou indiretamente vinculado à intervenção político social.[146] Nessa discussão, vê-se que é fundamental atentar-se para o modo de "mediação" mobilizado pelo intelectual e os meios em que atua. Os veículos de sua mediação tornam-se absolutamente estratégicos, pois, se para a "nova história política" volta-se a analisar os processos socioculturais de produção e alteração de significados pelos diversos sujeitos históricos, é necessário compreender as dinâmicas de circulação, comunicação e recepção dos bens culturais.

Ao retornar a narrativa histórica sobre Anna Amelia, e compreendê-la como uma intelectual mediadora, vê-se que ela acumulou diversas funções e posições ao longo de sua trajetória. Sua carreira como poeta desfrutou de certa notoriedade junto ao governo vigente, no decorrer da década de 1930. Publicou duas coletâneas de sonetos, *A Harmonia das Coisas e*

[146] Segundo Angela de Castro Gomes, "Sendo assim, tais sujeitos podem e devem ser tratados como atores estratégicos nas áreas da cultura e da política que se entrelaçam, não sem tensões, mas com distinções, ainda que historicamente ocupem posição de reconhecimento variável na vida social." GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. *Op. cit.*, 2016, p. 97.

*dos Seres*,[147] impresso em 1936, e *Mal de Amor*,[148] obra que carrega o nome de seu poema mais famoso, datado de 1939. A primeira publicação chegou a ser noticiada pela rádio no programa "Hora do Brasil",[149] em 1937. Ao caracterizar seus poemas como "sadios, sem pessimismos dissolventes nem miragens desnorteadoras", percebe-se, pelas palavras utilizadas, os princípios conservadores então vigentes, os quais, aliás, os versos de Anna Amelia não afrontavam. O regime intervencionista que ocupava o poder buscava regular e acomodar interesses conflitantes, de modo a garantir a estabilidade social necessária para o projeto econômico avançar. O programa radiofônico assegurou que os versos "poderiam servir de legendas aos dias da consagrada família e aos ideais mais puros da juventude brasileira."[150] Dessa forma, Anna Amelia era retratada, pelos impressos e demais meios de comunicação do período, ao lado de nomes renomados do momento, elucidando certo tipo de prestígio social (Figura 10) e representando a face que o regime de então buscava. Pode-se analisar Anna Amelia como uma figura que exercia uma certa influência dentro da sociedade letrada brasileira.

Figura 10: Representação do evento intelectual "Legação da Bolívia", em 1931

NO LAR E NA SOCIEDADE

Instantaneos, a lapis, de uma recepção a intellectuaes na Legação da Bolivia

O sr. Gregorio Reynolds, encarregado de negocios da Bolivia, e sua exma. senhora acabam de offerecer a um grupo de intellectuaes uma interessante recepção, na Legação da Bolivia. Foram alguns momentos de delicioso convivio, em que se reuniram mentalidades de diversos paizes na communhão da arte e do pensamento que sagra todas as creaturas irmãs. Numa festa em que se encontraram tantos poetas, como Cap devila, Alfonso Reyes, Villaespesa, Ronald de Carvalho, Anna Amelia, Gregorio Reynolds, Cecilia Meirelles, "viveu-se" a poesia, mas não se disse um verso. Coube, desta vez, aos pintores presentes, revelarem as suas qualidades. Sário, o artista russo, iniciou a festa, exhibindo seus quadros com indios mexicanos de manta e chapelão. Corrêa Dias encerrou-a, fixando avidamente a expressão todos os que a ella compareceram, como se vê pelos "croquis" que damos acima.

Na legenda, o nome de Anna Amelia aparece junto ao de Alfonso Reyes, Cecília Meirelles e Gregorio Reynolds.
Fonte: *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, edição 00039, p. 7, 20 jul. 1931.

Outra posição intelectual que Anna Amelia representou foi por meio de colaborações em periódicos. Foi nesse período que a personagem passou a colaborar em jornais e revistas

[147] MENDONÇA, Anna Amelia de Queiroz Carneiro de. *A harmonia das coisas e dos seres*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1936.
[148] MENDONÇA, Anna Amelia de Queiroz Carneiro de. *Mal de Amor*. Rio de Janeiro: Literária Fluminense, 1939.
[149] Em 1931, foi criado o programa de rádio "Hora do Brasil", reestruturado em 1939, após a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). O programa tinha três finalidades: informativa, cultural e cívica. Divulgava discursos oficiais e atos do governo, procurava estimular o gosto pelas artes populares e exaltava o patriotismo, rememorando os feitos gloriosos do passado. CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 1988.
[150] BARROS, Jayme de. Hora do Brasil: espelho dos livros. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, n. 2855, p. 2, 15 fev. 1937.

mais ativamente, com crônicas de atualidades e ensaios que tratavam de problemas da sociedade brasileira, análises históricas sobre a posição das mulheres em diversos campos e críticas literárias que, em sua maior parte, versavam sobre escritoras. Vinculou-se a periódicos que compunham os Diários Associados,[151] como *Diário da Noite* (RJ, 1929-1964), *O Jornal* (RJ, 1919-1968), *A Noite* (RJ, 1911-1964) e a revista *O Cruzeiro* (RJ, 1928-1975), títulos nos quais teve efetiva participação.[152] Além desses periódicos, respondeu, por três anos (1930-1933), pela coluna semanal "Ronda de Imagens", que integrava a seção "Página Feminina" do jornal *Diário de Notícias* (RJ, 1930-1974), além de contribuir com poemas em outros espaços do jornal.[153] O recorte feito para a seleção das publicações utilizadas para a pesquisa partiu do fio condutor sobre questões relacionadas ao gênero feminino e feminismo, à Federação Brasileira pelo Progresso Feminino e a entrevistas e publicações de autoria de Anna Amelia, utilizando do recorte temporal proposto para a dissertação – décadas de 1930 e 1940.

Ao executar estudo mais atento sobre a imprensa como objeto de fonte histórica – mais especificamente a imprensa feminina –, é primordial compreender que esses periódicos tendem a reproduzir as ideias predominantes em sua época e o equilíbrio da ordem social. Dessa forma, acabam mantendo e legitimando as relações de poder existentes. Segundo Carla Bassanezi, esses impressos acabam atuando ao lado de instituições estatais, educacionais, religiosas, jurídicas, familiares etc., ao utilizar discursos que se relacionam com vários outros, influenciando e sendo influenciado por eles.[154] Assim, os meios impressos também são espaços onde as relações sociais, com sua distribuição de poder, se estabelecem, são produzidas, reforçadas e reproduzidas.

Ao retornar as colaborações em periódicos realizados por Anna Amelia, a diferenciação entre assuntos feministas e assuntos femininos mostra-se complexa. A linha entre escrita feminina e feminista confunde-se, pois os periódicos voltados para mulheres e escrito por elas eram constituídos por assuntos relacionados ao teatro, cinema ou música, de uma perspectiva

---

[151] Os Diários Associados constituíram-se na maior rede de veículos de comunicação do seu tempo, fundada pelo jornalista Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello. Pode-se relacionar as colaborações nos impressos que Anna Amelia realizou por meio do vínculo de sua irmã, Maria José de Queiroz Austregésilo de Athayde, com o intelectual braço-direito do Chateaubriand, Belarmino Maria Austregésilo de Athayde. MORAES, Fernando. Chatô: o rei do Brasil. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2016.

[152] Há de considerar, ainda, sua presença no *Correio da Manhã* (RJ, 1901-1974); *O Globo* (RJ, 1925- presente); *Jornal do Brasil* (RJ, 1891-presente); *Jornal do Commercio* (Recife, 1919-2017) e nas revistas ilustradas *Fon-Fon* (RJ, 1907-1958) e *Walkyrias* (RJ, 1934-1960).

[153] Essas informações foram obtidas por meio de buscas, realizadas na Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, a partir do nome da personagem, e no acervo de cartas do arquivo AACM, disponibilizadas no site do CPDOC/FGV.

[154] BASSANEZI, Carla Beozzo. *Virando as páginas, revendo as mulheres*: revistas femininas e relações homem-mulher (1945-1964). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

que prioriza a marcação importante de gênero ao salientar o trabalho de mulheres. A maioria dos fragmentos selecionados correspondem à divulgação de eventos, congressos e atividades realizadas por Anna Amelia em conjunto com outras ativistas da FBPF. Outra parte dos fragmentos, referente à sua coluna semanal no *Diário de Notícias*, contém artigos relativos ao "mundo feminino" – moda, filhos, crônica social e artigos de "comportamento" – entretanto, sempre atrelados a atualidades, notícias ou comentários sobre política e eventos culturais.

Assim, quando iniciada a busca por resultados envolvendo o nome de Anna Amelia nos periódicos do Rio de Janeiro, com foco nas décadas comentadas, encontrou-se mais de 1.900 fragmentos, a maioria anúncios de eventos que compôs e participou. Quando analisado mais a fundo e melhor selecionado, dividiu-se os recortes em três categorias: a primeira, que abarca assuntos em prol e voltado às mulheres, traz Anna Amelia acompanhada de figuras femininas importantes do período em eventos culturais, sociais ou até mesmo políticos. Já a segunda está relacionada com a FBPF, em que há anúncios, propagandas e notícias sobre a organização e a intelectual está juntamente presente. Em ambas as categorias, todas as ocorrências coletadas são publicações passivas, ou seja, em que Anna Amelia é citada. E a terceira categoria abarca tanto as publicações de Anna Amelia em sua coluna semanal no *Diário de Notícias* quanto colaborações e até entrevistas em outros periódicos.

Tabela 1: Resultado de busca por *Anna Amelia Carneiro de Mendonça* nos periódicos do Rio de Janeiro

| **Jornais e Revistas** | **Décadas de 1930 e 1940** |
|---|---|
| *O Jornal* | 618 |
| *A Noite* | 602 |
| *Diário de Notícias* | 419 |
| *Diário da Noite* | 254 |
| Revista *O Cruzeiro* | 32 |
| Revista *Walkyrias* | 16 |
| **TOTAL** | **1.941** |

Tabela 2: Recorte das ocorrências selecionadas para a dissertação

| **Jornais e Revistas (Décadas de 1930 e 1940)** | **Total** | **Questões femininas** | **Federação Brasileira pelo Progresso Feminino** | **Anna Amelia (publicações e entrevistas)** |
|---|---|---|---|---|
| *O Jornal* | 52 | 9 | 21 | 22 |
| *A Noite* | 62 | 23 | 32 | 7 |
| *Diário de Notícias* | 92 | 15 | 28 | 49 |
| *Diário da Noite* | 19 | 5 | 11 | 3 |
| Revista *O Cruzeiro* | 8 | 2 | 1 | 5 |
| Revista *Walkyrias* | 6 | 2 | 2 | 2 |
| **TOTAL** | **239** | **56** | **95** | **88** |

Como exemplo da última categoria, Anna Amelia escreveu uma crônica para *O Jornal* sobre o Golpe de 1930, em que usa de metáforas para transcrever o pessimismo da população em relação às mudanças governamentais:

> Vejo com mágoa que a mulher brasileira, tão valente e tão nobre durante toda a campanha, depois de se ter mostrado capaz de tanto sacrifício e de tanta dedicação, esmorece agora um pouco diante das circunstâncias do momento, diante dos sacrifícios que ainda é preciso fazer, diante das dificuldades que ainda é preciso atravessar. E eu desejaria que vocês todas, esposas e mães, que são ao mesmo tempo escritoras e intelectuais, iniciassem uma campanha paciente e serena, não de entusiasmos inúteis, mas de otimismo sadio. É esse o auxílio que o Brasil de hoje requer das suas mulheres. Façamos por propagá-lo, por espalhar vantagens de ação feminina nessa cruzada do otimismo.[155]

É importante perceber, a partir dos fragmentos selecionados, o costume de Anna Amelia em destacar obras produzidas por outras mulheres. É possível verificar uma característica política em suas publicações, na divulgação de trabalhos de autoria de mulheres numa época e ambiente hostil, quando sua especialização profissional e ocupação do espaço público eram constantemente atacadas e impedidas. Em sua coluna semanal no *Diário de Notícias*, destacaram-se artigos e crônicas que giram em torno de críticas literárias e comentários sobre problemas sociais, tanto que, em uma das publicações, Anna Amelia concentrou-se na "figura nova de mulher, que os intelectuais receberam com o mais justo entusiasmo", referência ao sucesso da então jovem romancista Rachel de Queiroz, e complementou de modo a defender o papel do intelectual modernista no período.[156] Os grupos excluídos e minoritários ganharam espaço nas reflexões sobre o país diante da transformação das relações sociais senhoriais e, até há pouco, escravistas, para as ancoradas nos valores burgueses.[157] Para além das considerações sobre "as técnicas dos modernistas", sua "profundeza humana dos comentários" e do "alcance filosófico das conclusões", Anna Amelia, ao final do artigo, teceu comentários sobre a detenção de Queiroz como comunista. Ao comentar esse viés político, ponderou que "comunistas são todos os sonhadores, no seu grande anseio da felicidade universal". De toda forma, vê-se a sua defesa em prol de outras mulheres escritoras e, juntamente, o incômodo dos críticos diante das

---

[155] MENDONÇA, Anna Amelia Carneiro de. Um pouco de otimismo. *O Jornal*, Rio de Janeiro, n. 3703, p. 13, 7 dez. 1930.

[156] "Se para nos fazer sofrer com o infortúnio de outros brasileiros, basta encontrar-se nos jornais que registram as consequências das secas, a série funesta dos desastres econômicos e pessoais que elas acarretam, a miséria que as acompanha sempre e os fundos males que delas ficam cicatrizes no coração brasileiro, só a interpretação dos artistas pode transmitir-nos, com a evidencia das coisas vividas, a verdadeira compreensão, o sentimento quase físico da desgraça enorme que pesa, de tempos em tempos, sobre a fronte dos nossos irmãos do nordeste". MENDONÇA, Anna Amelia Carneiro de. Ronda de Imagens. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, n. 257, 15 mar. 1931, p. 20.

[157] SEVCENKO, Nicolau. *Op. cit.*, 1999, p. 91.

mudanças nos papéis e comportamentos femininos, tidos por "adequados", nas relações homem-mulher e da organização familiar. Nas palavras de Besse:

> Fascinante ainda que assustadora, a "mulher moderna" foi, ao mesmo tempo, exibida com orgulho, como demonstração do progresso nacional, e denunciada como ameaça à tradição nacional. Sua autonomia, segurança e realizações educacionais e profissionais cada vez maiores correspondiam às novas liberdades, à ética burguesa e às necessidades econômicas da sociedade urbano-industrial brasileira em expansão.[158]

Se, de um lado, os ditos "feministas" não apoiavam verdadeiramente o movimento, o surgimento do antifeminismo acompanhou a trajetória de emancipação da mulher e teve seu auge na revitalização do catolicismo no Brasil como força intelectual reacionária, no decorrer das décadas de 1930 e 1940.[159] A fundação da Ação Integralista Brasileira (AIB), em 1932, que se organizava em princípios antidemocráticos e fascistas, representou o compromisso de defender a fé católica, promover a ordem social e o respeito pela autoridade. O *Manifesto à Nação Brasileira,* também publicado em 1932, distinguia-se pelo caráter acentuadamente machista, no qual a mulher deveria circunscrever-se ao lar. Em 1946, Plínio Salgado, fundador e líder da AIB, publicou o livro *A Mulher do Século XX*, que tornou explícito o antifeminismo militante desse movimento[160] que pregava rigorosa educação religiosa, pois, por sua própria natureza, as mulheres eram impulsivas e facilmente seduzidas pela modernidade. Assim, a moral religiosa, contendo os "princípios imutáveis" do cristianismo, deveria guiar as mulheres em suas ações e pensamentos. O feminismo, para essa linha de pensamento, não representava a libertação feminina, mas a violação da verdadeira natureza da mulher.[161] Esse tipo de vertente tinha o intuito de convencer as mulheres modernas a preservarem sua pureza e piedade, de abraçar seu papel "natural" como esposas, mães e educadoras de crianças, manter uma separação rigorosa entre as esferas masculinas e femininas e de evitar toda competição com os homens.

Apesar dos temerosos às mudanças que começavam a ocorrer nos papéis atribuídos às mulheres, entendidos na contemporaneidade como "relações de gênero", a adesão à campanha feminista distinguia a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, pois, enquanto a imprensa utilizava a imagem da mulher para vender produtos e torná-la consumidora, as integrantes da Federação recorriam à imprensa para dar vazão às frustações, para expressar opiniões a partir

---

[158] BESSE, Susan. *Op. cit*., 1999, p. 37.
[159] SCHWARTZMAN, Simon. *Tempos de Capanema*. São Paulo: Paz e Terra, 1984. p. 107.
[160] SAFFIOTI, Helen. *Op. cit*, 1976, p. 50.
[161] É interessante notar em uma carta encontrada no arquivo pessoal da personagem, datada de 1933, aborda o episódio de seu pedido de exoneração do cargo de secretária cultural da Associação Cristã Feminina. Disponível em: CPDOC. Arquivo Anna Amelia. Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: http://www.fgv.br/cpdoc/guia/detalhesfundo.aspx?sigla=AACM. Acessado em: 30 jul. 2023.

de entrevistas, reuniões públicas, petições e manifesto,[162] fazer reivindicações e comunicar-se com outras mulheres. Passaram a questionar enfaticamente as definições tradicionais da "natureza feminina", protestaram contra os abusos do poder masculino, dentro e fora da família, e lutaram pela participação das mulheres em esferas que anteriormente lhes eram negadas. Com a influência e vínculo social que essas mulheres possuíam, utilizavam-nas de uma forma estratégica para ocupar lugares na imprensa e ter suas ideias e reivindicações escutadas.

Figura 11: Membros da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino em almoço com integrantes da Associação Brasileira de Imprensa no Automóvel Clube do Brasil, em 1934

Identifica-se Anna Amelia (4ª direita/esquerda, segunda fileira em pé), Bertha Lutz (2ª direita/esquerda, segunda fileira) e Carmen Portinho (2ª direita/esquerda, primeira fileira). Fonte: Acervo do Arquivo Nacional, fundo Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. Disponível em: http://dibrarq.arquivonacional.gov.br/index.php/federacao-brasileira-pelo-progresso-feminino. Acesso em: 20 jul. 2023.

É sempre importante, em uma narrativa histórica, assinalar o lugar social ocupado pelo sujeito histórico estudado – neste caso, Anna Amelia – para que se compreenda não somente as táticas políticas desenvolvidas por ela, como o tipo de influência com que contava. Por ser filha e herdeira de uma famosa e pioneira siderúrgica no estado de Minas Gerais, possuía vínculos de amizade e parentesco com muitas famílias que ocupavam cargos de poder no país. O que ajuda a compreender as diferentes formas táticas que Soihet argumenta nos meandros das relações de poder.

Nos estudos que analisam os impressos como objeto de pesquisa, mais especificamente periódicos voltados ao público feminino, percebe-se que os conteúdos contidos nessas revistas e jornais dialogavam com seu tempo, procurando mudar na medida do possível, sem

[162] Seu principal manifesto foi a "Declaração dos Direitos da Mulher", publicado em 1928. Disponível no Arquivo Nacional, fundo Federação Brasileira pelo Progresso Feminino.

transformar os fundamentos básicos da hierarquia de gênero.[163] Entretanto, como essa mídia dependia do mercado consumidor, as revistas também incorporaram certas mudanças sociais e puderam, inclusive, abrir espaços para novas propostas e questionamentos. É a partir desse entendimento que os grupos feministas conseguiram utilizar dos impressos parar expressarem suas ideias e reivindicações.

Pode-se citar, como exemplo da influência que a FBPF já exercia, a coluna de Anna Amelia, "Ronda de Imagens", no *Diário de Notícias*, ao parabenizar o aniversário de fundação da Federação. Considerou o feminismo brasileiro como um "bom feminismo", que se caracterizava por "um conjunto de virtudes sociais e domésticas, uma justa compreensão dos problemas básicos da raça e uma serena visão das coisas úteis de realizar". Por fim, proferiu elogios à Federação e suas integrantes:

> Esta Federação não é apenas o centro operoso de centenas de brasileiras de boa vontade, que procuram espalhar por todo o país, a semente de ideias novas e a iniciação de novas atividades, ao alcance de todas as suas longínquas irmãs; é ainda o núcleo gerador de uma nova mentalidade feminina, de acordo com as nossas necessidades educacionais, capaz de criar para o Brasil de hoje, a mulher que há de preparar, como profissional, como mestra, como mãe, o futuro esplendido e sereno do Brasil de amanhã.[164]

A questão determinante para as ativistas da Federação e, desse modo, para Anna Amelia era o trabalho, porque lhes propiciara meios de subsistência, não as sujeitando à "dependência humilhante" em relação ao sexo masculino. Em um dos artigos publicados em sua coluna semanal, Anna Amelia retratou o trabalho como "fonte perpétua de energia e beleza", trazendo como exemplo as mulheres da elite de outros países que, "sem os privilégios estabelecidos por velhas heranças aristocráticas", estavam em meio à modificação de todas as contingências sociais. A partir da luta pela evolução social da mulher, "nada tem sido mais útil à sua emancipação e à sua felicidade, que a aplicação racional da sua capacidade de agir. O trabalho dignifica, eleva, liberta, revela".[165] Para as integrantes da Federação, o "suor" e a luta seriam sentimentos que trariam a completa consciência de seus valores e de suas ações.[166]

À medida que a organização cresceu, reuniu um conjunto diversificado de grupos femininos. As integrantes dividiam-se entre as que lutavam por assegurar às mulheres direitos

---

[163] BASSANEZI, Carla Beozzo. *Op. cit*., 1996, p. 42.
[164] MENDONÇA, Anna Amelia Carneiro de. Ronda de Imagens. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, n. 419, p. 20, 9 ago. 1931.
[165] MENDONÇA, Anna Amelia. Ronda de Imagens. *Diário de Notícias,* Rio de Janeiro, n. 339, p. 17, 24 maio 1931.
[166] Segundo Besse, "as famílias urbanas, diante do declínio do valor do trabalho doméstico da mulher, das altas taxas de inflação e da crescente necessidade de dinheiro, começaram a encarar de maneira mais favorável o trabalho assalariado feminino – desde que não maculasse a reputação das mulheres, não comprometessem sua feminilidade, nem ameaçassem a estabilidade do lar chefiado pelo homem". BESSE, Susan. *Op. cit*., 1999, p. 99.

sociais e políticos e as que se preocupavam principalmente em exaltar e louvar os papéis domésticos das mulheres. Essa dupla representação é considerada pelos estudiosos do tema a força e a fraqueza da Federação, sendo referida como justificativa para não ter provocado mudanças sociais e culturais mais significativas. Enquanto estimulou a colaboração entre donas de casa e mulheres profissionais, entre sufragistas e as que faziam obras de caridade, as líderes da Federação tentaram evitar conflitos entre os papéis públicos e privados da mulher, bem como as contradições entre as definições das mulheres como inatamente diferentes dos homens e potencialmente idênticas nos referidos "trabalhos das mulheres".

Não se pode deixar de lado os conflitos existentes entre as integrantes da organização. Os fundamentos intelectuais dessas mulheres geravam controvérsias e dividiam o movimento, sendo que as principais discussões diziam respeito à igualdade de direitos *versus* legislação protetora; à proximidade com o pensamento socialista *versus* a preservação da independência do movimento feminista; às solidariedades de cunho nacional *versus* o internacionalismo em um mundo ainda profundamente marcado pelo colonialismo.

### 1.3.1 O Código Eleitoral e o voto das mulheres

Em junho de 1931, o então presidente do Governo Provisório recebeu as líderes do II Congresso Internacional Feminista no Palácio do Catete, entre as quais estava Anna Amelia.[167] Segundo manchetes do *Diário de Notícias*, o chefe do governo relatou que o país se encontrava preparado para o acolhimento dessas ideias, visto que elas não contrariavam a tradição da família brasileira. Pouco depois, o governo deu início à reforma do sistema eleitoral brasileiro, em decorrência das queixas constantes, ao longo da Primeira República, quanto a vícios nas votações. Dessa maneira, em 1932, o governo expediu o Código Eleitoral e instituiu-se a Justiça Eleitoral, composta de um Tribunal Superior, tribunais regionais e juízes eleitorais.[168] O recém-elaborado Código Eleitoral pretendeu aumentar o número de eleitores inscritos no país e, com a criação da Justiça Eleitoral, a imprensa passou a comemorar o fato de se ter, pela primeira vez, "eleições verdadeiras", pondo fim à desmoralização dos reconhecimentos políticos, das degolas eleitorais e das falsificações dos votos.[169] Essa mudança foi saudada pelas integrantes da FBPF. Embora os principais membros do novo governo não fossem defensores do

[167] LUTZ, Bertha. Segundo Congresso Internacional Feminista. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, n. 378, p. 4, 26 jun. 1931.
[168] TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. *Títulos eleitorais*: 1881-2008. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, Secretaria de Gestão de Informação, 2009.
[169] KARAWEJCZYK, Mônica. *Op. cit.*, 2010, p. 205.

feminismo, o compromisso que tinham com a reforma eleitoral e trabalhista e com o bem-estar social oferecia novas oportunidades ao movimento feminista organizado.

De forma geral, a postura do Governo Provisório em relação ao voto feminino só ocorreu devido à mobilização e às táticas desenvolvidas por essas mulheres. Soihet argumenta que, caso agissem de forma mais radical, preconizando profundas mudanças nas relações de gênero, elas talvez nada obtivessem dos poderes constituídos, como foi visto nas trajetórias de Leolinda Daltro, Maria Lacerda de Moura e Patrícia Galvão. As estratégias escolhidas pelas mulheres que se envolveram com a FBPF, principalmente a de se aliar a nomes de destaque no campo político, aceitando jogar segundo as regras do poder, foram interpretadas pela autora como uma forma de ter seus interesses atendidos via Estado.[170] Não se pode perder de vista que, naquela conjectura, o legislativo fora suprimido pelo golpe de 1930, restando-lhes, portando, procurar interlocução com o executivo.

Finalmente, o grande objetivo dos grupos aqui estudados foi alcançado em 1932: o voto feminino. Enfim eleitoras, porém, com restrições. Apenas as mulheres viúvas ou solteiras com renda própria poderiam votar. As mulheres casadas, mesmo que também tivessem sustento próprio, fruto de atividade profissional, só poderiam votar se autorizadas pelo marido. E o voto para essas mulheres era facultativo, podendo isentar-se, portanto, das obrigações eleitorais. A comissão formada por juristas para a reforma do sistema eleitoral buscava impor restrições que, segundo alguns membros, eram "indispensáveis à boa ordem das relações privadas na família brasileira".[171] Somente com o término do Estado Novo, em 1945, e a elaboração de uma nova Constituição no ano seguinte, que o voto passou a ser obrigatório para ambos os sexos, sem restrições de qualquer tipo.

A partir desse momento, as integrantes da Federação fizeram campanha em todo o país para convencer todas as mulheres a se registrarem como eleitoras. Promoveram também a candidatura da líder Bertha Lutz para o parlamento, a fim de incluir o seu nome na comissão Constituinte. A imprensa publicou em peso o apelo elaborado por uma comissão de mulheres, a saber, Carmen Portinho, Anna Amelia Carneiro de Mendonça, Maria Luiza Bittencourt, Nair Haddock Lobo, Carmen Carvalho e Adelaide Côrtes.[172]

---

[170] SOIHET, Rachel. *Op. cit.*, 1974, p. 67.
[171] TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. *Op. cit.*, 2009.
[172] A próxima representação da mulher no parlamento: um apelo para que seja incluído o nome da Sra. Bertha Lutz na comissão elaborado da Constituinte. *O Jornal*, Rio de Janeiro, n. 4190, p. 5, 1 jul. 1932; A mulher e a nova Constituição: uma afirmação vitoriosa do feminismo nacional. *A Noite*, Rio de Janeiro, n. 7398, p. 4, 30 jun. 1932; Movimenta-se o feminismo; A Federação Brasileira pelo Progresso Feminino indica o nome da Sra. Bertha Lutz para fazer parte da comissão que vai elaborar o anteprojeto da Constituição. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, n. 740, p. 1, 1 jul. 1932.

Enfim, em 1933, realizou-se em todo o país a eleição para os integrantes da Assembleia Constituinte. Setes candidatas concorreram pela então capital, sendo algumas delas Bertha Lutz, pelo Partido Autonomista, enquanto as filiadas à FBPF promoviam sua campanha; a professora Leolinda Daltro; e a advogada Natércia da Silveira, que estava à frente da Aliança Nacional de Mulheres.[173] A presença feminina também apareceu nas juntas apuradoras das eleições. A intelectual aqui estudada, Anna Amelia, foi a primeira mulher a integrar o júri para a apuração de votos do primeiro Código Eleitoral do Brasil.

Figura 12: Notícia sobre apuração dos resultados eleitorais em 1933

O inicio, hoje, dos trabalhos de apuração

Estão tunccionando oito turmas

A 9ª Turma Apuradora funccio nando hoje, com a presença da sra. Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça, unica mulher que toma parte nos trabalhos de apuração de pleito

A esprieptora Anna Amelia, unica mulher que figura nas justas apuradoras das eleições

Fonte: *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, edição 00931, p. 1, 15 maio 1933.

É interessante notar que os resultados parciais das eleições foram publicados quase que diariamente nas páginas dos jornais, o que parece comprovar o razoável interesse pelo resultado do pleito pela população votante. A participação feminina foi prestigiada pela imprensa, porém, com forte marcação de gênero. O aceite do "sexo bonito" no mundo público foi apresentado como "a divergência entre o pleito de hoje e os de outrora, consiste na presença de numerosos elementos femininos". Em uma das reportagens, é curioso o enfoque do jornalista, segundo o qual mulheres não votaram nas candidatas que concorriam ao pleito: "Muitas senhoras declararam aos repórteres terem riscado das chapas ou que negaram votos aos candidatos do

[173] As sete candidatas eram: Bertha Lutz, Leolinda Daltro, Natércia da Silveira, Ilka Labarte, Georgina Azevedo Lima, Tereza Rabelo de Macedo e Julita Soares da Gama.

seu sexo".[174] Vê-se aqui a falta de coesão entre as mulheres que, apesar de poderem votar, posicionavam-se contra a possibilidade de o seu próprio gênero exercer um cargo político. Fica, entretanto, a pergunta: essas palavras poderiam expressar uma opinião da sociedade, ou seriam apenas considerações do próprio jornal?

Em matéria intitulada "O problema de vivo interesse para a mulher brasileira: o voto feminino", Anna Amelia concedeu entrevista sobre o assunto, na qual ficam evidentes os esforços das líderes da FBPF em prol de maior articulação feminina e defesa da democracia liberal, sistema relativamente favorável às mulheres. Nas suas palavras:

> Muitas vezes tem sido repetido o comentário de que a mulher brasileira não atingiu ainda o nível de cultura necessário para intervir nas questões coletivas. Terá, por acaso, o homem brasileiro chegado até lá? Infelizmente, estamos ainda longe da solução desses problemas. Mas se a política é a representação dos interesses e das contingências dos povos, cabe a vontade do povo a expressão da sua própria força; e o povo não é simplesmente orientado por homens, e sim, no fundamento da sua estrutura, amplamente apoiado na ação da mulher. Ela é a coluna central do edifício da família no sentido da unidade e do sentimento. Com o desenvolvimento educacional da nossa gente – companha de sacrifícios, em que se destaca a ação moderada, mas permanente da mulher – os homens e mulheres do Brasil chegarão a um só tempo, de mãos unidas na cooperação e na fraternidade, a compreensão total dos deveres e dos problemas da cidadania, como a compreensão e ao uso acertado dos direitos políticos e sociais.[175]

Mesmo que a forte marcação de gênero esteja presente ao destacar a mulher como "coluna central do edifício da família no sentido da unidade e do sentimento", a intelectual não deixou de tocar nos problemas sociais e políticos do país como de responsabilidade de ambos os sexos. Entretanto, encarregou à mulher da missão de promover o desenvolvimento educacional do país.

Bertha Lutz foi a candidata que recebeu a maior votação na capital, porém insuficiente para assegurar-lhe uma cadeira na Câmara. Em São Paulo, a médica e professora Carlota Pereira de Queirós,[176] que concorreu ao mandato de deputada nas eleições, teve apoio de uma grande reunião de forças políticas no estado e tornou-se a primeira mulher a assumir uma cadeira na Câmara dos Deputados. Mesmo que nenhuma das integrantes da FBPF tenha sido eleita para a Assembleia Constituinte, Lutz foi nomeada para a comissão governamental encarregada de preparar uma minuta da nova Constituição. Na oportunidade, elaborou o documento intitulado

---

[174] A apuração do pleito. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, n. 932, p. 3, 16 maio 1933.
[175] O problema de vivo interesse para a mulher brasileira: o voto feminino. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, n. 717, p. 2, 31 abril 1933.
[176] Carlota Pereira Queirós (1892-1982) notabilizou-se durante o movimento em favor da reconstitucionalização, a Revolução Constitucionalista de 1932, ao coordenar o serviço de apoio aos combatentes paulistas, ganhando notória popularidade. Entretanto, era adepta de que as mulheres prestassem serviços sociais de assistência aos pobres em contrapartida ao direito de votar. Ver em: MARQUES, Teresa Novaes. *O voto feminino no Brasil*. Brasília: Edições Câmara,2018, p. 120.

"Treze Princípios Básicos", que reuniu todas as propostas defendidas nas convenções da Federação, que denominavam "revolução permanente".[177] Assim, toda a campanha dessas mulheres não foi em vão e mesmo após as eleições continuaram a lutar por suas propostas.

No momento em que essas mulheres viam seus esforços darem resultados positivos, as representantes da Federação passaram a publicar boletins mensais sobre as ações da entidade. Neles, apresentaram o voto feminino não como um fim em si mesmo, mas enquanto instrumento a ser usado para a melhoria do status das mulheres. Advertiam que "os direitos recém-conquistados eram precários e de que a verdadeira batalha ainda estava por ser travada". Nesses discursos, vê-se que a tarefa era a de unirem-se na defesa do seu sexo, usufruir de direitos democráticos, eleger feministas para os cargos públicos, alterar as leis do país em benefício das mulheres e das crianças e impregnar o sistema político de "valores intensamente sociais, pacíficos e humanitários".[178]

Após a promulgação da recém-formulada Constituição de 1934, que consagrou a igualdade de direitos políticos entre homens e mulheres, desde que fossem maiores de 18 anos e alfabetizados, as integrantes das associações femininas e feministas passaram a esboçar novos objetivos. As convenções da FBPF, realizadas entre 1934 e 1936, insistiram em um programa minucioso, que visava a consolidação e a extensão do que já haviam obtido. Visavam, assim, assegurar a implementação jurídica dos direitos e garantias constitucionais, educar e estimular as mulheres a assumirem novos papéis sociais, econômicos e políticos e erguer uma ampla base de apoio público ao feminismo.[179] O foco, portanto, foi consolidar a mobilização das mulheres, tanto que diversas comissões da Federação, em conjunto com a Liga Eleitoral Independente,[180] procuraram elevar a consciência política das mulheres, envolvê-las em discussões sobre as diretrizes sociais e políticas e estimulá-las a votar.

---

[177] As principais mudanças foram: direito de mulheres brasileiras manterem sua nacionalidade e o transmitirem a seus filhos, apesar de casamento com estrangeiro; sufrágio feminino e igualdade perante a lei, sem distinção com base no sexo; a instituição de princípios orientadores da legislação trabalhista para mulheres; e exigência de que todos os níveis de governo assegurassem apoio às mães e proteção às crianças mediante garantias legais, instituição de serviços especializados e alocação de um por cento dos impostos recolhidos para esse fim. Ver a Constituição Brasileira de 1934, artigos 106, 108, 113, 121, 138, 141, 168, 170.

[178]Disponível em: Acervo do Arquivo Nacional, fundo Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. Disponível em: http://dibrarq.arquivonacional.gov.br/index.php/federacao-brasileira-pelo-progresso-feminino. Acesso em: 20 jul. 2023.

[179] As resoluções da Convenção de 1934, realizada na Bahia, encontram-se em: *Boletim da FBPF*. Ano I, n. 1, janeiro 1935.

[180] Associação ligada à Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, criada em 21 de março de 1933, com o objetivo de promover o alistamento eleitoral das mulheres. A liga era dirigida por Berta Lutz.

Em 1934, logo após a promulgação da Constituição, começou a circular a revista feminina *Walkyrias*,[181] cujo programa pautava-se na defesa dos direitos das mulheres, o que incluía as realizações obtidas pela FBPF. Na primeira edição, Anna Amelia escreveu o artigo "Amazonas e Feministas". Nacionalizando o simbolismo do nome da revista – que se referia a deusas virgens que serviam de mensageiras de Odin, deus nórdico –, a autora tratou de uma das vertentes do feminismo que subscrevia:

> Eu venho da terra das amazonas, essas estranhas feministas das selvas. Na sua ânsia de conquistas e vitórias, elas ambicionavam uma liberdade selvagem, afrontaram os encontros sangrentos, as lutas com o inimigo e com as feras, afirmando a bravura do sexo e proclamando a revolta contra o homem. Não quiseram permanecer submissas, embaladas no aconchego da rede de tucum, na doce dependência do braço viril que abatia a caça e afastava o perigo. Adivinharam, na rudeza de seus ímpetos, que a metade de um povo não deve pesar sobre a outra metade.[182]

A denúncia da opressão contra as mulheres é nítida, principalmente por tomar as Amazonas como "precursoras da emancipação econômica da mulher". Porém não concordou com métodos das guerreiras icamiabas que "não souberam adivinhar que na harmonia das duas forças é que reside a força universal", além de solicitar às Amazonas que sejam a guarda de "nosso generoso e sadio feminismo de hoje, feminismo pacífico e igualitário, maternal e humano, que prepara lentamente, mas seguramente, as brasileiras que despertam para o seu verdadeiro lugar na vida nacional". O apoio à luta igualitária está evidente, porém, como membro da FBPF e defensora da líder da organização, Anna Amelia considerava fundamental a participação do poder público para assegurar o trabalho feminino, a maternidade e a infância, ideias-chave do feminismo reformista que, segundo as análises, ela e a Federação consideravam a via possível e correta para atingir os seus objetivos. Ou seja, a compreensão de equidade estava muito mais presente em seus discursos do que a ideia de igualdade.

A posse de Bertha Lutz como deputada federal,[183] em 1936, e sua investidura na presidência da Comissão Especial do Congresso para o Estatuto da Mulher, despertaram as esperanças das feministas de que as reivindicações e propostas da FBPF seriam seriamente consideradas pelo Congresso. Entretanto, críticos passaram a contestar os votos recebidos por Lutz. No *Boletim da FBPF*, de março de 1935, inteiramente dedicado a homenagear Lutz, Anna Amelia defendeu-a de forma apaixonada das acusações de fraudes no processo eleitoral:

---

[181] Revista dirigida pela paulista Jenny Pimentel de Borba, dos anos 1934 a 1960. A partir do golpe denominado Estado Novo (1937), a revista passou a publicar apenas propagandas e matérias sobre moda feminina.

[182] MENDONÇA, Anna Amelia Carneiro de. Amazonas e Feministas. *Walkyrias*, Rio de Janeiro, n. 1, 17 ago. 1934, p. 23-24.

[183] Na campanha de 1934, Lutz foi eleita como suplente e ingressou na Câmara dois anos depois, em função do falecimento de um deputado.

> A mulher brasileira ascendeu com ela, orgulhosa, essa altura escarpada; acompanhou-a no esforço sem descanso; viu-a dominar os obstáculos, dominando as agruras da jornada. Sofre, por isso, com ela, neste instante, a injuria que lhe tenta macular o nome – padrão e patrimônio do movimento feminista no Brasil. Faltava a Bertha Lutz a aura de martírio que sagra o sacrifício e marca definitivamente a conquista dos grandes ideais.[184]

Figura 13: Notícia sobre almoço das integrantes da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino a favor da candidatura de Lutz ao Congresso

A manifestação feminista á Sra. Bertha Lutz

O CASO DOS MAPPAS ELEITORAES E OS DISCURSOS PROFERIDOS NO ALMOÇO DO AUTOMOVEL CLUB

Aspecto do almoço offerecido á Sra. Bertha Lutz

Localiza-se Anna Amelia (1ª esquerda/direita) e Bertha Lutz (2ª esquerda/direita). Fonte: *A Noite*, Rio de Janeiro, edição 8335, p. 1, 6 fev. 1935.

Essa postura atrelava-se à estratégia política da organização, já que o nome de Lutz trazia consigo prestígio e reconhecimento junto aos círculos governamentais. A moderação, evidenciada na aproximação com os poderosos, coloca uma série de questões, a começar pelos vínculos sociais e afetivos envolvidos nessa convivência tão próxima. Não é difícil compreender o posicionamento daquelas que enfatizam as ações aqui representadas para a emancipação social e cultural da mulher. Como na Europa e nos Estados Unidos, a situação vigente no Brasil também permitiu que essas mulheres de classes urbanas média e alta contestassem o privilégio masculino. Não há como negar que, de fato, essas feministas contribuíram para a modernização das relações de gênero, sem questionar, porém, a desigualdade social e política vigente. O ponto-chave é o empenho e a capacidade de terem, em menos de duas décadas, se organizado e ocupado, ainda que de forma modesta, o espaço

[184] Boletim da FBPF. Ano I, n. 3, mar. 1935.

público, sabendo valer-se das mudanças socioculturais que o mundo e o Brasil passavam, além de terem sido as primeiras brasileiras a se declararem feministas em âmbito nacional.[185]

Como já exposto, a conquista do voto feminino foi compreendida pelas líderes da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino não como fim em si mesmo, mas como um instrumento a ser usado para a melhoria da posição da mulher perante a sociedade, já que esse direito recém-conquistado ainda era precário. Dessa forma, os anos entre o sufrágio feminino e a decretação do regime do Estado Novo foram mobilizados pelas integrantes do movimento para formular um programa minucioso que visava a consolidação e a extensão dos direitos e garantias constitucionais para educar e estimular as mulheres a assumirem novos papéis sociais, econômicos e políticos.[186] Ou seja, a meta da Federação era a aplicação da chamada "revolução permanente".[187]

Segundo Anna Amelia, em entrevista concedida ao impresso *Diário de Notícias*, os ideais feministas:

> O feminismo não é uma revolução social e sim uma reação. Pleiteando seus direitos civis e políticos, a mulher tece em vista aplicar suas energias em proveito também da coletividade. Não pretende masculinizar-se, mas simplesmente demonstrar que é uma criatura útil e não um ônus para o homem.[188]

Assim, as integrantes da FBPF compreendiam que o voto seria o início da transformação da mulher em cidadã. O ingresso feminino nas políticas públicas e nos órgãos governamentais abriria espaço para a "era da Câmara Federal e de vários estatutos". Regulamentavam-se, enfim, as reivindicações básicas de feminismo no plano econômico e social. Segundo Soihet, essa foi a primeira vez que a opinião feminina, como resultado da pressão de mulheres, se pronunciava sobre a organização da vida pública nacional.

---

[185] Nos primeiros congressos organizados pelas integrantes da FBPF – Congresso Internacional Feminista, realizados em 1922, 1931 e 1933 – nota-se o uso do termo "feminista". A exemplo: As impressões do I Congresso Internacional Feminista: O problema da paz e a educação feminina. *A Noite*, Rio de Janeiro, n. 7064, p. 7, 8 jul. 1922.

[186] É importante notar que as metas da Federação associavam a agenda do igualitarismo com muitas propostas de reformas da condição jurídica e social. Segundo Teresa C. N. Marques, "para os padrões da política feminista norte-americana [que as líderes da FBPF se espelhavam], a combinação de elementos da agenda igualitarista com um forte peso da agenda reformista era pouco usual. Mas foram essas as escolhas de Bertha. Escolhas coerentes com a leitura que as feministas faziam do sistema político brasileiro, sobretudo, do papel central da Presidência nesse sistema, especialmente após 1930." MARQUES, Teresa C. N. Entre o igualitarismo e a reforma dos direitos das mulheres: Bertha Lutz na Conferência Interamericana de Montevidéu, 1933. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 927-944, set./dez. 2013. p. 941.

[187] Segundo trecho do *Boletim da FBPF*, Bertha Lutz expôs que "o movimento feminino é geralmente uma reforma pacífica, mas nem por isso deixa de ser uma revolução de costumes, praxes e leis. A nenhum movimento melhor se aplica o conceito de Revolução Permanente como este." *Boletim da FBPF*. Ano II, n. 3, mar. 1936.

[188] O que pensam as feministas: como a escritora Anna Amelia define os ideais de suas correligionárias. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, n. 1030, 22 abril 1933, p. 19.

Junto a essas metas, a formação de alianças com grupos feministas internacionais foi utilizada pelas representantes do movimento organizado brasileiro para obter significativos ganhos políticos, principalmente porque os compromissos assumidos na cena internacional ganhavam expressiva visibilidade na imprensa.[189] Essa tática pode ser entendida como uma forma de constranger o sistema político doméstico a admitir a existência dos problemas, e, por meio disso, abrir espaço para considerar reformas.[190]

Como exemplo, o impresso *A Noite* publicou entrevistas que Anna Amelia concedeu ao jornal com o intuito de falar sobre sua indicação para representar o país no XII Congresso da Aliança Internacional pelo Sufrágio Feminino em Istambul, Turquia, no ano de 1935. É interessante notar que a intelectual não deixa de referenciar a FBPF e de se colocar como representante da organização, de forma a não hierarquizar o cargo que ocupava, de vice-presidente da FBPF:

> Tratará o Congresso de vários problemas importantes, relacionados com a situação social da mulher e com o trabalho feminino. Estou encantada pela oportunidade que tenho, como feminista, de olhos voltados para o progresso e para as conquistas sociais. Levo, da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, instruções sobre a minha atuação face os problemas que serão debatidos.[191]

Em outra reportagem sobre o mesmo evento, Anna Amelia comentou suas impressões sobre as europeias, que "já estão, em quase todos os países, em igualdade com o homem".[192] Vale notar que, em ambas as matérias, apesar de os títulos retratarem assuntos internacionais, referiram-se ao evento como "oportunidade para aprofundar boas relações" ou mesmo como uma viagem a lazer. Outro jornal, ao relatar a realização de um evento das organizadoras da FBPF, no qual discutiriam sobre as pautas que a intelectual levaria para o Congresso em Istambul, referiu-se ao encontro como "belíssimo, com a mesa ornamentada de velas e flores".[193] Segundo Besse, a imprensa do período trazia as pautas e ações feministas de forma a ridicularizar e a vulgarizar o movimento. Ao popularizar a ideia do feminismo, os periódicos banalizavam sua seriedade e transmitiam a mensagem de que ser feminista significava ser moderna, e não necessitaria nenhuma transformação fundamental da consciência da mulher.[194]

---

[189] CORREA DA SILVA, Gabriela. *Dos passados heterogêneos ao mosaico continental*: pan-americanismo e operação historiográfica no IHGB republicano (1889-1933). Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. p. 213.
[190] SOIHET, Rachel. *Op. cit*., 2006, p. 122.
[191] De um lado a poesia, de outro o feminismo: Anna Amelia, que vai representar o Brasil no Congresso de Istambul, fala A Noite. *A Noite*, Rio de Janeiro, n. 8396, p. 1, 10 abr. 1935.
[192] Regressou da Europa a escritora Anna Amelia. *A Noite*, Rio de Janeiro, n. 8514, p. 1, 17 ago. 1935.
[193] A representação do Brasil no Congresso Internacional Feminista de Istambul: a sra. Anna Amelia Carneiro de Mendonça seguirá no "Zeppelin". *O Jornal*, Rio de Janeiro, n. 4752, p. 5, 10 abr. 1935.
[194] BESSE, Susan. *Op. cit*, 1999, p. 214.

Estudos sobre o papel da imprensa na difusão de noções acerca da natureza feminina compreendem a existência de mecanismos que impõem a imagem esperada, um determinado "horizonte de expectativa" marcadamente ideológico, para retomar os termos de Koselleck:

> Toda interpretação retrospectiva se alimenta de um acontecer passado, ao qual, em cada hoje, mais uma vez a palavra é dada. Uma história, portanto, forma uma parte do decurso estratificado do tempo, no qual, consciente ou inconscientemente transmitida, ela é sempre de novo rearticulada. […] Não se trata mais, portanto, de conceitos que classificam experiências, mas sim de conceitos que criam experiências.[195]

Essas representações sobre o feminino contribuíram para apresentar a mulher como um ser mítico, um "reflexo social que inverte, pois transpõe a cultura em natureza, o social em cultura, o ideológico, o histórico, em 'natural'."[196] Nessa perspectiva e junto aos antifeministas que integravam o clima intelectual reacionário, fizeram com que as ideias feministas e suas lutas saíssem do prestígio dos jornais do período.

### 1.3.2 Revolução permanente *versus* luta pela democracia: a ditadura do Estado Novo (1937-1945)

Em meio aos progressos conquistados por essas mulheres, todo o avanço obtido na década de 1930 foi interrompido em 10 de novembro de 1937. Nessa data, o chefe do governo, Getúlio Vargas, instalou o golpe que deu origem ao Estado Novo, e apresentou uma nova carta constitucional, baseada na centralização política, no intervencionismo estatal e em um modelo antiliberal de organização da sociedade.[197] As liberdades civis foram barradas, o Congresso dissolvido e os partidos políticos extintos. Bibliografias pertinentes relacionam os questionamentos que estavam em alta sobre o modelo liberal clássico de organização da sociedade em detrimento de concepções totalitárias, autoritárias, nacionalistas e corporativistas.[198]

O impacto sentido pelas feministas esteve na dissolução dos canais de comunicação nos quais atuava a FBPF, suspenção das eleições, ruptura dos partidos políticos, imposição da censura à imprensa e na elaboração de uma nova Constituição. A vista disso, todo o plano de

---

[195] KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado*: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Editora PUC, 2006. p. 324.
[196] BUITONI, Dulcília. *Op. cit*., 2009, p. 33.
[197] É interessante notar que, no mesmo período, experiências semelhantes estavam em curso na Europa com: Hitler, na Alemanha; Mussolini, na Itália; e Salazar, em Portugal. PANDOLFI, Dulce. (org.) *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.
[198] FERNANDES, Florestan. *A revolução burguesa no Brasil:* ensaio de interpretação sociológica. São Paulo: Globo, 2006.

organização de um movimento feminista em grande escala desmoronou e dissipou-se, corroendo a esperança de que mudanças significativas pudessem ocorrer no *status* e na consciência das mulheres. “As habilidades políticas adquiridas pelas feministas e sua tática de fazer *lobby* e petições tornaram-se inúteis sob a ditadura, assim como os argumentos baseados em princípios democráticos liberais”.[199]

Visto como um período estratégico da História do Brasil e, em particular, da História Cultural do país, o regime do Estado Novo investiu em um forte sentimento de identidade nacional – condição essencial para o fortalecimento do Estado nacional. Durante os sete anos de duração do regime, fortaleceram-se órgãos de controle e de repressão. O mais importante destes era o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), que tinha amplos poderes sobre a imprensa e se encarregava da organização propagandista. O Ministério de Educação e Saúde Pública também foi utilizado pelo regime para aumentar a capacidade de intervenção na esfera cultural.

Nessa perspectiva, a preocupação estava voltada para a construção de uma nova ideia de nacionalidade, que atraiu para o projeto estadonovista um grupo significativo de intelectuais. O projeto contou com uma propaganda política ardilosa para o exercício do poder, em que exigia a unidade de todas as atividades e ideologias, ou seja, a organização e o funcionamento dos órgãos produtores da propaganda política e controladores dos meios de comunicação traziam “uma linguagem simples, imagética e agressiva, que visava provocar paixões para atingir diretamente as massas.”[200] A imprensa, por meio de uma legislação especial, foi investida da função de caráter público, tornando-se instrumento do Estado e veículo oficial da ideologia estado-novista.

De forma geral, a censura e a manipulação rigorosa das informações ocorriam devido ao controle que o regime detinha dos meios de comunicação e, a partir disso, os órgãos governamentais tentavam omitir toda representação do passado, presente e futuro que fosse distinta daquela que o Estado Novo pregava nos imaginários sociais. Assim, os movimentos sociais da década de 1920, que tinham ganhado notório engajamento, passaram ao esquecimento e negação.

É interessante notar a existência de uma bibliografia densa e vasta sobre esse período, e uma das possíveis razões para essa fascinação é o fato de o Estado Novo apresentar facetas bastante variadas, representando um regime ditatorial que, ao mesmo tempo, apresentou ideias

---

[199] BESSE, Susan. *Op. cit*., 1999, p. 193.
[200] CAPELATO, Maria Helena. *Multidões em Cena*: propaganda política no Varguismo e no Peronismo. São Paulo: Editora Unesp, 1998. p. 175.

de progresso. Entretanto, em relação ao movimento de emancipação civil das mulheres, há ainda uma grande lacuna e a perpetuação de que a FBPF contribuiu para fortalecer e legitimar a nova ordem burguesa, a fim da conquista de alguns direitos.

Não são poucas as críticas à maneira como a FBPF encaminhou a luta por direitos das mulheres, e percebe-se a utilização do golpe estadonovista como o fim dessas feministas. A brasilianista Susan Besse, de forma similar à outra historiadora norte-americana, June Hahner, considera que numa sociedade autoritária, patriarcal e capitalista, essas ativistas contribuíram, no máximo, para a modernização das relações de gênero. Em suma, retratam que essas feministas buscaram transformar as mulheres em ativas "colaboradoras" dos homens, evitando assumir posições mais radicais.[201] Não se pode ignorar que o engajamento e as ações das associadas da Federação desenvolveram-se dentro das limitações impostas por graves pressões objetivas e subjetivas. Mesmo que o feminismo da época fosse muito mais atraente para as mulheres de classes urbanas média e alta, cujas vidas haviam sido profundamente afetadas pelas mudanças decorrentes da rápida urbanização e industrialização, mesmo aqui a organização era extremamente difícil. A tese que Soihet defende é, nas condições que se desenvolvia a luta feminista no país, não havia naquele momento outra opção a não ser:

> […] exaltar a maternidade, valor uníssono na sociedade brasileira, especialmente, daqueles que ocupavam posições de poder e que tinham acesso aos meios de comunicação da época. Aliás, a própria Branca Moreira Alves, apesar de criticar a todo tempo a trilha escolhida pelo movimento, admite que este feminismo "assim domesticado", era o único possível para garantir o reconhecimento das suas reivindicações quanto às reformas básicas. Era o único que poderia ser aceito pelo sistema político que procurava influenciar e que era veículo para a realização de seus objetivos.[202]

Com a instalação de um regime autoritário, as manifestações de oposição aos direitos femininos tornaram-se maioria entre os ligados ao Estado Novo. A desordem familiar era o ponto-chave que os antifeministas utilizaram para retirar os direitos recém-conquistados. Dessa forma, os discursos governamentais reforçavam o ideal da mulher doméstica, da casa como esteio da família e da nação. De acordo com a ideologia do período, a tarefa básica da mulher "residia no bom desempenho do governo doméstico e na assistência moral à família, fortalecendo seus laços".[203] O regime estadonovista preparou uma cartilha de retorno das mulheres ao lar, lugar de onde poderiam servir à pátria e à família ao mesmo tempo. Ao servir à família, estariam, imediatamente, servindo à nação. Esse projeto pedagógico pregava que as

---

[201] SOIHET, Rachel. *Op. cit.*, 2006, p. 95.
[202] *Ibidem*, 2006, p. 107.
[203] NAHES, Semiramis. *Revista FON-FON*: a imagem da mulher no Estado Novo (1937-1945). São Paulo: Arte & Ciência, 2007. p. 34.

mulheres deveriam voltar-se para os problemas domésticos, e assim alienar-se do contexto político e dos problemas sociais, não podendo haver nenhuma semelhança com as funções masculinas. Tal "projeto"[204] para as figuras femininas adentraria o Estado Novo e se aperfeiçoaria por meio de uma intensa campanha do Ministério da Educação, que via na figura feminina uma forma de atrelá-la aos deveres da Educação Nacional.[205]

Nas análises sobre os recortes selecionados de publicações de periódicos, a partir de 1937, vê-se que os espaços dedicados à divulgação de reuniões das integrantes da Federação passaram de redações, que traziam inúmeras imagens e um certo lugar notório no impresso, para uma pequena coluna nas últimas páginas dos jornais. Os títulos das manchetes não traziam mais o nome da organização, com referência apenas ao final da publicação. As poucas manchetes que traziam o nome da FBPF apresentavam também o nome de Anna Amelia, e não mais de Bertha Lutz, devido ao forte envolvimento que a intelectual tinha com a Casa do Estudante do Brasil (CEB). A educação era vista como essencial pelo Estado Novo, partindo da crença de seu poder de moldar a sociedade a partir da formação das mentes, e da abertura de novos espaços de mobilidade social e participação (Figura 14). No caso de Anna Amelia, mesmo que ela preferisse uma educação humanística e defendesse o ensino universal para ambos os gêneros, sua imagem ainda era relevante para o regime.

[204] O projeto do Plano Nacional de Educação de 1937 previa a existência de um ensino dito "doméstico", reservado para meninas entre 12 e 18 anos, e que equivaleria a uma forma de ensino médio feminino. Era destinado principalmente a mulheres de origem social mais humilde, ainda que pudesse atrair também mulheres de origem social elevada, dessa forma, poderiam manter-se em um regime escolar estritamente segregado. Plano Nacional de Educação, capítulo 2, artigo 66, Arquivo do Conselho Federal de Educação, Brasília, DF.

[205] Em conferência de dezembro de 1937, o Ministro da Educação declarou que "se o homem deve ser preparado com têmpera de teor militar para os negócios e as lutas, a educação feminina terá outra finalidade que é o preparo para a vida do lar. A família constituída pelo casamento indissolúvel é a base de nossa organização social e por isto colocada sob proteção especial do Estado. Ora, é a mulher que funda e conserva a família como é também por suas mãos que a família se destrói. Ao Estado, pois, compete, na educação que lhes ministra prepará-la conscientemente para esta grave missão." Gustavo Capanema. Conferência proferida por ocasião do centenário do Colégio Pedro II, 2 de dezembro de 1937. SCHWARTZMAN, Simon. *Op. cit*., 1984, p. 107.

Figura 14: Notícia sobre conferência realizada no Departamento de Imprensa e Propaganda por Anna Amelia, em 1940, com o tema "A boa linguagem como fundamento na reconstrução nacional"

A BOA LINGUAGEM COMO FUNDAMENTO NA RECONSTRUCÇÃO NACIONAL

A conferencia realizada hontem no D. I. P. pela poetisa Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça

*A poetisa Anna Amelia quando lia a sua conferencia e, ao lado, um aspecto da grande assistencia que accorreu ao Palacio Tiradentes para ouvil-a*

Fonte: *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, edição 3901, p. 3, 14 março 1940.

Em uma reportagem do *Diário de Notícias* (RJ), é interessante notar uma das poucas reportagens em que aparece o nome de Lutz.[206] Ao referir-se ao final do evento, a publicação trouxe o discurso de encerramento em que a líder do movimento aconselhou as mulheres a "prosseguirem no caminho dos ideais do movimento em favor da mulher, apesar de todas as dificuldades que nos deparam no momento." Em outro exemplo das mudanças ocorridas em relação à popularidade do movimento organizado feminista brasileiro, as celebrações referentes ao "Dia Pan-Americano" também perderam os espaços de visibilidade dos periódicos, por estarem atrelados às associadas da Federação. Nas chamadas das reportagens, encontra-se apenas a referência ao pan-americanismo, e somente no final das colunas que estão presentes os nomes das organizadoras.[207]

A mudança também ocorreu no conteúdo das colaborações em que Anna Amelia aparece com entrevistada na imprensa do período. Enquanto as manchetes anteriores teciam comentários sobre emancipação feminina, figuras femininas intelectuais, suas realizações como

[206] Uma linda festa de consagramento feminino. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, n. 3940, p. 10, 4 dez. 1938.
[207] O Dia Pan-Americano. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, n. 5785, 26 abr. 1938, p. 19.

representante da CEB etc., as publicações pós-ditadura estadonovista traziam assuntos mais banais e com chamadas simplórias, por exemplo, "O que eu penso e sinto ouvindo música" e "quem deve guardar o dinheiro – o marido ou a mulher?"[208]

A imprensa, como já dito, passou a desempenhar funções atreladas ao Estado. Segundo Capelato, a cooptação dos jornalistas deu-se por meio de pressões oficiais, mas, principalmente, pela concordância de setores jornalísticos com a política do governo. A autora relembra, também, as reivindicações trabalhistas que Vargas atendeu ao beneficiar a regulamentação desses profissionais e fazer com que se deixassem corromper pelas verbas e favores oferecidos pelo governo. "Por um lado, o autoritarismo do Estado Novo explica a adesão e o silêncio de jornais; por outro, não se pode deixar de considerar que a política conciliatória de Vargas surtiu efeito entre os 'homens da imprensa'".[209] Dessa forma, o regime estadonovista valeu-se da imprensa para enaltecer a dimensão sacralizada das mulheres, representada pela maternidade e acentuada na sensibilidade. Ressalta-se, afinal, o caráter específico das qualidades femininas que não passavam pela atividade intelectual ou política. Vê-se essas estratégias como um projeto maior, o de "regenerar" a família e elevá-la como a instituição social primordial e essencial, capaz de promover a modernização econômica e preservar a ordem social. Os intelectuais conservadores reacionários e até mesmo os que defendiam o progresso por meio da aplicação de modernas teorias científicas europeias concordavam que os papéis primordiais e essenciais das mulheres eram os de esposa e mãe. Entendiam que a regeneração nacional e a possibilidade de o país ser futura potência internacional dependiam da saúde moral e física de cada uma de suas famílias.[210] Por fim, essas integrantes do movimento feminista organizado brasileiro que se viam, anteriormente, alcançando seus primeiros objetivos, passaram ao retrocesso de buscarem, novamente, preceitos democráticos e emancipatórios para as mulheres.

Como exposto, após a instalação do Estado Novo, os impressos reduziram a quase zero as reportagens que traziam informações sobre os movimentos feministas e suas realizações. Entretanto, em 1942, ano em que o país passou oficialmente a se envolver com a Segunda Guerra Mundial (1939-1945),[211] vê-se uma quantidade considerável de manchetes sobre a

[208] O que eu penso e sinto ouvindo música? *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, n. 5989, 12 nov.1938, p. 10; Quem deve guardar o dinheiro – o marido ou a mulher? *A Noite*, Rio de Janeiro, n. 3701, 23 fev. 1939, p. 3.
[209] CAPELATO, Maria Helena. *Op. cit*., 1998, p. 175.
[210] SCHWARTZMAN, Simon. *Op. cit*, 1984, p. 121.
[211] Em manchete do jornal *A Noite*, foi retratado um comício cívico realizado pela caravana de estudantes da CEB, acompanhados por Anna Amelia. Em seu discurso, a intelectual encorajou a população a "persistir no propósito de impedir que inimigos de além do Atlântico pisem em praias brasileiras". O Brasil na guerra: grande comício patriótico na praça principal de Cabo Frio. *A Noite*, Rio de Janeiro, n. 10994, 18 set. 1942, p. 8.

participação de Anna Amelia na Comissão Interamericana de Mulheres, que viria a ser realizada em Washington/EUA, pela União Pan-Americana.

A Segunda Guerra Mundial é tida como o divisor de águas na área de estudos da política e da econômica mundial do século XX. No caso do Brasil, é reconhecido que o país estabeleceu um firme compromisso político com os Estados Unidos, concretizado durante os anos 1939-1945 com as políticas de Boa Vizinhança. Alguns estudos enfatizam um certo oportunismo do Brasil em relação aos acordos diplomáticos junto aos EUA, já outros retratam a imposição da dominação econômica e hegemonia política norte-americana ao país. Gerson Moura, historiador reconhecido por suas análises sobre o período, compreende que esses dois fenômenos estavam intimamente relacionados, ou seja, a "hegemonia estadunidense sobre o continente não impediu o Brasil de influenciar suas relações exteriores de acordo com suas próprias necessidades".[212] De toda forma, essas bibliografias demonstram o lugar dominante que o país norte-americano ocupou depois da guerra, e como entendeu-se que era essencial que a América Latina, como área de influência, fosse transformada em aliada. Tanto nas democracias quanto nas ditaduras do momento, havia a característica em comum, vinculada à opinião pública, que trazia a percepção de necessidades e direitos de grupos privilegiados e até mesmo da massa trabalhadora e das tidas minorias. Os regimes ditatoriais – no caso do Brasil, o regime estadonovista – manipulavam e organizavam ondas de opinião pública que traziam os problemas da política exterior como se fossem questões vitais para a sociedade, perpassando as questões da paz e da guerra.[213] Foram nessas concepções que o movimento feminista organizado brasileiro, junto a Anna Amelia, entrou em cena.

Para a participação no evento de 1942, essas mulheres realizaram a IV Convenção Nacional Feminina para "movimentar a opinião feminina do país e poder levar aos Estados Unidos uma síntese do pensamento feminino brasileiro". A partir de três matérias de impressos analisados, não se pode deixar de notar a mudança de nome do encontro periódico que a organização costumava realizar, já que, antes de 1937, as integrantes da FBPF referiam-se ao evento como "Congresso Internacional Feminista". A mudança de termos retrata a intenção ideológica do regime em restringir as ideias de emancipação feminina e perpassar uma ideia de esforço de guerra, como retratado na matéria. Em uma das publicações, entrevista concedida ao periódico *A Noite* (RJ), Anna Amelia discorreu sobre a convenção brasileira e retratou os

[212] MOURA, Gerson. *Relações exteriores do Brasil (1939-1950)*: mudanças na natureza das relações Brasil-Estados Unidos durante e após a Segunda Guerra Mundial. Brasília: Editora Fundação Alexandre de Gusmão, 2012. p. 26.
[213] *Ibidem*, 2007, p. 160.

principais temas, cujo foco era tratar sobre as "realizações da mulher brasileira do passado, dos seus esforços no presente e dos seus planos para o futuro".[214] Apesar do intuito do evento estar relacionado a tratar dos "temas de mais alto interesse nacional", com a formulação de um ponto de vista das figuras femininas em relação à guerra, viu-se temas utilizados anteriormente sobre democracia e o papel da mulher em sua efetivação e progresso, entretanto, em segundo plano.

De toda forma, após a realização da Convenção, a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino realizou um projeto para Anna Amelia apresentar na Comissão Interamericana de Mulheres, em Washington. O projeto de resolução declarava que "homens e mulheres devem ter direitos iguais. Que nossos grupos organizados de mulheres em todo o mundo exijam a inclusão de uma plenipotenciária feminina na Conferência da Paz".[215] Em publicação de outro jornal, o periódico retratou os temas do evento como sendo "de um âmbito muito mais largo que os anteriores", e teceu elogios à verdadeira finalidade do encontro brasileiro, que seria a de "apreciar os problemas femininos decorrentes do estado de guerra em que nos encontramos e estabelecer normas para permitir à mulher identificar-se de maneira absoluta com as circunstâncias do momento".[216] É nítida a intenção de tratar o tema do conflito internacional como de primordial importância para as mulheres, em que o sentimento de participação deveria acompanhar as ideias da figura feminina, de mãe e esposa da nação, corroborando com as imposições do gênero. Apesar de essas ativistas terem lutado muito mais pela equidade do que pelo igualitarismo, e defendido reformas nos direitos das mulheres na década de 1930, viram-se de mãos atadas e, para não deixarem de existir nesse momento, passaram a defender somente a igualdade entre os sexos.

É de extrema importância para a análise perceber essa mudança nos discursos de Anna Amelia e da organização que representava. Até a instalação do regime estadonovista, essas mulheres defendiam o aprofundamento dos direitos recém-conquistados e de uma "revolução permanente" em relação às leis de proteção, assistência da figura feminina e seus direitos liberais. Já nesse momento, vê-se a defesa de direitos universais, a luta contra a ideologia fascista e a igualdade entre homens e mulheres, tornando-se a ideia de igualdade entre os sexos a luta principal do movimento, abandonando a ideia de equidade. Apesar de suas reivindicações

[214] Congresso das Mulheres Americanas: representará o Brasil, no certame de Washington, a Sra. Anna Amelia Carneiro de Mendonça. *A Noite*, Rio de Janeiro, n. 11027, 21 out. 1942, p. 1.
[215] Uma plenipotenciária feminina na Conferência da Paz. *A Noite*, Rio de Janeiro, 12 nov. 1942, p. 1; Igualdade de Direitos entre Homens e Mulheres. *O Jornal*, Rio de Janeiro, n. 7187, 13 nov. 1942, p. 7.
[216] A mulher em face da guerra. Instalou-se, ontem, no Itamarati para estudar os diversos aspectos dessa tese, a IV Convenção Nacional Feminina. *O Jornal*, Rio de Janeiro, n. 7173, 27 out. 1942, p. 5.

sobre a emancipação civil das mulheres não serem revolucionárias, mas reformadoras, o movimento feminista organizado brasileiro deixou de defender suas bases.

As hipóteses levantadas para explicar tal retrocesso nos discursos estão relacionadas com a abertura, por parte da impressa do período estadonovista, para as organizações feministas vistas como "o bom feminismo", que puderam movimentar-se novamente com eventos e propagandas de suas discussões. Entretanto, essa abertura só ocorreu devido à guerra que estava em pleno andamento, assim, os temas principais propagados por essas mulheres deveriam permear o conflito mundial, o apoio aos Aliados e a busca pela paz. E levam em conta a utilização, pelo regime, do movimento feminista como opinião pública, forma de perpassar uma representação de unificação nacional e, ao mesmo tempo, de que o país não estaria passando por um regime autoritário.

Sobre a Conferência Interamericana de Mulheres, que, por parte do Brasil, levou o projeto que exigia a inclusão de uma representante feminina dos países participantes na Conferência da Paz,[217] não há estudos que se debruçaram sobre o evento e analisaram suas características e discussões. Entretanto, vê-se por meio de documentos encontrados no arquivo privado da personagem aqui analisada alguns dos principais pontos levantados sobre o encontro e uma rica troca de cartas com feministas estadunidenses que participaram igualmente do evento.[218] Após o retorno de Anna Amelia para o Brasil, vê-se uma quantidade quase zero de matérias em periódicos que retratassem o movimento feminista e suas realizações durante o regime do Estado Novo. Em 1944, a Conferência foi novamente citada nos impressos devido à publicação da ativista sobre o evento. *Dois meses entre os americanos*, conferência publicada pela editora da Casa do Estudante do Brasil, foi retratada nas matérias jornalísticas como um "diário de viagens" e uma "propaganda" do estilo de vida da sociedade estadunidense.[219] Assim, as análises aqui expostas sobre o espaço internacional deixam de ser entendidas como uma mera função formal da ação governamental. Vê-se que as bibliografias acerca do tema deixam grandes lacunas sobre as discussões, alianças e redes de relações que as feministas brasileiras estabeleceram por meio de toda a diplomacia desenvolvida no pan-americanismo. Não se pode

[217] Conhecida como Conferência de Teerã, foi o primeiro dos acordos firmados entre as superpotências e seus aliados durante a Segunda Guerra Mundial, realizada no Irã, em 1942. As três superpotências eram: União Soviética, Reino Unido e Estados Unidos da América.

[218] A análise desses documentos, juntamente com a de missivas que Anna Amelia trocou com feministas estadunidenses que participaram do evento, será feita nos capítulos seguintes.

[219] Livros: *Dois meses entre os americanos* de Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça. *A Noite*, Rio de Janeiro, n. 11692, 30 ago. 1944, p. 8; As publicações da editora Casa do Estudante do Brasil. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, n. 14791, p. 9, 1 set. 1944.

perder de vista as imposições políticas que os Estados Unidos representavam sobre o Brasil e, consequentemente, também recaia nos movimentos feministas de ambos os países.

Em síntese, nas exposições realizadas até o momento, analisou-se as primeiras manifestações do feminismo no Brasil, ainda no século XIX, que estavam totalmente atreladas à pauta da educação universal. Posteriormente, sua formação como um movimento organizado e tido como um "bom feminismo", "bem-comportado" e até conservador, perpassando pelos diferentes tipos de feminismo no país, tidos como movimentos fragmentados, com múltiplas manifestações, objetivos e pretensões diversas. Dessa forma, a perspectiva histórica das origens e composições do movimento foram trazidas de modo a perseguir tendências, conforme discorreu Thompson: "a história é a disciplina do contexto e do processo: todo significado é um significado-dentro-de-um-contexto".[220] Por meio da trajetória de Anna Amelia no movimento organizado feminista brasileiro, o objetivo deste capítulo inicial foi traçar um quadro no qual constassem as tendências que se expressaram e repercutiram para formar identidades sociais e políticas.

Após a consagração dos Estados nacionais e do entendimento dos sujeitos como indivíduos e cidadãos, as figuras femininas não deixaram de seguir o mesmo fluxo que as sociedades modernas e hegemônicas, com princípios do positivismo, de progresso e evolução social. Assim, o gênero feminino fez-se presente nos movimentos culturais e sociais do início do século XX no mundo. Apresentou-se tático, possível, existindo com a finalidade de sua representatividade por meio de alianças e estratégias, e, após a perda de um suposto início de democracia com a instalação do Estado Novo, existiram ainda, mas por meio de seu silenciamento. Viu-se que foi por meio da defesa da família, em nome dessa instituição e dos valores a ela ligados, que os detentores do poder argumentaram que o movimento seria deixado de lado e cairia em ruínas. Conclui-se que foi de extrema importância revisitar a historiografia e trazer à tona essas ativistas feministas, figuras que marcaram incisivamente a história dos feminismos no Brasil e que, evidentemente, não se limitam apenas à personagem aqui estudada. Foi necessário atentar-se às formas de estratégias e táticas elaboradas pelas integrantes da FBPF. Viu-se que, por meio de uma análise biográfica, fornece vários exemplos de situações em que Anna Amelia ultrapassou os limites dos padrões de conduta esperados por uma mulher do período. E somente a partir de uma confrontação cuidadosa entre as propostas do feminismo exposto e os pensamentos correntes no contexto histórico-social em que se inseria, pode-se efetuar uma análise mais pormenorizada. Assim, viu-se que nenhum agrupamento social existe

[220] THOMPSON, Edward P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 243.

no isolamento, mas em relação com outras categorias, mesmo que de formas desiguais e contraditórias.

# CAPÍTULO 2

## ARQUIVO PRIVADO E CORRESPONDÊNCIAS: mediações intelectuais e feministas

Os acervos femininos têm chamado a atenção dos pesquisadores, tendo em vista suas potencialidades analíticas, uma vez que fornecem importantes elementos para a releitura do passado a partir da ótica e das práticas femininas. Infelizmente, essas ações nem sempre ganharam protagonismo nas narrativas históricas. Neste segundo capítulo, o objetivo é analisar o arquivo pessoal de Anna Amelia que, conforme já se destacou, guarda discursos proferidos, colaborações em periódicos, materiais e atas dos congressos e conferências feministas nos quais participou, correspondência ativa e passiva de políticos, intelectuais e feministas nacionais e internacionais, além de outros documentos que informam sobre a trajetória de Anna Amelia, inclusive em inglês e espanhol, o que indica seu reconhecimento para além do âmbito nacional.

O segundo capítulo foi entendido como o núcleo da discussão, a partir de uma análise quantitativa e dos conceitos de subjetividade nas perspectivas de uma produção de um registro histórico. Ao contrário do capítulo anterior que expôs a persona estudada no âmbito público, por meio dos periódicos, agora atenção recai agora sobre sua correspondência, com o objetivo de compreender tanto as relações que Anna Amelia estabeleceu com instâncias governamentais brasileiras quanto as que construiu com organizações feministas. Assim, busca-se identificar os seus principais interlocutores, uma vez que as cartas possibilitam identificar a rede de sociabilidade na qual ela se inseria, especialmente no que diz respeito à luta em prol da emancipação feminina e seu papel como mediadora cultural.

## 2.1 Arquivo pessoal e autobiografia

> A direção de *Críticas* confiou-me a tarefa de perguntar para as mulheres intelectuais brasileiras suas opiniões acerca do projeto de divórcio vinculado ao senador Celso Bayma, que acabou de apresentar ao Senado. Desde já, a sua opinião se impõe pelo dobro de circunstância de ser esposa e intelectual renomada.
> […][221]
> Carta de Benjamin de Garay

> A sra. James W. Brown, mulher do diretor de *Editor & Publisher*, […] vai fazer uma palestra sobre "As mulheres da América do Sul". Para isso, precisa de informações e documentação sobre a situação da mulher no Brasil. Dirigiram-se a nós, que além de não sermos mulheres, o que não é o pior, somos desinformados da vida pública feminina, e isto sim, é muito grave.
> […][222]
> Carta de Carlos Lacerda

Os excertos acima, presentes no arquivo privado de Anna Amelia, revelam a intenção dos remetentes em obter a opinião da destinatária acerca de temas relativos à mulher, fosse o

[221] Carta endereçada a Anna Amelia, escrita por Benjamin de Garay, 06 de junho de 1929. (AACM mf 1929.06.06)
[222] Carta endereçada a Anna Amelia, escrita por Carlos Lacerda, 27 de março de 1941. (AACM mf 1941.03.27)

divórcio ou acerca dos seus direitos civis. A partir desses fragmentos, vê-se a importância pública de Anna Amelia quando a questão eram as pautas femininas, cabendo destacar que sua imagem estava atrelada à condição de intelectual. Ao indagar com olhar atento, vê-se que os arquivos pessoais, mobilizados enquanto fonte de pesquisa para o historiador, permitem estabelecer trajetórias pessoais e intelectuais com as contradições inerentes aos percursos individuais. No caso da história das mulheres e estudos de gênero, há que se considerar que o anonimato das escritoras era a regra dominante até algumas décadas atrás. Contar com um rico acervo pessoal é, portanto, fato até certo ponto raro, que convida a refletir sobre a dimensão do feminino na própria construção discursiva da subjetividade, afinal, trata-se de material que subverte padrões socialmente instituídos, pois os arquivos pessoais foram, até recentemente, majoritariamente masculinos. Para retomar os termos de Pierre Bourdieu:

> Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um "sujeito" cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações. Os acontecimentos biográficos se definem como *colocações* e *deslocamentos* no espaço social, isto é, mais precisamente nos diferentes estados sucessivos da distribuição das diferentes espécies de capital que estão em jogo no campo considerado.[223]

O arquivo privado de Anna Amelia registra as diversas entidades com as quais ela se relacionou e testemunha os espaços sociais que ocupou, com destaque para o cargo de vice-presidente da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF) e de presidente da Casa do Estudante do Brasil (CEB). Dentre as pautas com as quais se envolveu, dentro da FBPF, está a conquista do voto feminino, a presença das mulheres no ensino superior, o debate sobre o divórcio e a integração do Brasil com outros países no que tange às demandas das mulheres. As observações de Bourdieu apontam para a necessidade de se analisar os acontecimentos biográficos como *colocações* e *deslocamentos* no espaço social, isto é, entender e construir os estados sucessivos do campo no qual a pessoa estava inserida, com a distinção entre o indivíduo concreto e o construído socialmente, o agente eficiente e a personalidade. Se os arquivos privados são um recurso de mediação narrativa, eles ganham corpo a partir de um dado contexto, de um processo. Para Maria da Glória Oliveira, a análise de um sujeito histórico não

[223] BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. *In*: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *Usos e abusos da história oral.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 183-191.

pode ser dissociada do recurso da mediação narrativa, ou seja, trata-se da confluência entre um sentido próprio (de relato de uma vida) e um metonímico (os acontecimentos de uma vida).[224]

Há algumas décadas, a discussão sobre arquivos privados e sua importância para o historiador, bem como os desafios metodológicos específicos, era escassa. Dessa forma, era comum supor que havia escassez de documentos acumulados por mulheres preservados em instituições arquivísticas, isso num contexto de silenciamento acerca de ações e de narrativas femininas. Contudo, historicamente, coube às mulheres organizar as memórias privadas e familiares.[225] Assim, o silenciamento das vozes femininas – e de outros grupos tidos como minoritários – diz muito a respeito sobre o que a sociedade pretende preservar e lembrar sobre o passado. Logo, as instituições arquivísticas ao privilegiarem a custódia e a conservação de determinados vestígios em detrimento de outros acabavam por influenciar o conhecimento a ser construído sobre o passado e o presente.

Com o surgimento da chamada nova história política e cultural – social por definição – , pesquisas sobre a relação entre o indivíduo e o mundo social entraram na ordem do dia. Assim, os papéis e objetos que compõem um arquivo privado e suas injunções sociais ganharam notoriedade.[226] Tanto as discussões dedicadas à escrita da história[227] quanto à questão dos documentos pessoais colocam em pauta a dicotomia privacidade *versus* interesse público, aspectos fundamentais para a seleção e reflexão do arquivo privado aqui analisado.[228]

Evidenciou-se que nesses arquivos é possível reconhecer uma forma de escrita autobiográfica, principalmente quando se considera que cada arquivo privado tem, no processo de acumulação, o sentido de eternizar a história de um indivíduo, personificando o sujeito em suas relações. Não se pode esquecer que o documento foi selecionado como registro intencional da maneira como se esperava ser conhecido, mesmo quando se leva em consideração o "estatuto social" desse documento.[229] Assim, aquele que acumula e organiza seus papéis é uma espécie de autor de si mesmo, pois o processo comporta seleção e eliminação, o que resulta na construção de um itinerário pelo qual a pessoa espera ser reconhecida ou vista, tal como sublinhou Bourdieu. A prática *ilusória* indica que nem sempre, no que se materializa

---

[224] OLIVEIRA, Maria da Glória de. Quem tem medo da ilusão biográfica? Indivíduo, tempo e histórias de vida. *Revista Topoi*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 35, p. 429-446, set./out. 2017.
[225] PERROT, Michelle. Práticas da Memória Feminina. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 9, n. 18, ago – set, 1989, p. 15.
[226] RAGO, Margareth. *A aventura de contar-se:* feminismo, escritas de si e invenções da subjetividade. Campinas: Editora Unicamp, 2013.
[227] GOMES, Angela de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 121-127, 1998.
[228] COSTA, Célia Leite. Intimidade *versus* Interesse público: a problemática dos arquivos. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 189-199, 1998.
[229] BOURDIEU, Pierre. *Op. cit.*, 2006, p. 187.

documentalmente, reside a essência do responsável pela acumulação.[230] Desse modo, a seleção dos documentos também remete para uma certa forma de perpetuação do sujeito histórico. Assim, reconstruir uma biografia, a partir de um arquivo pessoal, é, muitas vezes, tornar visível o invisível.

No arquivo há uma abundância de cartas que homenageiam Anna Amelia pelos seus feitos e conquistas. Algumas missivas encontram-se em papéis bem singelos, quase assemelhando-se a bilhetes. A intenção de guardar até a mais simples das correspondências perpassa a compreensão de que a titular gostaria de perpetuar uma imagem de filantrópica, comprometida com grupos marginalizados e, até então, não reconhecidos pela sociedade. Para além da luta pelos direitos civis das mulheres e da busca por melhores condições de moradia e estudos para universitários de todo o país, Anna Amelia também contribuiu com grupos relacionados ao teatro, como Pascoal Carlos Magno, juntamente com outros tipos de artistas e intelectuais. Segundo carta de Pascoal endereçada à Anna Amelia:

> Você, Anna Amelia, com o poder de milagre que torna os pensamentos tangíveis, foi uma doadora de maravilhas, fazendo-nos viver em realidade muita coisa sonhada. Você também não se esqueceu de ser patriota. O Brasil está batendo palmas de contente pelo lindo gesto que você teve, dando preferência aos programas regionais. Porém, o que mais sobreleva é a obra humanitária de tanto esforço unido. Você – que abre a casa acolhedora da rua Marquês de Abrantes a todos os artistas, ricos e pobres, humilhados ou luminosos; você que só sabe sorrir mesmo diante dos que merecem pedradas; você que tem enxugado tantas lágrimas, que tem amparado tantos pobres; que tem consolado tanto infortúnio, não merece título nobiliárquico, mas um que seja digno de você mesma. É este. É o seu: Nossa Senhora dos Artistas e dos Pobres.[231]

Ao longo das pesquisas sobre Anna Amelia, foram localizados dois artigos que tratam do seu arquivo. O primeiro insiste no silenciamento do feminino nos registros históricos e, a partir de alguns documentos, aponta para a importância dos arquivos de mulheres para dar conta dos feminismos no Brasil.[232] Já o outro mobiliza o conceito de redes de contato construídas entre ativistas do continente americano em prol das lutas pelos direitos das mulheres, a partir de algumas missivas presentes no arquivo.[233] As duas publicações atestam a importância dos

---

[230] Segundo Lejeune, todo ser humano "traz em si uma espécie de rascunho, perpetuamente remanejado, da narrativa de sua vida […]; Ao redor de nós, bem mais numerosas que pensamos, há pessoas que passam esse rascunho da vida a limpo […]". LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico*: de Rousseau à Internet. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 67

[231] Carta endereçada a Anna Amelia, escrita por Pascoal Cargos Magno, 29 de julho de 1928. (AACM mf 1929.06.06)

[232] MONTEIRO, Alessandra Nóbrega; COSTA, Anna Beatriz Oliveira Menezes. Anna Amélia: feminismo brasileiro à luz de um arquivo privado. *Revista Discente Ofícios de Clio*, Pelotas, v. 6, n. 10, p. 274-293, jan./jun. 2021.

[233] BARROS, Vitória Regina de L. C. Um breve estudo sobre o movimento feminista transnacional à luz do arquivo pessoal de Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça. *In*: XIII ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA: HISTÓRIA E MÍDIAS NARRATIVAS EM DISPUTA. *Anais*… [S. l.], 15 a 19 de setembro, 2020. p. 1-25.

arquivos privados para a construção de memórias individuais e coletivas. O tema, contudo, não é recente. Angela de Castro Gomes analisou as correspondências recebidas e enviadas pelo então Ministro da Educação e Saúde do regime estado-novista, Gustavo Capanema, o que lhe permitiu retraçar as relações tecidas entre o ministro e importantes intelectuais do período. Não por acaso, esse tipo de investigação também se vale de diários, biografias e autobiografias, que exigem metodologias próprias de análise.[234] Apesar de ser uma fonte rica, a autora mostra que há um vasto caminho para elaborações teóricas e metodológicas a fim de responder aos múltiplos questionamentos colocados pelos arquivos e documentos de natureza pessoal.[235] Não se pode esquecer das questões ligadas às políticas de preservação e acesso, às diferentes origens, de natureza pública e privada, bem como os procedimentos recomendados para o tratamento de ambos, ou, ainda, o papel das instituições que regulamentam o acesso à documentação na atribuição de valor e interesse público desses arquivos. A obra organizada por Zélia Lopes da Silva e a discussão sobre as práticas institucionais, resultantes da ação dos centros de documentação criados em universidades brasileiras ou em entidades de pesquisa, ampara as interpretações. Segundo a autora:

> Nem sempre esse processo de mudanças tornou-se perceptível aos profissionais da área. Tanto é que o próprio conceito de Centro de Documentação carrega controvérsias marcando, na atualidade, uma nítida tensão entre as concepções de documento no âmbito da História e da Arquivística. Essa diferença parece anunciar-se já no campo da organização desses lugares da Memória. Os Centros de Documentação são qualificados em oposição aos Arquivos, como estruturas que se organizaram a partir da ideia de coleção, dada "sua natureza de agrupamento a priori, subjetiva e artificial".[236]

Ao alargar esse conceito, vê-se que é na organicidade de um arquivo, na maneira pela qual os documentos foram organizados e mantidos em seu local de origem, que reside seu valor de prova: "Essa maneira atenta, por exemplo, as intenções e os sentidos emprestados pelo titular do arquivo ao uso dos documentos acumulados".[237] Em vista da preponderância do valor informativo, a determinação do arranjo deve estar no horizonte da pesquisa histórica.

---

[234] GOMES, Angela de Castro. O ministro e sua correspondência: projeto político e sociabilidade intelectual. *In*: GOMES, Angela de Castro (org.) *Capanema:* o ministro e seu ministério. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2000, p. 12 – 47.

[235] Segundo Gomes: "Se por um lado ele [correspondências] remete ao uso de uma fonte tradicional e bastante valorizada pela historiografia, por outro, ao defini-la como seu próprio objeto de investigação, o pesquisador acaba por distanciar-se do que é ainda frequentemente realizado os estudos históricos. A essa 'novidade' soma-se ainda a dificuldade de lidar com documentos que podem ser numerosos, heterogêneos e, em certos casos, dispersos, o que desafia o pesquisador quantitativa e qualitativamente." GOMES, Angela de Castro. *Op. cit.*, 2000, p. 21.

[236] SILVA, Zélia Lopes da (org.). *Arquivos, patrimônio e memória*: trajetórias e perspectivas. São Paulo: Editora Unesp, 1999. p. 89.

[237] FRAIZ, Priscila. Arquivos pessoais e projetos autobiográficos: o arquivo de Gustavo Capanema. *In*: GOMES, Angela de Castro (org.) *Capanema:* o ministro e seu ministério. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2000, p. 12 – 47.

Cabe ressaltar a redescoberta de mulheres que atuaram, de alguma forma, no espaço público, o que convida a rever a propalada ausência, insistentemente reiterada em narrativas históricas hegemônicas, o que também deixa marcas profundas nos acervos brasileiros. Assim, a quase ausência de documentos acumulados por mulheres nas instituições arquivísticas deve ser observada diante de um contexto de silenciamento das narrativas femininas. Conforme Perrot, nos arquivos públicos não há espaço ou, há muito pouco espaço, para as memórias femininas, já que os registros, em sua maioria, dizem respeito ao olhar de homens sobre homens. Entretanto, sempre coube às mulheres organizar as memórias privadas e familiares.[238] Segundo Soihet:

> A escassez de vestígios acerca do passado das mulheres, produzido por elas próprias, constitui-se num dos grandes problemas enfrentados pelos historiadores […]. Destinadas à esfera privada, as mulheres por largo tempo estiveram ausentes das atividades consideradas dignas de serem registradas para o conhecimento das gerações subsequentes […][239]

Para além dessa discussão, a escassez de documentos femininos "também significa pouco ou nenhum espaço dado aos artigos das mulheres em repositórios de manuscritos e pouco ou nenhum esforço para adquirir esses materiais".[240] O apagamento da memória feminina e de outros grupos marginalizados diz muito a respeito do que a sociedade pretende preservar e lembrar acerca do passado. O arquivamento da memória vincula-se à prática de instituições públicas e privadas, empresas, grupos de natureza diversa, partidos políticos, famílias, tratando-se de decisões de caráter social. Segundo Eva Moseley, existe um processo de negociação e seleção do que se quer lembrar influenciado pela conjuntura e pelas decisões políticas do presente.[241] Logo, as instituições arquivísticas, ao privilegiarem a conservação de determinados vestígios em detrimento de outros, acabam por influenciar o conhecimento do que será construído sobre o passado e o presente. Dessa forma, é necessário problematizar a percepção de que o arquivo é um lugar neutro, que apenas guarda um conjunto de documentos, pois sua existência resulta de um processo constante de escolhas sobre o que deve ser lembrado ou esquecido, visível ou silenciado, afinal, "se os registros são destruídos, manipulados ou

---

[238] PERROT, Michelle. Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 4, n. 3, p. 9-28, out./nov. 1995.
[239]SOIHET, Rachel. *O Feminismo tático de Bertha Lutz.* Florianópolis: Mulheres, 2006, p. 295.
[240] LERNER, Gerda. *A criação do patriarcado*: história da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Cultrix, 2019. p. 29.
[241] MOSELEY, Eva. Women in Archives: Documenting the History of Women in America. *The American Archivist*, v. 36, n. 2, p. 215-222, 1973.

excluídos, as narrativas dos grupos não podem ser transmitidas ao longo do tempo. Suas histórias não são ouvidas e podem acabar desaparecendo da história".[242]

É esse olhar crítico que preside a análise da documentação pessoal de Anna Amelia, tendo em vista ressaltar a necessidade de discutir o papel que o arquivo possui na construção e permanência de uma memória feminina invisibilizada e, de outra parte, valer-se desse instrumento, quando disponível, para analisar a atuação das mulheres. Nesse caso específico, o arquivo de Anna Amelia permite divisar sua atuação em prol das causas femininas e, principalmente, compreender a articulação entre as ativistas que, na primeira metade do século XX, tinham como proposta a união entre as mulheres da América em busca de lutar e garantir direitos civis e políticos.

O arquivo de Anna Amelia foi doado ao CPDOC em 2010 por sua neta, Priscilla Scott Bueno. Oito anos mais tarde, em 2018, a organização foi concluída e o material, liberado para consulta pública. Em 2020, os documentos foram disponibilizados no portal da instituição. Em diálogo com a essencialidade de se pensar o processo dinâmico em que esses arquivos são formulados, desde seu itinerário até mesmo a salvaguarda nas instituições arquivísticas, Eric Katelaar chama de narrativas tácitas a construção múltipla e seu devir constante, possibilitando ver "contextos sociais, culturais, políticos, religiosos da criação, conservação e utilização de documentos".[243]

No presente capítulo, a seleção documental foi elaborada e dividida em dois eixos temáticos: o primeiro abarca 165 missivas, para compreender como Anna Amelia estabeleceu redes de relações e como seu nome circulava em importantes meios intelectuais. Já os outros 102 documentos referem-se aos congressos e conferências sobre a emancipação feminina de que participou, a saber: 59 são documentos relacionados ao XII Congresso da Aliança Internacional pelo Sufrágio Feminino, realizado no ano de 1935, em Istambul, Turquia, e 53 documentos, a exemplo de atas e boletins, referentes à sua participação na Comissão Interamericana de Mulheres, nos anos de 1942 a 1944.

No âmbito das missivas, analisam-se 165 correspondências, a maioria passiva (cartas recebidas) e poucas ativas (cartas enviadas). No que se refere às primeiras, os remetentes eram instituições culturais, organizações governamentais e periódicos que pediam colaborações, obras ou fotografias de Anna Amelia, para publicar ou integrar seus acervos (20 cartas); outras

---

[242] *Ibidem*.
[243] KATELAAR, Eric. (Des)construir o arquivo. HEYMANN, Luciana; NEDEL, Letícia (org.). *Pensar os arquivos:* uma antologia. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018, p. 203.

de intelectuais, escritores e poetas (50 cartas); associações internacionais em prol dos direitos femininos (65 cartas); e, por fim, pedidos diversos em função de sua influência, desde demandas de intelectuais e políticos, passando por pessoas que comentavam sobre moral e costumes, além de missivas enviadas por remetentes não identificados, que solicitavam desde autógrafos até auxílio para estudos, moradia, publicações etc. (30 cartas), conforme se observa no Tabela 3.

Tabela 3: Tipologia das missivas remetidas à Anna Amelia (1930-1945)

| **Remetente/Tipos de assunto** | **Nº de cartas** | **Nº de remetentes** |
|---|---|---|
| Associações internacionais feminista. Temática relativa ao movimento. | 65 | 32 |
| Intelectuais. Trata de questões literárias. | 50 | 31 |
| Solicitações diversas. | 30 | 30 |
| Instituições e periódicos. Solicita textos e/ou fotos. | 20 | 28 |
| **Total** | **165** | **121** |

Fonte: CPDOC. Arquivo Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça. *Fundação Getúlio Vargas*. Organizada pela autora.

Dessa forma, o primeiro passo para selecionar as correspondências demandou a análise quantitativa do material, o que permitiu identificar o número de correspondentes que escreveram para Anna Amelia no período selecionado. Em seguida, o desafio foi distinguir remetentes: políticos, intelectuais, familiares, ativistas e sufragistas e, por fim, cruzar os indicadores – presença numérica e volume de correspondência – e o peso efetivo que tinham na rede de sociabilidade na qual Anna Amelia circulava. Ao comentar a análise qualitativa, Gomes informa que constituiu um banco de dados que reuniu o conjunto de correspondências selecionadas, de modo a registrar informações como: referência da carta no arquivo; local e data; nome e posição-cargo do remetente; tratamento com o destinatário. Foi criado também um campo para resumo do conteúdo da carta – para avaliar os temas abordados pelos intelectuais –, e um espaço para observações.[244]

[244] GOMES, Angela de Castro. *Op. cit.*, 2016, p. 33.

Assim, além de pedidos, as cartas envolviam assuntos políticos e profissionais, havendo espaço, nesse conjunto, para manifestações mais íntimas e até mesmo domésticas. As categorias e classificações demarcadas na análise das correspondências operam no período histórico examinado, de modo que se pode vislumbrar subjetividades, contradições e mudanças no discurso presente em torno da personagem analisada.

A seleção permite avaliar a inserção de Anna Amelia no meio intelectual. Segundo Sirinelli, é possível adotar uma noção "socialmente mais ampla de intelectuais, abarcando os chamados criadores e mediadores de cultura, tais como jornalistas, escritores, professores, eruditos".[245] Tal posição amplia a compreensão estreita e qualitativa, que envolve a atuação específica dos intelectuais enquanto sujeitos políticos e produtores de ideologias, engajados de maneira mais direta em lutas políticas. O autor considera que os estudos dos intelectuais, tomados em sentido alargado, possibilitam explorar o potencial analítico dessa categoria abrangente para a produção historiográfica, por meio de estudos nos quais é possível vislumbrar a variedade das práticas, funções, produtos e modos de operar, que correspondem em diferentes tempos e espaços. Sirinelli argumenta que, a partir da história social das elites culturais emergir como essencial, é igualmente considerável elaborar uma história intelectual dessas elites:

> Para além da aparente tautologia do desejo assim formulado, existe um imperativo categórico da história das elites culturais: esta não deve constituir obstáculo ao estudo das obras e das correntes. O juízo final dos intelectuais não se contentará, com efeito, com subtrair o seu presumível capital social e as suas estratégias levadas a cabo e começará por recensear as obras produzidas. Uma história dos letrados demasiado dissociada da sua história propriamente intelectual levaria a uma supressão epistemológica nociva. Decerto que uma análise sociológica dos modos de produção intelectual é preciosa e foi o fermento de belos trabalhos. Mas os estudos das redes e dos homens não pode resumir-se aos seus supostos efeitos microssociais.[246]

A história dos intelectuais emergiu em conjunto com a cultura política e, segundo Berstein, surgiu da mesma forma que sua evocação se inscreve na renovação da história política, para assim oferecer respostas mais satisfatórias à historiografia do tema. O autor concorda com Sirinelli ao expor a noção de cultura política, que permite adaptar-se à complexidade dos comportamentos humanos. Trata-se de "uma espécie de códigos e de um conjunto de referentes, formalizados no seio de um partido ou, mais largamente, difundidos no seio de uma família ou de uma tradição política".[247] Segundo Berstein e a partir da definição de cultura política:

> Desta definição, reteremos dois factos fundamentais: por um lado, a importância do papel das representações na definição de uma cultura política, que faz dela outra coisa

[245] SIRINELLI, Jean-François. *Op. cit.*, 1996, p. 238.
[246] SIRINELLI, Jean-François. As elites culturais. *In*: RICOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (org.). *Para uma história cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p. 259- 280, p. 277.
[247] SIRINELLI, Jean-François. Histoire des droites. *Revista Cultures*, Paris, p. 30-66, 1992. p. 41.

> que não uma ideologia ou um conjunto de tradições; e, por outro lado, o carácter plural das culturas políticas num dado momento da história e num dado país.[248]

Ao lado de missivas provenientes das redes de sociabilidade que Anna Amelia integrou, em função de sua atuação como colunista e como organizadora de eventos culturais,[249] podem ser encontradas cartas de poetas e intelectuais como: Newton Braga (11), Celso Kelly (4), Henriqueta Lisboa (4), Maria Eugenia Celso (3), Pascoal Carlos Magno (3) e Carlos de Lacerda (3). No âmbito internacional, temos: Alfonso Reyes (4) e Gabriela Mistral (3). Já em relação às missivas trocadas com outras ativistas brasileiras em prol da emancipação feminina, tem-se: Maria Rita Soares de Andrade (3), Stella Guerra Durval (2) e Bertha Lutz (2). Referente a ativistas internacionais, tem-se: Mabel Vernon (8), Mary Winslow (5) e Minerva Bernardino (5).

A magnitude do acervo de Anna Amelia remete à intenção de preservar seu legado, trajetória e feitos, tanto que, segundo Gomes, o arquivo pode ser lido como um "autêntico projeto autobiográfico". De acordo com as autoras:

> […] a atenção de muitos historiadores voltou-se para os arquivos privados, nos quais passaram a procurar não apenas rastros das ações e ideias de seus personagens, mas também a forma pela qual eles constituíram a si mesmos, à medida que selecionavam e guardavam seus documentos e, assim, propunham um sentido para suas vidas.[250]

Essa compreensão corrobora a hipótese segundo a qual sua correspondência é um lugar muito especial para sua construção como pessoa pública, sobretudo no que se refere ao reconhecimento de uma imagem que era, ao mesmo tempo, a de intelectual, escritora e militante em prol das mulheres. Vê-se, assim, o arquivo atuando como lugar político valioso, caracterizado por documentos cuidadosamente selecionados e preservados. Entretanto, uma questão que permeou o estudo foi o porquê dos primeiros livros de Anna Amelia, como *Esperança*, *Alma* e *Ansiedade*, não estarem em seu arquivo. Eles estão presentes apenas em bibliotecas internacionais, como a Sorbonne, em Paris, e a Universidade Northwestern, em Illinois, que sediou, em 1933, a Exposição do Século do Progresso, na qual foram expostos os 100 melhores livros de autoras americanas, publicados entre 1833 e 1933, organizada pelo

---

[248] BERSTEIN, Serge. A cultura política. *In*: RICOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (org.). *Para uma história cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998. P. 259-280. p. 270.

[249] A partir da análise feita por meio dos recortes selecionados de periódicos em que Anna Amelia apareceu como colaboradora ou em eventos que compareceu, viu-se nomes como: os políticos Júlio Barata, Gustavo Capanema e Oswaldo Aranha; Herbet Moses, jornalista e então presidente da Associação Brasileira de Imprensa; Austregésilo de Athayde, jornalista e intelectual brasileiro casado com a irmã mais nova de Anna Amelia; e Assis Chateaubriand, dono dos Diários Associados. Os dois últimos nomes aparecem com frequência em eventos relacionados ao pan-americanismo.

[250] GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. *Op. cit.*, 2016, p. 17.

Conselho Nacional de Mulheres. A mostra foi exibida no Salão de Ciências Sociais durante todo o ano e encontra-se preservada na instituição.[251]

Constata-se que o arquivo privilegia sua imagem como ativista cultural e social, ou seja, uma construção de si. Mesmo havendo correspondências do âmbito familiar e privado, o conteúdo também abarca atividades relativas à organização de eventos, presença em bancas de júris literários e auxílio a estudantes da CEB. Contudo, a maioria dos documentos presentes na série Documentos Póstumos, relativos a homenagens e discursos sobre a vida de Anna Amelia, retratam de forma enfática sua carreira como poetisa e escritora, aspectos que ela própria não privilegiou.

Sirinelli e Trebisch pontuam que é nas correspondências que os sujeitos traçam relações e, principalmente, articulações. Gomes também destaca que um dos objetos redescobertos pela história social da cultura foi a correspondência, escritos antes pouco valorizados, tomados por "comuns" e "menores". A postura foi reavaliada graças aos estudos sobre a história da leitura, mas também em função da nova sensibilidade historiográfica em relação aos indivíduos comuns.[252] Assim, problematizou-se as dicotomias entre o culto *versus* o popular e as associações frequentemente estabelecidas entre privado e doméstico. Particular atenção foi dispensada ao suporte material (cartão, telegrama etc.), ao tipo de papel utilizado, aos códigos sociais utilizados (formas de tratamento na abertura e encerramento da missiva, argumentação, presença/ausência de iconografia etc.) e às características linguísticas (fluidez), mas também à letra, ao ordenamento da página, para citar alguns aspectos, como bem destacou Gomes, que adentra no debate sobre a escrita epistolar como fonte e/ou objeto de pesquisa histórica.[253] Foi primordial levar em conta que as missivas constituem-se em uma escrita nômade, ou seja, há múltiplos assuntos (familiares, políticos, culturais etc.) em uma mesma carta. Além do mais, muitas vezes, trata-se de uma série, mais ou menos longa, que registra troca de ideias e construção de diálogos que colocam em cena a dimensão de oralidade.

## 2.2 Correspondência e reconhecimento intelectual

[251] Entre as 100 obras, muitos livros foram escritos por sufragistas, ganhadoras de prêmios, como Edith Wharton, Susan B. Anthony, Matilda Joslyn Gage, Virginia Woolf, George Eliot e George Sand. Informações retiradas do site da Biblioteca McCormick de Coleções Especiais, da Universidade Northwestern, ver: LEOPOLD, Wendy. Collection houses works of women authors from world fairs. *Northwestern*, 5 fev. 2008.
[252] GOMES, Angela de Castro. *Op. cit.*, 2000, p. 29.
[253] GOMES, Angela de Castro (org). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. Destaque para a introdução, oportunidade em que se discutem questões metodológicas.

A seleção dos fragmentos compreendeu o período que se estende do início da década de 1930 até 1945, com o fim da 2ª Guerra Mundial. Para avaliar o lugar ocupado pelos missivistas no arquivo, é preciso conhecer as características da correspondência de Anna Amelia. Como é comum em arquivos pessoais, verificou-se que as cartas estavam dispersas em pastas, relativas a diversas temáticas, seja de caráter "público" ou "privado". Como o acervo soma mais de sete mil documentos, seria inviável, nos limites de uma dissertação, trabalhar com todo o conjunto. Assim, o estudo restringiu-se ao período abarcado pela investigação e a partir de algumas temáticas.

As missivas preservadas datam desde sua juventude, a exemplo de trocas de correspondências com antigas preceptoras e familiares, aos quais enviou exemplares de sua primeira publicação. Apesar de uma considerável parcela dessas cartas extrapolarem o corte temporal selecionado, cabe assinalar que já se observa grande quantidade de pedidos feitos por revistas, institutos culturais e órgãos governamentais para informar sobre a vida e o legado da nova poetisa e Rainha dos Estudantes, que debutava na sociedade carioca. Durante a década de 1920, com as publicações de *Alma* (1922) e *Ansiedade* (1926), o interesse da imprensa deu lugar a pedidos de colaborações para suas colunas semanais, que constituem, inclusive, a maioria, em termos quantitativos, no conjunto do arquivo. Vejam-se, a título de exemplo, as solicitações das revistas *A Cigarra* (SP, 1914-1975), *Fon-Fon* (RJ, 1907-1958), *Brasil Feminino* (RJ, 1932-1937), *O Cruzeiro* (RJ, 1928-1975) e *Aspectos* (RJ, 1927-1957) fundada e dirigida por Raul Azevedo, e dos jornais *O Globo* (RJ, 1925-atual), *A Manhã* (RJ, 1925-1953), *Correio da Manhã* (RJ, 1901-1974), *Diário da Manhã* (RS, 1925-1997), e internacionais, como *The New York Times* (NY, 1851-atual), dentre outras cartas das quais os dados não foram encontrados.[254]

Segundo Angela de Castro Gomes, um dos objetivos do estudo de correspondências é permitir que:

> […] o pesquisador se aproxime de aspectos subjetivos, integrantes e mesmo definidores de redes de sociabilidade, mas de difícil acesso quando se utiliza outro tipo de fonte. Entre tais aspectos está toda uma dimensão expressiva, um clima intensamente emocional que se pode detectar da troca de cartas. Além disso, a correspondência pessoal é sempre um lugar particularmente especial para se avaliar o investimento efetuado na construção da imagem do titular do arquivo, tanto por ele mesmo quanto pelo que a ele se dirigem por carta.[255]

[254] Arquivo AACM, dossiês Participação e colaboração em associações, órgãos e institutos; Militância Feminista; Militância Estudantil e Vida Privada.
[255] GOMES, Angela de Castro. *Op. cit*., 2000, p. 41.

Entende-se, portanto, porque o estudo dessas fontes é ainda recente e escasso, principalmente no Brasil. Poucas pesquisas que trabalham com correspondências focalizam as cartas de "pedidos", enviadas para figuras políticas importantes e depositadas em seus arquivos privados.[256] Fonte essa até hoje pouco utilizada, como visto, e que "começa a ganhar o status de indicador valioso para se discutir questões clássicas da historiografia e da sociologia, tais como práticas clientelistas e dos circuitos de poder em momentos específicos da história republicana do Brasil".[257]

A análise quantitativa das missivas selecionadas visa compreender e retraçar a rede de sociabilidade, por intermédio de seu arquivo privado, ou seja, os espaços culturais e midiáticos nos quais Anna Amelia circulava, sem perder de vista o contexto histórico. A ideia de quantidade expressa-se na variedade de nomes que compõe as correspondências recebidas. Para além das variadas correspondências remetidas por periódicos de todo país solicitando colaborações, foram conservados convites para colaborar e/ou integrar órgãos culturais e sociais, por exemplo, a Associação de Artistas Brasileiros, a Academia Literária Feminina, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a Comissão do Teatro Nacional, a Associação Brasileira de Letras e a Instituição Artística do Brasil.[258] Ao lado desse rol, também foram selecionados convites e solicitações para parcerias com outras organizações em prol dos direitos civis das mulheres, cabendo notar que não há somente correspondências provenientes de órgãos nacionais, como a União Universitária Feminina, coligada à FBPF, mas também com outras associações internacionais favoráveis ao movimento feminista. Assim, a participação de Anna Amelia em meios sociais e culturais, em âmbito nacional e internacional, possibilita perceber o modo que seu nome circulou em espaços importantes, de forma a expor a rede de sociabilidade intelectual e política na qual ela estava inserida.

Os pesquisadores que se debruçam sobre a denominada história dos intelectuais compreenderam, há alguns anos, que essa abordagem sempre remete a redes de sociabilidade que "os situam, inspiram, demarcam e deslocam através do tempo/espaço".[259] A definição da figura do intelectual, mesmo que de forma fluida, entendida como sujeito histórico, envolve-se na produção cultural de bens simbólicos. Segundo Gomes:

> Sendo reconhecido por sua comunidade de pares, o intelectual, em uma acepção mais ampla, também é aquele que se volta para práticas culturais de difusão e transmissão,

[256] HEYMANN, Luciana Quillet. Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Felinto Muller. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 41-66, 1997.; CARVALHO, José Murilo de. *A República do empenho*: Rui Barbosa e o clientelismo. Rio de Janeiro, FCRB, 1998.
[257] GOMES, Angela de Castro. *Op. cit.*, 2000, p. 21
[258] Arquivo AACM, dossiê Participação e colaboração em associações, órgãos e institutos.
[259] GOMES, Angela de Castro. *Op. cit*., 2016, p. 92.

> ou seja, que faz "circular" os produtos culturais em grupos sociais mais amplos e não especializados, razão pela qual pode ser identificado, entre outras possibilidades, como vulgarizador ou divulgador.[260]

O objetivo específico é, portanto, analisar, em um primeiro momento, as relações tecidas entre Anna Amelia e a intelectualidade de seu tempo, desvendando um processo de construção identitária que exponha as possíveis articulações política e social, suas formas de pensamento e eventuais mudanças de discurso. Assim, Sirinelli[261] e Trebitsch[262] têm ressaltado aspectos norteadores que permitem compreender as especificidades do meio intelectual, especialmente a definição de valores, afinidades, sensibilidades ideológicas e culturais, regras próprias, o papel das representações e a relação com o político, a opinião, o debate e o espaço público. Os lugares de sociabilidades, múltiplos e mutáveis ao longo do processo histórico (salões, saraus, cafés, livrarias, editoras, revistas, imprensa, instituições, associações, sociedades, congressos, conferências, as cartas etc.), são condição para a elaboração do trabalho intelectual. Por isso, para o estudo dos intelectuais, é preciso estar atento aos lugares, aos meios, às redes de sociabilidades e a tudo que permite reconstituir o campo de possibilidades e ações, de modo a compreendê-los em suas circunstâncias de produção e atuação.[263] Segundo Sirinelli:

> Relações estruturadas em rede que falam de lugares mais ou menos formais de aprendizagem e de troca, de laços que se atam, de contatos e articulações fundamentais […] a noção de rede remete ao microcosmo particular de um grupo, no qual se estabelece vínculos afetivos e se produz uma sensibilidade que se constitui marca desse grupo.[264]

Como a intenção, desde o início da dissertação, não era trabalhar com todos os correspondentes, mas compor uma amostra da qual se pudesse extrair resultados relevantes no que se refere à questão da sociabilidade intelectual, foram selecionadas, para além dos assuntos que envolviam o movimento feminista e suas articulações, trocas com políticos, intelectuais e figuras respeitadas no círculo da elite social do país. Nessa dimensão, era indispensável para Anna Amelia estabelecer contatos com o meio pensante, de modo a se inserir nesse novo espaço, que abria e oferecia oportunidades, tanto financeiras, com as colaborações remuneradas na imprensa, quanto no que respeita ao reconhecimento e prestígio sociocultural. Nesses contatos, uma variada gama de aproximações, negociações e interesses estabeleceram-se,

---

[260] *Ibidem*, p. 95.
[261] SIRINELLI, François. *Op. cit.*, 2003.
[262] TREBITSCH, Michel. Avant-propos: la chapelle, le clan et le microcosme. *Les Cahiers de L' Histoire du Temp Present*, n. 20, p. 11-21, mar. 1992.
[263] GONTIJO, Rebeca. História, Cultura, Política e Sociabilidade Intelectual. *In*: SOIHET, Rachel; BICALHO, Maria Fernanda; GOUVÊA, Maria de Fátima. *Culturas políticas*: ensaios de história cultural, história política e ensino de história. Rio de Janeiro: MAUAD: FAPERJ, 2005. p. 259-284. p. 262.
[264] SIRINELLI, Jean-François, *Op. cit.*, 2003, p. 38.

envolvendo intelectuais mais ou menos simpáticos às suas ideias e propostas. Para evidenciar a diversidade de remetentes, organizou-se uma tabela distinguindo o tipo de remetente e os assuntos presentes nas missivas. O objetivo é evidenciar suas formas de inserção e os assuntos tratados. Evidentemente, a construção de tipologias sempre se ancora em critérios que contêm graus variados de subjetividade, provenientes do olhar do pesquisador. O esforço foi o de trabalhar com cinco divisões, que se combinam de formas diferenciadas: escritores e poetas, políticos, jornalistas, ativistas feministas e autores desconhecidos.

Tabela 4: Correspondentes de Anna Amelia por inserção profissional-social (1930-1945)

| **Remetente** | **Nº de cartas** | **Correspondência passiva** | **Correspondência ativa** |
|---|---|---|---|
| Ativistas feministas | 40 | 31 | 9 |
| Escritores | 19 | 18 | 1 |
| Autores desconhecidos | 12 | 11 | 1 |
| Políticos | 10 | 6 | 4 |
| Jornalistas | 4 | 4 | 0 |
| **Total** | **85** | **70** | **15** |

Fonte: CPDOC. Arquivo Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça. *Fundação Getúlio Vargas*.Organizada pela autora.

O exame da Tabela 4 deixa evidente que os assuntos relacionados ao ativismo sobre as causas femininas dominam numericamente a correspondência selecionada. As cartas enviadas como respostas de Anna Amelia estão também presentes, mas percebe-se que alguns exemplos são a troca de parceria com outras organizações nacionais e internacionais feministas, solicitação de informações sobre a trajetória de ativistas brasileiras para futuras publicações no exterior, informações sobre comitês, órgãos, assembleias feministas, troca de auxílios para a organização de eventos e congressos sobre os direitos femininos etc.

Ao questionar sobre as intenções da titular guardar certas correspondências em detrimento de outras, aparentes, na grande quantidade de cartas provenientes de órgãos e instituições feministas e o movimento das mulheres, percebe-se as potencialidades dos arquivos pessoais. Sem dúvida, estudar esses registros de memória implica não perder de vista que o

conjunto expressa leituras e crenças de quem os produziu, mas também da sociedade na qual se originaram:

> O ponto central a ser retido é que, através desses tipos de práticas culturais [correspondências e diários], o indivíduo moderno está constituindo uma identidade para si através de seus documentos, cujo sentido passa a ser alargado. Embora o ato de escrever sobre a própria vida e a vida de outros, bem como de escrever cartas, seja praticado desde há muito, seu significado ganha contornos específicos com a constituição do individualismo moderno.[265]

A avaliação acerca do reconhecimento intelectual foi analisada a partir das correspondências, muitas vezes atreladas às ativistas da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. Em carta endereçada a Anna Amelia, no ano de 1932, o Centro Carioca, órgão governamental que intentava promover eventos culturais e sociais no Rio de Janeiro, relatou proposta de patrocinar a construção de um monumento em homenagem à Princesa Isabel, proposição da professora e ativista feminista Leolinda Daltro. É interessante perceber que, mesmo Daltro sendo entendida no período como uma militante radical e, assim, considerada defensora de um "mau feminismo" pela imprensa e excluída dos meios políticos oficiais, foi referenciada na missiva como "venerada educadora Sra. Leolinda Daltro". Ao analisar a carta de forma a compreender os códigos epistolares, percebe-se formalidade, um requisito tanto em relação à pessoa mencionada quanto à destinatária, convidada a integrar a Comissão Executiva Pró Monumento a Isabel, também composta pelo então presidente da Associação Brasileira de Imprensa, Herbet Moses.[266]

Seus contatos também alcançavam outros países, tanto que na seleção realizada consta o filósofo e político estadunidense, Nicholas Murray Butler, com três missivas, duas ativas e uma passiva. A carta tece comentários sobre a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, retrata os feitos e conquistas da organização e, ao fim, solicita alguns materiais de estudo sobre planos para o fim da guerra, já que a carta foi redigida no ano de 1943. Após a confirmação do pedido e o envio dos documentos e materiais, Anna Amelia retorna com agradecimentos e comenta acerca dos eventos futuros da Federação.[267]

A representatividade de Anna Amelia também pode ser percebida por meio das cartas de autores desconhecidos, em específico, de suas colunas semanais no *Diário de Notícias*. Das

---

[265]GOMES, Angela de Castro. *Op. cit*., 2016, p. 13.

[266] Herbert Moses (1884-1972) foi um advogado e jornalista brasileiro. Em maio de 1931, foi eleito presidente da Associação Brasileira de Imprensa (ABI). Sucessivamente reeleito, permaneceu à frente da entidade por um período de 33 anos, marcando sua atuação, segundo Edmar Morel, pela luta incessante em prol da liberdade de imprensa e por protestos contra as violências praticadas contra jornais e jornalistas. MOSES, HERBERT. Verbete biográfico. *Fundação Getúlio Vargas - CPDOC*.

[267]Cartas endereçadas a Anna Amelia, escritas por Nicholas Murray Butler, 08 de julho de 1943, 12 de agosto de 1943 e 16 de novembro de 1943 (AACM mf 1927.09.09).

85 cartas dessa natureza selecionadas, 12 delas correspondem a autores desconhecidos que fizeram certos tipos de solicitações, que enaltecem, sobretudo, a poetisa e sua forma de escrita. Assim, representam pedidos e "favores", vindos principalmente de estudantes, que demandavam auxílio para viajar ao Rio de Janeiro, para fins educacionais ou tratamento de doença, ajuda para pagamento de fiança, pedidos de emprego em periódicos ou em escolas, auxílio na divulgação de livro de autoria do remetente, dentre outros.

Dessa forma, nesse subconjunto reunido sob o título de pedidos, três missivas relacionaram o reconhecimento e os meios em que Anna Amelia circulava com o intuito de propor medidas para melhorar a vida em sociedade, conforme a visão desses remetentes. Uma delas, que parece ser de uma comerciante, reclamava sobre os cangaceiros nordestinos e o prejuízo causado aos clientes por roubos e furtos promovidos pelo grupo, entendido como formado por bandidos. Ao afirmar que "escrevo-lhe para que se consiga da sua influência um pouco de paz e tranquilidade para o meu caro suspiro", relembrou que a poetisa esteve com Getúlio Vargas e solicitou que utilizasse de suas relações para interferir nessa situação.[268] A segunda missiva, por sua vez, diz respeito aos contatos familiares de Anna Amelia, mais especificamente em relação à Usina Esperança, de seu falecido pai. O remetente pediu que a poetisa acionasse o Juizado de Menores, já que havia algumas crianças órfãs, moradoras da cidade ao redor da usina, pois se "tornarão criminosos se continuarem assim".[269] Já a terceira referia-se ao uso exacerbado de lança perfume, droga em forma de solvente inalante, utilizada principalmente nas épocas de marchinhas e blocos de carnaval. O pedido justificava-se pela influência de Anna Amelia junto a políticos e movimentos estudantis, assim "o governo poderia proibir a importação do éter e seus componentes, que deve ser direito privativo da saúde pública", já que "a vossa palavra empolga a mocidade pelos vossos próprios merecimentos".[270]

Dentre o rol de pedidos, uma única missiva escrita por Anna Amelia foi preservada. O destinatário foi o então Ministro da Educação, Gustavo Capanema. A carta inicia-se com "prezado amigo", o que não evidencia reverência à figura pública, antes remete para as relações pessoais. O texto evocou conversa: o "caso da jovem Carolina de Mello, de quem lhe falei, venho lembrar, com simpatia, o pedido que lhe fiz, em nome da Casa do Estudante do Brasil, no sentido de seu aproveitamento em uma vaga existente na Escola Técnica Nacional, como professora".[271] Ao se valer de suas atividades na CEB, a poetisa configura-se como mediadora,

[268]Carta endereçada a Anna Amelia, autor desconhecido. 02 de maio de 1935 (AACM vpr. 1928.03.16).
[269]Carta endereçada a Anna Amelia, autor desconhecido. 06 de janeiro de 1941 (AACM vpr. 1928.03.16).
[270]Carta endereçada a Anna Amelia, autor desconhecido. 10 de fevereiro de 1942 (AACM vpr. 1928.03.16).
[271]Carta endereçada a Gustavo Capanema, escrita por Anna Amelia. 13 de julho de 1945 (AACM vpr. 1928.03.16).

que solicita um favor para alguém de seu círculo de relações. No estudo já citado de Gomes sobre o arquivo privado de Capanema, a autora discorre sobre a especificidade das correspondências classificadas como pedidos de intelectuais. Nelas, não há uma retórica de "apresentação de si mesmo",[272] tal como se verifica nesse único caso presente no arquivo de Anna Amelia.

Ao retornar análise das correspondências trocadas com intelectuais e poetas, outro grupo com considerável quantidade de missivistas é composto por escritores. A poetisa Henriqueta Lisboa enviou a Anna Amelia quatro cartas na década de 1930, algumas com troca de elogios sobre publicações de ambas, juntamente com agradecimentos pelas citações feitas em suas colunas semanais na imprensa. É interessante notar que, ao final de uma das cartas, Henriqueta retrata Anna Amelia como "centro dos intelectuais que visitam o Rio, pois é grande artista", ao propor um encontro com o escritor António Ferro e esposa, a poetisa portuguesa Fernanda de Castro, solicitado pelo próprio casal. Nesse conjunto, sobressaem os intelectuais de outros países em face dos nacionais. Algumas cartas de Alfonso Reyes,[273] poeta mexicano, e de Francisco Villaespesa, poeta espanhol, remetem para trocas literárias e comentários sobre publicações em periódicos, como artigos, crônicas e poemas. Nessas cartas, os interlocutores atendiam a pedidos da poetisa em relação a matérias e livros sobre assuntos específicos.[274]

Por fim, uma única missiva nesse grupo tem por remetente Anna Amelia. O curioso da carta, que pode ser considerada rara em função da pequena quantidade de correspondência ativa, diz respeito ao seu conteúdo e intuito. Endereçada a Azevedo Amaral, escritor e jornalista brasileiro que atuou ativamente como ideólogo durante a ditadura do Estado Novo, o remetente foi alvo de críticas em relação aos comentários publicados sobre a Revolução Constitucionalista de 1932, que ainda estava em curso. Ao analisar a missiva de Anna Amelia, percebe-se que o jornalista teceu argumentos contrários às ações das integrantes da Cruz Vermelha na imprensa e que, segundo a poetisa, "comentário de um assunto que nenhum brasileiro deveria hoje abordar sem profundo recolhimento, pensando nos males do presente e do futuro, e não na luta que faz tremer as raízes da própria existência da pátria". O tom irônico expõe sua defesa ao grupo constituído, majoritariamente, por mulheres:

---

[272] Segundo Gomes: "As cartas de pedidos são, assim, curtas e diretas, como que 'poupando' Capanema de uma argumentação desnecessária. Se de um lado essa 'fórmula' remete a ideia de 'confiança' no ministro – ele só não atenderá em último caso –, de outro afirma o poder e a intimidade do demandante, que vai direto ao ponto". GOMES, Angela de Castro. *Op. cit*., 2000, p. 33.

[273] Nome de Alfonso Reyes aparece nos agradecimentos do livro póstumo de Anna Amelia, *Quatro pedaços do planeta no tempo do zepellin*, de 1976.

[274] Em algumas missivas, foram solicitadas informações tanto sobre a historiografia brasileira quanto sobre a biografia de alguns autores brasileiros.

> A Cruz Vermelha é uma instituição respeitável e respeitada em toda parte civilizada do mundo. Mas, se a nossa Cruz Vermelha, a qual não pertenço, mas em cuja obra, como mulher e como brasileira, me sinto, agora, no dever de colaborar, não lhe merece essa natural confiança, aqui lhe ofereço, autorizada pelos seus diretores, um lugar no primeiro caminhão que daqui partir para as localidades sacrificadas, onde o ilustre mestre, ou alguém de sua confiança, terá ocasião de auxiliar a distribuição de comidas e de roupas entre as famílias que voltam, famintas e seminuas, as palhoças devastadas e as casas sem pão. [275]

Ao notar a defesa que a poetisa fez das integrantes da Cruz Vermelha, pode-se relacionar seu posicionamento sobre a Revolução Constitucionalista ocorrida em São Paulo, em que julga o partidarismo político de Amaral e recomenda que encare o momento como um problema humanitário. Assim, esse conjunto de cartas elucida a figura pública que Anna Amelia passou a simbolizar nos espaços onde circulava.

## 2.3 Anna Amelia e a mediação intelectual: movimento feminista nas correspondências

Como visto até aqui, desde o século XVIII, as mulheres passaram a atuar no espaço público, tanto que datam da primeira metade do século XX os congressos que reuniam mulheres e possibilitavam o encontro de militantes vinculadas às organizações que lutavam em prol dos direitos civis. De início, esses eventos eram frequentados por educadoras, médicas, advogadas e intelectuais, todas preocupadas em discutir sobre os problemas sociais femininos, entendidos como interesses tradicionais das mulheres, relativos à higiene, cuidados infantis e o bem-estar da figura materna.

Segundo María Giménez, durante a primeira metade do século XX, expandiu-se a mobilização coletiva entre as ativistas do continente americano com o propósito de estabelecer redes de contato e compartilhamento de estratégias de ação, pensamentos e recursos com o intuito de desenvolver uma dinâmica transnacional cooperativa, ou seja, utilizar o cenário internacional como espaço para articular e pressionar a política nacional, de seus respectivos países, em busca da emancipação feminina.[276]

Nesse campo de discussão, até o momento, a maior parte das pesquisas realizadas analisam as relações e as organizações transnacionais de líderes norte-americanas e europeias. É pensando nessas ausências das representantes latinas que se analisam os vínculos estabelecidos entre as feministas na esfera global. Assim, *faltam estudos sobre as representantes latinas na dimensão transnacional do movimento feminista, e que até agora os*

[275]Carta endereçada a Azevedo Amaral, escrita por Anna Amelia. 22 de setembro de 1932. (AACM vpr. 1904.06.05).
[276] GIMÉNEZ, María Elvira Álvarez. The transnational feminist movement in the Americas in the 1930s. *Ciencia Nueva, Revista de Historia y Política*, v. 3, n. 1, p. 113-133, enero-junio 2019.

*estudos priorizam as relações de líderes norte-americanas e europeias. Ou seja, não é a relação internacional que está sendo ignorada, mas as ativistas latinas que são deixadas em segundo plano.* Segundo Ann Towns, o papel de organizações internacionais tem sido ignorado em estudos sobre as dimensões transnacionais do movimento feminista, já que nenhuma instituição feminina no continente americano atuou de forma isolada, uma vez que as ativistas mantinham contato constante.[277]

A análise desse conjunto de fragmentos permite investigar as relações tecidas com feministas ou mulheres intelectualizadas, que discorriam sobre assuntos sobre a vida feminina. Partindo da ideia de interseccionalidade elaborada por Kimberlé Crenshaw,[278] pretende-se expandir a análise e refletir sobre quais mulheres essas fontes revelam, em que grupos e contextos se inseriram, com quem se comunicaram, para poder pensar quais contrapontos Anna Amelia representava. Assim, essas informações não apenas importam, mas colaboram para reformular o entendimento da narrativa histórica, traçar sentido e trajetórias apagadas, ajudar a compor essas mulheres do ponto de vista histórico, enquanto complexos agentes de relevância, que nada devem aos seus equivalentes universais.

É importante assinalar a ilusão de neutralidade que tem acompanhado as trajetórias femininas, classificadas como submissas e politicamente acríticas. Ao renovar o olhar, compreende-se a forma como essas mulheres viveram e contaram suas histórias como uma força legitimamente revolucionária. Ao desnaturalizar a ideia de "mulher", utiliza-se nesta pesquisa a categoria de branquitude – ou seja, a presença de mulheres brancas – que permeia as redes de sociabilidade feministas enquanto sujeitas racializadas. A noção de branquitude é entendida aqui na interpretação proposta por Lia Schucman,[279] que ganha sentido de pertencimento enquanto essência herdada, conferindo potencial de poderes e privilégios, a partir de lugares sociais, históricos e políticos que foram levados em conta.

É a partir da perspectiva de que arquivos pessoais são valorizados, sendo relacionados às dimensões da memória e da identidade cultural dos grupos sociais. São documentos que transbordam as dimensões do privado, na medida em que guardam, subjacentes, interações dos

[277] TOWNS, Ann. The Inter-American Commission of Women and Women's Suffrage, 1920-1945. *Journal of Latin American Studeis*, v. 42, n. 4, p. 779-807, 2010.
[278] CRENSHAW, Kimberlé. Mapping the margins: intersectionality, identity politics, and violence against women of color. *Stanford Law Review*, v. 43, n. 6, p. 12141-12199, jul. 1991.
[279] SCHUCMAN, Lia Vainer. Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo. São Paulo: Annablume, 2014.

indivíduos com coletividades. Assim, Mckemmish propõe a leitura dessas fontes por meio de um caráter transacional, ou seja, analisar o ato de arquivar como um sistema social.[280]

Com tais preocupações, organizou-se uma subdivisão no conjunto relativo às ativistas feministas, de modo que se pudesse vislumbrar em torno de quê giravam as correspondências de Anna Amelia sobre o movimento feminino. A Tabela 5 permite evidenciar a classificação desses assuntos.

Tabela 5: Classificação de assuntos da correspondência recebida e enviada por Anna Amelia relacionadas à militância feminista (1930-1945)

| **Tipos de assuntos** | **Nº de cartas** | **Correspondência passiva** | **Correspondência ativa** |
|---|---|---|---|
| Congressos, comitês e comissões feministas em prol dos direitos das mulheres | 23 | 15 | 8 |
| Organizações feministas e femininas[281] | 17 | 16 | 1 |
| **Total** | **40** | **31** | **9** |

Fonte: CPDOC. Arquivo Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça. *Fundação Getúlio Vargas*. Organizada pela autora.

Ao analisar essas missivas, confirma-se as relações e redes de conexões tecidas entre essas mulheres. Apesar de tratarem de assuntos diversos, a temática que mais permeia as correspondências são os congressos e organizações transnacionais. Assim, pode-se entender as solidariedades e fidelidades que se forjavam em torno dessas ativistas, fazendo com que as identidades coletivas se construíssem pela partilha de vários elementos e causas em comum. A reflexão sobre as formas de inserção desses grupos de mulheres nas culturas feministas consiste em uma grande contribuição historiográfica, capaz de inspirar e auxiliar outras pesquisas a refletir sobre as motivações das mulheres a aderirem a movimentos coletivos e manterem-se vinculadas a eles.

[280] MCKEMMISH, Sue. Provas de mim... HEYMANN, Luciana; NEDEL, Letícia (org.*). Pensar os arquivos:* uma antologia. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018.

[281] As organizações são: Aliança Internacional das Mulheres; Associação das Mulheres Jovens Cristãs; União das Mulheres Americanas; Liga Internacional Feminina pela Paz e Liberdade; Ação Feminina da Mulher Venezuelana; Comissão Interamericana de Mulheres; Federação Brasileira pelo Progresso Feminino; União Universitária Feminina; National Council of Women of the United States; Associação Americana de Mulheres Universitárias; Secretária da Mulher – Departamento do Trabalho de Washington; Associação Pan Americana de Mulheres.

Uma das características do estudo das correspondências é permitir que a pesquisa se aproxime de aspectos íntimos, das trocas e da circulação vista por meio da correspondência, aspectos raros de encontrar em outras fontes documentais. A análise da documentação relativa às trajetórias e às trocas estabelecidas entre mulheres intelectualizadas e feministas, indica a importância das cartas na difusão de conhecimentos, mas também na propagação de sentimentos, novas experiências e identidades políticas. Soihet, que utiliza da ideia de interdisciplinaridade[282] presente na história das mulheres e nos estudos de gênero, argumenta que a análise das redes constituídas na correspondência permite situar a maneira pela qual se forjam elos e se constitui, ainda, em uma fonte de inspiração diante das parcerias estabelecidas.

Para avaliar o lugar ocupado por essas figuras femininas enquanto missivistas, é preciso conhecer as características da correspondência selecionada, com o intuito de compreender o grau e a forma como ocorreram suas relações. A primeira característica dos dados arrolados na Tabela 5 é a escassa quantidade de cartas relativas à Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, um total de sete (no grupo das 17 referentes às organizações), todas passivas, que tratam, sobretudo, das reuniões, cronogramas e andamento da organização. Uma delas chama a atenção por algumas características relativas ao grupo. Assim, ao convidar as associadas para uma comemoração dos 20 anos de existência da Federação, informa que a FBPF "vem lutando pelos direitos femininos", cuja atuação foi dividida em eras: "era da propaganda do voto feminino (de 1922-1933), era na Câmara Federal e várias Estaduais (1934-1937), e era na obtenção de reformas educacionais e sociais (ao correr de toda a sua existência)".[283] É interessante entender a divisão em "eras", os propósitos de cada uma delas e a defesa da "revolução permanente" que daria início às reformas institucionais pertinentes aos direitos civis femininos.

Há também a sequência de três correspondências endereçadas pelo Departamento Paranaense, filial da FBPF, assinadas por Antonina Rabello Prado, que ocupava o cargo de secretária.[284] Na sequência das cartas, vê-se que Anna Amelia viajou ao Paraná para auxiliar em evento que homenageava duas outras integrantes da organização, cujos nomes, em função da letra, não puderam ser identificados. Remetidas em 1934, ano em que as mulheres maiores de 18 anos e alfabetizadas passaram a exercer o direito de voto, ou seja, o convite para Anna

[282] Nessa discussão, Raquel Soihet utiliza o paradoxo dos movimentos feministas aceitarem e recusarem as "diferenças sexuais", em dilemas que prosseguem atualmente. SOIHET, Rachel. Interdisciplinaridade: história das mulheres e estudos de gênero. *Revista Gragoatá*, Niterói, v. 2, n. 25, p. 29-49, 2008.
[283]Carta endereçada a Anna Amelia, escrita por Bertha Lutz. 31 de julho de 1942 (AACM mf 1942.07.15).
[284]Cartas endereçadas a Anna Amelia, escritas por Antonina Rabello Prado. 19 de maio de 1934 e 27 de maio de 1934 (AACM vpr 1904.06.05).

Amelia deslocar-se até o estado objetivava auxiliar na propaganda da FBPF, com vista a incentivar as mulheres brasileiras a votar, já que não havia obrigatoriedade de exercer o direito.

Outra sequência de correspondências pertence a Celia Reguera de Katzenstein, conhecida como Celia de Diego, escritora e crítica literária argentina. Há quatro cartas da remetente no arquivo e todas parecem dar sequência aos temas debatidos, apesar de não se dispor das respostas da destinatária. Mesmo que as informações sejam parciais e fragmentárias, percebe-se que as escritoras se conheceram em Buenos Aires, viagem realizada por Anna Amelia para acompanhar a Associação Brasileira de Imprensa, no ano de 1932.[285] As duas primeiras cartas trataram dos movimentos feministas na América Latina, congressos e comitês sufragistas, nas quais se observa pedido, por parte de Celia de Diego, feito nas entrelinhas, para que Anna escrevesse sobre o tema. Já as outras duas cartas solicitaram, por parte da destinatária, informação acerca da publicação *Mujeres da América*, além de pedir auxílio de Anna Amelia para divulgar a obra nos ambientes em que frequenta, como conferências, concertos, exposições etc. Apesar de a escritora não ser reconhecida nos dias de hoje e não haver informações sobre ela em sítios da internet, confirma-se a troca intelectual em que a poetisa contribuía, auxiliava e propagava.

Outra missiva, igualmente postada por remetente argentina, Angelina del Barco Piñeo, integrante da Associação Cultural Argentino-Brasileira "Julia Lopes de Almeida", solicitou informações e dados sobre algumas das intelectuais brasileiras, inclusive os relativos à Anna Amelia, a fim de confeccionar um dicionário bibliográfico das mulheres na América. As escritoras e intelectuais referidas eram: Ada Macaggi Bruno Lobo, Adalgisa Nery, Beatrix Reynal, Dinah Silveira de Quiroz, Maria Eugênia Celso e Tetrá de Teffé.[286] O exame desse conjunto de cartas expõe a lógica de argumentação e a forma como essas autoras se colocavam em contato, se apoiavam mutuamente, formulavam estratégias para que suas obras fossem reconhecidas e divulgadas, mantendo contato e aproximando figuras centrais da elite intelectual nacional e internacional.

Já outra missiva, redigida três anos antes das citadas anteriormente, causou, num primeiro momento, uma série de questionamentos, já que a correspondência não foi endereçada a Anna Amelia, ou seja, cabia questionar o porquê de estar no arquivo privado da poetisa.[287] A

[285]Cartas endereçadas a Anna Amelia, escrita por Celia Reguera de Katzenstein. 01 de setembro de 1933. (AACM vpr. 1904.06.05).
[286] Carta endereçada a Anna Amelia, escrita por Angelina del Barco Piñeo. 27 de julho de 1943. (AACM mf 1927.09.09).
[287]Carta endereçada a Anna Amelia, escrita por Maria Luiza Bitterncourt. 17 de julho de 1935. (AACM vpr 1904.06.05)

leitura esclarece que a carta destinava-se à advogada e feminista Maria Luiza Dores Bittencourt (1910-2001), integrante da União Universitária Feminina, da Federação pelo Progresso Feminino e da Casa do Estudante do Brasil, e primeira mulher a ser eleita deputada estadual da Bahia, em 1932, após a promulgação do Código Eleitoral Provisório, que reconhecia o direito de voto às mulheres. A remetente era Adelaide de Castro Alves Guimarães (1854-1940), poetisa baiana e irmã de Castro Alves, que se desculpou por não comparecer a um evento organizado pela FBPF, CEB e Associação dos Artistas. Segundo parece, Maria Luiza Bitterncourt participou do evento como organizadora, auxiliada por Anna Amelia. O teor da carta, com apelo para ajuda sobrenatural – "Divino Mestre proteja em toda a sua magnificência a Associação dos Artistas e a Casa do Estudante ampliando-lhes o campo de ação e a esfera de seus recursos"[288] –, solicitava que um poema de sua autoria, "Jesus de Nazaré", fosse recitado no evento. Ainda que não se possa explicar a presença da carta e tampouco se o pedido foi atendido, evidencia-se a proximidade de atuação entre a Casa do Estudante do Brasil (Figura 15) e a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (Figura 17), entidades que contavam com a participação ativa de Anna Amelia.

Figura 15: Evento beneficente "Festa dos Balões", em prol da construção da Casa do Estudante do Brasil, em 1929

Ao centro e em destaque, está Anna Amelia (1) e, quase ao seu lado, Maria Luiza Bittencourt (2). Fonte: *Revista da Semana*, n. 42, p. 5, 5 out. 1929. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

[288]Carta endereçada a Anna Amelia, escrita por Maria Luiza Bitterncourt. 17 de julho de 1935. (AACM vpr 1904.06.05)

Figura 16: Homenagem à Maria Luiza Bittencourt

Maria Luiza Bittencourt (5ª esquerda/direita) está sentada entre Anna Amelia (esquerda) e Bertha Lutz (direita), no Hotel Glória, Rio de Janeiro, em novembro de 1936. Fonte: Arquivo Nacional, fundo Federação Brasileira pelo Progresso Feminino.

As outras dez cartas que compõem o conjunto "Organizações feministas" dizem respeito a pedido de auxílio em pesquisas e publicações relacionadas aos movimentos feministas, em âmbito nacional e internacional, solicitações para parcerias com a própria FBPF, além de convites para Anna Amelia proferir palestras e conceder entrevistas. Uma das primeiras correspondências tem como remetente o Embaixador do México na Argentina, José Manuel Puig Casauranc, datada de 1936 e postada no Rio de Janeiro.[289] Curta e formal, a carta contém agradecimentos pela poetisa ter fornecido informações sobre o movimento feminista brasileiro para a Liga Orientadora de Ação Feminina do México, o que confirma suas conexões com figuras políticas para além do âmbito nacional, e a relação com outra organização feminina. O reconhecimento expressa-se no fato dela ser considerada uma voz habilitada para falar em nome da entidade e do movimento no Brasil.

Outras seis cartas provêm de organizações feministas internacionais. A Junta de la Victoria, entidade antifascista argentina fundada em 1941 e que defendia a democracia e o sufrágio feminino, coligada à Federação Universitária Argentina, apresentou a organização e

[289]Carta endereçada a Anna Amelia, escrita por José Manuel Puig Casauranc. 26 de outubro de 1936. (AACM mf 1936.03.11)

convidou Anna Amelia para a II Convenção Nacional dos Países que Lutam Contra o Nazismo, "oportunidade de contar com sua presença entre nós para selar assim o vínculo fraternal entre as mulheres de nossos países".[290] Outra missiva provinha da Cruzada de Mulheres Nicaraguense e da Liga Internacional Feminina Pró-Paz e Liberdade, que detalhava algumas mudanças no grupo e reafirmava a fraternidade da associação sobre "a organização que a senhora dirige em seu país, e estendemos nossa mão amiga as irmãs brasileiras".[291] Por fim, a Associated Country Women of the World, organização estadunidense criada em 1939, forneceu informações sobre a nova associação e, na conclusão, solicitou parceria e troca de informações sobre outras ativistas e organizações da América.[292]

Assim, vê-se que Anna Amelia era tida como porta-voz das associações que representava, sobretudo da FBPF. Relações com outras organizações feministas internacionais, que lutavam em prol dos direitos civis das mulheres, apresentavam-se a ela, faziam solicitações e debatiam questões. Em suma, para concluir o que foi exposto, a percepção de que ela ocupava papel de destaque confirma-se, mais uma vez, na correspondência remetida pela diretora do Programa de Mulheres do jornal *The New York Times*, Natalie Wales Lathem, no ano de 1944, cuja carta confirma reunião com o intuito de confraternizar e estreitar cooperação das organizações feministas ligadas ao National Council of Women of the United States.[293]

Por fim, uma única correspondência ativa, no conjunto analisado, foi endereçada à direção do Women's Bureau Departament of Labor, exercida por Mary Anderson, líder trabalhista norte-americana. Na carta, que tinha como remetente a direção da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, foi redigida por Anna Amelia e tecia elogios à instituição, o que evidencia o papel desempenhado por Anna Amelia na Federação, no que era acompanhada por outras mulheres brancas e intelectualizadas, como Bertha Lutz, Carmen Portinho e Maria Eugênia Celso, responsáveis, naquele momento, por capitanear a luta das mulheres. A ligação dessas intelectuais com grupos feministas no estrangeiro demonstra a atuação e os contatos transnacionais, importantes para propor mudanças políticas, econômicas e sociais conjuntas.[294] Estruturas de comunicação, formal e informal, permitiam trocas que

[290]Carta endereçada a Anna Amelia, escrita por Cora Natto de Sadosky. 06 de abril de 1943 (AACM mf 1927.09.09).
[291] Carta endereçada a Anna Amelia, escrita por Josefa T. de Aguerri. 19 de junho de 1943 (AACM mf 1927.09.09).
[292] Carta endereçada a Anna Amelia, escrita pela Associated Country Women of the World. 12 de fevereiro de 1944 (AACM mf 1927.09.09).
[293] Carta endereçada a Anna Amelia, escrita por Natalie Wales Lathem. 26 de fevereiro de 1944 (AACM mf 1927.09.09).
[294] KECK, Margaret; SIKKINK, Kathryn. Transnational advocacy networks in international and regional politics. *International Social Science Journal*, v. 51, n. 159, p. 89-101, mar. 1999.

ampliavam a compreensão da questão feminina e contribuíam para que se percebesse a especificidade local.

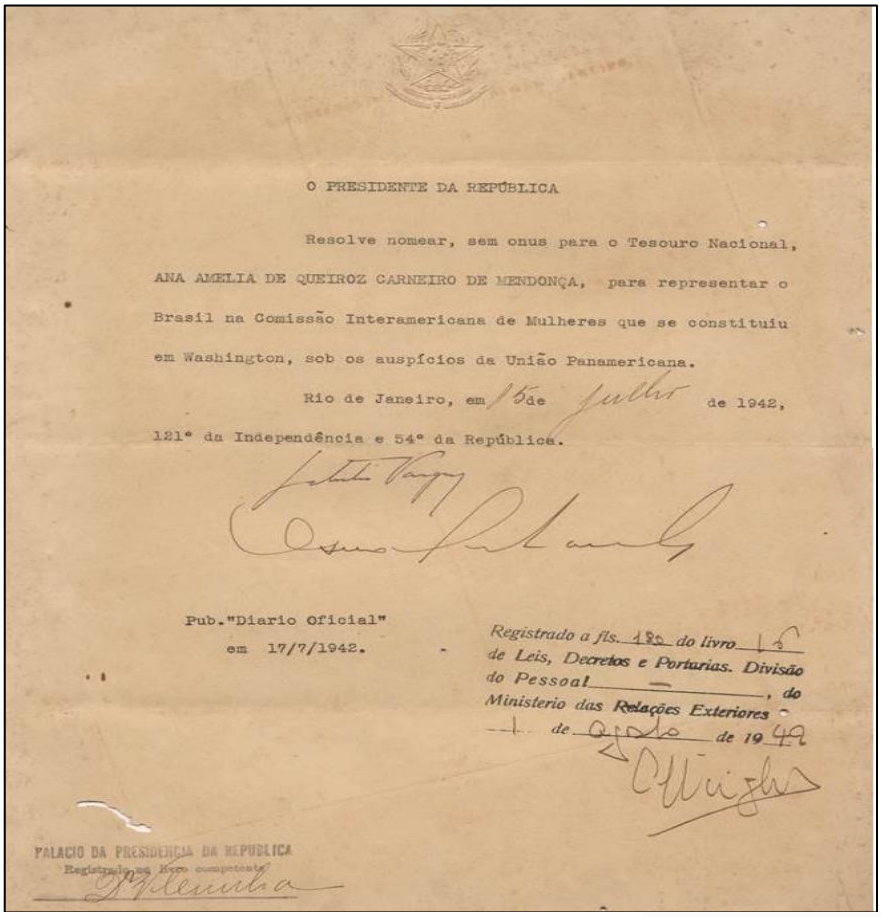
A partir do exposto, evidencia-se a mobilização feminista em ampla escala, que envolveu ativistas de mais de um país ou região, com troca de informações, dados, parcerias e auxílios com eventos, o que contribuía para a construção de uma identidade coletiva, que compartilhava o ideal de luta por melhores condições de vida. Nesse sentido, é importante levar em conta as agendas, discussões e mobilizações realizadas, nas quais os congressos e comissões são elementos fundamentais.

### 2.3.1 A guerra chega ao continente: organizações feministas em prol da paz

As discussões realizadas até o momento indicam as conexões de Anna Amelia, tanto nacionais quanto internacionais, levadas a efeito com outras mulheres intelectualizadas e comprometidas com a causa feminista. O objetivo foi verificar a natureza das solicitações feitas, de que forma era referida nas missivas e por quem era procurada. Nessa etapa, ainda a partir das correspondências presentes no arquivo privado de Anna Amelia, o foco recai nos cargos que ocupou e, em consequência disso, nos eventos internacionais em que esteve presente. O primeiro deles ocorreu em Istambul, Turquia, no ano de 1935, no qual compareceu na condição de delegada do Brasil no XII Congresso Internacional Feminista pela Aliança Internacional de Mulheres, organização de feministas norte-americanas. Já nos realizados em Washington, EUA, entre 1942 e 1944, ela foi nomeada por três anos consecutivos, pelo então presidente Getúlio Vargas, para ser delegada brasileira na Comissão Interamericana de Mulheres (CIM).

Os assuntos tratados com outras feministas que tiveram por pano de fundo os citados eventos podem ser acompanhados a partir da seleção de cartas reunidas sob a denominação “Congressos, comitês e comissões feministas em prol dos direitos das mulheres” (ver Tabela 5), que reúne 23 cartas, 15 delas passivas e oito ativas. Sobre o encontro na Turquia, conta-se com apenas documentos e atas do evento, fugindo do foco de análise deste capítulo. Entretanto, a gama de missivas corresponde à comissão que participou na década de 1940, nos EUA, à medida que há apenas uma carta selecionada sobre o congresso realizado na Turquia. Sendo assim, o XII Congresso Internacional Feminista, realizado em 1935, e a participação da intelectual serão analisadas no capítulo seguinte.

Figura 17: Documento comunicando a publicação no *Diário Oficial* da nomeação de Anna Amelia para representar o Brasil na Comissão Interamericana de Mulheres, em 1942



O PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Resolve nomear, sem onus para o Tesouro Nacional, ANA AMELIA DE QUEIROZ CARNEIRO DE MENDONÇA, para representar o Brasil na Comissão Interamericana de Mulheres que se constituiu em Washington, sob os auspícios da União Panamericana.

Rio de Janeiro, em 15 de julho de 1942, 121º da Independência e 54º da República.

Getulio Vargas

Oswaldo Aranha

Pub."Diario Oficial" em 17/7/1942.

Registrado a fls. 192 do livro 16 de Leis, Decretos e Portarias. Divisão do Pessoal, do Ministerio das Relações Exteriores - 1 de outubro de 1942

PALACIO DA PRESIDENCIA DA REPUBLICA
Registrado no Livro competente

Fonte: CPDOC. Arquivo de Anna Amelia. Fundação Getúlio Vargas. (AACM mf 1942.07.15 página 1)

Ao analisar o documento acima, conclui-se que essas representantes políticas deveriam arcar com os custos das viagens para a participação nesses eventos. Um número considerável de líderes feministas não conseguiu fazer parte da organização e nem participar das conferências por não terem condições econômicas o suficiente para viajar a Washington e nem para se manterem em cargos que não apresentavam algum tipo de remuneração. Inclusive, "é por esta razão que muitas das membras iniciais da organização não eram necessariamente militantes feministas em seus países, mas esposas de representantes diplomáticos".[295] Assim, devido a muitas integrantes representarem camadas sociais abastadas, eram nomeadas para tais cargos.

As primeiras missivas relacionadas à nomeação de Anna Amelia como delegada brasileira na Comissão Interamericana de Mulheres (CIM) registram congratulações pela indicação. A primeira carta, em papel timbrado da Embaixada dos Estados Unidos no Brasil,

[295] GIMÉNEZ, María Elvira Álvarez. *Op. cit*., 2013, p. 118.

assinada pelo então Embaixador Jefferson Caffery, expressava sua satisfação pela indicação e saudava a "sincera afirmação da nossa solidariedade nos ideais de cultura e de fraternidade humana que anima o glorioso povo do continente americano."[296] Há também outra missiva, postada por Júlio Barata, figura política importante do período, na qual solicitou à poetisa que, ao chegar aos EUA, entrasse em contato com a seção brasileira de coordenadoria interamericana da CIM, pois "gostaríamos de organizar uma transmissão para o Brasil com as suas impressões sobre o Congresso".[297]

É perceptível a relação cordial que Anna Amelia mantinha com representantes do mundo político, o que pode ser interpretado como uma estratégia para garantir apoio à FBPF e assegurar condições para apresentar e defender as pautas do feminismo brasileiro no espaço público, num momento em que a censura dos meios de comunicação estava a cargo do poderoso Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Em correspondência datada de 1945, Anna Amelia parabenizou a sua substituta no CIM, Violeta de Figueiredo, e informou que a escolha dera-se "em audiência que tive com o Ministro Oswaldo Aranha para representar o Brasil, como delegada na próxima reunião da Comissão Interamericana de Mulheres".[298] A carta, além de evidenciar a proximidade da remetente com altas autoridades, registra seu papel na indicação da sua sucessora, o que confirma, mais uma vez, o chamado feminismo "bem-comportado", que não afrontava a ordem, pelo contrário, a integrava.[299]

A correspondência enviada pela organização feminista da República Dominicana, a Ação Feminista Dominicana, datada de 1943, reconsidera essa característica. De início, a remetente Alicia Sanchez de Troncoso relatou o êxito obtido na realização do I Congresso Feminino Dominicano e agradeceu a ativista brasileira pelas informações, sugestões e auxílios para a realização do evento. Após os agradecimentos, Troncoso manifestou sua satisfação pela boa acolhida que a obrigatoriedade do ensino de português em seu país causou no Brasil, o que aponta para a aproximação entre os países latino-americanos, num contexto marcado pela retórica da aproximação em função da guerra:

> Celebro cordialmente la noticia que V. Excelencia me da de la alegría que le ha producido la ley dictada por el Congreso dominicano que hace obligatoria la enseñanza de la lengua portuguesa en el pais. Esa ley fué propuesta al Congreso por nuestro Presidente Trujillo, quien es um ardiente americanista y um gran admirador

[296]Carta endereçada a Anna Amelia, redigida por Jefferson Caffery. 27 de agosto de 1942 (AACM mf 1942.07.15).
[297] Carta endereçada a Anna Amelia, redigida por Julio Barata. 12 de novembro de 1942 (AACM mf 1942.07.15).
[298] Carta endereçada a Violeta de Figueiredo, escrita por Anna Amelia. 07 de dezembro de 1944 (AACM mf 1942.07.15).
[299] PINTO, Céli Regina Jardim. *Op. cit.*, 2003, p. 41.

> del Brasil. […] Hago votos muy sinceros por la creciente grandeza y prosperidad del Brasil y por la ventura de V. Excelencia. [300]

Entretanto, a historiografia relativa à Ação Feminista Dominicana e, em especial, à biografia e trajetória de Minerva Bernardino, então à frente da organização, revela que a ativista se opunha à ditadura de Trujillo,[301] o que aponta para postura bem diversa da entidade brasileira, o que não impediu a parceria entre as organizações feministas, unidas em torno de um ideal comum, ainda que assumindo posições contrárias em relação ao governo de seus países. A situação peculiar de cada contexto nacional não deveria ser fator decisivo para a aproximação ou distanciamento, em vista de uma luta comum que estaria acima das disputas locais.

No caso brasileiro, pode-se afirmar a existência de um feminismo que pretendiam rever o papel das mulheres sem abalar as estruturas sociais consagradas em relação ao gênero feminino, denominados feminismo "relacional", "bem-comportado", "racional" ou "tático", e que se pautou por estabelecer relações de proximidade com a ditadura Vargas, o que não foi o caso no exemplo da República Dominicana. Segundo Soihet, a moderação, a aproximação dos poderosos e outras práticas confundidas com as de domesticação, no caso, podem ser encaradas como posturas táticas das militantes feministas para alcançar suas reivindicações.[302] É claro que se pode discutir as limitações do que então se almejava como horizonte para as mulheres, ou seja, o grau de ousadia das reivindicações, que pareciam caber nos limites da ordem vigente. Parece evidente que Anna Amelia, tal qual outras líderes feministas do seu tempo, não se envolveu com grupos qualificados na época de "extremistas" ou "revolucionários", não poderia (ou não desejava), inclusive pela sua origem em termos de classe social, ultrapassar a condição de reformadora, bem-educada, pacífica e razoável. Da mesma forma, seja por tática política ou por convicção, não estava na agenda a tomada de posições radicais, muito pelo contrário.[303]

Assim, cabe destacar que as alianças das feministas brasileiras com grupos internacionais eram importantes, seja porque colocaram-nas em contato com outras pautas e posturas, seja por dotarem-nas de legitimidade e renderem visibilidade na imprensa.[304] Essa

---

[300] Carta endereçada a Anna Amelia, redigida por Alicia Sanchez de Troncoso. 21 de abril de 1943 (AACM mf 1927.09.09).

[301] DUBOIS, Ellen; DERBY, Lauren. The strange case of Minerva Bernardino: Pan American and United Nations women's right activist. *Women's Studies International Forum*, v. 32, n. 1, p. 43-50, jan./fev., 2009.

[302] SOIHET, Rachel. *Op. cit.*, 2008, p. 62.

[303] Mônica Karawejczy argumenta: "Se o radicalismo político masculino causava apreensão e repulsa e justificava políticas repressivas, o suposto radicalismo político feminino era uma temível ameaça que confrontava o poder marital no interior dos lares". KARAWEJCZY, Mônica. *As filhas de Eva querem votar*: dos primórdios da questão à conquista do sufrágio feminino no Brasil (1850-1932). Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. p. 39.

[304] SILVA, Gabriela Correa da. *Dos passados heterogêneos ao mosaico continental*: pan-americanismo e operação historiográfica no IHGB republicano (1889-1933). Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. p. 213.

tática pode ser entendida como uma forma de pressão no âmbito da política doméstica, uma vez que, mesmo por vias transversais, admitia-se a existência do problema e, dessa forma, abria-se espaço para que as reformas pretendidas entrassem na ordem do dia.[305] A correspondência remetida a Anna Amelia pela União Universitária Feminina, datada de 1942 e assinada pela presidente, Maria Rita Soares de Andrade, ao se referir à destinatária como "um dos expoentes da mulher brasileira, pela inteligência, pela cultura, pelo caráter e pelos serviços já prestados ao país",[306] solicitou sua presença na IV Convenção Nacional Feminista, com o intuito de auxiliar na organização das pautas femininas a serem apresentadas à Comissão Interamericana de Mulheres. Ao final da carta, de maneira sutil, Anna Amelia era lembrada que, em vista de seu cargo, "a Delegada Oficial do Brasil e da Mulher Brasileira afirmará nesse certame a resolução de todo o povo brasileiro de lutar pela vitória das nações unidas contra a barbaria totalitária até a restauração no mundo do primado dos princípios de liberdade, de direito e de justiça". Vê-se, portanto, um alargamento das pautas, que deixaram de ser exclusivamente femininas para abarcar o contexto da guerra.

Cabe lembrar que a CIM foi uma das muitas organizações feministas que surgiram entre a década de 1920 e 1940, com o objetivo de reivindicar os direitos das mulheres em seus respectivos países e no continente americano como um todo. Segundo Giménez, a entidade desempenhou um papel de liderança na construção e na afirmação das relações e dos laços entre as feministas latinas e norte-americanas durante o período citado. Ao analisar as reivindicações e pautas das reuniões e encontros anuais, é perceptível que os ideias defendidos dialogavam com o pan-americanismo,[307] uma vez que, no contexto de aproximação entre os países, particularmente marcante durante a 2ª Guerra, as integrantes passaram a manter contatos próximos, o que tornou patente o muito que tinham em comum. Assim, essas mulheres buscavam traçar diferentes meios de mobilização, segundo a situação específica de seus países, mas sempre em prol da defesa de seus interesses. A arena internacional foi percebida como um espaço propício para conquistar legitimidade, eficácia política e, assim, se fazer ouvir pelos círculos de poder. A guerra, como se viu, ampliou o rol de demandas, e as instituições que congregavam mulheres assumiram o compromisso de lutar contra o nazifascismo e defender a paz. Segundo Towns e Marino, nesse momento, as feministas compreenderam que era

[305] SOIHET, Rachel. *Op. cit*., 2006, p. 122.
[306]Carta endereçada a Anna Amelia, redigida por Maria Rita Soares de Andrade. 30 de outubro de 1942. (AACM mf 1942.07.15).
[307] A própria Comissão Interamericana de Mulheres foi criada na VI Conferência Pan-Americana, realizada em Havana, Cuba, em 1928, ano em que as ativistas feministas apresentaram um "Tratado de Igualdade de Direitos entre Mulheres e Homens". GIMÉNEZ, María Elvira Álvarez. *Op. cit*., 2019, p. 117.

necessário intensificar ainda mais os laços solidários para poder alcançar os antigos e os novos objetivos. Dessa forma, "a Comissão Interamericana de Mulheres, ao pedir para a mulher todos os direitos que como cidadã lhe correspondem, o faz pensando no triunfo da Democracia que trará ao mundo pós-guerra a realidade dos sonhos de paz e liberdade".[308]

As cartas expressavam a preocupação em relação ao andamento do conflito em curso e atestam que as organizações feministas não se furtaram a trata do tema. Assim, o arquivo guarda carta de Lydia Van Zandt com convite para uma reunião beneficente, na qual Anna Amelia faria a conferência "Brasil, Nosso Aliado".[309] Outra correspondência, da escritora, feminista e enfermeira colombiana María Currea de Aya, referiu-se a futuras reuniões e solicitou um encontro com a destinatária, além de propor que estreitassem a colaboração nas entidades em que ambas participavam.

Já em uma terceira correspondência ativa, logo de início, Anna Amelia desculpou-se pela demora em responder à carta de Mary N. Winslow, assistente social do Women's Bureau Departament of Labor e delegada norte-americana no CIM, e informou que a representante da Argentina, Ana Rosa de Martines Guerreo, não havia entrado em contato ainda, o que mostra a intensa troca entre as participantes das instituições, com constantes atualizações.[310] Outra correspondência, assinada por Harold V. Milligan, então presidente do National Council of Women of the United States, datada de 1942, ano da nomeação de Anna Amelia como delegada na CIM, tratou do planejamento do futuro encontro a se realizar na capital dos EUA.[311] A remetente informou que estaria presente na reunião preparatória, que ocorreria em Nova York.[312]

As relações estabelecidas por Anna Amelia diversificaram-se graças à participação nos congressos realizados nos EUA, tanto que o arquivo guarda duas cartas-convite para que visitasse universidades femininas. Uma das correspondências, remetida por Esther Brunauer, integrante da Associação Americana de Mulheres Universitárias, revela que ocorreram mais de um encontro entre as correspondentes. E, de forma a parecerem íntimas, repassa alguns contatos

---

[308] Boletim à Comissão Interamericana de Mulheres, v. 1, n. 2, julho de 1943, p. 15. Documento disponível no acervo de Anna Amelia: https://docvirt.com/docreader.net/aacm_mf/502. Acesso em: 24 jul. 2023.
[309] Carta endereçada a Lydia Van Zandt, escrita por Anna Amelia. 07 de novembro de 1942 (AACM mf 1942.07.15).
[310] Carta endereçada a Mary N. Winslow, escrita por Anna Amelia. 16 de setembro de 1942 (AACM mf 1942.07.15).
[311] A NCW/US é a mais antiga organização não governamental em prol das mulheres na América, sendo fundada em 1888. *Conselho Nacional de Mulheres dos Estados Unidos (1891)*.BECK, KOA. *Feminismo Branco*: das sufragistas às influenciadoras e quem elas deixam para trás. Rio de Janeiro: Editora Harper Collins Brasil, 2021.
[312] Carta endereçada a Anna Amelia, escrita por Harold V. Milligan. 10 de novembro de 1942 (AACM mf 1942.07.15).

de universidades femininas que gostariam da presença da representante brasileira para palestrar para as estudantes.[313]

O arquivo contém carta de terceiros, a exemplo da correspondência dirigida à diretora da Bryn Mawr College,[314] Katherine Elizabeth McBride, na qual há referência à Anna Amelia e sua atuação na Casa do Estudante do Brasil. No conteúdo, foi proposto que se organizasse uma reunião entre Anna Amelia e o corpo estudantil da Universidade. Apesar de não ter sido possível identificar a autoria da carta, nela há o selo da Comissão Jurídica Interamericana do Rio de Janeiro, o que mais uma vez atesta seu reconhecimento junto a diferentes entidades, como se vê na transição:

> Dona Anna Amelia is a woman of high character and ability, and I am sure that she will form one more bond of union between our two countries. Naturally, I want the students of Bryn Mawr to come in contact with a representative Brazilian Woman and to realize how much the two countries have in common.[315]

Entre as missivas selecionadas, há um total de nove correspondências, tanto passivas (5) quanto ativas (4), trocadas com a líder do movimento sufragista norte-americano, Mabel Vernon, representante da National American Woman Suffrage Association (NAWSA), ao lado de Carrie Chapman Catt. Catt era considerada por Bertha Lutz como a "mãe espiritual" da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, já que auxiliou na elaboração do estatuto da entidade. As cartas, exceção feita a uma de 1942, datam do ano seguinte. A primeira pedia auxílio da NAWSA para traduzir, do inglês para o português, uma cartilha que apresentava a associação e tecia comentários sobre o congresso realizado no ano anterior, além de perguntar se a FBPF poderia distribuir os exemplares nas capitais brasileiras.[316] Já Anna Amelia, por sua vez, guardou cópia da carta na qual compartilhava com a colega a ideia de fundar uma nova organização que teria como objetivo a luta pelo fim da guerra, para o que solicitou parceria com a associação de Vernon.[317] Na resposta, a representante da NAWSA elogiou as ideias, aceitou a parceria solicitada e, por fim, referiu-se às atividades do Comitê do Mandato dos Povos pela Paz e Cooperação Interamericana, com sede em Washington. Outra carta teve como remetente Mabel Vernon e foi endereçada à "prezada colega e amiga do Comitê do Mandato dos Povos".

---

[313] Carta endereçada a Anna Amelia, escrita por Esther Brunauer. 13 de novembro de 1942 (AACM mf 1942.07.15).

[314] Faculdade feminina de artes liberais em Bryn Mawr, no estado da Pensilvânia, foi fundada como uma instituição Quaker em 1885. Bryn Mawr é uma das faculdades Seven Sister, um grupo de elite, faculdades historicamente femininas nos Estados Unidos. Disponível em: https://www.brynmawr.edu/about-college. Acessado em: 30 jul. 2023.

[315] Carta endereçada a Katherine Elizabeth McBride, escrita por autor desconhecido. 29 de outubro de 1942 (AACM mf 1942.07.15).

[316] Carta endereçada a Anna Amelia, escrita por Mabel Vernon. 19 de março de 1943. (AACM mf 1942.07.15).

[317] Carta endereçada a Mabel Vernon, escrita por Anna Amelia. 08 de julho de 1943 (AACM mf 1942.07.15).

Redigida em português, o que leva a considerar que a tradução foi feita por Anna Amelia, a carta era, de fato, um comunicado a ser distribuído para as mulheres ativistas do Brasil.

> Enviar-lhe-emos declarações feitas recentemente pelas mais altas autoridades deste país com referência à reconstrução e reorganização do mundo depois do fim da guerra. Poderia V.S., obter e enviar ao nosso escritório em Washington quaisquer declarações feitas sobre esses temas pelos altos funcionários do seu respectivo país. [318]

As missivas subsequentes não trouxeram mais a sigla NAWSA, substituída pelo Comitê do Mandato dos Povos pela Paz e Cooperação Interamericana. Após agradecer a ajuda de Anna Amelia na distribuição do comunicado, Vernon, em nova correspondência, referiu-se à integrante brasileira do Comitê, Maria de Alencastro Guimarães, apresentadora do programa de rádio denominado "Americanos Todos", a quem solicitou que Anna Amelia "[…] marcasse uma reunião com Guimarães o mais rápido possível para dar-lhe os nossos mais afetuosos cumprimentos e conversar com você sobre o trabalho de reconstrução do mundo na qual estamos cooperando".[319] A carta enviada por Anna Amelia para Maria de Alencastro Guimarães foi encontrada e selecionada, contendo um total de três páginas. Ao apresentar o Comitê, expôs que o objetivo do grupo seria reunir para estudo e seleção "todas as sugestões e todos os projetos que possam ajudar o mundo a conquistar uma paz duradoura e para isso pede a colaboração de todas as nações americanas". Comentou também que havia opiniões contrárias à criação do Comitê no Brasil, ao retratar que "há uma minoria que opina serem prematuras estas cogitações e que havendo ainda tantas coisas a fazer para ganhar a guerra, delas nos devemos ocupar e só depois pensar na maneira de estabelecer a paz". A ideia seria que, "quando se assinarem os termos de paz, as Américas poderão ter uma influência poderosa se permanecerem unidas e sobretudo se conseguirem unificar os interesses de cada nação em um programa em comum".[320]

Em síntese, as cartas analisadas testemunham as trocas e a solidariedade estabelecida entre mulheres brancas e intelectualizadas, organizadas em diferentes entidades, tanto no âmbito nacional quanto internacional. No caso brasileiro, tendo por exemplo Anna Amelia, fica evidente sua proximidade com os círculos do poder e com a elite letrada, construída sobretudo por homens. Ao ser indicada para representar o país nos EUA, no bojo da política da Boa Vizinhança, Anna Amelia ampliou sua rede de interlocutores, dialogou com propostas e lideranças feministas do continente, trocou informações, estabeleceu parcerias, participou e auxiliou nas organizações de eventos no país e no exterior, integrou comitês e recebeu convites para expor suas propostas. Entretanto, é evidente que, pelo próprio contexto histórico, esses

[318] Carta endereçada a Anna Amelia, escrita por Mabel Vernon. 15 de setembro de 1943 (AACM mf 1942.07.15).
[319] Carta endereçada a Anna Amelia, escrita por Mabel Vernon. 28 de dezembro de 1943 (AACM mf 1942.07.15).
[320] Carta endereçada a Maria de Alencastro Guimarães, escrita por Anna Amelia (AACM mf 1942.07.15).

contatos ocorreram com ativistas da América Latina e dos EUA que, segundo os indícios presentes na correspondência, tomavam as iniciativas e, em certa medida, ditavam as pautas. Tal circunstância, contudo, não impediu e tampouco diminuiu a importância da construção de ideais partilhados.

Assim, foi compreendido, a partir das exposições em conjunto com o primeiro capítulo, a postura de Anna Amelia no governo vigente, em específico, a ditadura do Estado Novo. Compreendeu-se não apenas tático, mas sim comprometido e auxiliando o regime com suas mediações culturais e intelectuais. A partir de seu arquivo privado, despido do véu da neutralidade, percebeu-se uma caracterização da titular em relação ao assistencialismo e seu ativismo em relação às mulheres. Pode não ser necessariamente compreendido como um projeto autobiográfico por completo, porém auxilia em perpetuar uma imagem filantrópica e de caridade de Anna Amelia. Para tanto, a existência do arquivo privado de uma mulher foi fundamental para permitir investigar a diversidade de contatos, ações e práticas estabelecidas por essas mulheres. Tais atividades devem ser remetidas ao seu contexto histórico, o que colabora para evidenciar a pluralidade e diversidade que assumiu a luta em prol de direitos, levada a cabo por indivíduos que se valeram de estratégias que precisam ser compreendidas em sua historicidade, e não a partir de um parâmetro tido como ideal ou desejável.

# CAPÍTULO 3

## EM PROL DA EMANCIPAÇÃO FEMININA: a luta pacifista em escala continental

> *A Federação Brasileira pelo Progresso Feminino comemorou ontem um almoço de confraternização, a data Pan-Americana. Essa reunião de mulheres em torno da ideia de paz é bem uma garantia de que a paz pode existir. "Ce que Femme vaut, Dieu le veut", diz um proverbio da língua de Musset. E desta vez a mulher quer com mais entusiasmo do que nunca […] Cada uma dessas irmãs é um ser indestrutível. Mas o espírito da coletividade americana se desprende nitidamente dessa mesma fixação de pátrias diversas, porque a orientação moderna da sociedade alarga a visão dos homens no culto dos mesmos ideais humanos, ao mesmo tempo que restringe a cada povo um senso preciso de sua entidade como nação definitiva. E, assim, o Dia Pan-Americano adquire uma significação esplendida, avultando como símbolo de uma confraternização consciente e livre, cuja base no assenta sobre a liberdade de cada povo, e cuja fronde se alarga pelo céu de todas as Américas e floresce no espírito e na ação de todos os americanos e americanas.*
> Anna Amelia[321]

O excerto acima, publicado na coluna mensal de Anna Amelia no jornal carioca *Diário de Notícias*, conjectura como as ativistas brasileiras exprimiam seus pensamentos e objetivos em relação aos ideais do pan-americanismo, proposta de união continental, sob a égide dos EUA, em torno de princípios e interesses comuns. As pesquisas que se voltam à teoria feminista em âmbito internacional representam novas contribuições historiográficas, ao mesmo tempo que trazem à tona figuras históricas femininas que movimentaram o tabuleiro da política internacional. Ao analisar o arquivo privado de Anna Amelia, evidenciam-se algumas das relações que estabeleceu com instâncias governamentais e periódicos, além das que construiu com organizações feministas. A partir desses contatos e de mobilização mútua construída entre as militantes do continente americano em prol dos direitos das mulheres, objetiva-se identificar as posições defendidas por Anna Amelia enquanto representante da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, com análise das atas e propostas discutidas preservadas em seu arquivo.

Cabe destacar que se trata de atuação feminista em escala transnacional e, em grande parte, ocorrida no contexto de vigência do pan-americanismo. Os documentos referem-se à participação de Anna Amelia, como representante do Brasil, em dois momentos: no XII Congresso da Aliança Internacional pelo Sufrágio Feminino, realizado em 1935, na cidade de Istambul, organizado pela Aliança Internacional da Mulher (AIM); e nas Assembleias Anuais da Comissão Interamericana de Mulheres (CIM), em Washington, de 1942 a 1944, promovido pela União Pan-americana. O primeiro evento subscreveu os ideais com a Liga das Nações,[322]

---

[321] MENDONÇA, Anna Amelia Carneiro de. Página de Lembrança. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, n. 303, p. 20, 12 de abril de 1931.

[322] A Liga das Nações foi uma instituição criada a partir da Conferência de Paz de Paris, marco que deu fim à Primeira Guerra Mundial, e estabeleceu os fundamentos da paz com o objetivo de ter um mundo unido e livre de conflitos. Entretanto, a partir de 1939, com o início da Segunda Guerra Mundial, mostrou-se que esses fundamentos da instituição não foram efetivos para barrar o início de uma nova guerra. SAMPAIO, Ana Letícia; RUSSO, Gabriela. A Liga das Nações: uma perspectiva europeia. *Revista Cadernos de Relações Internacionais*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 1-22, 2011.

instituição que não contou com a participação do Estados Unidos, o que não impediu o país de ter representantes de organizações associadas à CIM.

Assim, trata-se de identificar a natureza das discussões realizadas e de que modo Anna Amelia posicionou-se e difundiu essas concepções no Brasil, o que enseja identificar trocas, estabelecimento de conexões e de solidariedade entre as ativistas. Evidenciam-se as reivindicações em prol dos direitos civis e políticos das mulheres e os objetivos pacifistas defendidos pelo movimento em nível mundial. As questões não dizem respeito apenas aos significados de masculinidade e feminilidade, mas, principalmente, indicam como tais significados ajudam a compreender a presença da mulher em múltiplas áreas, o que representa ocupar esse espaço e os eventuais ganhos obtidos.

A história da presença e atuação das mulheres brasileiras nas conferências e congressos internacionais na primeira metade do século XX tem sido pouco estudada; não obstante, indicam as dificuldades e conquistas enfrentadas por algumas mulheres que se dedicaram à luta por direitos políticos. Organizaram-se para pressionar seus governos a conceder-lhes um espaço para discutir e serem ouvidas sobre os problemas que as afligiam: direitos trabalhistas, nacionalidade e voto. Recuperar a história do feminismo brasileiro implica mergulhar nos processos de mudança social provocados pela luta daquelas mulheres que tomaram consciência do que era ser mulher e o que era necessário para impulsionar mudanças em sua situação jurídica e, consequentemente, nas relações de gênero.

### 3.1 Articulações de Anna Amelia em âmbito transnacional

Os feminismos já surgiram enquanto movimentos transnacionais/internacionais desde a chamada primeira onda, quando as ativistas de países distintos se reuniram em organizações supranacionais e moldaram uma identidade coletiva internacional, por meio de um complexo processo. Apesar de conflitos a respeito de diferentes aspectos de organização e de suas nacionalidades, essas mulheres construíram laços entre si e suas instituições.[323] No entendimento de Rupp, as primeiras conferências internacionais auxiliaram para divulgar e promover os trabalhos e escritos umas das outras, que, segundo a autora: “Toda esta atividade lançou as bases para a fundação de organizações internacionais de mulheres, que

[323] RUPP, Leila J. *Worlds of Women*: the making of international women’s movement. Princeton: Princeton University Press, 1998.

institucionalizaram e perpetuaram o impulso para trabalhar em nome de mulheres no palco internacional".[324]

O intercâmbio entre militantes feministas brasileiras e norte-americanas trouxe consequências para os caminhos do movimento no Brasil, o que merece reflexão detida. A característica transnacional desse movimento assumiu um nível mais intenso durante o período entreguerras (1919-1938), quando houve a ampliação do movimento político sufragista em diferentes nações. Consequentemente, um número considerável de eventos, conferências e até mesmo de organizações internacionais pan-americanas surgiram nesse contexto com foco de unir as vozes femininas. Há estudos acerca dessas reuniões, porém poucas são as referências sobre a presença de brasileiras, seja na Europa ou[325] nos EUA.[326]

Ao compreender essas ativistas brasileiras, Anna Amelia em particular, como parte do movimento feminista transnacional, sobretudo latino-americano, retoma-se argumentação de Rupp, que afirma ser possível construir denominadores comuns que permitam investigar a diversidade de ações e relações formuladas pelas mulheres com outros atores e entre si. Contudo, isso deve vir acompanhado da conceitualização de um feminismo que consiga ser abrangente o suficiente para abarcar uma vasta gama de atividades e pensamentos feministas ao redor do mundo. De um ponto de vista teórico-metodológico, os estudos de gênero ressaltam a importância de compreender a pluralidade da realidade social feminina no continente americano ao estudar as atuações e as identidades múltiplas das mulheres, com uso de diferentes ângulos analíticos.[327] Dessa forma e segundo Giménez, deve-se analisar os movimentos feministas do continente americano a partir do abandono dos referenciais analíticos nacionais até então utilizados, devendo "aderir as perspectivas transnacionais que permitam compreender melhor a forma como as organizações feministas conceberam suas lutas e estratégias políticas".[328] As sufragistas latino-americanas, em busca da cidadania plena, mantiveram laços

---

[324] *Ibidem*, p. 90. A autora destaca três entidades internacionais de mulheres do período como principais e centrais, tecnicamente abertas para mulheres de todos os cantos do planeta: o Conselho Internacional de Mulheres (CIM), a Aliança Internacional das Mulheres (AIM), e a Liga Internacional de Mulheres para a Paz e a Liberdade.
[325] RUPP, Leila J. *Op. p. cit.*, 1998, p. p. 99.
[326] A análise de Marino partiu do estudo de caso da amizade transnacional entre Bertha Lutz e Mary Wilhelmine Williams, historiadora norte-americana especialista em América Latina, membra do National Woman's Party e da Women's International League for Peace and Freedom. No período entreguerras, as duas colaboraram entre si, a fim de desenvolver o feminismo Pan-Americano, isto é, "a crença de que o Hemisfério Ocidental compartilhava uma história comum e que, por meio da união, as mulheres americanas poderiam promover maior igualdade para as mulheres e a paz mundial, que consideravam dois objetivos intrinsicamente vinculados." MARINO, Katherine. M. *Feminism for the Americas*: the making of na International Human Rights Movement. North Carolina: University of Noth Carolina Press, 2019. Ver também BERGER, Dina. Raising Pan-Americans: early women activists of hemispheric cooperation, 1916-1944. *Jornal of Women's History*, v. 27, n. 1, p. 38-61, 2015.
[327] RUPP, Leila J. Feminisms and Internationalism: A View from the Centre. *Gender & History*, v. 10, n. 3, p. 531-548, nov. 1997.
[328] GIMÉNEZ, María E. A. *Op. cit.*, 2013, p. 130.

de amizade com suas congêneres norte-americanas, com as quais desenvolveram um internacionalismo[329] que ajudou a justificar suas reivindicações políticas e jurídicas em seus países de origem. A atuação dessas mulheres nas diversas conferências internacionais em que participaram compensou o distanciamento da política e diplomacia tradicionalmente controladas pelos homens.

Entretanto, apesar dos grandes pronunciamentos de universalidade e igualdade, as organizações feministas que participavam desses eventos transnacionais durante as primeiras décadas do século XX eram predominantemente dominadas por mulheres de origem burguesa, brancas, cristã e de países classificados como desenvolvidos. Assim, os espaços internacionais compostos por essas mulheres refletiam os padrões do poder global e a dominação de nações que compactuavam com as características imperialistas, cristãs e capitalistas do sistema mundial. A formação do movimento internacional de mulheres do Norte global, ressalta Renata G. Reynaldo, foi um processo que ganhou impulso no final da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Entretanto, os movimentos feministas latino-americanos não foram, em toda sua atuação, submissos, muito menos passivos na sua própria construção para além das fronteiras, ao estabelecer relações internacionais.[330] Como pontuado por Millie Thayer, essas ativistas latinas auxiliaram nas práticas dos movimentos ao Norte, porém, as desigualdades mundiais e os conflitos políticos conspiraram para garantir que os ideais feministas dos Estados Unidos participassem mais livremente dos cenários internacionais.[331]

Portanto, a importância desses precedentes e as formas como os feminismos da América Latina se faziam presentes são percebidas a partir de pesquisas que analisam a liderança dessas mulheres nos Congressos Científicos Pan-Americanos e em ações relacionadas aos seus comitês, ocorridos a partir da década de 1910. Como consequência da exclusão de reuniões oficiais, mulheres educadoras, profissionais e esposas de diplomatas latino-americanas organizaram, a partir de um conjunto de conferências, o Primeiro Congresso Pan-americano voltado para discutir os direitos e reivindicações das mulheres, dando abertura para a criação da Associação Pan-Americana para o Avanço das Mulheres e o Comitê Internacional Pan-

---

[329] Virginia Vargas considera que o internacionalismo "recupera uma política além do Estado para enfatizar a sociedade e a vida cotidiana; transcendendo o próprio espaço para buscar conectá-lo com outras forças e movimentos sociais por meio do diálogo contínuo". No caso em estudo, pode ser concebido dessa forma, já que, com efeito, as mulheres brasileiras relacionaram-se com as norte-americanas sem a mediação do Estado. VARGAS, Virginia. Feminism, globalization and the global justice and solidarity movement. Revista Cultural Studies, Londres, v. 17, n. 6, p. 905-920, 2013.

[330] REYNALDO, Renata Guimarães. *O fenômeno global e o impacto dos movimentos feministas*: as lutas das mulheres no mundo. Ijuí: Unijuí, 2015.

[331] THAYER, Millie. Feminismo transnacional: re-lendo Joan Scott no sertão. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 103-130, 2001.

Americano de Mulheres. Assim, com a criação dessas organizações, as representantes iniciavam o contanto com as tendências e órgãos internacionais, e as líderes objetivavam a inclusão de suas questões na Liga das Nações, apensar de os EUA não integrarem como membros da associação.[332]

Ao se atentar a denominada primeira onda do feminismo – baseado no seu declínio no entreguerras e sua decadência após o término da Segunda Guerra Mundial – já se comprova a intensa movimentação de organizações feministas estadunidenses em conjunto com as latino-americanas. Esses discursos feministas representados pelas ativistas brancas de países do Norte global, que cruzavam fronteiras mais livremente por se garantir a partir das desigualdades globais e os cenários políticos dos países com uma democracia recém-construída, começaram a ter maior atenção dos líderes diplomáticos.

Anna Amelia apareceu nos movimentos feministas internacionais ao participar do XII Congresso da Aliança Internacional pelo Sufrágio Feminino, na cidade de Istambul. A Aliança Internacional de Mulheres (AIM) surgiu em 1904 com o intuito de promover os direitos das mulheres e a igualdade de gênero. Manifestava um feminismo liberal e progressista com base nos direitos humanos e na democracia liberal. Essa organização representava os feminismos lidos como globais, por conterem representantes de países da Europa, Ásia e América e por manter fortes laços com a Liga das Nações, a partir de 1930.[333]

Ao buscar por documentos que tratassem sobre o Congresso realizado no ano de 1935, em específico no arquivo privado de Anna Amelia, o acervo *Militância Feminista* e o dossiê referente ao evento (AACM mf 1935.04.18) contêm 79 fragmentos. A maioria dos registros corresponde aos documentos oficiais, que conta também com as resoluções sobre as pautas discutidas. Já a outra parcela diz respeito às cartas trocadas com feministas norte-americanas e britânicas, que foram selecionadas e analisadas no capítulo anterior. Dentro dos fragmentos que correspondem a documentos oficiais, contêm informações de propostas trazidas pelas representantes e suas respectivas discussões, que estão escritos em três línguas – inglês, francês e alemão. A Tabela 7 foi organizada com o intuito de identificar os conteúdos contidos neste dossiê, a fim de compreender as características e objetivos principais do Congresso estudado. A partir da identificação dos conteúdos, os documentos que foram selecionados para a discussão correspondem as declarações de princípios da AIM e às resoluções referentes as propostas

[332] MILLER, Francesca. *Latin American women and the search for social justice*. Hanover: University Press of New England, 1991.
[333] MILLER, Francesca. *Op. cit.*, 1991, p. 34.

discutidas no Congresso. A escolha desses fragmentos auxilia para o entendimento do trabalho que essas reuniões buscavam realizar.

Tabela 6: Tipologia dos documentos contidos no acervo *Militância Feminista*, dossiê AACM mf 1935.04.18

| **Conteúdos** | **Número de documentos** |
|---|---|
| Relatórios sobre comissões relacionadas ao Escritório Internacional do Trabalho e a Liga das Nações | 29 |
| Resoluções | 13 |
| Ementas na Constituição da AIM | 12 |
| Programação do Congresso e informações gerais | 11 |
| Declarações de princípios e propostas | 10 |
| Correspondências | 4 |
| **Total** | **79** |

Fonte: CPDOC. Arquivo Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça. *Fundação Getúlio Vargas*. Organizado pela autora.

Ao analisar a declaração dos princípios da AIM e as resoluções, chamou a atenção os artigos sobre desigualdades legais sofridas pelas mulheres dos países participantes, e o Congresso, ao promover informações e atuar como um centro de comunicações, foi utilizado como apoio aos esforços das mulheres dentro de suas respectivas organizações nacionais. O foco principal das discussões era assegurar o sufrágio feminino e o direito ao trabalho, independente do sistema de governo e do status civil da mulher, em busca de direitos contratuais mais equitativos para mulheres no casamento e no emprego. Na categoria de *Direitos Morais* e *Direitos Legais*,[334] a defesa pela criminalização do tráfico de mulheres e da prostituição foram pautas trazidas em defesa, principalmente, das mulheres de classes não abastadas, e o direito individual sobre a nacionalidade de seu filho. Por fim, a última declaração, *Paz e a Liga das Nações*,[335] buscava auxiliar na integração e no suporte de mulheres na organização para trabalharem em busca da paz mundial, solidariedade entre países e liberdade de autonomia para as nações participativas.

Relatos do evento de 1935 e as impressões de Anna Amelia sobre sua passagem por Istambul foram incluídas na obra póstuma *Quatro pedaços do planeta no tempo do Zeppelin* (Figura 18). O livro reúne registros feitos pela escritora na viagem que realizou junto de seu marido e a filha Márcia, antes e após o evento, pela Europa, África e Ásia. Assim, o capítulo

[334] CPDOC. Arquivo Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça. *Fundação Getúlio Vargas*. Disponível em: https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=AACM_mf&pagfis=188. Acesso em: 31 jul. 2023.
[335] CPDOC. Arquivo Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça. *Fundação Getúlio Vargas*. Disponível em: https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=AACM_mf&pagfis=189. Acesso em: 31 jul. 2023.

em que a escritora comenta sobre algumas reuniões do Congresso em Istambul traz alguns indícios de suas articulações.

Figura 18: Capa do livro *Quatro Pedaços do Planeta no Tempo do Zeppelin* de Anna Amelia Carneiro de Mendonça, redigido em 1935 e publicado postumamente em 1976

Fonte: CPDOC. Arquivo Anna Amelia. *Fundação Getúlio Vargas.* Disponível em: https://www18.fgv.br/cpdoc/acervo/arquivo-pessoal/AACM/textual/4-pedacos-do-planeta-no-tempo-de-zeppelin. Acesso em: 31 jul. 2023.

De modo geral, ao analisar essas declarações, fica evidente a luta voltada aos direitos individuais e ao sufrágio feminino, com uma retórica embasada pela busca da paz universal e pela igualdade de ambos os gêneros. Em um trecho de seu livro, redigido durante sua participação, Anna Amelia comenta sobre o Congresso:

> As discussões sobre os pontos do Congresso são extremamente interessantes: Direito ao trabalho, reconquista de direitos, igualdade moral em nível alto, a mulher em face do governo. […] À tarde haverá um *meeting* no Teatro Municipal sobre a mulher como cidadã. Convidam-me para falar. Depois de seis oradoras entro eu em cena, contando o movimento feminista no Brasil, saudando a mulher turca e as delegadas no geral, dizendo do meu desejo de ver Istambul e, finalmente, cumprindo o que considero o principal dever da mulher-cidadã: "trabalhar pela paz universal".[336]

É interessante compreender que o Congresso, liderado pela AIM, passou a fazer parte da Liga das Nações há cinco anos desde esta edição. Ao analisar os documentos relacionados à entrada das diretrizes dessa instituição internacional, é interessante perceber que, apesar da Liga das Nações e a União Pan-americana representarem ideais e objetivos distintos, ambas compreendiam que o único papel possível a ser desempenhado pelas figuras femininas que estivessem inseridas no campo da política seria a busca pela paz mundial e harmonia entre as

[336] MENDONÇA, Anna Amelia Carneiro de. *Op. cit.*, 1971, p. 61.

nações. A figura materna imposta para essas mulheres não é deixada de lado, já que a forma pacifista de educar as futuras gerações cabia a elas. Inseridas nesse quadro e impostas a seguir os papéis sociais predeterminados, as participantes dos Congressos internacionais se envolveram no campo político e aceitaram as normas de gênero. Em entrevista para *A Noite*, no ano de 1935, sobre sua viagem para Istambul, Anna Amelia pontua:

> As mulheres muito poderão fazer pelas ideias pacifistas, pelo combate a propagação do espírito guerreiro. Isto já foi reconhecido pelo presidente da Liga das Nações, que salientou o papel que cabe a mulher nessa campanha humanitária: formando para a paz a mentalidade das novas gerações.[337]

Em relação a outras propostas e votações discutidas no Congresso, Anna Amelia teceu algumas conclusões que estão presentes na obra citada. Sobre as discussões de paz, expõe as articulações:

> A sessão começa com a votação das conclusões da Comissão de Paz. São as que eu proporia, menos energéticas um pouco, porque a Comissão Executiva tem um grande cuidado para não criar nenhuma complicação política entre as representações nacionais.[338]

Ao perceber que as propostas não deveriam interferir nas políticas internas dos países participantes, nota-se que as próprias resoluções do Congresso não teriam o objetivo inicial descrito nas diretrizes da AIM. De acordo com Miller,[339] que analisou os primeiros congressos científicos latino-americanos e o estabelecimento de uma tradição de participação feminina nas reuniões transnacionais, a arena internacional teria sido um importante meio para exercer pressão nos governos nacionais por esses grupos feministas que encontraram pouco apoio oficial em âmbito local. Apesar desses fóruns internacionais serem postos pela autora como lugares de ofertas às ativistas latino-americanas para efetivar reformas em relação aos direitos políticos, sociais e econômicos da mulher, nota-se, a partir do excerto acima, que as propostas não poderiam representar nenhum embate entre as nações representantes. Outras autoras, como Towns e Marino, compactuam com a ideia de que as feministas norte-americanas compreenderam que era necessário intensificar ainda mais os laços solidários para poder alcançar dois objetivos fortemente ligados, a paz e a igualdade entre os gêneros. Dessa forma, "a Comissão Interamericana de Mulheres, ao pedir para a mulher todos os direitos que como cidadã lhe correspondem, o faz pensando no triunfo da Democracia que trará ao mundo pós-guerra a realidade dos sonhos de paz e liberdade".[340] Portanto, uma compreensão idealizada

[337] De um lado a poesia, de outro o feminismo…, *A Noite*, Rio de Janeiro, n. 8396, p. 1, 10 de abril de 1935.
[338] MENDONÇA, Anna Amelia Carneiro de. *Op. cit.*, 1971, p. 63.
[339] MILLER, Francesca. *Op. cit.*, 1991.
[340] Boletim à Comissão Interamericana de Mulheres, v. 1, n. 2, p. 15, julho de 1943. Disponível no acervo de Anna Amelia: https://docvirt.com/docreader.net/aacm_mf/502. Acesso em: 27 jul. 2023.

sobre a busca pela igualdade de gênero sem reformas, pela paz universal e pela manutenção da democracia. Assim, essas moções não poderiam ser efetivas em relação a um melhoramento e uma mudança na condição social feminina. Por fim, Anna Amelia comentou sobre a proposta levantada por Lutz na Convenção de Montevidéu, realizada em 1933 pela CIM:

> Vem o debate sobre a nacionalidade, sendo apresentadas duas propostas: a da Convenção de Montevidéu e outra, mais minuciosa, a favor da mulher, pois a Comissão receia que a de Montevidéu seja mal interpretada. Sente-se uma grande pressão da Presidente e de outras para que seja rejeitada a primeira.
> Supondo que Bertha Lutz a tenha apoiado lá no Uruguai, estamos de acordo com ela, mas achando a segunda mais especificamente indicada para interpretar o pensamento do Congresso, resolvi abster-me de votar. A primeira é rejeitada; a segunda aprovada por grande maioria.[341]

Os próximos parágrafos retomarão, dessa forma, o Congresso realizado no ano de 1933, que corresponde à participação de Lutz em 1933 e seu projeto reformista votado pelo Comitê de Nacionalidade. A proposta projetava a unificação da legislação de direitos civis e políticos das mulheres. Atenta-se a algo interessante no excerto acima, já que a representante brasileira se absteve de votar na proposta elaborada pela líder da FBPF. Ao analisar um dos documentos selecionados e que corresponde às resoluções obtidas no Congresso, percebe-se que a proposta aprovada auxiliou na criação do artigo nº11 da AIM: "Não haverá distinção baseada no sexo quanto à nacionalidade, em sua legislação ou na sua prática".[342] Assim, a resolução sobre a proposta aprovada expõe o caráter nada reformista e renovador que a AIM e suas participantes apoiavam e propagavam.

Sobre o Congresso que Bertha Lutz participou, no ano de 1933, conforme argumenta Teresa Cristina Novaes, os conflitos nasceram inseridos no debate político doméstico norte-americano que passou a ditar o poder mundial. As feministas estadunidenses do National Women's Party (NWP), apoiadas pelos republicanos, tinham ao seu lado grupos empresariais privados que agiam dentro da diplomacia norte-americana. No evento, foi proposto por elas a investida em direção à plena igualdade de direitos entre ambos os sexos – emenda denominada Igualdade dos Direitos – entretanto, sofreram feroz oposição das chamadas feministas sociais, ou reformistas, representadas pela National American Women Suffrage Association (NAWSA), sob a liderança de Carrie Chapman Catt e mais próximas do campo político do

[341] MENDONÇA, Anna Amelia Carneiro de. *Op. cit.*, 1971, p. 65.
[342] "Resolução do Comitê de Nacionalidade. A Aliança Internacional das Mulheres pelo Sufrágio e pela Igualdade na Cidadania, em Conferência reunida em Istambul, de 18 a 25 de abril de 1935, endossou o Tratado de Montevidéu sobre Nacionalidade com a seguinte redação do artigo n.11: 'Onde não haverá distinção baseada no sexo quanto à nacionalidade, em sua legislação ou na sua prática'." Disponível no acervo de Anna Amelia: https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=AACM_mf&id=425201885187&pagfis=213. Acesso em: 27 jul. 2023.

Partido Democrata. Por afinidade, as feministas britânicas da International Alliance of Women, liderada por Margery Ashby,[343] e as brasileiras da FBPF também compactuavam com as feministas sociais/reformistas. Segundo a autora:

> Se prevalecesse o entendimento da igualdade absoluta entre os sexos, temiam as feministas sociais que as trabalhadoras perderiam toda forma de proteção contida nas leis arduamente arrancadas do Legislativo, tanto no plano federal quanto nos estados. As feministas do NWP, por sua vez, sustentavam que a igualdade, pela via constitucional, abreviava o caminho para a supressão de todas as desigualdades de gênero que persistiam nos estados. Superadas as restrições legais, as mulheres teriam livre acesso ao mercado de trabalho, diziam as feministas do NWP, em sua maioria, profissionais liberais. […] Dessa forma, a controvérsia sobre a igualdade *versus* proteção polarizou o campo político feminista nos EUA e transbordou para fora do país.[344]

Ao defender reformas nos direitos das mulheres, a delegada brasileira, Bertha Lutz, juntamente à delegada do Uruguai, apresentaram um projeto de unificação da legislação de direitos civis e políticos das mulheres nas repúblicas americanas com ênfase na capacidade jurídica da mulher casada, questões relativas ao pátrio poder, direitos de viúvas e de companheiras. Os esforços de ambas buscavam mostrar a capacidade propositiva das mulheres dos países latinos, evitando assumir o papel de meras expectadoras das iniciativas das norte-americanas. A proteção ao trabalho também estava no centro da agenda política feminista brasileira. A proteção estatal – e não a assistência caritativa às mulheres – estava entre as prioridades que Bertha Lutz levantou no evento. Todavia e como exposto, Anna Amelia, que se absteve da votação, tecia ideias contra a proteção estatal com caráter nada reformista.

Com fim da conferência de 1933, o avanço que as feministas conquistaram foi a reforma do estatuto da CIM, de modo que a entidade assumiu caráter executivo, voltado para fiscalizar as condições de trabalho das mulheres da América. Outra resolução aprovada foi o compromisso de que, nas próximas conferências, os governos indicassem delegadas plenipotenciárias para atuar conjuntamente com os delegados. Todo o empenho em defesa da tese do igualitarismo não foi suficiente para implantar a proposta, junto a isso, a dificuldade enfrentada pelas feministas reformistas para iniciar mudanças legais efetivas dentro do cenário doméstico de cada país americano. É interessante perceber que a líder Lutz e a FBPF representaram as feministas reformistas nesse evento, mas trouxe para o cenário nacional os princípios tanto das reformistas quanto das igualitárias:

---

[343] Em seu relato de viagem, Anna Amelia narra seu encontro com a feminista britânica Margery Ashby. MENDONÇA, Anna Amelia Carneiro de. *Quatro Pedaços do Planeta no Tempo do Zepelim*. Rio de Janeiro: Editora Arquimedes, 1976.

[344] MARQUES, Teresa C. de N. *Op. cit*., 2013, p. 933.

> Diferentemente das feministas do NWP, porém, Bertha associava a agenda do igualitarismo com muitas propostas de reformas da condição jurídica e social das mulheres no Brasil. Em 1934, com a conquista do voto e no momento político que o Brasil vivia, Bertha vislumbrou a possibilidade de fazer inscrever na nova Constituição o compromisso da igualdade entre homens e mulheres.[345]

Percebe-se que o movimento feminista brasileiro – em específico a representação internacional da FBPF – estava longe de se limitar à campanha do voto. Preocupou-se com a integração das mulheres como elementos atuantes no contexto histórico-social brasileiro. Segundo Soihet, essa circulação de ideias contribuiu para formar os valores das brasileiras, ao declararem que a finalidade do movimento feminista não era a de tornar a mulher beneficiária passiva do Estado, mas colaboradora ativa do progresso do país:

> Embora não tivesse a pretensão de abolir a divisão da sociedade em classes sociais, [a FBPF] não pretendia conservar, tal como existia, a estrutura social brasileira. Sua postura reformista demandava a obtenção de uma legislação que equiparasse socialmente os sexos e que abrisse às mulheres os caminhos de sua emancipação.[346]

Em consequência dessas vitórias, a imprensa brasileira deu grande visibilidade e cobertura para as propostas da Federação. Porém, como pontuou Marques,[347] os jornais não expuseram as divergências, pelo contrário, era frequente o uso do termo feminismo no singular quando se tratava de declarações públicas, postura que pode ser interpretada como uma forma de expor o movimento como único e sem disparidades.

O Congresso, liderado pela organização AIM, contou com a participação de países do ocidente e do oriente, que teve como objetivo a inserção de seus princípios em relação às mulheres nos países participantes e para barrar mudanças no cenário político ou econômico mundial que afetasse suas conquistas. Entretanto, tanto na participação de Lutz quanto de Anna Amelia, são evidentes os embates nos quais confrontavam ideologias diferentes contidas em feminismos distintos.

De modo geral, é consenso entre as pesquisadoras da área afirmar que a participação oficial dessas ativistas na arena internacional não deveria ser interpretada como um indicador de que os movimentos feministas haviam triunfado em determinado tempo e espaço. Especialista do tema, Renata G. Reynaldo, em sua tese sobre as interseções nos movimentos de mulheres na escala internacional da segunda metade do século XX, traça a cronologia e as origens dos feminismos transnacionais e a formação de uma globalização hegemônica:

> Foi dentro deste contexto que as membras das organizações transnacionais de mulheres se reuniram através das fronteiras de seus países e, por meio tanto de

[345] MARQUES, Teresa C. de N. *Op. cit.*, 2013, p. 940.
[346] SOIHET, Rachel. *Op. cit.*, 2006, p. 83.
[347] MARQUES, Teresa C. de N. *Op. cit.*, 2013, p. 955.

> conflitos quanto de cooperação, definiram quem pertencia e quem não pertencia ao movimento internacional de mulheres.[348]

Compreendidas as relações firmadas no campo internacional, percebe-se quais são as organizações feministas, e seus respectivos países, que compuseram esses espaços e que ganharam certas vantagens com essas estruturas. A organização que Anna Amelia representava e que contava com Bertha Lutz como líder, lutava por reformas e mudanças legais efetivas dentro do cenário doméstico de cada país participante, tanto de congressos da CIM, em âmbito continental, quanto da AIM, em âmbito global. Nota-se que os significados e valores imbuídos nas figuras femininas determinaram as múltiplas áreas que essas mulheres poderiam atuar. Apesar de múltiplas, ainda restritas e voltadas para a figura materna e sensível atribuída à feminilidade.

## 3.2 Pan-americanismo e mediação cultural por meio dos periódicos

O Pan-americanismo foi um projeto político patrocinado pelos Estados Unidos, que deu margem a amplo intercâmbio entre os países do continente, política que, pelo menos em tese, visava estreitar os laços econômicos, políticos e culturais entre as diversas nações americanas. As ativistas em prol dos direitos civis das mulheres compreenderam a importância de criar uma rede de conexão e mobilização mútua entre as feministas da América, projeto que se inseria num contexto marcado pelo ideal de proximidade pan-americana para "debater questões políticas, comerciais e econômicas, mas também educacionais, sociais e culturais e científicas entre os países da América".[349]

Entretanto, como bem sublinha a historiografia, tais intentos não podem ser dissociados de intenções imperialista por parte dos EUA, sob a capa do incentivo à integração dos diferentes países do continente e da defesa de interesses comuns. Segundo Gabriela Correa da Silva, esse movimento, que buscava fomentar um sistema hemisférico de cooperação, contribuiu para que a interpretação negativa da América Latina, que predominou do século XIX até o início da Primeira Guerra Mundial, se alterasse: "Dessa forma, a ficção sobre a solidariedade hemisférica

---

[348] REYNALDO, Renata Guimarães. *Marcha Mundial das Mulheres*: um enfoque pós/decolonial sobre interseção e solidariedade no feminismo transnacional. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. p. 210.

[349] GUEDES, Maria Tarcila Ferreira. A Cooperação Intelectual no fórum das Conferências Pan-Americanas. *Revista Memória em Redes*, Pelotas, v. 3, n. 8, p. 1-14, jan./jun. 2013. Segundo a autora, o movimento pan-americano articulou e estabeleceu uma dimensão internacional que foi amplamente utilizada pelo movimento feminista para debater suas próprias prioridades, ampliar sua esfera de atuação e instituir uma mobilização cooperativa entre as mulheres do continente para obter bons resultados em favor da emancipação feminina em seus próprios territórios nacionais.

foi sustentada por uma constante e poderosa retórica sobre parceria contra ameaças externas. Também se investe em objetivos compartilhados sobre liberdade e democracia".[350] Haveria, portanto, uma história e destino comuns, sob a égide dos Estados Unidos, país que representava o ideal democrático a ser seguido pelos demais. Contudo, a democracia tão arduamente defendida seria tutelada pelo irmão do Norte.[351] Tal construção esteve na base do que, futuramente, seria denominado teoria da dependência.[352] Dessa forma, ao trazer a análise para o campo social, pode-se afirmar que a ideia de pan-americanismo ancorou-se em visões genéricas e pouco inclusivas acerca das sociedades dos países da região, sem tocar na exclusão a que estava submetida largas parcelas da população, ao que se soma uma concepção conservadora e eurocêntrica da latinidade. Em sua análise sobre o capitalismo e a sociedade de classes no Brasil, Florestan Fernandes argumenta que o Estado brasileiro seguia dependente e controlado por uma autocracia de classes, ou seja, o estado burguês, capitalista, autoritário e competitivo subordinava-se à política imperialista externa.[353]

O contexto brevemente referido é significativo pois Anna Amelia integrava a referida burguesia, que absorvia e propagava um nacionalismo militante. A ideologia pan-americanista defendia a cooperação internacional, porém, com distinções entre países "adiantados" e "atrasados", sendo que a nação que representava o primeiro termo (EUA) propunha os ideais a serem seguidas, como liberdade, progresso, ciência, democracia, objetivos que apontavam para um futuro a ser almejado pelos que ainda não haviam atingido tal estágio. Assim, a ideologia de integração da América implicava numa relação de subordinação. Em sintonia com os valores da sociedade brasileira da época, Anna Amelia forjou uma imagem de reformadora, qualificada para a tarefa, além de não afrontar os valores liberais e cristãos. Sua atuação junto à Federação Brasileira pelo Progresso Feminino pautou-se por essa cartilha, que era a de sua classe social.

Ao pesquisar referências a Anna Amelia e o pan-americanismo em periódicos, uma série considerável de fragmentos surge em tela. A maioria são anúncios de eventos nos quais participou. Análise mais detida, porém, permitiu selecionar 21 excertos, organizados em duas

---

[350] SILVA, Gabriela Correa da. *Op. cit.*, 2019, p. 331.

[351] *Ibidem*, p. 65. Segundo a autora "[…] um dos seus subprodutos é a exclusão de boa parte da população da América, notadamente dos negros e indígenas. Sob a justificativa de incluir todas as nacionalidades da América (que, como vimos, enquanto narrativas sobre o pertencimento nacional excluíam vastas camadas de sua população), o discurso pan-americano reúne as nacionalidades excludentes em um manto supranacional, o qual reserva um espaço privilegiado aos norte-americanos, auto representados como os detentores do receituário da modernização e do progresso."

[352] Fundamentada por Ruy Mauro Marini, a teoria da dependência busca compreender os motivos que impossibilitavam o processo autônomo de industrialização nos países latino-americano, bem como as causas da profunda crise estrutural pela qual passavam esses países ao longo do século XX. MARINI, Ruy Mauro. *Dialética da Dependência*: a economia exploradora. Rio de Janeiro: Editora Universidade Estácio de Sá, 1990.

[353] FERNANDES, Florestan. *Op. cit.*, 2020, p. 343.

categorias. A primeira envolve celebrações do Dia Pan-Americano, em que Anna Amelia figurou como participante e representante da FBPF, ao lado de pessoas renomadas no mundo cultural e político, ou seja, sua presença foi apenas citada. Já a segunda diz respeito às suas colaborações em periódicos, a exemplo de crônicas sobre o pan-americanismo em sua coluna mensal no *Diário de Notícias* e em outros jornais. Nos dois casos, há referências ao liberalismo, à fraternidade entre os países do continente e à defesa da paz.

Tabela 7: Anna Amelia e o Pan-americanismo

| **Jornais e Revistas (1930-1940)** | **Publicações de sua autoria** | **Ocasiões em que foi citada** | **Total** |
|---|---|---|---|
| *O Jornal* | 1 | 8 | 9 |
| *Correio da Manhã* | 0 | 7 | 7 |
| *Diário de Notícias* | 2 | 0 | 2 |
| *A Noite* | 0 | 1 | 1 |
| Revista *O Cruzeiro* | 0 | 1 | 1 |
| Revista *Walkyrias* | 0 | 1 | 1 |
| **TOTAL** | **3** | **18** | **21** |

Fonte: CPDOC. Arquivo Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça. *Fundação Getúlio Vargas*. Organizado pela autora.

Em sua coluna mensal no *Diário de Notícias,*[354] Anna Amelia comentou a influência do internacionalismo que, na sua perspectiva, "existe, em todo o mundo do pensamento de hoje, uma nota dominante de vivo interesse entre as nações, o que é apenas uma prova de intuitiva orientação dos povos modernos para o caminho da verdade e do amor". Os ideais democráticos estavam sob risco e a tensão frente à ocorrência iminente de uma nova guerra mundial galvanizava as atenções. Por fim, afirmou que "a paz universal é para muita gente, um lindo sonho lírico, criado pela imaginação dos poetas e pelo sentimentalismo da mulher", porém "[a paz universal] será uma pequena parcela viva da onda de beleza e de bondade que abraçará um dia todos os povos como um só."[355]

Em outro fragmento, de 1936, relativo à comemoração do Dia Pan-Americano, que contou com representantes do corpo diplomático e do Ministério das Relações Exteriores, ela reafirmou a posição da FBPF em prol da paz universal, ao afirmar que "depois que o feminismo

[354] Anna Amelia respondeu, por três anos (1930-1933), pela coluna semanal "Ronda de Imagens", que integrava a seção "Página Feminina" do jornal *Diário de Notícias* (RJ, 1930-1974), além de contribuir com colunas e poemas em outros jornais.
[355] MENDONÇA, Anna Amelia Carneiro de. Ronda de Imagens. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, n. 513, 15 de novembro de 1931, p. 20.

é uma realidade, a paz universal não é mais impossível". De forma ousada, sugeriu: "entreguem as mulheres a solução dos desentendimentos internacionais, e verão como se ensina aos povos, a tolerância e o bom senso"; com certa ingenuidade sobre a capacidade de resolver conflitos complexos no âmbito internacional, opinião que, muito possivelmente, não era compartilhada pelos diplomatas presentes.[356]

Entretanto, quais eram as práticas políticas, as ressignificações e as repercussões do pan-americanismo no Brasil? O movimento contou com a participação e engajamento de intelectuais e políticos brasileiros, que compartilhavam o medo de que o país tivesse que se haver com potências expansionistas. Na década de 1930, os ideais pan-americanistas ganharam renovada força a partir da chamada Política de Boa Vizinhança, colocada em prática pelos EUA.[357] Tal vertente preconizava a troca cultural e econômica entre os países do continente, o que incluía ir além do domínio econômico, mas levar a cabo intensa atividade diplomática e de trocas culturais, com a realização de congressos, encontros, viagens e publicações. Não se tratava propriamente de novidade, pois as conferências Pan-americanas ocorreram entre 1890-1945 e serviram como veículo para diferentes agendas elaboradas pelos EUA.[358] Foi nesse espaço que ocorreu a fundação de entidades e a realização de encontros voltados para questões relacionadas à situação das mulheres no continente americano.

O tema da aproximação continental estava na ordem do dia, tanto que, em 1930, o então presidente dos EUA, Herbert Hoovero, instituiu o "Dia Pan-Americano",[359] a fim de celebrar a primeira conferência continental americana, realizada em 14 de abril de 1891. No Brasil, a data

---

[356] MENDONÇA, Anna Amelia Carneiro de. O Dia Pan-Americano: as solenidades nesta capital. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, n. 12703, 1936, p. 5.

[357] Iniciativa política criada e apresentada pelo governo dos Estados Unidos da América presidido por Franklin D. Roosevelt durante a Conferência Pan-americana de Montevideo, em dezembro de 1933. Sob a ameaça da conquista dos trópicos pelos nazistas, tentou-se atrair a simpatia pelo estilo de vida estadunidense e seus valores liberais democráticos, estratégia mais segura e eficaz do que a ameaça aberta de intervenção bélica. Acerca da noção, ver: TOTA, Pedro A. *O imperialismo sedutor:* a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

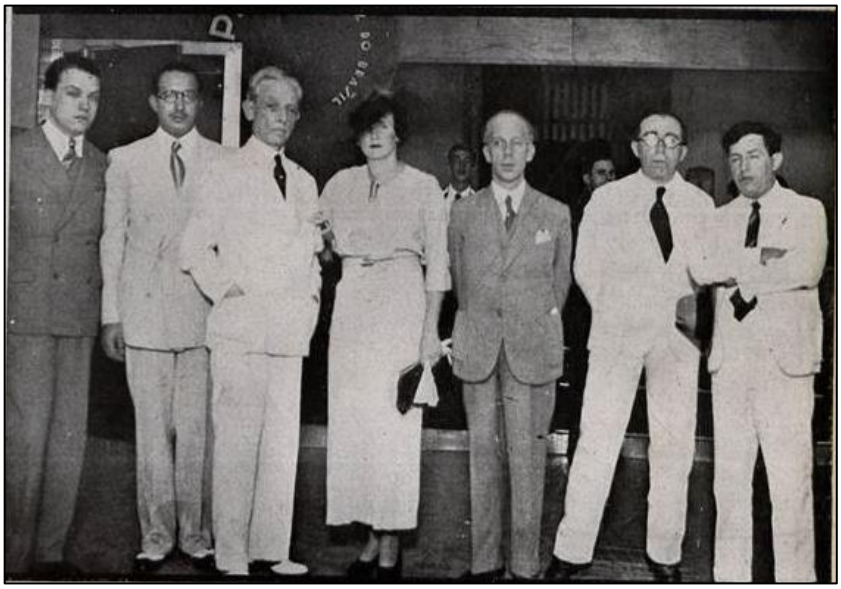
[358] Segundo Correa da Silva, o termo surgiu pela primeira vez em 1826, com a Confederação Hispânica de Bolívar, cuja o intuito era a prática da descolonização do continente americano. Mesmo que o pan-americanismo tenha se utilizado de símbolos de outras ideias interamericanas, como o latino-americanismo, a literatura sobre o tema relaciona com os vieses ideológicos das ideias estadunidenses da Doutrina Monroe e do Destino Manifesto. O ponto fundamental que esse movimento pregava era a solidariedade americana e propagava ideias sobre regimes democráticos e republicanos, entretanto, defendia os princípios liberais de soberania das nações. CORREA DA SILVA, Gabriela. O pan-americanismo e o projeto de construção de um passado comum para os países das Américas: uma análise das atividades da União Pan-Americana através da coleção Pan-American Patriots. *Estudos Ibero-Americanos*, v. 46, n. 3, e. 36345, 16 dez. 2020, p. 1-18.

[359] Em sua coluna semanal no *Diário de Notícias*, Anna Amelia retrata a celebração de forma que "o Dia Pan-Americano adquire uma significação esplendida, avultando como símbolo de uma confraternização consciente e livre, cuja base se assenta sobre a liberdade de cada povo, e cuja fronde se alarga pelo céu de todas as Américas e floresce no espírito e na ação de todos os americanos." MENDONÇA, Anna Amelia Carneiro de. Ronda de Imagens, *Diário de Notícias*, n. 303, p. 20, 12 de abril de 1931.

passou a ser festejada com eventos e comemorações, por parte do governo, sendo que a comissão organizadora sempre contou com a presença da FBPF, integrada por Anna Amelia.[360]

Outro fragmento, reportagem da revista *O Cruzeiro* intitulada "Confraternização Americana", reportou a viagem à Argentina, em 1936, de representantes dos Diários Associados e da Associação Brasileira de Imprensa, a fim de participarem da Conferência Interamericana de Consolidação da Paz. A comitiva brasileira contava com a presença de figuras políticas e culturais, como o embaixador brasileiro Afrânio de Mello Franco, o diretor dos Diários Associados, Assis Chateubriand, e o presidente da Associação Brasileira de Imprensa, Herbert Moses; ao lado desses, Anna Amelia integrava o grupo (ver Figura 19).[361] Ao analisar a fotografia, nota-se a vestimenta de Anna Amelia, trabalhada na elegância e na combinação de cada acessório usado. Percebe-se o poder aquisitivo da intelectual e a preocupação com sua imagem.

Figura 19: Evento *Confraternização Americana* realizado em Buenos Aires, Argentina, no ano de 1936



À esquerda de Anna Amelia está o embaixador Afranio de Mello Franco e à sua direita estão, respectivamente, Herbert Moses (5ª esquerda/direita) e Assis Chateaubriand (7ª esquerda/direita). Fonte: *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, n. 10, p. 17, 12 de abril de 1936.

Em reportagem do *Diário de Notícias*,[362] lê-se: "A Mulher Brasileira e o Pan-americanismo: como transcorreram as comemorações ao Dia Pan-Americano, ontem, no Itamaraty, promovidas pela Federação Brasileira pelo Progresso Feminino". Anna Amelia

[360] Dia Pan-Americano: as comemorações do próximo dia 14 do corrente. *A Noite*, Rio de Janeiro, n. 6957, 10 de abril de 1931, p. 3; As comemorações do "Dia Pan-Americano": senhoras brasileiras organizam uma sessão solene no Teatro Municipal. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, n. 464, p. 4, 8 de abril de 1931.
[361] *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, n. 10, p. 17, 12 de abril de 1936.
[362] *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, n. 3755, p. 3, 15 de abril de 1937.

estava ao lado do então ministro das Relações Exteriores, Oswaldo Aranha, oportunidade em que ela discursou em prol da paz: "este anseio real do pan-americanismo, não pode perder-se na derrocada de tantos e tão generosos propósitos de confraternização". A matéria tratou, ainda, da imagem da mulher atrelada ao belo, sereno e harmonioso, de modo a reforçar as imposições associadas ao gênero feminino. Entretanto, não deixou de afirmar que a mulher era capaz de exercer influências políticas para além das guerras. Dessa forma, a mulher era posta como a solução para chegar ao objetivo de paz universal.

Anna Amelia e suas companheiras da FBPF participaram e promoveram eventos, mas também se envolveram com organizações internacionais de mulheres, com as quais mantiveram intensas trocas intelectuais.[363] Para além de recepcionar diplomatas, intelectuais, políticos e artistas de ambos os gêneros, vindos sobretudo dos EUA, também promoveram confraternizações para angariar fundos e conceder bolsas de estudos para jovens brasileiras estudarem em universidades norte-americanas (Figura 20).[364] Em entrevista concedida para *O Jornal*, em 1940, na condição de integrante do júri que selecionou uma jovem brasileira para curso de verão na cidade de Nova York, Anna Amelia afirmou que "há um valor educativo e cultural da viagem, onde a jovem patrícia que ganhar terá uma ocasião de travar conhecimento com outras moças da sua idade na maior cidade dos Estados Unidos e do continente".[365] Assim, vê-se que as oportunidades abertas diziam respeito à educação, sociabilidade, crescimento intelectual, propiciadas pela proximidade com os EUA e sem romper os papéis de gênero aceitáveis no período.

[363] Em 1940, a Comissão de Letras do Conselho de Mulheres da América do Norte, presidida pela intelectual Grace Thompson, organizou uma biblioteca feminina na Universidade de Northwestern, em Illinois/EUA, com o intuito de reunir obras de mulheres do continente americano. É neste acervo, conservado até os dias de hoje, que foram encontrados para consulta algumas obras de Anna Amelia, como *Alma* (1922) e *Ansiedade* (1926).
[364] Prêmio de viagem para uma estudante brasileira. *O Jornal*, Rio de Janeiro, n. 5445, p. 8, 16 de março de 1937.
[365] *O Jornal*, Rio de Janeiro, n. 6410, p. 5, 4 de maio de 1940.

Figura 20: Reportagem sobre *Concurso Elgin* promovido pelos Diários Associados em 1940

Você, leitora, quer ir de graça a Nova York?

A poetisa Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça aceitou o convite para fazer parte do jury — Um premio digno de ser cobiçado — O valor educativo e cultural de uma viagem aos Estados Unidos — Se a victoriosa no Concurso Elgin fosse uma universitaria...

A sra. Anna Amelia dá ao redactor dos "Diarios Associados" suas impressões sobre o nosso concurso

Fonte: *O Jornal*, Rio de Janeiro, n. 6410, p. 5, 4 de maio de 1940.

Para além disso, a fim de valer o ponto de vista da organização, as ativistas da FBPF também buscaram atuar junto às esferas diplomáticas para se fortalecerem internamente. Evidenciam-se, portanto, os usos estratégicos que as diversas organizações de mulheres fizeram do Pan-americanismo. As líderes brasileiras uniram-se às feministas norte-americanas e não às europeias. A apropriação e circulação de ideias vindas do movimento das estadunidenses estava em sintonia com os ideais das organizações brasileiras, formadas por mulheres cujas vivências eram as das camadas urbanas abastadas. Tal proximidade corroborou a leitura segundo a qual a FBPF representava a vanguarda do feminismo nas Américas. Segundo Branca Moreira Alves, as semelhanças entre o sufrágio norte-americano e o brasileiro podem ser explicadas pelas conquistas que beneficiavam mulheres urbanas das classes médias e altas, que se concentravam em obter reformas jurídicas por meios pacíficos.[366] Outro conceito-chave que conectava os movimentos de ambos os países era a noção de progresso, fortemente marcada por preceitos liberais. Segundo Soihet, tanto as brasileiras quanto as estadunidenses defendiam de forma explícita a relação entre a ascensão das mulheres e o progresso do país.[367]

No interior dos discursos da emancipação feminina, bem como nas interpretações sobre os femininos do período, o reconhecimento dos direitos das mulheres traria prosperidade e avanços para a nação, sendo entendidos como uma marca das "nações civilizadas". Ao analisar

[366] ALVES, Branca Moreira. *Op. cit.*, 1980, p. 128.
[367] SOIHET, Rachel. *Op. cit.*, 2006, p. 43.

os temas das reuniões e congressos Pan-americanos, evidencia-se que os eventos propiciavam modelos e critérios de integração no chamado "concerto das nações civilizadas."[368] É interessante notar que as feministas europeias não marcaram presença ativa nessas conferências, restritas ao continente, ao que se soma a tensão na Europa, às vésperas da Segunda Guerra Mundial.

Entende-se por intelectual um sujeito histórico que se envolve na produção cultural de bens simbólicos e é, por isso, reconhecido, também inclui os que se voltam para práticas culturais de difusão e transmissão de valores e ideais. Segundo Gomes, é necessário compreender o percurso profissional do intelectual, considerar os vínculos estabelecidos com outros grupos sociais, sempre recordando a dupla face de sua atuação, cultural e política.[369] Nesse sentido, Anna Amelia pode ser caracterizada como mediadora cultural, alguém que se desloca entre o Brasil e os outros países e que difunde concepções acerca do pan-americanismo. Sua contribuição em jornais e a constante evocação de seu nome e pensamento pelos contemporâneos contribuíram para a circulação e a difusão de leituras sobre mulheres, viagens internacionais relacionadas a imprensa e até projeto culturais, o que remete para as dimensões políticas e socioculturais de sua atuação, fundamentais para caracterizar o perfil da intelectual.

No que respeita à participação de Anna Amelia em eventos ou como entrevistada, foram selecionados 16 fragmentos, relativos, sobretudo, aos dois congressos internacionais já citados, organizados a seguir (Tabela 8). Dentre os quatro periódicos analisados que cobriram as participações de Anna Amelia, percebeu-se que o primeiro evento, realizado em Istambul, teve maior atenção se comparado ao submetido à União Pan-americana. Entretanto, os eventos relacionados ao pan-americanismo, exibidos na Tabela 7, foram mais propagados do que os congressos internacionais que a intelectual integrou.

Tabela 8: Tipologia dos recortes relativos a eventos internacionais com presença de Anna Amelia

| **Jornais (1930-1940)** | **XII Congresso da Aliança Internacional pelo Sufrágio Feminino** | **III Assembleia Anual da Comissão Internacional da Mulher** | **Total** |
|---|---|---|---|
| *Correio da Manhã* | 2 | 2 | 4 |
| *A Noite* | 3 | 5 | 8 |

[368] KUHMANN, Moysés. Congressos Profissionais no final do século XIX e início do século XX: ciência e política. *In*: HEIZER, Alda; VIDEIRA, Antonio A. P. (org.). *Ciência, Civilização e República nos Trópicos*. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.
[369] GOMES, Angela de Castro; KODAMA, Kaori; FONSECA, Maria Rachel da. *Op. cit.*, 2018.

| | | | |
|---|---|---|---|
| *Diário da Noite* | 3 | 0 | 3 |
| *O Jornal* | 1 | 0 | 1 |
| **TOTAL** | **9** | **7** | **16** |

Fonte: CPDOC. Arquivo Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça. *Fundação Getúlio Vargas*. Organizado pela autora.

Sobre o XII Congresso da Aliança Internacional pelo Sufrágio Feminino, realizado em Istambul, foram selecionados nove recortes. Em entrevista concedida ao periódico *A Noite*, destaca-se sua relação ao participar do congresso e as formas simbólicas de compreender outra cultura e as relações de gênero. De início, o título da reportagem propõe compreender a luta pela emancipação civil da mulher como algo separado dos sentimentos e emoções de uma poetisa (Figura 21). Ao relatar seu sentimento sobre a viagem, expõe ambiguidade de emoções:

> De um lado – o poeta, chorando os velhos hábitos, desejando ver ainda o lugar mágico de Istambul, iluminando mulheres de véu. Do outro lado – a feminista, de olhos voltados para o progresso e para as modernas conquistas sociais. O poeta e a feminista vão se digladiar numa luta curiosa, dentro do meu espírito.[370]

Interessante compreender que esse embate citado estava relacionado à uma visão ocidentalista da intelectual, ao entender o véu e a religião relacionadas ao atraso como civilização. Caso prive ou não as mulheres do campo político e público, a ideia dominante se relaciona com a compreensão de que o ocidente seria o detentor do progresso, trazendo a paz universal. Anna Amelia pontua que seu papel, e de qualquer mulher ocidental, seria a propagação desses direitos, que auxiliariam a mulher a participar da arena política. Ao partir dos objetivos do Congresso de defesa pela paz, debates sobre os problemas sociais e o trabalho feminino, a entrevistada relata o papel das mulheres na visão do evento e da Liga das Nações:[371] ambos compreendem as mulheres apenas como mães, que influenciarão seus filhos a entenderem o mundo de forma humanitária e pacifista. De modo condescendente, Anna Amelia reafirma e compactua com a perpetuação da dicotomia de gênero e dos ideais esperados às mulheres.

[370] De um lado a poesia, de outro o feminismo…, *A Noite*, Rio de Janeiro, n. 8396, p. 1, 10 de abril de 1935.
[371] "As mulheres muito poderão fazer pelas ideias pacifistas, pelo combate a propagação do espírito guerreiro. Isto já foi reconhecido pelo presidente da Liga das Nações, que salientou o papel que cabe a mulher nessa campanha humanitária: formando para a paz a mentalidade das novas gerações." *Ibidem*.

Figura 21: Entrevista de Anna Amelia concedida ao jornal *A Noite*, que relata sobre sua viagem ao XII Congresso da Aliança Internacional pelo Sufrágio Feminino, realizado em Istambul, Turquia, no ano de 1935

De um lado a poesia, de outro o feminismo...

ANNA AMELIA, QUE VAE REPRESENTAR O BRASIL NO CONGRESSO DE STAMBUL, FALA A' "NOITE"

Lembrando a época do antifaz, em confronto com a actualidade

Anna Amelia em seu gabinete de trabalho

Fonte: De um lado a poesia, de outro o feminismo…, *A Noite*, Rio de Janeiro, n. 8396, p. 1, 10 de abril de 1935.

Apesar do preparo de Anna Amelia para participar do evento e representar os ideais da FBPF, ela explicitou em que circunstância foi escolhida:

> A Federação Brasileira pelo Progresso Feminino havia organizado uma lista de cinco nomes, para a escolha de uma provável representante naquela reunião. Eu estava de viagem marcada para a Europa, devendo ter partido ontem no General San Martin. Essa circunstância favorecia a minha escolha, embora eu só pudesse chegar a Istambul quando os trabalhos estivessem se encerrando.[372]

De saída, referiu-se à aprovação de seu nome, ao dizer que, em audiência que lhe fora concedida, o então presidente Getúlio Vargas afirmou que "o Brasil teria uma representante oficial no Congresso Internacional Feminista, que essa embarcaria no Graf Zeppelin e que a escolhida era eu." Ao relatar sobre as propostas que deveria representar nas reuniões, pontuou que levaria as instruções da FBPF de como atuar sobre os assuntos e temas debatidos no Congresso. Finalizou o texto homenageando Bertha Lutz que "brilhantemente tem representado o Brasil em tantos congressos internacionais." O tributo à líder da FBPF indica que Anna Amelia desejava ser vista como representante dos interesses da organização, e não como defensora de ideais próprios. Cabe destacar três crônicas, publicadas no *Diário da Noite*, que

[372] *Ibidem*.

contêm "uma série de notas e impressões de viagem, colhidas da esplêndida Guanabara as magníficas regiões de Istambul".[373] Assim, as matérias retrataram a sua viagem como se fosse de caráter turístico, tanto que não há menções sobre as reuniões e participações no evento.[374]

De forma geral, a década de 1930 foi de intensas realizações para o movimento feminista nacional. Para essas ativistas, o feminismo deveria ser entendido como uma "revolução permanente" nos costumes, hábitos e leis.[375] A partir da visibilidade internacional garantida nos encontros transnacionais, obtiveram conquistas que aumentaram as esperanças de alcançarem seus objetivos. Apesar da instalação do regime autoritário estadonovista em 1937 e da repressão às atividades políticas, a FBPF e suas ativistas foram reconhecidas pelo regime e contaram com seu apoio, sobretudo no contexto da aliança continental, que lhes possibilitou entrar em contato com militantes de outros países. Assim, incentivavam a construção de pontes de amizades e de entendimento mútuo; redes de colaborações que, na realidade, responderiam aos intuitos de lideranças e do imperialismo dos EUA.

### 3.3 Anna Amelia na Comissão Interamericana de Mulheres (1942 a 1944)

No acervo[376] *Militância Feminista*, contido no arquivo privado da titular, encontra-se o dossiê[377] AACM mf 1942.07.15. Núcleo documental desta seção, relativo aos anos 1942 a 1944, quando Anna Amelia foi delegada pelo Brasil nos Congressos da Comissão Interamericana de Mulheres (CIM), organização em prol dos direitos civis das mulheres sob auspícios da União Pan-Americana.[378] A CIM foi a primeira organização governamental internacional em prol da condição da mulher nas Américas, projetada em 1922 e oficializada em 1928, durante a VI Conferência Pan-Americana realizada em Havana. Apesar de sua criação ocorrer em 1922, as ativistas representantes dos países ao sul da América se viram excluídas do evento, participando

[373] Sobre o tapete mágico do litoral brasileiro. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, n. 2322, p. 2, 25 de abril de 1935.
[374] Ao lado das pirâmides e da esfinge. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, n. 2356, p. 2, 6 de maio de 1935.
[375] O boletim de agosto de 1935 dizia que a tarefa das mulheres era a de se unirem na defesa de seu sexo, usar seus direitos democráticos, "eleger feministas idealistas e incorruptíveis para os cargos públicos, alterar as leis do país em benefício das mulheres e das crianças e impregnar o sistema político de valores intensamente sociais, pacíficos e humanitários." *Boletim da FBPF*. Ano II, n. 6, junho de 1936.
[376] Definição de acervo: totalidade dos documentos conservados num arquivo. CAMARGO, Ana Maria de Almeida. *Dicionário de terminologia arquivística*. São Paulo: Associação dos Arquivistas Brasileiros, 1996. p. 8. Termo utilizado pelo CPDOC ao organizar o arquivo de Anna Amelia.
[377] Definição de dossiê: unidade documental em que se reúnem informalmente documentos de natureza diversa, para uma finalidade específica. *Ibidem*, p. 32. Termo utilizado pelo CPDOC ao organizar o arquivo de Anna Amelia.
[378] Segundo Boletim da CIM: "A CIM é uma instituição oficial criada pela VI Conferência Internacional de Havana em 1928; prorrogada pela VII Conferência de Montevideo em 1933 e estabelecida em bases permanentes pela VIII Conferência de Lima em 1938". *Boletim da Comissão Interamericana de Mulheres*, v. 1, n. 2, julho de 1943, p. 15. Documento disponível no acervo de Anna Amelia: https://docvirt.com/docreader.net/aacm_mf/502. Acesso em: 27 jul. 2023.

efetivamente seis anos depois. Esse meio tempo foi marcado pela organização das participantes latino-americanas, com o objetivo em tornar visível a participação das mulheres para que fossem consideradas nas Conferências Pan-Americanas como sujeitos políticos dignos de interlocução. Contudo, a partir da pressão para criar um órgão oficial encarregado de investigar a situação jurídica da mulher nos 21 países membros da União Pan-Americana, o tratado foi aprovado.[379] As representantes latinas fundaram a Associação Pan-Americana de Mulheres, determinando que em cada país latino-americano teria uma associação feminista.[380] Na Conferência Pan-Americana de 1928, em Havana, foi aprovada a proposta que estipulou que as futuras conferências estudassem formas de eliminar a discriminação constitucional e legal contra a mulher para que pudessem gozar dos mesmos direitos civis e políticos dos homens. Foi também resolvida a inclusão, em conferências futuras, de figuras femininas nas delegações, não apenas como secretárias, o que levaria tempo para se materializar. Ao contrário das sufragistas europeias e norte-americanas, essas mulheres escolheram como estratégia relacionar seu papel de cuidadoras do lar e da moral, ao argumentar que o sufrágio feminino serviria para escorar e consolidar um certo progresso para o país.

A partir de então, gradual e irreversivelmente, a questão do sufrágio feminino influenciaria as Conferências Pan-Americanas. Segundo Ana Lau Jaiven, algumas organizações feministas enviaram comissões para reverter essa situação. Começou a ser criado o palco para um confronto histórico em que representantes norte-americanas e latino-americanas forçaram a inclusão das mulheres e dos seus problemas na agenda das reuniões interamericanas, modificando, ao mesmo tempo, o contexto dessas relações.[381] Dessa forma, "as conferências pan-americanas, internacionais, não apenas moldaram o feminismo, mas o feminismo também influenciou a diplomacia e o pan-americanismo".[382] Assim, as reuniões seguintes da CIM ocorreram no mesmo tempo e local das Conferências Pan-Americanas e, por sorteio, foram indicadas as primeiras sete representantes.[383]

---

[379] Dessa forma, "foi fundada a Comissão Interamericana de Mulheres, primeira organização internacional do mundo criada especialmente para estudar a condição e a realidade feminina na América e, a partir disso, lutar pela obtenção dos direitos das mulheres". GIMÉNEZ, María E. A. *Op. cit.*, 2019, p. 117.

[380] SOIHET, Rachel. A pedagogia da conquista do espaço público pelas mulheres e a militância feminista de Bertha Lutz. *Revista Brasileira de Educação*, v. 9, n. 15, p. 97-117, set./dez, 2000. p. 102.

[381] JAIVEN, Ana Lau. Entre ambas fronteras: la búsqueda de la igualdad de derechos para las mujeres. *Revista Política y Cultura*, México, n. 31, v. 1, p. 235-255, mar./abr. 2009.

[382] GIMÉNEZ, María E. A. *Op. cit.*, 2013, p. 9.

[383] As sete primeiras fundadoras foram: Doris Stevens, que foi nomeada presidente, Ernestina A. López de Nelson, da Argentina; Maria Elena de Hinestrosa, Colômbia; Télegny Mathon, do Haiti; Clara González, Panamá; Maria Alvarez de Guillen Rivas, El Salvador; e Lucila Luciani de Pérez Díaz, Venezuela. Também foram indicadas representantes do Brasil, Chile, Costa Rica, República Dominicana, Guatemala, Nicarágua e Peru.

A Conferência realizada em 1930 discutiu a proposta de Tratado da Nacionalidade que previa a indistinção de sexo em matéria de nacionalidade, na lei e na prática, proposta essa que Lutz reformulou em 1933 e que a votação foi derrotada em 1935. A questão do sufrágio feminino era preocupação prioritária e a FBPF ganhou notoriedade, tanto nacional quanto internacional, a partir da entrada na CIM, em 1928.[384] A participação de Lutz no evento contribuiu para mudar o rumo de sua atuação e da instituição que dirigia, considerado como o período de maior relevo, quando se aproximou dos propósitos defendidos em âmbito internacional.[385]

Os conflitos entre as norte-americanas e as latinas eram uma constante, tanto que Doris Stevens, presidente da CIM na década de 1930, foi acusada de querer manipular a conferência e menosprezar as representantes sul-americanas.[386] Segundo Ana Lau Jaiven, os Estados Unidos, país que havia promovido a criação da CIM e a apoiado, foi o que mais relutou em aceitar os relatórios apresentados e até se recusou a endossar as conclusões e recomendações. A CIM teve que enfrentar a desaprovação de seu trabalho pela própria delegação dos EUA, que certamente encarou com repulsa as propostas anunciadas. Assim, as ativistas da Comissão mantinham relações tensas com a embaixada norte-americana. A autora argumenta que esse conflito e a resposta de desvinculação por parte do governo podem ter influenciado a atitude e os votos dos demais países participantes das Conferências, temerosos de perder o seu apoio financeiro e político, o que os teria levado a não apoiar as propostas que desafiassem os zelosos conservadores dos EUA. Assim, o Congresso realizado pela Aliança Internacional de Mulheres, em que Anna Amelia marcou presença na década de 1930, contou com a presença de diferentes países e foi palco de diversos debates, com a conquista do sufrágio e de prerrogativas específicas das mulheres. Na década seguinte, com a guerra em curso, questões relativas ao continente americano dominaram a agenda.

A análise da experiência ativista de Anna Amelia ancorou-se em seu arquivo privado, cujo acervo documental *Militância Feminista* contém 176 documentos referentes ao período em que representou o Brasil na CIM. Na Tabela 9, além de separar os documentos por ano, eles

---

[384] Neste momento, o feminismo brasileiro aproximou-se da *National American Woman's Suffrage Association* (NAWSA), associação norte-americana liderada por Carrie Chapman Catt. Carrie Clinton Lane Chapman Catt (1859-1947), organizadora e importante sufragista nos Estados Unidos, atuava em âmbito internacional. Em 1922, era, ao mesmo tempo, presidente da Aliança Internacional de Mulheres e da recém-formada Pan American Association for the Advancement of Women. MARQUES, *Op. cit*., 2019, p. 93; BESSE, *Op. cit*., 1999, p. 275.

[385] June Hahner expos que Bertha "transformou sua visão do movimento feminino. O modelo que lá encontrou pareceu-lhe mais apropriado ao Brasil do que o da Europa, que, vez por outra, resultava em algumas ações violentas". HAHNER, June. *Op. cit.*, 2003, p. 297-298.

[386] WAMSLEY, Esther Sue. *A Hemisphere of Women:* Latin American and US Feminists in the IACW, 1915-1939. Tese (Doutorado em Filosofia) – The Ohio State University, Columbus, 1998. LIMA, Flora de Oliveira. *The First Conference of the Inter American Commission of Women*. Washington, DC: A União Pan-Americana, 1930.

foram organizados em quatro grupos: os boletins informativos das Assembleias Anuais da CIM, que contêm algumas das propostas apresentadas por Anna Amelia e os relatórios finais das reuniões; três documentos referentes à União das Mulheres Americanas, organização fundada em 1934 pela ativista e sufragista das mulheres mexicanas, Margarita Robles de Mendoza, que representou seu país como delegada na CIM na década de 1930. Já os dois últimos grupos correspondem às cartas já analisadas e ao boletim *As Américas Unidas*, um "breve relatório da ação cooperativa das repúblicas americanas desde setembro de 1939".[387] Por não mencionar o feminismo ou movimentos pela equidade de direitos femininos, os documentos do último grupo não foram analisados. Por fim, notou-se maior relevância nos documentos de 1942 para as discussões aqui empenhadas.

Tabela 9: Documentos do dossiê 1942.07.15, *Militância Feminista*

| **Temas contidos no dossiê AACM mf 1942.07.15** | **1942** | **1943** | **1944** | **Total** |
|---|---|---|---|---|
| Comissão Interamericana de Mulheres | 16 | 30 | 16 | 62 |
| União das Mulheres Americanas | 3 | 0 | 0 | 3 |
| Boletim *As Américas Unidas* | 0 | 0 | 26 | 26 |
| Correspondências | 43 | 9 | 33 | 85 |
| **Total** | **62** | **89** | **75** | **176** |

Fonte: CPDOC. Arquivo Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça. *Fundação Getúlio Vargas*. Organizado pela autora.

Ao analisar o dossiê pelo ano de 1942, nota-se, inicialmente, um fragmento de crônica intitulada "O Congresso Interamericano de Mulheres", lida no programa de rádio *Hora do Brasil* e publicada no jornal *A Manhã* (1941-1953) na qual ressaltou a atuação da representante brasileira na CIM:

> Na segunda semana de novembro próximo, será realizado em Washington, o Congresso da Comissão Interamericana de Mulheres, do qual participarão algumas das mais eminentes figuras do mundo feminino do nosso continente […]. O Brasil estará representado nesse Congresso pela senhora Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça, fundadora e presidente da Casa do Estudante, vice-presidente da Fundação Brasileira pelo Progresso Feminino e de outras instituições culturais e

[387] CPDOC. Arquivo Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça. *Fundação Getúlio Vargas*. Disponível em: https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=AACM_mf&id=4497900003473163&pagfis=554. Acesso em: 31 jul. 2023.

> artísticas. A senhora Anna Amelia é uma figura preponderante no cenário social brasileiro e sua presença assegura, de antemão, o êxito da representação brasileira.[388]

Esse e outros fragmentos analisados em seu arquivo privado fazem referência à camada social que Anna Amelia compunha. No trecho citado, é notório observar as instituições e diversos campos que integrou, sendo enquadrada em um posto de complacência, que auxiliava consolidar sua posição de prestígio e, assim, alcançar os objetivos por meio do estreitamento das relações com os poderes estabelecidos. Importante relembrar que os documentos contidos no referido arquivo pessoal foram selecionados, à princípio, pela titular. Um dos exemplos notados ocorreu durante as análises dos anos em que Anna Amelia participou dos Congresso da CIM, de 1942 a 1944. Os documentos oficiais, compreendidos como as atas referentes a esses eventos, infelizmente não estão completos, contendo informações de reuniões que a titular compareceu e/ou discursou. Ou seja, esses documentos são esparsos, pois a seleção feita por ela priorizou a sua própria participação. Dessa forma, é necessário um olhar crítico em sua elaboração, que intenta a construção de sua identidade de pessoa pública, sobretudo no que se refere ao papel esperado pela figura feminina, que eram compreendidas como seres solidários e benevolentes. Entende-se que os documentos reunidos abarcam quase toda sua trajetória, porém, o conjunto foi fragmentado para o que a titular entendia por relevante para a composição.

Como exposto no capítulo anterior, as correspondências que Anna Amelia trocou com outras ativistas expunham a parceria e a solidariedade estabelecida entre mulheres brancas e intelectualizadas, organizadas em diferentes entidades, tanto no âmbito nacional quanto internacional. Uma dessas cartas tratou sobre a União das Mulheres Americanas (UMA), sendo apresentada para Anna Amelia por Adelaide B. de Planas, representante da Secretaria do Exterior da organização. A carta, remetida em dezembro de 1942, teceu agradecimentos à destinatária por seu interesse em conhecer a UMA. É notório que Anna Amelia era reconhecida como uma figura internacional, já que foi designada a ela a função de repassar os ideias e objetivos da organização à FBPF, à União Universitária Feminina e a outras instituições feministas e femininas que teria contato no país.

A UMA foi fundada para suprir a exclusão da participantes latino-americanas na CIM e, perante a iminência do início da Segunda Guerra Mundial e a situação tensa então vivida, promover a paz.[389] O objetivo da organização era articular "a união, solidariedade e amizade

---

[388] CPDOC. Arquivo Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça. *Fundação Getúlio Vargas*. Disponível em: https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=AACM_mf&id=4497900003473163&pagfis=427. Acesso em: 31 jul. 2023.
[389] JAIVEN, Ana Lau. *Op. cit.*, 2009.

entre as mulheres do Novo Mundo"; melhorar sua condição cívica, política, social e econômica; desenvolver o "entendimento mútuo das nações americanas na esfera intelectual, por meio do intercâmbio de obras culturais e históricas e da realização da solidariedade continental"; fomentar entre as mulheres americanas "um sentimento de paz baseado na educação, tolerância e justiça".[390] A UMA funcionou, nas décadas de 1930 e 1940, auxiliada por conselhos nacionais em quase todos os países latino-americanos, ou seja, seus esforços estavam voltados às mulheres ao sul do continente. Como exemplo, no artigo 6º do instrumento que criou a organização, lê-se: "O idioma oficial da UMA será o espanhol por ser o da maioria das nações americanas e por ser esta associação uma instituição fundada por um grupo de mulheres hispano-americanas".[391]

Em documento presente em seu acervo (Anexo 2), Anna Amelia propôs à Comissão Interamericana de Mulheres, de 1942, 13 pontos, entre eles: sugeriu a adoção do português, inglês, francês e espanhol como idiomas oficiais das reuniões, a defesa de igualdade salarial e de direitos para ambos os gêneros, o debate de pautas sobre a guerra e a mobilização de figuras femininas convocadas para auxiliar no contexto criado pela guerra a partir de seus talentos individuais. Fica perceptível, a partir da análise do documento, que o pacifismo de Anna Amelia e a FBPF estavam em acordo com a visão claramente pan-americana partilhada por suas integrantes. Visão essa que utilizava da guerra como pretexto para perpassar a ideia de que os EUA e os países do continente aliados seriam detentores do progresso e da democracia. A arena internacional foi percebida como espaço propício para conquistar legitimidade e eficácia política e, assim, tentar influenciar a ordem política de seus respectivos países para assegurarem direitos. Nesse entender, as ativistas buscavam traçar diferentes meios de mobilização em prol de participarem da arena política. Metade das propostas tratam de temas sobre justiça, paz e democracia, princípios que, durante o contexto da Segunda Guerra Mundial, a CMI defendeu. A justificativa utilizada pela vertente pan-americanista era que a tendência conservadora que pairava nas nações europeias e países latino-americanos, retirando e negando a igualdade e os direitos aos homens e mulheres, deveria ser evitada a todo custo em um país norte-americano que prezava pelo progresso democrático, já que os líderes diplomáticos passaram a ter maior atenção a promoção pelo sufrágio feminino. Assim, a ênfase na manutenção da paz por meio das figuras femininas tornou-se frequente.

---

[390] CPDOC. Arquivo Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça. *Fundação Getúlio Vargas*. Disponível em: https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=AACM_mf&pagfis=463. Acesso em: 31 jul. 2023.
[391] CPDOC. Arquivo Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça. *Fundação Getúlio Vargas*. Disponível em: https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=AACM_mf&id=4497900003473163&pagfis=464. Acesso em: 31 jul. 2023.

O vínculo entre o pacifismo e as reivindicações pela emancipação feminina fez com que as ativistas intensificassem a sua mobilização na esfera internacional, em específico, ao utilizarem de contatos estabelecidos nas Conferências da CIM para reforçar e convidar as mulheres do continente a se unirem para lutar pela manutenção da paz e pela conquista dos direitos femininos. Ao analisar a "Ata final da III Assembleia Anual da Comissão Interamericana de Mulheres", publicada no *Boletim Informativo* de 1942, nota-se o vínculo entre os ideais pacifistas e as reivindicações feministas no discurso do Diretor da União Pan-Americana, Leo Stanton Rowe:

> Se o trabalho da Comissão Interamericana de Mulheres tem sido importante em tempos normais, hoje este trabalho adquire um novo e mais profundo significado com o desenvolvimento de tal luta transcendental para as nações da América. No campo de batalha, ou mesmo que em casa, o conflito esmagador que hoje nos envolve exige das mulheres sacrifícios cada vez mais heroicos, mas ao mesmo tempo coloca a mulher em uma posição mais sobressalente e de maior influência na estrutura social e na vida econômica das nações.[392]

Tanto representantes políticos dos países da América quanto militantes feministas evidenciaram o pacifismo como uma característica de feminilidade.[393] É visível a importância da solidariedade pan-americana entre as mulheres, que se tornou um dos tópicos centrais de discussão e da atuação da organização em prol da luta pela democracia no continente. Nos resumos das reuniões, registradas no *Boletim*, destacou-se ser a primeira vez que o Brasil participou do evento: "A Comissão se interessou especialmente por este informe por ser a primeira vez em que o Brasil envia uma delegada as nossas assembleias anuais".[394] Nesse mesmo *Boletim*, também foi publicado o plano de trabalho para o próximo encontro anual, a realizar-se em 1943. Pode-se perceber que, mais uma vez, foi apontada a necessidade de as ativistas atuarem em conjunto com seus respectivos governos, para além de seus objetivos e lutas de "interesses próprios".[395]

---

[392] ROWE, L. S. Discurso proferido na III Assembleia Anual da Comissão Interamericana de Mulheres em 14 de novembro de 1942. CPDOC. Arquivo Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça. *Fundação Getúlio Vargas*. Disponível em: https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=AACM_mf&Pesq=uni%c3%a3o&id=4883109659649&pagfis=470. Acesso em: 31 jul. 2023.

[393] Segundo Marino, comprova-se a noção de "cidadania feminina" de acordo com o papel da mulher enquanto pacifista em carta de Bertha Lutz trocada com a sufragista norte-americana Mary W. Williams. MARINO, Katherine M. Transnational Pan-American Feminism: The Friendship of Bertha Lutz and Mary Wilhelmine Williams, 1926-1944. *Journal of Women's History*, v. 26, n. 2, p. 63-87, 2014. p. 76-77.

[394] CPDOC. Arquivo Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça. *Fundação Getúlio Vargas*. Disponível em: https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=AACM_mf&Pesq=uni%c3%a3o&id=4883109659649&pagfis=473. Acesso em: 31 jul. 2023.

[395] ROWE, L. S. Discurso proferido na III Assembleia Anual da Comissão Interamericana de Mulheres em 14 de novembro de 1942. CPDOC. Arquivo Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça. *Fundação Getúlio Vargas*. Disponível em:

Apesar de Francesca Miller chamar essa etapa de feminismo transnacional, devido às relações estabelecidas entre latinas e norte-americanas no contexto da 2ª Guerra Mundial, parece ser uma relação binacional entre Brasil e EUA. Segundo Jaiven, um dos objetivos do feminismo em voga era a parceria e afinidade com as militantes norte-americanas, tanto que Anna Amelia e a FBPF lutaram pela conquista dos direitos civis das mulheres na arena internacional, porém, ao mesmo tempo, afirmaram que a mulher deveria proteger sua essência feminina e enfatizaram o papel das mulheres como guardiãs do lar e da vida doméstica. Conciliar essas esferas de atuação do feminino faria com que elas preservassem sua posição de gênero e, assim, não transgredissem a ordem estabelecida, da mesma forma que atuavam as norte-americanas.

Um último documento chamou atenção em relação à Conferência de 1942, o discurso de Anna Amelia. Após saudações fraternais às correlegionárias e referências ao pan-americanismo, dirigiu votos calorosos a Osvaldo Aranha, Ministro das Relações Exteriores, e Getúlio Vargas, então chefe do regime estadonovista que, segundo Anna Amelia, era "figura central no nosso cenário político nesta hora tão grave para todas as nações democráticas".[396] Interessante relembrar que o Brasil era regido por um regime ditatorial, dessa forma, enaltecer o então chefe de estado seria compactuar com a ideologia vigente. Pode-se relacionar esse tipo de enaltecimento como uma forma de construir uma base que lhe permitisse deslocar ou desenvolver a sua relação de dominação como mulher dentro da arena política. Por fim, ao referir-se à evolução dos direitos das mulheres na América, citou Abraham Lincoln: "a metade da humanidade não pode ser livre e a outra escrava". Apesar de quase vergar-se a uma submissão alienante à história dos EUA, o final de seu discurso pode ser interpretado como uma forma de tática. Ao compreender essa tática, que mobiliza para seus próprios fins essa imagem imposta, mesmo aceito, utiliza-se de manobras por meio da ordem que a produziu.

A Figura 22 ilustra a reunião de encerramento da Assembleia Anual da CIM. É interessante notar que, dos dezessetes países participantes com suas respectivas delegadas, há apenas onze delegadas na imagem contida no *Boletim* da Comissão Interamericana de Mulheres, datado do ano de 1942. Pode-se compreender que este era o núcleo central da Comissão, já que conta com a presença da então presidente, Ana Rosa de Martínez e da vice-presidente, Minerva Bernardino.

---

https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=AACM_mf&Pesq=uni%c3%a3o&id=4883109659649&pagfis=471. Acesso em: 31 jul. 2023.

[396] CPDOC. Arquivo Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça. *Fundação Getúlio Vargas*. Disponível em: https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=AACM_mf&Pesq=uni%c3%a3o&id=4883109659649&pagfis=471. Acesso em: 31 jul. 2023.

Figura 22: A Comissão Interamericana de Mulheres na sede da União Panamericana, na cidade de Washington, em novembro de 1942

Sentadas, da esquerda para a direita: Anna Amelia Carneiro de Mendonça, delegada do Brasil; Minerva Bernardino, delegada da República Dominicana e vice-presidente, e, ao centro, Ana Rosa S. de Martínez Guerrero, delegada da Argentina e presidente da Comissão. Fonte: Arquivo Anna Amelia, CPDOC. *Fundação Getúlio Vargas.*

Já os documentos referentes à Conferência de 1943, apesar de mais numerosos, não trouxeram pautas e nem novas propostas em relação ao ano anterior. Merecem destaque os relatórios do último ano que Anna Amelia participou da CIM, que dizem respeito às principais atividades femininas no Brasil e às conquistas do ano de 1944. Logo de início, expos que, devido à guerra, todas as entidades feministas e femininas filiadas à FBPF devotaram-se ao trabalho voluntário, ao que se somava o envio de contingentes de soldados brasileiros para a Europa. Dessa forma, evidenciava que, "no terreno as atividades normais de mulher, nenhum progresso especial houve a registrar". Segundo Anna Amelia:

> A consciência dos deveres cívicos impostos aos cidadãos de ambos os sexos em consequência do conflito, as tarefas de assistência as famílias dos combatentes, a organização de cursos de emergência para os socorros necessários à mobilização material e espiritual para arrostar as consequências inevitáveis de um grave fato nacional, como é a participação numa guerra, absorveram, praticamente, todas as forças femininas em ação e dominaram todos os setores do feminismo.
> Assim, logicamente, destacam-se no ano que passou, alguns fatos ligados à guerra e, como complemento de nossa atitude consciente no cenário da luta, algumas atividades concernentes à próxima reconstrução do mundo.[397]

[397] CPDOC. Arquivo Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça. *Fundação Getúlio Vargas*. Disponível em: https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=AACM_mf&Pesq=uni%c3%a3o&id=4883109659649&pagfis=533. Acesso em: 31 jul. 2023.

Assim, a defesa pela participação da mulher para auxiliar no fim da guerra e na promoção da paz foi postulada pelas feministas ao norte do continente. Apesar de as ativistas latino-americanas passarem a ter, gradativamente, maior influência nesses espaços, não impediu que a situação dessas mulheres continuasse dentro da subordinação ao modelo de imperialismo dos países do Norte global. A inferiorização que as integrantes latinas da arena política internacional estavam destinadas é compreendida como uma forma de silenciamento a essas representantes. Apesar de serem de camadas sociais abastadas, brancas, cristãs e de manterem contato direto com outras ativistas de todo o continente americano, as demandas específicas dos países latino-americanos eram tratadas como secundárias. Como explicitado por Luciana Ballestrin, em seu estudo sobre a ideia de um feminismo subalterno que se consolidou nos países da América Latina, a internacionalização do feminismo auxiliou para que a ideia hegemônica dos EUA fosse entendida como universal, além de enfraquecer outras perspectivas vistas como mais subversivas do que aquelas presentes nos movimentos das feministas do Norte global.[398]

Nesse entendimento, pesquisas recentes no campo das relações de gênero estão expondo a invisibilização das demandas feministas dos países da América Latina e do sul global. Os resultados dessas pesquisas evidenciam a importância dos depoimentos, memórias e arquivos privados para lançar luz ao papel das representantes latino-americanas; a exemplo do caso de Bertha Lutz e sua participação ativa na elaboração da Carta das Nações Unidas em 1945,[399] um dos primeiros tratados internacionais a mencionar a necessidade de igualdade entre os gêneros. Lutz e Minerva Bernardino, delegada pela República Dominicana, foram responsáveis por inserir o tema dos direitos da mulher nos textos do preâmbulo três e do artigo 8º.[400] A consulta às fontes citadas, em específico, os documentos referente ao arquivo privado de Anna Amelia, evidenciou a invisibilização das demandas feministas dos países da América Latina, ou seja, as contribuições e reivindicações vindas dos países do Sul não foram reconhecidas, o que acaba por corroborar a ideia de que o feminismo foi um movimento que se originou com as norte-americanas e britânicas.[401] Um dos pontos importantes nessa discussão é a perpetuação do

[398] BALLESTRIN, Luciana. Feminismo De(s)colonial como Feminismo Subalterno Latino-Americano. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 28, n. 3, e75304, 2020.
[399] DIETRICHSON, Elise; SATOR, Fatima. The Latin American women: how They shaped the UN Charter and why Southern agency is forgotten. *In*: ADAMI, Rebecca; PLESCH, Dan. *Women and The UN*: a new history of women's international human rights. London: Routledge, 2022. p. 44-65.
[400] Artigo 8. As Nações Unidas não farão restrições quanto à elegibilidade de homens e mulheres destinados a participar em qualquer caráter e em condições de igualdade em seus órgãos principais e subsidiários". NAÇÕES UNIDAS BRASIL. Carta das Nações Unidas. Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/carta-das-nacoes-unidas. Acesso em: 31 jul. 2023.
[401] LIMA, Maria Eduarda Wanderley. A Carta das Nações Unidas: Bertha Lutz e a invisibilização das demandas feministas advindas da América Latina. *In:* IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL PÓS-COLONIALISMO,

apagamento dessas mulheres perante os grandes órgãos representativos na esfera internacional, uma espécie de corrida contra fatos históricos para garantir o reconhecimento de todas as feministas latinas que se empenharam no processo.[402] Para tanto, foi essencial a consulta aos documentos que se encontram em arquivos privados. A pouca legitimação dos arquivos privados femininos, considerados como de natureza íntima e relativos ao âmbito doméstico, já foi contestada, mas o fato indica um processo histórico e social que, durante séculos, não reconheceu a mulher enquanto indivíduo e agente histórico com características, trajetórias e narrativas relevantes. Nesse aspecto, "o que as mulheres fizeram e vivenciaram ficou sem registro, tendo sido negligenciado, bem como a interpretação delas, que foi ignorada".[403]

Uma prova dessa invisibilização das feministas latinas foi o documento de 1944, que Anna Amelia guardou em seu arquivo: o discurso da presidente da CIM, Frances R. Grant, "O Verdadeiro Pan-Americanismo", contido em um formato de periódico intitulado "Pan-American Day Address". Grant reiterou, de forma a parecer unanime para homens e mulheres, que a figura feminina tinha papel fundamental no progresso social, na democracia, no avanço econômico e, igualmente, na conquista de uma vida livre e segura para os povos do continente americano. Para tanto, expôs três circunstâncias que adiavam a conquista de tais objetivos: a apatia, a superficialidade e a resistência às mudanças. As críticas foram direcionadas às mulheres latino-americanas, pois, na sua perspectiva, os países dessa parte do continente demoraram a se organizar e, quando o fizeram, foi de forma lenta e gradual. Segundo a presidente da CIM:

> Apesar da entusiasmada cooperação dos dirigentes – homens e mulheres – das Américas haviam prestado a esse ideal, devemos reconhecer que as grandes massas de mulheres de toda as Américas permaneceram por muito tempo indiferentes à urgência do caso. Minhas próprias compatriotas foram as mais culpadas porque elas tiveram maiores oportunidades para fazer ouvir em outros lugares do continente.[404]

Interessante perceber que a culpa foi direcionada para suas compatriotas – norte-americanas – ao dizer que demoraram para notar suas vizinhas latinas e que, apesar das oportunidades em ajudar, permaneceram "longo tempo indiferentes à urgência do caso". Completou que interesses pessoais estavam acima das organizações feministas, ao "se dividirem quase invariavelmente em grupos partidaristas, regionalistas, racistas e oportunistas,

---

PENSAMENTO DESCOLONIAL E DIREITOS HUMANOS NA AMÉRICA LATINA. *Anais*... Recife, Universidade Católica de Pernambuco, 21 a 23 de agosto de 2019. p. 322-340.

[402] DIETRICHSON, Elise; SATOR, Fatima. *Op. cit*., 2022, p. 58.

[403] LERNER, Gerda. *A criação do patriarcado*: história da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Cultrix, 2019. p. 28.

[404] CPDOC. Arquivo Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça. *Fundação Getúlio Vargas*. Disponível em: https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=AACM_mf&pagfis=172. Acesso em: 31 jul. 2023.

igual às organizações de homens".[405] Vale ressaltar que, apesar do silenciamento que as ativistas latino-americanas sofriam e da forma subalterna que eram integradas na arena internacional, essas feministas do sul do continente só obtiveram espaço nos congressos feministas mundiais pois eram de uma vertente liberal, ou seja, não discutiam demandas de classe, sem menção às trabalhadoras e mais pobres, ou mesmo as questões étnicas, ao deixar de lado as mulheres negras. Conforme Ballestrin, da mesma forma que as sufragistas europeias e norte-americanas, as latino-americanas distanciaram-se da violência de seus métodos e provavelmente escolheram como estratégia relacionar seu papel de cuidadoras do lar, ao trazerem como prioridade discussões que giravam em torno da família, da educação, do controle de natalidade, do divórcio, entre outros. Assim, enfatizavam o papel que era postulado a essas mulheres que passavam a ingressar e a compor a arena política.

De forma geral, o discurso insistiu no papel da mulher como educadora da futura geração, para o que deveriam integrar a arena pública. Segundo Frances Grant:

> Ao falar do papel da mulher na unidade das Américas, nossos oradores parecem estar de acordo com certos denominadores comuns. Em primeiro lugar, concordam que a mulher está dotada de certas qualidades especiais que faz dela um poderoso instrumento para a grande causa – qualidades que a Srta. Bernardino tem sintetizado como sua nobreza e humanidade inatas. […] Todos estão de acordo que um dos maiores campos de serviço da mulher americana foi sua influência em gerações futuras. Miss Winslow disse: a responsabilidade básica da mulher estaria em fazer que os meninos adquiram uma verdadeira compreensão das Repúblicas Americanas e da solidariedade que deve uni-las.
> […] E o que é mais importante: que nos contemplem os espíritos dos meninos que ainda não nasceram. […] Unidas transmitiremos o patrimônio de uma democracia viva, enobrecida e mais universal para as gerações de homens e mulheres que estão por vir. [406]

Ao final de seu discurso, a presidente da CIM reafirmou o papel feminino perante a guerra e pela busca da paz e, ao mesmo tempo, enalteceu a busca por maior representatividade feminina nos Congressos Pan-Americanos ao expor que as mulheres que compunham a arena internacional deveriam atentar-se para governantes inaptos ao cargo. Interessante perceber que o incentivo não direcionava as mulheres a ocuparem esses altos cargos, mas apenas as encarregava de monitorarem "e desmascararem semelhante vergonha internacional".

Dessa forma, o feminismo defendido nas conferências da CIM misturava ideias igualitárias e moderadas. Embora a pauta de maior evidência fosse a luta pela conquista dos direitos civis das mulheres, considerava-se que deveriam ser concedidos aos poucos, com a

---

[405] CPDOC. Arquivo Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça. *Fundação Getúlio Vargas*. Disponível em: https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=AACM_mf&Pesq=uni%c3%a3o&id=4883109659649&pagfis=533. Acesso em: 31 jul. 2023.
[406] CPDOC. Arquivo Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça. *Fundação Getúlio Vargas*. Disponível em: https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=AACM_mf&pagfis=174. Acesso em: 31 jul. 2023.

prioridade de educar primeiro as próprias mulheres e, consequentemente, essas educariam as futuras gerações. Ao limitar os papéis que as mulheres deveriam assumir, as relações de gênero estavam preservadas, tanto quanto a ordem estabelecida. As participantes desses congressos eram mulheres de camadas abastadas, que fizeram do feminismo uma profissão e se dedicaram exclusivamente à busca pelo sufrágio e alguns direitos. No entanto, mesmo defendendo a cooperação internacional, as delegadas dos EUA exerceram maior influência na Comissão e moldavam a ideologia de integração do continente americano em uma relação de subordinação.

Os congressos e conferências, tanto da Aliança Internacional das Mulheres quanto da Comissão Interamericana de Mulheres, assim como seus encontros paralelos, eram espaços de mobilização e reuniram ativistas de todo o mundo, transformando-se em oportunidades para a formação de alianças internacionais. Com a transnacionalização impulsionada pelo pan-americanismo, os feminismos do Norte e do Sul do continente foram colocados em contato inédito. A atuação de Anna Amelia ocorreu num contexto ditatorial e contou com o apoio de Getúlio Vargas. Tratou-se de um feminismo bem-comportado e representado pelas integrantes da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, que tiveram oportunidade de trocar experiências com colegas de outros países do continente. Compreende-se que, tanto Anna Amelia quanto sua atuação junto à FBPF, pautaram-se pela imagem de reformadoras qualificadas para a tarefa, já que não afrontaram os valores liberais e conservadores, que eram os de sua classe social. Apesar da mobilização transnacional ter aberto caminhos para a atuação das mulheres, não se pode perder de vista que "as organizações internacionais podem ser tanto portadores dos interesses dos governos nacionais quanto dos movimentos sociais […] e muitas das vezes, esses interesses não são facilmente separados".[407] Ainda mais em um contexto marcado pela guerra e pela afirmação dos EUA como país hegemônico no continente americano.

Mesmo que em busca de espaços na arena pública, o tom de conciliação e moderação é mais bem compreendido ao se levar em conta como tática para sensibilizar as figuras masculinas nos cargos de poder, e assim aceitarem suas demandas. As pesquisas que se propuseram a debater sobre a participação das ativistas latinas nesses congressos, produziram seus estudos por meio da análise dos arquivos privados dessas mulheres. Assim, esses arquivos privados são utilizados para contribuir e compreender sobre as reivindicações vindas dos países ao Sul global, que não têm devida atenção. Auxiliará em mudar a ideia de que o feminismo é um movimento originário e protagonizado pelos países desenvolvidos.

[407] TOWS, Ann. *Op. cit.*, 2010, p. 781.

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

O enfoque desta dissertação sofreu diversas mudanças durante sua elaboração. No início do desenvolvimento da pesquisa, um dos objetivos foi o de escrever uma biografia minuciosa sobre Anna Amelia, com a expectativa de trazer à tona detalhes mais consistentes e até então não conhecidos sobre sua militância dentro do movimento feminista, possível graças à disponibilidade do arquivo privado da titular em 2019. Ao mesmo tempo, multiplicaram-se discussões sobre a trajetória do feminismo no Brasil e internacionalmente. Ficou evidente que as posturas defendidas por Anna Amelia e pelas organizações que ela representava começavam a chamar a atenção da historiografia, a despeito de serem ações de mulheres da classe alta, brancas e cristãs. A biografia cedeu lugar à intenção de entender o fenômeno a partir de Anna Amelia, que nem por isso deixou de ser personagem central. Tratou-se, então, de lançar um olhar crítico para historicizar significados de uma luta pacífica, articulada a movimentos de países hegemônicos. Reviver essas trajetórias feministas com enfoque no sujeito histórico são importantes hoje para combatermos a violência política de gênero.

Dessa maneira, o primeiro desafio foi o de conhecer o núcleo documental, reconstruir eventos importantes da vida de Anna Amelia e traçar uma construção sociocultural de sua vida, com enfoque em sua formação intelectual. Foram analisadas questões consideradas importantes relacionadas ao campo político e cultural que assim percorreu. Sua trajetória ficou marcada pela dedicação à Casa do Estudante do Brasil e a assuntos relativos à juventude universitária, havendo um fértil campo de pesquisa para a análise de documentos. Nisso, questões feministas e a "cultura feminina" especialmente ligada à literatura foram trabalhadas e divulgadas em suas colaborações em periódicos e até em suas publicações. Um aspecto que chamou atenção durante a elaboração da dissertação foi a falta de registros que compilassem os maiores feitos e publicações de Anna Amelia.

Pertencente à família abastada da sociedade brasileira e que abraçava preceitos liberais, Anna Amelia teve educação refinada e frequentou o meio cultural, primeiro pela via familiar e, depois, a partir de suas obras e colaborações em periódicos, o que foi facilitado pela posição social. A partir desse lugar privilegiado, suas atitudes públicas acerca de assuntos relativos ao feminismo, tal como o entendia, pode-se compreender a postura adotada, ora assumindo posições mais ousadas, principalmente quando passou a compor a arena política na década de 1930, ora mais conservadora, com destaque para o Estado Novo. Sua forma específica de encarar o movimento em prol da emancipação feminina ancorava-se na luta pelo voto e no acesso a pelo menos parte do que estava assegurado aos homens.

É possível perceber, a partir das análises sobre a organização feminista que Anna Amelia compôs, a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, que o objetivo de conquistar uma

suposta igualdade de gênero estaria ancorada na busca de soluções no âmbito individual. Ao contrário de compreenderem as barreiras sistêmicas e das instituições governamentais ou privadas sobre salários iguais, licença maternidade, cidadania, melhores condições de trabalho, dentre outras, com uma reformulação dos direitos civis femininos, foram tratados como dilemas privados a exemplo da sobrecarga de trabalho doméstico, com os preconceitos estruturais permanecendo intocados. Apesar da líder da organização, Bertha Lutz, ter defendido um viés mais reformador do que igualitário, a maioria das integrantes, como Anna Amelia, deram-se conta que o entendimento público do que era uma sufragista, então sinônimo de feminista, deveria condizer com a feminilidade e os valores atribuídos às mulheres, afastando-se de posturas radicais e contrárias à ordem. Assim, a reforma institucional e social foi deixada de lado em prol da preservação das relações de gênero, sem transgredir a ordem estabelecida.

Por sua vez, as táticas operadas pelas ativistas que seguiam o que era entendido como um "bom feminismo" objetivavam utilizar de seus vínculos sociais para atuar no espaço público. Outra compreensão era a forma como a publicidade do sufrágio feminino era propagada. Ao contrário de tentar educar a sociedade acerca da expansão dos papéis postulados para as mulheres, essas ativistas afirmavam que o sufrágio fazia parte de um suposto progresso do país. Anna Amelia e a organização que integrou foram compreendidas como um modo de resistência dentro do próprio sistema de dominação, redefinindo os poderes femininos permitidos por uma situação de sujeição e de inferioridade. Definir os poderes femininos significa entendê-los como uma reapropriação e um desvio dos instrumentos simbólicos que instituem a dominação masculina, sendo assim usados contra seu próprio dominador. À vista disso, a noção de resistência tornou-se fundamental nas abordagens sobre suas táticas. De toda forma, há que se mencionar, a exclusão de pautas e debates que representavam as mulheres trabalhadoras, de baixa renda e não brancas, não invalida as lutas dessas representantes do "feminismo bem-comportado", antes, também auxiliaram na elaboração de formas de demarcar diferenças. Assim, a análise procurou compreender as relações políticas dessas ativistas, sem enxergá-las como sujeitos passivos e conformados com a dominação estrutural, enquanto agentes ativos da sua própria história. Assim, a trajetória e as táticas do movimento feminista aqui discutido permitiram que se construíssem espaços de liderança nas lutas pela emancipação civil e social das mulheres.

Já a avaliação detida do arquivo privado de Anna Amelia permitiu analisar questões relacionadas às correspondências, objetivando compreender os contatos intelectuais e identificar as conexões que correspondem ao seu papel como mediadora cultural. Antes mesmo da seleção das correspondências, a discussão sobre a importância de papéis e objetos que

compõem um arquivo privado e suas injunções sociais foram necessárias. Tentou-se fugir de uma mera descrição em favor de explicações históricas que relativizassem análises generalizantes que, por sua vez, favorecem leituras estereotipadas sobre esse feminismo em particular.

Anna Amelia não apenas escreveu para diversos jornais e revistas, como estabeleceu pontes com diversos países, fosse por causas filantrópicas ou pelo movimento feminista. O arquivo também comporta ausências, a exemplo das obras que publicou, que não estão conservadas, discursos importantes e cópia de cartas que enviou para organizações nacionais e internacionais feministas, mas o que foi conservado permite retraçar a imagem que tentou construir de si enquanto pessoa pública. Nessa perspectiva e em conjunto à intenção de preservar seu legado, trajetória e feitos, seu arquivo foi entendido nesta pesquisa como um projeto autobiográfico. Essa ausência suscita mais questionamentos do que respostas sobre seu arquivo e outras trocas e possíveis contribuições que realizou. Fica a indagação para futuras pesquisas que analisem temas mais profundos sobre sua biografia, suas impressões sobre os embates do período e sua militância política e feminista. É partir dessas pesquisas que se dispõem a analisar arquivos privados de sufragistas que confirmam que seu papel na história brasileira merece ser conhecido e reconhecido.

Dessa forma, além do valor representativo desempenhado na cena pública, registrou-se trocas com outros intelectuais sobre questões literárias e colaborações em periódicos, solicitações de diversas finalidades, contendo também questões relacionadas ao movimento estudantil e ao movimento feminista e, por fim, a relação de missivas trocadas com outras ativistas, tanto brasileiras quanto internacionais, sobre a emancipação feminina. As correspondências analisadas expuseram as trocas e a solidariedade estabelecida entre essas ativistas intelectualizadas e de camadas privilegiadas da sociedade. As táticas relacionadas a uma evidente proximidade com os círculos de poder e a elite letrada evidenciaram as elaborações para alcançarem seus objetivos prol dos direitos civis das mulheres. As compreensões sobre o papel da figura feminina e de uma suposta rede de divulgação de trabalho de mulheres sobre a questão do sufrágio foram levantadas, trazidas e discutidas. Assim, ao ser indicada para representar a FBPF e o movimento feminista brasileiro em dois momentos, Anna Amelia ampliou suas conexões com lideranças feministas, trocou propostas e informações, além de estabelecer parcerias com tais organizações.

As participações de Anna Amelia em âmbito internacional remetem para a compreensão do feminismo em escala transnacional, o que, naquele contexto, implicava em ter em conta o pan-americanismo, entendido como projeto político patrocinado pelos Estados Unidos e que

objetivava o amplo intercâmbio entre os países do continente. Tal aspecto, cuja feição de controle é evidente, também se constituiu numa forma de seduzir os países da América Latina para o estilo de vida estadunidense, suas indústrias e seus valores liberais democráticos. Essas ideias foram amplamente difundidas no território brasileiro, seja pelos meios de comunicação, como o rádio e o cinema, seja pela imprensa ou pelo patrocínio de eventos e visitas em diferentes sentidos – dos EUA para a América Latina e vice-versa, como exposto sobre eventos patrocinados por Anna Amelia.

As participações de Anna Amelia em congressos internacionais permitiram identificar as organizações feministas que os encabeçavam e que tipo de questões foram levantadas e discutidas. O primeiro congresso, realizado pela Aliança Internacional das Mulheres (AIM), em 1935, brandia um feminismo que misturava ideais igualitários moderados. Embora lutassem pela conquista dos direitos civis, a maioria de suas participantes consideravam que esses direitos não deveriam retirar sua essência feminina ao participar da esfera pública, muito menos seu papel de guardiãs do lar. Mesmo que a Comissão Interamericana de Mulheres (CIM) compactuasse com tais preceitos, o segundo momento analisado, que corresponde aos três anos em que Anna Amelia participou, de 1942 a 1944, permite identificar mudanças nos discursos e as diferentes pautas defendidas pela representante brasileira. A transformação pode ser relacionada à guerra, que em múltiplas áreas impôs a mobilização das mulheres no esforço para obter a vitória. Tal postura oscilava entre a defesa do pacifismo, característica inerente à feminilidade, e o discurso que alertava para a necessidade de engajamento de todos, o que incluía as mulheres, muitas das quais, nos países beligerantes, foram recrutadas para os trabalhos nas fábricas. Assim, a CIM considerava obrigação de todos contribuir para o fim do conflito e a futura promoção da paz, postulados abraçados pelas delegadas dos EUA, que influenciaram as pautas e discussões dos congressos.

De toda forma, cabe destacar que os encontros foram oportunidades para a formação de alianças internacionais e abertura de caminhos para a atuação dessas mulheres, ainda que sob domínio dos EUA, o que também implicava em inferiorizar as integrantes de países ao sul, sem esquecer as críticas às posturas que se aproximavam de valores mais à esquerda. Os resultados obtidos, como em qualquer outra pesquisa, não têm caráter definitivo, nem pretenderam esgotar o arquivo de Anna Amelia. Tentaram evidenciar a pluralidade de ideais defendidos em prol das mulheres em sua luta por direitos civis. A pesquisa pretendeu colaborar para tornar mais diversa a história de mulheres que, mesmo com pautas tidas como conservadoras, não deixaram de agir politicamente.

# REFERÊNCIAS

## Periódicos

*A Noite* (Rio de Janeiro, 1911-1964)

*Diário da Noite* (Rio de Janeiro, 1929-1964)

*Diário de Notícias* (Rio de Janeiro, 1930-1974)

*O Jornal* (Rio de Janeiro, 1919-1968)

Revista *O Cruzeiro* (Rio de Janeiro, 1928-1975)

Revista *Walkyrias* (Rio de Janeiro, 1934-1960)

## Instituições (endereços eletrônicos)

CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Arquivo Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça. *Fundação Getúlio Vargas*. Disponível em: https://docvirt.com/docreader.net/docmulti.aspx?bib=fgv_aacm. Acesso em: 31 jul. 2023.

Biblioteca Nacional Digital – Hemeroteca Digital Brasileira (BND-HDB). Disponível em: https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/. Acesso em: 31 jul. 2023.

## Bibliografia

ALFONSO-GOLDFARB, Ana Maria. Um estudo sobre a implantação da moderna siderurgia no Brasil: o caso da usina Queiroz Junior. *Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência*, v. 10, p. 3-12, jul./dez. 1993.

ALIANÇA NACIONAL DE MULHERES. Verbete. *CPDOC Fundação Getúlio Vargas*. Disponível em: http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/alianca-nacional-de-mulheres. Acesso em: 29 jul. 2023.

ALVES, Branca Moreira. *Ideologia e feminismo:* a luta da mulher pelo voto no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1980.

ANDRADE, Carlos Drummond. *Amar se aprende amando*. Rio de Janeiro: Record, 1987.

ARREGUY, Clara. *Anna Amelia, alma de cristal*. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 1996.

ARTIÉRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 11, 1998.

AUXILIAR, Garcia. O trágico fim do poeta Hermes Fontes. *O Jornal*, Rio de Janeiro, ano 12, n. 3720, 27 dez. 1930, p. 1.

AVELAR, Lúcia. *O segundo eleitorado:* tendências do voto feminino no Brasil. Campinas: Editora Unicamp, 1989.

BALLESTRIN, Luciana. Feminismo De(s)colonial como Feminismo Subalterno Latino-Americano. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 28, n. 3, e75304, 2020.

BARBOSA, Rui. *A questão social e política no Brasil.* Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1983.

BARROS, Jayme de. Hora do Brasil: espelho dos livros. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, n. 02855, p. 2, 15 fev. 1937.

BARROS, Vitória Regina de L. C. Um breve estudo sobre o movimento feminista transnacional à luz do arquivo pessoal de Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça. *In*: XIII ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA: HISTÓRIA E MÍDIAS NARRATIVAS EM DISPUTA. *Anais…* [S. l.], 15 a 19 de setembro, 2020. p. 1-25.

BASSANEZI, Carla Beozzo. *Virando as páginas, revendo as mulheres*: revistas femininas e relações homem-mulher (1945-1964). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

BECK, KOA. *Feminismo Branco:* das sufragistas às influenciadoras e quem elas deixam para trás. Rio de Janeiro: Editora Harper Collins Brasil, 2021.

BENEVISTE, Walter. *Visitas de médico*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1978. p. 37.

BERGER, Dina. Raising Pan-Americans: early women activists of hemispheric cooperation, 1916-1944. *Jornal of Women's History*, v. 27, n. 1, p. 38-61, 2015.

BERSTEIN, Serge. A cultura política. *In*: RICOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. *Para uma história cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998. p. 349-359.

BESSE, Susan K. *Modernizando a desigualdade:* reconstrução da ideologia de gênero no Brasil, 1914-1940. São Paulo: Edusp, 1999.

BOBBIO, Noberto; MATTEUCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política.* Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

BONATO, Nailda Marinho da Costa; COELHO, Lígia Martha Coimbra da Costa. Concepções de Educação Integral na década de 30: as teses do II Congresso Internacional Feminista. *Revista Ciências Humanas, Linguística, Letras e Arte*, v. 15, n. 2, p. 17-23, 2007.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. *In*: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *Usos e abusos da história oral.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 183-191.

BUITONI, Dulcília H. Schroeder. *Mulher de papel:* a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. São Paulo: Editora Summus, 2009.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. *Dicionário de terminologia arquivística*. São Paulo: Associação dos Arquivistas Brasileiros, 1996.

CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e História do Brasil.* São Paulo: Edusp, 1988.

CAPELATO, Maria Helena. *Multidões em cena:* propaganda política no Varguismo e no Peronismo. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

CARDOSO, Fernando Henrique. A industrialização durante a República Velha. *In*: FAUSTO, Boris (org.). *O Brasil republicano:* estrutura de poder e economia (1889-1930). 8a. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. v. 8. p. 277-313.

CARVALHO, José Murilo de. *A República do empenho*: Rui Barbosa e o clientelismo. Rio de Janeiro: FCRB, 1998.

CERVO, Amado Luiz. A instabilidade internacional (1919-1939). *In:* SARAIVA, José Flávio Sombra (org.). *História das Relações Internacionais Contemporâneas:* da sociedade internacional do século XIX à era da globalização. São Paulo: Saraiva, 2007. p. 131-167.

COELHO, Mariana. *A evolução do feminismo:* subsídios para a sua história. Curitiba: Imprensa Oficial, 1933.

COMTE, Auguste. *Discurso sobre o espírito positivo.* São Paulo: Abril Cultural, 1983.

CORREA DA SILVA, Gabriela. *Dos passados heterogêneos ao mosaico continental*: pan-americanismo e operação historiográfica no IHGB republicano (1889-1933). Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

CORREA DA SILVA, Gabriela. O pan-americanismo e o projeto de construção de um passado comum para os países das Américas: uma análise das atividades da União Pan-Americana através da coleção Pan-American Patriots. *Estudos Ibero-Americanos*, v. 46, n. 3, e.36345, p. 1-18, 16 dez. 2020.

CORREA, Rubens Arantes. Os intelectuais e a escrita da História: as contribuições metodológicas de Jean-François Sirinelli. *Revista Escritas*, Tocantins, v. 8, n. 2, p. 265-278, 2016.

COSTA, Célia Leite. Intimidade *versus* Interesse público: a problemática dos arquivos. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 189-199, 1998.

COSTRUBA, Deivid Aparecido. *Para além do sufragismo:* A contribuição de Júlia Lopes de Almeida à história do feminismo no Brasil (1892-1934). Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Assis, 2017.

CRENSHAW, Kimberlé. Mapping the margins: intersectionality, identity politics, and violence against women of color. *Stanford Law Review*, v. 43, n. 6, p. 12141-12199, jul. 1991. https://doi.org/10.2307/1229039

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

DE LUCA, Leonora. Feminismo e Iluminismo em Júlia Lopes de Almeida (1862-1934). *Caderno Ciência Trópico*, Recife, v. 25, n. 2, p. 213-236, jul./dez. 1997.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo.* Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DIETRICHSON, Elise; SATOR, Fatima. The Latin American women: how They shaped the UN Charter and why Southern agency is forgotten. *In*: ADAMI, Rebecca; PLESCH, Dan. *Women and The UN*: a new history of women's international human rights. London: Routledge, 2022. p. 44-65.

DUARTE, Constância. *Nísia Floresta:* a primeira feminista do Brasil. Florianópolis: Mulheres, 2005.

DUBOIS, Ellen; DERBY, Lauren. The strange case of Minerva Bernardino: Pan American and United Nations women's right activist. *Women's Studies International Forum*, v. 32, n. 1, p. 43-50, jan./fev., 2009.

FAUSTO, Boris. Classes médias e urbanas: formação, natureza, intervenção na vida política. FAUSTO, Boris (org.). *O Brasil republicano*: sociedade e instituições (1889-1930). 8a. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. v. 9. p. 139-158.

FERNANDES, Florestan. *A revolução burguesa no Brasil:* ensaio de interpretação sociológica. São Paulo: Globo, 2006.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do Saber.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FRAIZ, Priscila. Arquivos pessoais e projetos autobiográficos: o arquivo de Gustavo Capanema. *In*: GOMES, Angela de Castro (org.) *Capanema:* o ministro e seu ministério. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2000. p. 12-47.

GARCIA, Carla Cristina. *Breve História do Feminismo.* São Paulo: Caridade, 2011.

GIMÉNEZ, María Elvira Álvarez. The transnational feminist movement in the Americas in the 1930s. *Ciencia Nueva, Revista de Historia y Política*, v. 3, n. 1, p. 113-133, enero-junio 2019.

GOMES, Angela de Castro (org.). *Escrita de si, escrita da história.* Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

GOMES, Angela de Castro. *História e historiadores:* a política cultural do Estado Novo. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.

GOMES, Angela de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 121-127, 1998.

GOMES, Angela de Castro. O ministro e sua correspondência: projeto político e sociabilidade intelectual. *In*: GOMES, Angela de Castro (org.) *Capanema*: o ministro e seu ministério. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000, p. 12 – 47.

GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. *Intelectuais mediadores:* práticas culturais e ação política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

GOMES, Angela de Castro; KODAMA, Kaori; FONSECA, Maria Rachel da. Imprensa e mediadores culturais: ciência, história e literatura. *Revista Vária História*, Belo Horizonte, v. 34, n. 66, p. 593-600, 2018.

GONTIJO, Rebeca. História, Cultura, Política e Sociabilidade Intelectual. *In*: SOIHET, Rachel; BICALHO, Maria Fernanda; GOUVÊA, Maria de Fátima. *Culturas políticas*: ensaios

de história cultural, história política e ensino de história. Rio de Janeiro: MAUAD: FAPERJ, 2005. p. 259-284.

GREGORI, Juciane de. Feminismo e resistência: trajetória histórica da luta política para conquista de direitos. *Caderno Espaço Feminino*, v. 30, n. 2, p. 47-68, jul./dez. 2017.

GUEDES, Maria Tarcila Ferreira. A Cooperação Intelectual no fórum das Conferências Pan-Americanas. *Revista Memória em Redes*, Pelotas, v. 3, n. 8, p. 1-14, jan./jun. 2013.

HAHNER, June. *Emancipação do Sexo Feminino.* A luta pelos direitos da mulher no Brasil, 1850-1940. Florianópolis: Mulheres, 2003.

HEWITT, Nancy A. *No Permanent Waves:* Recasting Histories of U.S. Feminism. New Jersey: Rutgers University Press, 2010.

HEYMANN, Luciana Quillet. Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Felinto Muller. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 41-66, 1997.

HOBSBAWM, Eric. *A era dos extremos:* o breve século XX. 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JAIVEN, Ana Lau. Entre ambas fronteras: la búsqueda de la igualdad de derechos para las mujeres. *Revista Política y Cultura*, México, n. 31, v. 1, p. 235-255, mar./abr. 2009.

KARAWEJCZY, Mônica. *As filhas de Eva querem votar:* dos primórdios da questão à conquista do sufrágio feminino no Brasil (1850-1932). Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

KARAWEJCZY, Mônica. Bertha Lutz e Maria Lacerda de Moura: uma parceria inusitada. *Revista Gênero*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 115-134, jan./jun. 2014.

KARAWEJCZY, Mônica. O Feminismo em Boa Marcha no Brasil: Bertha Lutz e a Conferência pelo Progresso Feminino. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 26, n. 2, p. 1-17, 2018.

KARAWEJCZY, Mônica. Os primórdios do movimento sufragista no Brasil: o feminismo 'pátrio' de Leolinda Figueiredo Daltro. *Revista Estudos Ibero-Americanos*, v. 40, n. 1, p. 64-84, jan./jun. 2014.

KECK, Margaret; SIKKINK, Kathryn. Transnational advocacy networks in international and regional politics. *International Social Science Journal*, v. 51, n. 159, p. 89-101, mar. 1999.

KOSELLECK, Reinhart. *Estratos do tempo*: estudos sobre história. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado*: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Editora PUC, 2006.

KATELAAR, Eric. (Des)construir o arquivo. HEYMANN, Luciana; NEDEL, Letícia (org.). *Pensar os arquivos:* uma antologia. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018.

KUHMANN, Moysés. Congressos Profissionais no final do século XIX e início do século XX: ciência e política. *In*: HEIZER, Alda; VIDEIRA, Antonio A. P. (org.). *Ciência, Civilização e República nos Trópicos*. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

LACERDA, Carlos de. *Em vez*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975. p. 43-47.

LEITE, Míriam Moreira. *Maria Lacerda de Moura*: uma feminista utópica. Florianópolis: Mulheres, 2005.

LEITE, Miriam Moreira. *Outra face do feminismo*: Maria Lacerda de Moura. São Paulo: Ática, 1984.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico:* de Rousseau à Internet. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LEOPOLD, Wendy. Collection houses works of women authors from world fairs. *Northwestern*, 5 fev. 2008. Disponível em: https://www.northwestern.edu/newscenter/stories/2008/02/femina.html. Acesso em: 29 jul. 2023.

LERNER, Gerda. *A criação do patriarcado*: história da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Cultrix, 2019.

LERNER, Gerda. *A criação do patriarcado*: história da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Cultrix, 2019.

LIMA, Flora de Oliveira. *The First Conference of the Inter American Commission of Women.* Washington, DC: A União Pan-Americana, 1930.

LIMA, Maria Eduarda Wanderley. A Carta das Nações Unidas: Bertha Lutz e a invisibilização das demandas feministas advindas da América Latina. *In:* IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL PÓS-COLONIALISMO, PENSAMENTO DESCOLONIAL E DIREITOS HUMANOS NA AMÉRICA LATINA. *Anais…* Recife, Universidade Católica de Pernambuco, 21 a 23 de agosto de 2019. p. 322-340.

LINS, Ivan. *História do positivismo no Brasil.* Rio de Janeiro: Brasiliana, 1967.

LUCA, Tania Regina de. *Leituras, projetos e (re)vista (s) do Brasil (1916-1944*). São Paulo: Editora Unesp, 2011.

LUTZ, Bertha. Cartas de mulher. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, ano XIX, n. 47, 28 dez. 1918, p. 19.

MARINI, Ruy Mauro. *Dialética da Dependência*: a economia exploradora. Rio de Janeiro: Editora Universidade Estácio de Sá, 1990.

MARINO, Katherine M. *Feminism for the Americas:* the making of na International Human Rights Movement. North Carolina: University of Noth Carolina Press, 2019.

MARINO, Katherine M. Transnational Pan-American Feminism: The Friendship of Bertha Lutz and Mary Wilhelmine Williams, 1926-1944. *Journal of Women's History*, v. 26, n. 2, p. 63-87, 2014.

MARLETTI, Carlos. Intelectuais. *In*: BOBBIO, Noberto; MATTEUCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco (org.). *Dicionário de Política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

MARQUES, Teresa N. Elas também desejam participar da vida pública: várias formas de participação política feminina entre 1850 e 1932. *Revista Gênero*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 64, jan./jun. 2004.

MARQUES, Teresa N. Entre o igualitarismo e a reforma dos direitos das mulheres: Bertha Lutz na Conferência Interamericana de Montevidéu, 1933. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 927-944, set./dez. 2013.

MARQUES, Teresa N. *O voto feminino no Brasil.* Brasília: Edições Câmara, 2019.

MCKEMMISH, Sue. Provas de mim... HEYMANN, Luciana; NEDEL, Letícia (org.*). Pensar os arquivos:* uma antologia. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018.

MENDONÇA, Anna Amelia de Queiroz Carneiro de. *A harmonia das coisas e dos seres.* Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1936.

MENDONÇA, Anna Amelia de Queiroz Carneiro de. *Alma.* Rio de Janeiro: Empresa Brasil, 1922.

MENDONÇA, Anna Amelia de Queiroz Carneiro de. *Ansiedade.* Rio de Janeiro: Empresa Brasil, 1926. MENDONÇA, Anna Amelia de Queiroz. *Esperanças, recordações de infância*. Paris: Garnier, 1911.

MENDONÇA, Anna Amelia de Queiroz Carneiro de. *Mal de Amor.* Rio de Janeiro: Literária Fluminense, 1939.

MENDONÇA, Anna Amelia de Queiroz Carneiro de. *Quatro Pedaços do Planeta no Tempo do Zepelim*. Rio de Janeiro: Arquimedes, 1976.

MENDONÇA, Anna Amelia de Queiroz Carneiro de. Prosadoras e poetisas brasileiras. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, tomo 107, v. 161, 1930. p. 77-91. Disponível em: https://www.ihgb.org.br/publicacoes/revista-ihgb/item/107854-revista-ihgb-tomo-107-vol-161.html. Acessado em: 31 jul. 2023.

MILLER, Francesca. *Latin American women and the search for social justice*. Hanover: University Press of New England, 1991.

MONTEIRO, Alessandra Nóbrega; COSTA, Ana Beatriz O. M.; ALVES, Carolina Gonçalves; MENDES, Juliana Maia. Arquivos Pessoais de Mulheres: a experiência da Escola de Ciências Sociais (FGV CPDOC). *In:* IX SEMINÁRIO DE SABERES ARQUIVÍSTICOS. *Anais…* São Paulo, 2019. p. 73-87.

MONTEIRO, Alessandra Nóbrega; COSTA, Anna Beatriz Oliveira Menezes. Anna Amélia: feminismo brasileiro à luz de um arquivo privado. *Revista Discente Ofícios de Clio*, Pelotas, v. 6, n. 10, p. 274-293, jan./jun. 2021.

MORAES, Fernando. Chatô: o rei do Brasil. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2016.

MOSELEY, Eva. Women in Archives: Documenting the History of Women in America. *The American Archivist*, v. 36, n. 2, p. 215-222, 1973.

MOSES, HERBERT. Verbete biográfico. *Fundação Getúlio Vargas - CPDOC*. Disponível em: https://www18.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/moses-herbert. Acesso em: 29 jul. 2023.

MOURA, Gerson. *Relações exteriores do Brasil (1939-1950):* mudanças na natureza das relações Brasil-Estados Unidos durante e após a Segunda Guerra Mundial. Brasília: Editora Fundação Alexandre de Gusmão, 2012.

NAHES, Semiramis. *Revista FON-FON:* a imagem da mulher no Estado Novo (1937-1945). São Paulo: Arte & Ciência, 2007.

NAZARIO, Diva N. *Voto feminino e feminismo.* São Paulo: Imprensa Oficial, 1934.

O'NEILL, William. *The woman movement:* feminism in the United States and England. London: New York: Routledge, 1969.

OFFEN, Karen. Defining Feminism: a comparative historical approach. *Signs,* Chicago, v. 14, n. 1, p. 119-157, 1988.

OLIVEIRA, Maria da Glória de. Quem tem medo da ilusão biográfica? Indivíduo, tempo e histórias de vida. *Revista Topoi*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 35, p. 429-446, set/out. 2017.

PALACIO, Linaia de Vargas. *Brasil Feminino*: disputas discursivas, alianças políticas e escrita de mulheres na imprensa entre 1932 e 1937. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. A Mary Wollstonecraft que o Brasil conheceu, ou a Travessura Literária de Nísia Floresta. PALLARES-BURKE, Maria Lúcia (org.). *Nísia Floresta, o Carapuceiro e outros ensaios de tradução cultural.* São Paulo: Hucitec, 1995. p. 173-192.

PANDOLFI, Dulce. (org.) *Repensando o Estado Novo.* Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.

PERROT, Michelle. *Escrever uma história das mulheres*: relato de uma experiência. *Cadernos Pagu,* Campinas, v. 4, n. 3, p. 9-28, out./nov. 1995.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história*: operários, mulheres e prisioneiros. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

PERROT, Michelle. Práticas da Memória Feminina. *Revista Brasileira de História,* São Paulo, v. 9, n. 18, p. 9-18, ago./set. 1989.

PINSKY, Carla B., PEDRO, Joana Maria (orgs.). *Nova História das mulheres*. São Paulo, Editora Contexto, 2012.

PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil.* São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

RAGO, Elisabeth Juliska. *Outras falas:* feminismo e medicina no Brasil (1836-1931). São Paulo: Annablume: Fapesp, 2007.

RAGO, Margareth. *A aventura de contar-se:* feminismo, escrita de si e invenção da subjetividade. Campinas: Editora Unicamp, 2013.

REGIS, Caren Victorino. *A Presença Feminina na Casa do Estudante do Brasil (1931-1951):* a atuação da União Universitária Feminina. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

REMOND, René (org.). *Por uma história política.* Rio de Janeiro: Editora UFRJ: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

REYNALDO, Renata Guimarães. *Marcha Mundial das Mulheres*: um enfoque pós/decolonial sobre interseção e solidariedade no feminismo transnacional. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

REYNALDO, Renata Guimarães. *O fenômeno global e o impacto dos movimentos feministas*: as lutas das mulheres no mundo. Ijuí: Unijuí, 2015.

RUPP, Leila J. Feminisms and Internationalism: A View from the Centre. *Gender & History*, v. 10, n. 3, p. 531-548, nov. 1997.

RUPP, Leila J. *Worlds of Women:* the making of international women's movement. Princeton: Princeton University Press, 1998.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. *A Mulher na sociedade de classes:* mito e realidade. Petrópolis: Vozes, 1976.

SAMPAIO, Ana Letícia; RUSSO, Gabriela. A Liga das Nações: uma perspectiva europeia. *Revista Cadernos de Relações Internacionais*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 1-22, 2011.

SANDRONI, Cícero. *Austregésilo de Athayde:* o século de um liberal. Rio de Janeiro: Agir, 1998.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo. São Paulo: Annablume, 2014.

SCHWARTZMAN, Simon. *Tempos de Capanema.* São Paulo: Paz e Terra, 1984.

SCOTT, Joan. *A cidadã paradoxal:* as feministas francesas e os direitos do homem. Florianópolis: Mulheres, 2002.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1989.

SCOTT, Joan. História das Mulheres. *In*: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história*: novas perspectivas. São Paulo: Editora Unesp, 1992. p. 63-97.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão:* tensões sociais e criação cultural na 1ª República. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SILVA, Zélia Lopes da (org.). *Arquivos, patrimônio e memória:* trajetórias e perspectivas. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

SIRINELLI, Jean-François. As elites culturais. *In*: RICOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (org.). *Para uma história cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998. p. 259-280.

SIRINELLI, Jean-François. Histoire des droites. *Revista Cultures*, Paris, p. 30-66, 1992.

SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. *In*: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política.* Rio de Janeiro: Editora Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1996. p. 231-262.

SOIHET, Rachel. A pedagogia da conquista do espaço público pelas mulheres e a militância feminista de Bertha Lutz. *Revista Brasileira de Educação*, v. 9, nº 15, p. 97-117, set./dez. 2000.

SOIHET, Rachel. *Bertha Lutz e a Ascensão social da Mulher (1919-1937).* Dissertação (Mestrado em História) Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 1974.

SOIHET, Rachel. História das mulheres e história de gênero: um depoimento. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 11, p. 77-87, 1998.

SOIHET, Rachel. Interdisciplinaridade: história das mulheres e estudos de gênero. *Revista Gragoatá*, Niterói, v. 2, n. 25, p. 29-49, 2008.

SOIHET, Rachel. *O Feminismo tático de Bertha Lutz.* Florianópolis: Mulheres, 2006.

SOUZA, Cássia Regina da Silva Rodrigues de. Periódicos Feministas do Século XIX: uma chamada à resistência feminina. *In*: ANAIS DO XV ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-RIO. *Anais…* Rio de Janeiro, 23 a 27 de julho 2012. p. 1-23.

TELES, Maria Amélia de Almeida. *Breve história do feminismo no Brasil e outros ensaios.* São Paulo: Alameda, 2018.

THAYER, Millie. Feminismo transnacional: re-lendo Joan Scott no sertão. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 103-130, 2001.

THOMPSON, Edward P. *Costumes em comum.* São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TOTA, Pedro A. *O imperialismo sedutor:* a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

TOWNS, Ann. The Inter-American Commission of Women and Women's Suffrage, 1920-1945. *Journal of Latin American Studeis*, v. 42, n. 4, p. 779-807, 2010.

TREBITSCH, Michel. Avant-propos: la chapelle, le clan et le microcosme. *Les Cahiers de L' Histoire du Temp Present*, n. 20, p. 11-21, mar. 1992.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. *Títulos eleitorais*: 1881-2008. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, Secretaria de Gestão de Informação, 2009.

VARGAS, Virginia. Feminism, globalization and the global justice and solidarity movement. Revista Cultural Studies, Londres, v. 17, n. 6, p. 905-920, 2013.

WAMSLEY, Esther Sue. *A Hemisphere of Women:* Latin American and US Feminists in the IACW, 1915-1939. Tese (Doutorado em Filosofia) – The Ohio State University, Columbus, 1998.

WILKSON, Adriano. 1ª Maria-Chuteira do Brasil fez poesia para conquistar o goleiro da seleção. *UOL*, 10 fev. 2014. Disponível em: http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2014/10/02/1-maria-chuteira-do-brasil-fez-poesia-para-conquistar-o-goleiro-da-selecao.htm#fotoNav=1. Acesso em: 29 jul. 2023.

WOOD, David. A história do futebol e da literatura no Brasil (1908-1938). *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 32, n. 68, p. 744-764, set./dez. 2019.

ZIRBEL, Ilze. Ondas do Feminismo. *Revista Mulheres na Filosofia,* Campinas, v. 7, n. 2, p. 10-31, 2021.

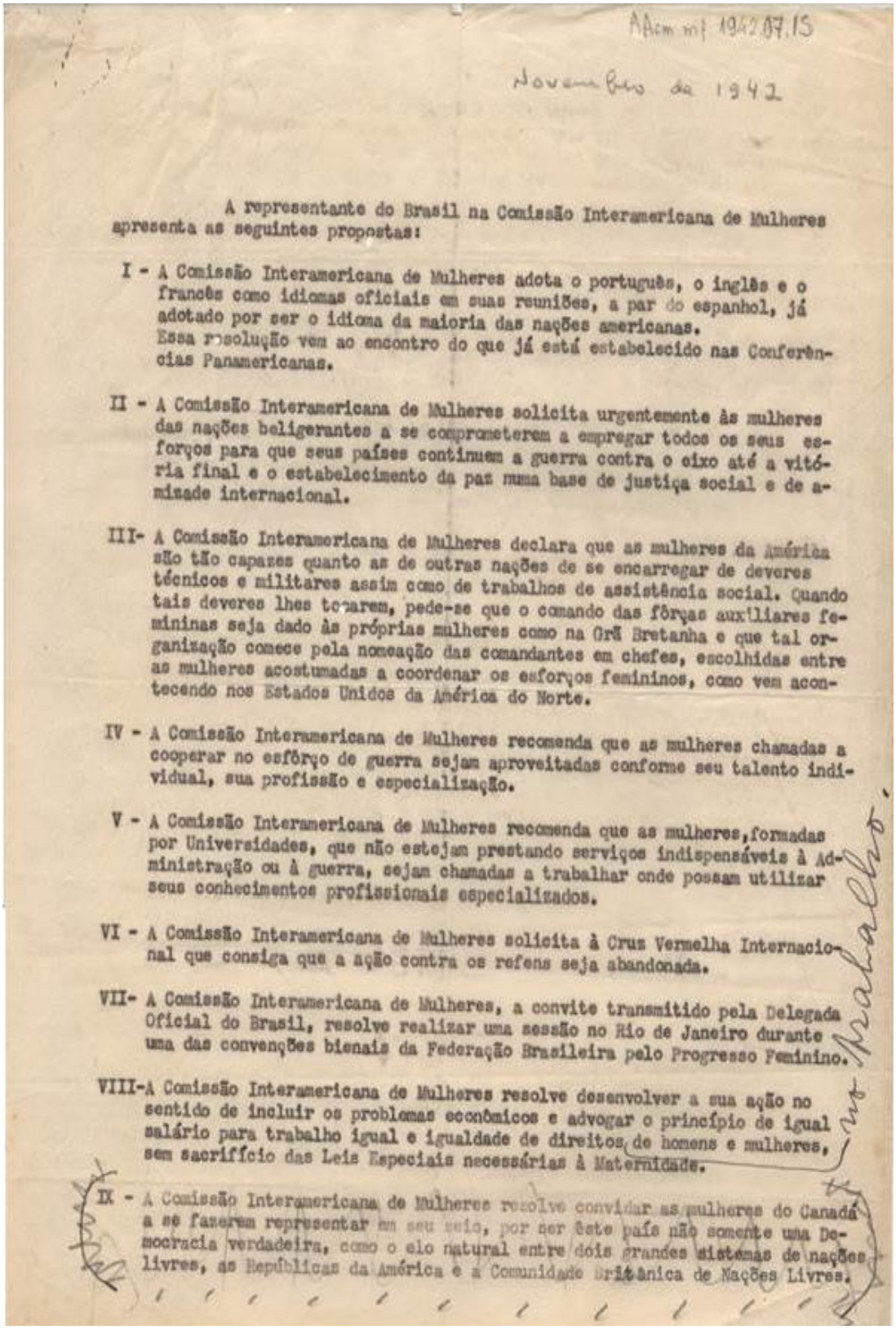
# ANEXOS

Anexo 1: Publicações de Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça

| Ano de publicação | Nome do livro | Tipologia | Editora | Observações |
|---|---|---|---|---|
| 1911 | *Esperanças, recordações da infância* | Coletânea de Sonetos | Editora Garnier (Paris) | Apenas uma edição |
| 1922 | *Alma* | Coletânea de Sonetos | Editora Empresa Brasil (Rio de Janeiro) | Ilustrado por Correia Dias e teve três edições |
| 1926 | *Ansiedade* | Coletânea de Sonetos | Editora Empresa Brasil (Rio de Janeiro) | Ilustrado por Correia Dias |
| 1930 | *Prosadoras e poetisas brasileiras* | Conferência | Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Tomo 107 – Vol. 161, 1930 | Conferência realizada no Instituto Histórico do Rio de Janeiro, em 28 de setembro de 1928 |
| 1936 | *A harmonia das coisas e dos seres* | Coletânea de Sonetos | Editora Irmãos Pongetti | Duas edições |
| 1939 | *Mal de amor* | Coletânea de Sonetos | Editora Empresa Literária Fluminense | Duas edições |
| 1944 | *Dois meses entre os americanos* | Conferência | Editora Casa do Estudante do Brasil | Conferência lida no salão da Biblioteca do Instituto Brasil-Estados Unidos, no dia 29 de setembro de 1943 |
| 1950 | *Castro Alves, um estudante apenas* | Conferência | Editora Casa do Estudante do Brasil | Conferência lida no auditório e a convite do Ministério da Educação, no dia 23 de março de 1947, durante as comemorações do centenário do nascimento de Castro Alves |
| 1951 | *Poemas* | Coletânea de Poemas | Editora Casa do Estudante do Brasil | |
| 1956 | *50 poemas de Anna Amelia* | Coletânea de Poemas | Livraria São José | |
| 1958 | *Todo mundo* | Peça do século XVI traduzido por A.A. | | Obra traduzida por A.A. para espetáculo de Barbara Heliodora, encenado na Igreja da Glória no Largo do Machado |

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| 1966 | *Hamlet* | Tradução da obra de William Shakespeare | Editora Agir | Obra traduzida para a língua portuguesa devido a pedidos de sua filha, Barbara Heliodora, para utilizar nas aulas de teatro |
| 1968 | *Joias do Brasil Antigo* | Obra historiográfica que analisa obras de arte do Brasil Colonial | Editora Arquimedes Edições | |
| 1971 (escrito em 1935) | *Quatro pedaços do planeta no tempo do Zeppelin* | Diário de viagem | Editora Arquimedes Edições | Obra póstuma redigida durante viagem realizada em 1935 para o XII Congresso Feminino, em Istambul |
| 1971 | *O bandeirante de ferro* | Crônicas e escritos sobre seu pai | Editora Arquimedes Edições | Obra póstuma compilada de escritos e crônicas sobre seu pai |

Anexo 2: Documento contendo as propostas de Anna Amelia na Comissão Interamericana de Mulheres em 1942



AAam mf 1942.07.15

Novembro de 1942

A representante do Brasil na Comissão Interamericana de Mulheres apresenta as seguintes propostas:

I - A Comissão Interamericana de Mulheres adota o português, o inglês e o francês como idiomas oficiais em suas reuniões, a par do espanhol, já adotado por ser o idioma da maioria das nações americanas.
Essa resolução vem ao encontro do que já está estabelecido nas Conferências Panamericanas.

II - A Comissão Interamericana de Mulheres solicita urgentemente às mulheres das nações beligerantes a se comprometerem a empregar todos os seus esforços para que seus países continuem a guerra contra o eixo até a vitória final e o estabelecimento da paz numa base de justiça social e de amizade internacional.

III- A Comissão Interamericana de Mulheres declara que as mulheres da América são tão capazes quanto as de outras nações de se encarregar de deveres técnicos e militares assim como de trabalhos de assistência social. Quando tais deveres lhes tocarem, pede-se que o comando das fôrças auxiliares femininas seja dado às próprias mulheres como na Grã Bretanha e que tal organização comece pela nomeação das comandantes em chefes, escolhidas entre as mulheres acostumadas a coordenar os esforços femininos, como vem acontecendo nos Estados Unidos da América do Norte.

IV - A Comissão Interamericana de Mulheres recomenda que as mulheres chamadas a cooperar no esfôrço de guerra sejam aproveitadas conforme seu talento individual, sua profissão e especialização.

V - A Comissão Interamericana de Mulheres recomenda que as mulheres, formadas por Universidades, que não estejam prestando serviços indispensáveis à Administração ou à guerra, sejam chamadas a trabalhar onde possam utilizar seus conhecimentos profissionais especializados.

VI - A Comissão Interamericana de Mulheres solicita à Cruz Vermelha Internacional que consiga que a ação contra os reféns seja abandonada.

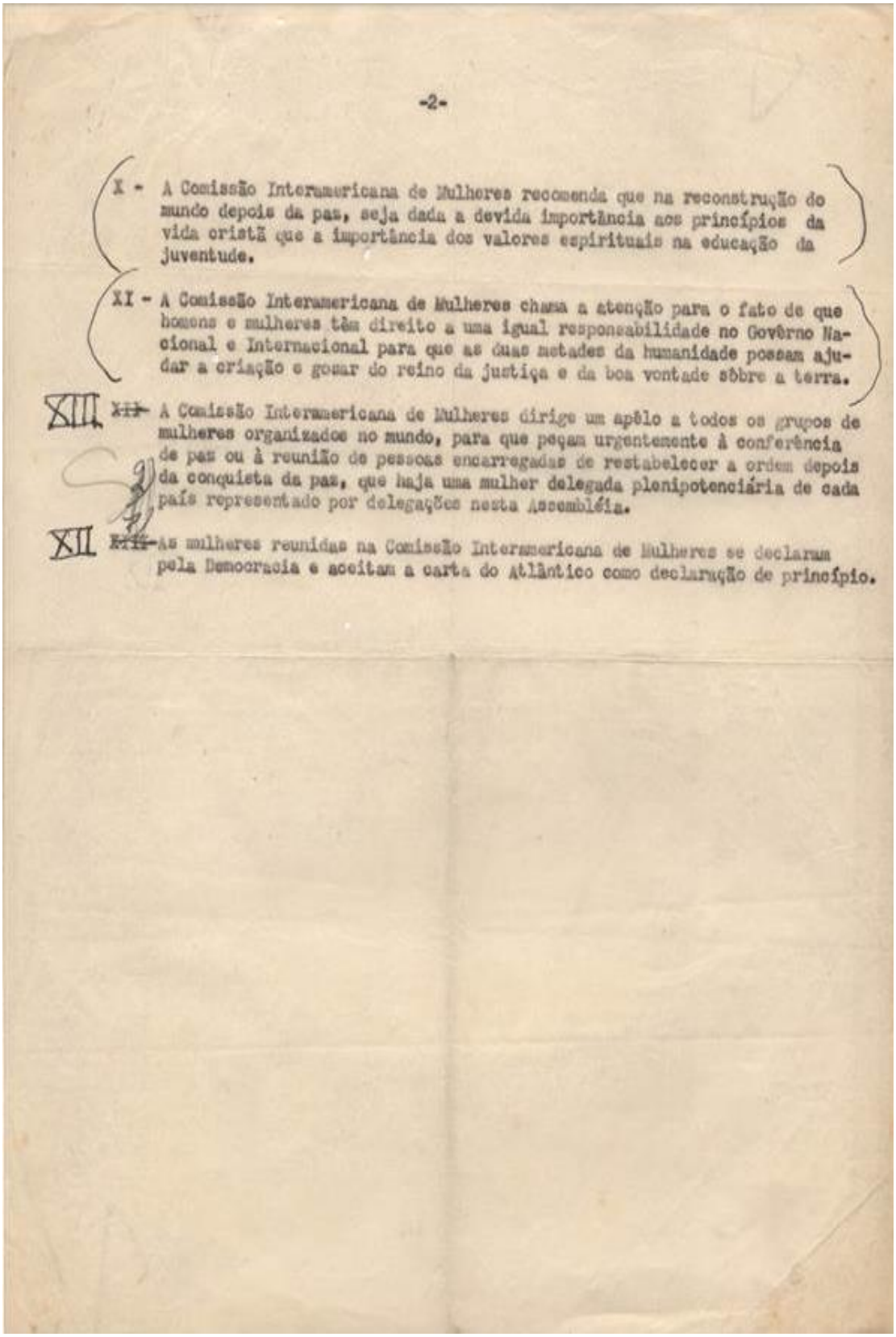
VII- A Comissão Interamericana de Mulheres, a convite transmitido pela Delegada Oficial do Brasil, resolve realizar uma sessão no Rio de Janeiro durante uma das convenções bienais da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino.

VIII-A Comissão Interamericana de Mulheres resolve desenvolver a sua ação no sentido de incluir os problemas econômicos e advogar o princípio de igual salário para trabalho igual e igualdade de direitos de homens e mulheres, sem sacrifício das Leis Especiais necessárias à Maternidade.

IX - A Comissão Interamericana de Mulheres resolve convidar as mulheres do Canadá a se fazerem representar em seu seio, por ser êste país não somente uma Democracia verdadeira, como o elo natural entre dois grandes sistemas de nações livres, as Repúblicas da América e a Comunidade Britânica de Nações Livres.

Bertha Lutz

(página 1)



-2-

X - A Comissão Interamericana de Mulheres recomenda que na reconstrução do mundo depois da paz, seja dada a devida importância aos princípios da vida cristã que a importância dos valores espirituais na educação da juventude.

XI - A Comissão Interamericana de Mulheres chama a atenção para o fato de que homens e mulheres têm direito a uma igual responsabilidade no Govêrno Nacional e Internacional para que as duas metades da humanidade possam ajudar a criação e gosar do reino da justiça e da boa vontade sôbre a terra.

XIII ~~XII~~ A Comissão Interamericana de Mulheres dirige um apêlo a todos os grupos de mulheres organizados no mundo, para que peçam urgentemente à conferência de paz ou à reunião de pessoas encarregadas de restabelecer a ordem depois da conquista da paz, que haja uma mulher delegada plenipotenciária de cada país representado por delegações nesta Assembléia.

XII ~~XIII~~ As mulheres reunidas na Comissão Interamericana de Mulheres se declaram pela Democracia e aceitam a carta do Atlântico como declaração de princípio.

(página 2)

Fonte: CPDOC. Arquivo Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça. *Fundação Getúlio Vargas*. Disponível em: https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=AACM_mf&pagfis=456. Acesso em: 31 jul. 2023.